

Departamento de História

O MFA e os Movimentos Nacionalistas Angolanos:  
do 25 de Abril à Independência

João Miguel Pinela Furtado Jonas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em História Moderna e Contemporânea

Orientadora:

Doutora Ana Mouta Faria, Professora Auxiliar, ISCTE - Instituto Universitário de  
Lisboa

Co-orientadora:

Doutora Luísa Tiago de Oliveira, Professora Auxiliar, ISCTE- Instituto Universitário de  
Lisboa

Outubro, 2015

## **Agradecimentos**

Gostaria de expressar os meus profundos agradecimentos à professora Ana Mouta Faria por ter aceitado ser a minha orientadora e ter-me apoiado de forma decisiva no decorrer da minha investigação. Agradeço igualmente à professora Luísa Tiago de Oliveira por ter aceitado ser minha co-orientadora e apoiar-me no meu trabalho.

Agradeço também aos funcionários do ISCTE-IUL, do Arquivo de Defesa Nacional, do Arquivo Histórico Militar e da Biblioteca Nacional pela sua disponibilidade ao longo do meu trabalho.

Por fim, agradeço o apoio inabalável da minha família para a realização desta tese de mestrado.

# Índice

<b>Índice</b>		I
<b>Resumo</b>		III
<b>Abstract</b>		V
<b>Abreviaturas</b>		VII
<b>Cap. 1</b>	Introdução	1
1.1	Objeto de Pesquisa	1
1.2	Fontes, Métodos e Conceitos	1
1.3	O Estado da Arte	2
1.4	Contextualização Histórica	17
1.4.1	A Dimensão Angolana	18
1.4.2	A Dimensão Portuguesa	22
1.4.3	A Dimensão Internacional	24
1.5	Estrutura	29
<b>Cap. 2</b>	Fase Spínolista	31
2.1	A nova estratégia de Lisboa	31
2.2	As Forças Armadas em Angola	33
2.3	Os movimentos nacionalistas face à revolução	35
2.4	A dimensão internacional após o 25 de Abril	36
2.5	A população – do silêncio à mobilização	39
2.6	A situação em Portugal	43
<b>Cap. 3</b>	Do reconhecimento do direito à independência ao Acordo de Alvor	45
3.1	Depois da Lei nº 7/74	45
3.1.1	Os movimentos depois do reconhecimento do direito à independência	45
3.1.2	A dimensão internacional após o reconhecimento do direito à independência	46
3.1.3	As Forças Armadas em Angola	48
3.1.4	“Angola (ainda) é comigo” – A estratégia de Spínola depois do reconhecimento do direito à independência	49
3.2	Rumo a Alvor	51
3.2.1	Angola depois da queda de Spínola	51
3.2.2	A situação político-militar	53
3.2.3	As negociações entre os movimentos	57
3.2.4	As Forças Armadas em Angola	61
3.2.5	A dimensão internacional após a queda de Spínola	62
3.2.6	Alvor – O acordo para a independência	64
<b>Cap. 4</b>	Do Acordo de Alvor ao dia da independência	67
4.1	O intermezzo	67
4.1.1	O entendimento aparente	67
4.1.2	A dimensão internacional após Alvor	71
4.1.3	A situação em Portugal	73
4.1.4	As Forças Armadas em Angola	74
4.2	O reiniciar da guerra	78
4.2.1	O fim da paz podre	78
4.2.2	A dimensão internacional após 23 de março	81
4.2.3	A situação em Portugal	83
4.2.4	As Forças Armadas em Angola	84
4.2.5	A situação político-militar em Angola – a evolução da carnificina	86
4.3	A Guerra Civil	90
4.3.1	Portugal face à guerra total	90
4.3.2	A situação em Portugal	94
4.3.3	A internacionalização do conflito após o colapso de Alvor	95
4.3.4	As Forças Armadas nos últimos dias do império	99
<b>Cap. 5</b>	Conclusões	103
<b>Fontes e Bibliografia</b>		111
<b>Fontes</b>		113
<b>Bibliografia</b>		115
<b>Anexos</b>	Cronologia, Lista de Personalidades Importantes, documentação de arquivo	119





# Resumo

Ao longo deste trabalho pretende-se analisar a relação entre o Movimento das Forças Armadas (MFA) e os movimentos nacionalistas angolanos, procurando-se determinar de que modo foram estabelecidos os contactos, como evoluiu a relação entre as diferentes partes e se o MFA assumiu uma atitude imparcial face aos três movimentos. Pretende-se ainda compreender a posição do MFA relativamente ao passado colaboracionista da UNITA, as divisões no seio do MPLA, o surgimento de organizações políticas no pós-25 de Abril em Angola, as intervenções externas a favor dos diferentes movimentos bem como discernir a forma como a articulação entre o MFA local e o MFA global evoluiu e influenciou o processo de descolonização.

Palavras-Chave: Descolonização; Revolução Portuguesa; Intervenções externas; Movimentos Nacionalistas; Movimentos Político-Militares



# Abstract

This thesis intends to analyze the relation established between the ‘Armed Forces Movement’ (*Movimento das Forças Armadas*, or MFA) and the Angolan nationalist movements, seeking to determine how contacts began, how the relation between the different parts evolved and whether or not the MFA was impartial towards the three movements. Other objectives are to determine MFA’s perspective of UNITA’s collaborationist past, its attitude towards MPLA’s divisions, the emergence of numerous political formations in Angola after the fall of the *Estado Novo* dictatorship, the foreign interventions in support of the various movements as well as to discern how the relation between the local MFA and the global MFA evolved and influenced the process of decolonization.

Keywords: Decolonization; Portuguese Revolution; Foreign Interventions; Nationalist Movements; Political-military Movements



# Abreviaturas

**AC** – Alto-Comissário

**ADN** – Arquivo de Defesa Nacional

**ADN/F .../S .../Cx .../V ...** – Portugal/Arquivo de Defesa Nacional/Fundo .../Série .../Caixa .../Volume ...

**AHM** – Arquivo Histórico Militar

**AHM/FO/43/S .../Cx .../V ...** – Portugal/Arquivo Histórico Militar/ Fundo Orgânico/43 /Série .../Caixa .../Volume ...

**CC** – Comissão Coordenadora

**CCFAA** – Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola

**CCPA** – Comissão Coordenadora do Programa em Angola. Após 16/04/75: Conselho Coordenador do Programa em Angola

**CEE** – Comunidade Económica Europeia

**CDS** – Partido do Centro Democrático Social

**CEMGFA** – Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas

**Cmdt** - Comandante

**CND** – Comissão Nacional de Defesa

**COPCON** – Comando Operacional do Continente

**COPLAD** – Comando Operacional de Luanda

**CR** – Conselho da Revolução

**Defnac** – Defesa Nacional

**DG** – Direção Geral

**DGI** – Diretor Geral da Informação

**DGS** – Direção-Geral de Segurança

**EMGFA** – Estado Maior General das Forças Armadas

**ELP** – Exército de Libertação de Portugal

**ELNA** – Exército de Libertação Nacional de Angola

**EUA** – Estados Unidos da América

**FALA** – Forças Armadas de Libertação de Angola

**FA** – Forças Armadas

**FAP** – Forças Armadas Portuguesas

**FAPLA** – Forças Armadas Populares de Libertação de Angola

**FLEC** – Frente de Libertação do Enclave de Cabinda. Após 30/07/74: Frente de Libertação do Estado de Cabinda

**FNLA** – Frente Nacional de Libertação de Angola

**FRA** – Frente de Resistência de Angola

**FUA** – Frente de Unidade Angolana

**Gab** - Gabinete

**GCC** – Gabinete Coordenador para a Cooperação

**Gen** – General

**GP** – Governo Provisório

**GRAE** – Governo Revolucionário de Angola no Exílio

**IN** – Inimigo

**JG** – Junta Governativa

**JSN** – Junta de Salvação Nacional

**MCI** – Ministro da Coordenação Interterritorial

**MCS** – Ministério da Comunicação Social

**MDA** – Movimento Democrático de Angola

**MDP/CDE** – Movimento Democrático Português / Comissão Democrática Eleitoral

**Mem** - Memorando

**MFA** – Movimento das Forças Armadas

**MNE** – Ministro dos Negócios Estrangeiros

**MOPUA** – Movimento Popular de Unidade Angolana

**MPLA** – Movimento Popular de Libertação de Angola

**MRPP** – Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado

**Msm** – Mensagem

**NF** – Nossas Forças

**NT** – Nossas Tropas

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**OPVCDA** – Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Angola

**OUA** – Organização de Unidade Africana

**Pal ajuda** – Palácio da Ajuda

**PCDA** – Partido Cristão Democrata de Angola

**PCP** – Partido Comunista Português

**PIDE** – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

**PIM** – Polícia de Informação Militar

**PPD** – Partido Popular Democrático

**Presirep** – Presidente da República

**PS** – Partido Socialista

**PSPA** – Polícia de Segurança Pública de Angola

**R** - República

**RDA** – República Democrática Alemã

**Rep** - Repartição

**Rlt** – Relatório

**RPC** – República Popular do Congo

**SCCIA** – Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Angola

**Sec** – Setor

**Tlg** – Telegrama

**TN** – Território Nacional

**Ten-cor** – Tenente-coronel

**UNITA** – União Nacional para a Independência Total de Angola

**URSS** – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

# Cap. 1 – Introdução

## 1.1 – Objeto de Pesquisa

Ao longo deste trabalho pretendo descrever e analisar a forma como o Movimento das Forças Armadas, tanto em Angola como na Metrópole, se relacionou com os diferentes movimentos nacionalistas no decorrer daquela que foi a fase final do processo de descolonização de Angola, entre o 25 de Abril de 1974 e 11 de Novembro de 1975, data da independência angolana estipulada nos Acordos de Alvor.

Pretende-se aprofundar: a visão, ou visões, que o MFA tinha dos diferentes movimentos de libertação; determinar se as questões ideológicas desempenharam um papel relevante; saber se procurou de alguma forma gerir a relação entre estes (com especial atenção no caso do MPLA, dividido em três tendências: a Ala Presidencialista, liderada por Agostinho Neto, a Revolta de Leste, liderada por Daniel Chipenda, e a Revolta Ativa, liderada por Joaquim Pinto de Andrade); determinar se procurou privilegiar ou marginalizar alguma das partes em conflito ao longo do processo de descolonização. Examinarei o modo como se estabeleceram os contactos com cada movimento, a forma como a relação com estes evoluiu e influenciou o desenrolar do processo de independência.

No caso da UNITA, pretendo observar de que modo a proximidade entre este movimento e o exército português no decorrer do conflito colonial (com este a estabelecer acordos nos quais se comprometia a concentrar os seus ataques nos rivais nacionalistas) afetou a relação deste com o MFA. Analisarei também o modo como os apoios internacionais dos diferentes movimentos marcaram a relação destes com o MFA, particularmente após a entrada de tropas estrangeiras no território angolano. Será também alvo da minha análise a atitude do MFA face aos movimentos políticos que se criaram em Angola no pós-25 de Abril.

Pretendo ainda discernir o modo como a articulação entre a ramificação do MFA em Angola com o MFA global influenciou a relação com os movimentos angolanos. Terei também em atenção o facto do MFA ser um movimento heterogéneo e em permanente mutação ao longo do processo de descolonização, parecendo residir a sua relevância mais nos cargos dos seus membros na hierarquia militar do que pela organização em si.

## 1.2 – Fontes, Métodos e Conceitos

Observando o papel desempenhado pelas fontes primárias no meu trabalho, sublinha-se a predominância da documentação militar, com os artigos jornalísticos a assumirem um papel apenas



complementar. Os arquivos onde foi focada a investigação foram o Arquivo Histórico Militar e o Arquivo de Defesa Nacional.

Ao longo da minha investigação foi realizado um extenso levantamento da bibliografia, tendo ficado muito por analisar, em virtude dos constrangimentos decorrentes do prazo para a entrega do trabalho. Para além de estudos dedicados à descolonização, às intervenções externas, ao processo revolucionário português, aos movimentos nacionalistas angolanos e aos movimentos político-militares, teve também uma importância significativa a recolha de literatura memorialista e de obras de história oral, que permitiram a análise dos acontecimentos em estudo através dos depoimentos dos vários atores envolvidos.

A recolha de bibliografia foi acompanhada pela elaboração de ferramentas de pesquisa, como uma cronologia e listas de personalidades, organizações e legislação relevantes. Entre estas destaca-se a cronologia, que atingiu uma dimensão de cerca de 101 páginas e que se revelou fundamental para a identificação das diferentes fases que marcaram o processo histórico em análise. Uma maior compreensão que se refletiu na estruturação do trabalho ao longo dos capítulos 2, 3 e 4 (nos *Anexos* será apresentada uma versão reduzida desta cronologia). Salienta-se também a importância, ainda que em menor grau, da lista de personalidades significativas (nos *Anexos* estará também presente uma versão reduzida desta lista).

No que concerne ao uso dos conceitos, nomeadamente “branco”, “negro” e “mestiço”, termos que assumem múltiplas interpretações, a minha abordagem ao longo deste trabalho basear-se-á nos seguintes critérios: o “branco” será entendido como o colonizador e o seu descendente, o “negro” enquanto o habitante indígena e o “mestiço” como o indivíduo resultante do cruzamento biológico entre o “branco” e o “negro”. Relativamente ao uso do termo “nação”, irei evitá-lo ao referir-me aos países africanos, em virtude de um número significativo destes constituírem estados multinacionais.

### **1.3 – O Estado da Arte**

Observando a bibliografia disponível sobre esta temática é possível organizá-la segundo os seguintes tópicos: os movimentos nacionalistas, os movimentos político-militares, as intervenções externas, a descolonização e a revolução portuguesa do 25 de Abril. Ao longo do meu trabalho terei não apenas em atenção estudos académicos como também obras de teor memorialista e de história oral.

Os primeiros estudos a destacar no âmbito da minha investigação são *The Angolan revolution. V. 1. The anatomy of an explosion (1950-1962)*,<sup>1</sup> de John A. Marcum e *Angola*,<sup>2</sup> de Douglas Wheeler e René Pélissier. Estes trabalhos, publicados enquanto ainda decorria a guerra, teriam como ponto central a questão dos movimentos angolanos, a génese destes e a forma como a luta pela independência prosseguia. Na primeira obra, publicada em 1969, John Marcum analisa a história do protesto angolano pela independência no período dos anos 50 até ao início da luta armada na década seguinte, dando uma contribuição fundamental para o entendimento da política interna do nacionalismo angolano. Marcum confere, no entanto, demasiada relevância à questão étnica no seio dos movimentos angolanos, identificando de forma vincada o MPLA com os ambundo e a FNLA com os bacongo, ignorando a diversidade étnica presente nos movimentos.

Relativamente à segunda obra (que sairia dois anos depois), as principais contribuições para o meu estudo vêm na segunda parte, da autoria de René Pélissier, que descreve o início da luta política e armada em Angola e a subsequente resposta portuguesa, que assume uma dimensão simultaneamente militar, económica e política. Pélissier examina o processo de formação dos vários movimentos independentistas tanto de cariz pan-angolano como regional, observando, tal como John Marcum, organizações como a FLEC, que lutava pela independência do território de Cabinda e que contava com a simpatia das autoridades portuguesas, que a viam como um meio de travar a expansão do MPLA na região. A estratégia portuguesa de travar o crescimento dos movimentos angolanos mesmo no exílio, através do financiamento de pequenas organizações rivais, é outra realidade que Pélissier ajuda a compreender. O historiador francês insistiria no entanto no cariz étnico da FNLA, ignorando a já mencionada complexidade desta.

No que concerne à primeira parte, da autoria de Douglas Wheeler, esta foca-se no passado angolano anterior à luta armada pela independência nos anos 60, observando o período antes da chegada dos portugueses, o início do colonialismo e a expansão do domínio português no território. Apesar de não constituir uma contribuição direta para a minha investigação, o estudo pioneiro de Wheeler ajuda a entender os antecedentes da luta pela emancipação do poder colonial português, algo fundamental para a compreensão dos acontecimentos nos anos 60.

Imediatamente após a conclusão dos acontecimentos em estudo, as primeiras obras a serem publicadas assumem um teor memorialista, sendo marcadas pela particularidade de terem sido escritas por protagonistas que tinham ficado desapontados com o desenlace dos acontecimentos em Angola. Tal seria o caso, por exemplo, de *Angola – Os Vivos e os Mortos*,<sup>3</sup> publicado já em 1976 e da autoria

---

<sup>1</sup> MARCUM, John (1969), *The Angolan revolution. V. 1. The anatomy of an explosion (1950-1962)*, Cambridge, Massachusetts, and London, England, The M.I.T. Press.

<sup>2</sup> WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René (1971), *Angola*, London, Pall Mall Press.

<sup>3</sup> CRUZ, Pompílio da (1976), *Angola – Os Vivos e os Mortos*, Lisboa, Editorial Intervenção.

de Pompílio da Cruz, um dos líderes da chamada FRA (Frente de Resistência Angolana), uma organização de tipo OAS (*Organisation de l'armée secrète*) que lutava pelos interesses da minoria branca desta colónia em vésperas da independência. Ao longo do livro são feitas revelações sobre a formação desta organização, os seus militantes, os desafios que enfrentou e que acabaram por levar ao fim desta, ajudando ainda a perceber a mentalidade daqueles que se juntavam a este género de movimentos. Segundo Pezarat Correia, a publicação deste livro teria objetivos políticos, em virtude de coincidir com a candidatura do seu autor à presidência da República.

Deste género seguir-se-ia também *ANGOLA – Comandos especiais contra cubanos* (1978),<sup>4</sup> da autoria do tenente-coronel Gilberto Santos e Castro e de Pedro Silva, Francisco Esteves e Valdemar Moreira, comandos que descrevem neste livro as suas experiências como mercenários ao serviço da FNLA.

Das obras memorialistas que surgiram após o início a independência angolana aquela que mais se destacaria seria no entanto *In Search of Enemies – A CIA story* de John Stockwell,<sup>5</sup> um antigo operacional da CIA que desempenhou um papel crítico no desenrolar da intervenção norte-americana em Angola designada pelo nome código “Operação IAfeature”. Publicado em 1978, este livro constitui um relato minucioso do envolvimento dos Estados Unidos naquela que foi a fase final do processo de descolonização, sendo examinado o início desta, referido nomes de outros agentes envolvidos e reveladas informações inéditas sobre as outras intervenções, como foi o caso das sul-africana, zaireense e cubana.

A estas obras de cariz memorialista seguir-se-ia uma nova vaga de trabalhos académicos dedicados à conclusão do processo de independência e à evolução política no seio dos movimentos nacionalistas angolanos. Para além da reedição do já referido *Angola* em 1977, sai no ano seguinte o segundo volume de Marcum relativo aos acontecimentos em Angola: *The Angolan revolution. V. 2. Exile politics and guerrilla warfare (1962-1976)*.<sup>6</sup> Neste, o autor analisa o constante fracasso das várias tentativas de unir as várias facções nacionalistas angolanas, uma realidade evidenciada pela incapacidade do GRAE (Governo Revolucionário de Angola no Exílio, constituído por uma coligação que reunia a FNLA e outras forças políticas mas que era dominada pela primeira) para conseguir estabelecer uma frente comum com o MPLA, assim como a emergência de uma terceira força nacionalista: a UNITA, liderada pelo ex-ministro dos Negócios Estrangeiros do GRAE, Jonas Savimbi. Marcum observa com atenção o desenrolar da fase final da descolonização, analisando a forma como as disputas entre os movimentos afetaram o desenlace final deste processo histórico, com a guerra

---

<sup>4</sup> CASTRO, Gilberto Santos e *et al* (1978), *ANGOLA - Comandos especiais contra cubanos*, Braga, Braga Editora.

<sup>5</sup> STOCKWELL, John (1978), *In Search of Enemies – A CIA story*, New York, Norton.

<sup>6</sup> MARCUM, John A. (1978), *The Angolan revolution. V. 2. Exile politics and guerrilla warfare (1962-1976)*, Cambridge, Massachusetts, and London, England, The MIT Press.

destes a ganhar um novo ânimo após assegurada a independência, cuja conquista não representaria o fim da guerra em Angola. Tal como foi referido anteriormente, Marcum acaba por fazer uma análise dos movimentos nacionalistas demasiado influenciada por classificações étnicas.

Já em 1980 seria publicada outra obra: *O Processo de Descolonização em Angola, 1974 – 1976. Ensaio de sociologia política* de Franz-Wilhelm Heimer,<sup>7</sup> onde o sociólogo alemão examina o período histórico compreendido entre o 25 de Abril de 1974 e fevereiro/março de 1976 em Angola. Datas que correspondem respetivamente ao início da fase final do processo de descolonização e à conclusão daquilo que Heimer descreve como a «guerra civil convencional» entre os movimentos angolanos. Heimer examinaria questões como as relações raciais, as rivalidades entre os nacionalistas angolanos e os diferentes modelos de descolonização com que Angola se deparou após o espoletar da Revolução em Portugal, estudando em termos económicos o grau de sucesso da manutenção de um modelo de base capitalista após a independência, em oposição ao modelo socialista, e a possibilidade de uma independência do tipo da rodesiana face a um acordo entre as comunidades brancas e não-brancas.

As grandes transformações que marcaram Angola após a revolução na metrópole foram também alvo da atenção do autor, que faz uma análise cuidada sobre a mobilização política que marcou o território após a queda do regime ditatorial (caracterizado pelo multiplicar de manifestações e surgimento de numerosos partidos políticos), o crescimento da tensão política, assim como o período em que Silvino Silvério Marques assumiu o cargo de governador até à sua substituição por Rosa Coutinho. A rivalidade entre os movimentos é alvo de uma forte atenção por parte de Heimer, rivalidade essa que é analisada tanto num prisma de competição política como militar, observando o autor a forma como os movimentos tentavam captar o apoio das populações ao mesmo tempo que procuravam vencer militarmente os seus adversários, sendo a intervenção estrangeira no território estudada também para esse efeito.

Nos anos 80 não foram produzidas, tanto quanto observei, obras significativas sobre as transformações que marcaram Angola entre 1974 e 1975. Já a década seguinte é marcada por um despertar do interesse sobre este período, que passa a abranger também a comunidade académica portuguesa.

Relativamente ao fenómeno da descolonização, a principal referência a ter em conta, no início dos anos 90, é o trabalho de Pedro Pezarat Correia. Militar português que participou no conflito colonial e que fez parte da ramificação do MFA em Angola, desempenharia na qualidade de historiador um papel incontornável na compreensão dos acontecimentos no decorrer daquela que correspondeu à fase final do processo de descolonização deste território, ajudando a perceber a difícil relação entre os

---

<sup>7</sup> HEIMER, Franz-Wilhelm (1980), *O Processo de Descolonização em Angola, 1974 – 1976. Ensaio de sociologia política*, Lisboa, A Regra do Jogo.

movimentos, a política colonial após o 25 de Abril e a forma como a conjuntura internacional moldou os acontecimentos em curso. Uma das particularidades do trabalho de Pezarat Correia é o facto de fazer um estudo cuidadoso sobre o papel do MFA neste processo histórico em Angola, sendo feitas importantes referências relativamente à evolução institucional da ramificação do Movimento das Forças Armadas neste território, desde a criação do Gabinete do MFA à emergência da Comissão Coordenadora do Programa em Angola.

A sua principal obra seria *Descolonização de Angola: a Jóia da Coroa do Império Português* (1991),<sup>8</sup> destacando-se também o seu contributo para coletâneas como o sexto volume de *Portugal Contemporâneo*<sup>9</sup> e *Portugal. 20 Anos de Democracia*,<sup>10</sup> publicados respetivamente em 1993 e 1994 e coordenados por António Reis, nos quais Pezarat Correia seria responsável por subcapítulos dedicados ao processo de descolonização.

Relativamente à transição democrática, um processo histórico fundamental para se compreender a atitude da metrópole face à descolonização, sublinha-se o contributo de António Reis nos livros anteriormente referidos e nos quais desempenhou o papel tanto de coordenador como de autor.<sup>11</sup> É de ter em atenção os subcapítulos da sua autoria relativos à Revolução dos Cravos inseridos, no caso do sexto volume de *Portugal Contemporâneo*, no capítulo intitulado “Política”, sendo os subcapítulos em questão “A Revolução do 25 de Abril”<sup>12</sup> e “O Processo de Democratização”.<sup>13</sup> Já no segundo livro, seria o responsável pelo subcapítulo “A Revolução do 25 de Abril de 1974, o MFA e o processo de democratização” inserido no capítulo “A implantação do regime democrático e a descolonização”.<sup>14</sup> Sublinha-se também o décimo quinto volume de *História de Portugal. Dos Tempos Pré-históricos aos nossos Dias*,<sup>15</sup> coordenado por João Medina e editado em 1993, que contém um subcapítulo dedicado

---

<sup>8</sup> CORREIA, Pedro Pezarat (1991), *Descolonização de Angola: a Jóia da Coroa do Império Português*, Lisboa, Editorial Inquérito.

<sup>9</sup> CORREIA, Pedro Pezarat (1993), “A Descolonização”, em António Reis (orgs.), *Portugal Contemporâneo*, VI, (6), Lisboa, Publicações Alfa.

<sup>10</sup> CORREIA, Pedro Pezarat (1994), “Portugal na hora da descolonização”, em António Reis (orgs.), *Portugal. 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores.

<sup>11</sup> REIS, António (1993) (orgs.), *Portugal Contemporâneo*, VI, Lisboa, Publicações Alfa. REIS, António (1994) (orgs.), *Portugal. 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores.

<sup>12</sup> REIS, António (1993), “A Revolução do 25 de Abril”, em Reis, António (orgs.), *Portugal Contemporâneo*, VI, (6), Lisboa, Publicações Alfa.

<sup>13</sup> REIS, António (1993), “O Processo de Democratização”, em António Reis (orgs.), *Portugal Contemporâneo*, VI, (6), Lisboa, Publicações Alfa.

<sup>14</sup> REIS, António (1994), “A Revolução do 25 de Abril de 1974, o MFA e o processo de democratização” em António Reis (orgs.), *Portugal. 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores.

<sup>15</sup> MEDINA, João (1993) (orgs.), *História de Portugal. Dos Tempos Pré-históricos aos nossos Dias*, XV, (15), Alfragide, Clube Internacional do Livro.

à descolonização da autoria de Melo Antunes, que faz nele importantes revelações sobre a relação entre o MFA e os movimentos, particularmente com o MPLA.

Sobre os movimentos político-militares, a primeira obra historiográfica de grande relevo a ser publicada seria *O Comportamento Político dos Militares. Forças Armadas e Regimes Políticos em Portugal no Século XX* de José Medeiros Ferreira.<sup>16</sup> Publicado em 1992, examina a atitude das Forças Armadas no decorrer das várias transformações que marcaram Portugal desde a fase final da Monarquia à Revolução dos Cravos, procurando seguir, nas palavras do autor, “as correlações mútuas entre o poder político e militar”. Através deste livro é possível compreender a lógica em que se inscreveu a intervenção militar que pôs fim à ditadura portuguesa, ao ajudar-nos a discernir os pontos em comum entre a emergência do MFA e as intervenções anteriores da instituição militar na vida política portuguesa. O trabalho de Medeiros Ferreira ajuda ainda a perceber a atitude das Forças Armadas no decorrer da guerra como também do processo revolucionário e da conclusão da descolonização.

Estas obras representam os percursos de todo um *boom* de interesse académico pelo passado recente tanto de Angola como de Portugal, e que se faz sentir com especial força a partir da década de 2000. A bibliografia no decorrer deste período seria caracterizada por uma notória diversidade, com a proliferação de trabalhos não apenas de cariz académico como também memorialista e de história oral.

Entre meados dos anos 90 e da década de 2000 ocorre uma nova vaga de obras memorialistas, que tem início com a publicação em 1996 de *O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto* de Iko Carreira,<sup>17</sup> uma das altas figuras do MPLA quando se deu a independência mas que acabaria no entanto marginalizado devido ao seu papel na purga de 1977 em Angola. Apesar de se focar formalmente na figura de Agostinho Neto, este livro contém importantes observações sobre as lutas no seio do MPLA, a conjuntura internacional no decorrer da história do movimento e a agitada conclusão do processo de descolonização angolano. Já em 2005 Iko Carreira publica um novo livro, intitulado *Memórias*.<sup>18</sup>

A década de 2000 é marcada pelos primeiros livros de memórias de portugueses relativos à descolonização desde a década de 70. O primeiro deste género seria *Angola, Anatomia de uma tragédia*,<sup>19</sup> publicado em 2000 e da autoria do militar António Silva Cardoso, que recorda nele a sua experiência no decorrer da guerra em Angola e particularmente na fase final do processo de descolonização, período no qual desempenhou as funções de membro da Junta Governativa, presidida

---

<sup>16</sup> FERREIRA, José Medeiros (1992), *O Comportamento Político dos Militares. Forças Armadas e Regimes Políticos em Portugal no Século XX*, Lisboa, Editorial Estampa.

<sup>17</sup> CARREIRA, Iko (1996), *O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto*, Lisboa, Dom Quixote.

<sup>18</sup> CARREIRA, Iko (2005), *Memórias*, Luanda, Editorial Nzila.

<sup>19</sup> CARDOSO, António Silva (2000), *Angola, Anatomia de uma tragédia*, Cruz Quebrada, Oficina do Livro.

por Rosa Coutinho, ocupando após o Acordo de Alvor o posto de alto-comissário, contendo informação pertinente sobre a difícil relação de Silva Cardoso com os movimentos nacionalistas e com o MFA. O antigo alto-comissário refere episódios interessantes sobre este processo histórico como foi o caso da sua tentativa de fornecer armamento à UNITA, a qual, segundo ele, tinha o conhecimento e a concordância de Melo Antunes mas que enfrentaria a oposição do MFA de Angola.

Já em 2006 sai *Quase Memórias. Do Colonialismo e da Descolonização* da autoria de António de Almeida Santos,<sup>20</sup> que desempenhou as funções de ministro da Coordenação Interterritorial no I, II, III e IV Governos Provisórios. Trata-se de um livro que surge, nas palavras do autor, com o propósito de apresentar a sua verdade sobre este processo histórico que, segundo este, foi encarado de forma emocional e deturpada durante vários anos. Para Almeida Santos, seriam necessárias três décadas para os sentimentos arrefecerem ao ponto de poder apresentar a sua visão sobre este acontecimento – uma visão que segundo o próprio não é livre de subjetividade, daí o próprio título. Ao longo do livro, dividido em dois volumes, o autor descreve a sua relação com África desde a juventude, a qual se confunde com o seu despertar para a luta política e anticolonial, passando depois para o período pós-25 de Abril, momento em que assume formalmente a função de gerir o processo de descolonização. Almeida Santos descreve a relação do novo poder em Lisboa com os movimentos nacionalistas do império português, sendo apresentados os desafios e os principais momentos de tensão que marcaram este tumultuoso processo histórico.

Esta vaga de literatura memorialista coincide com uma expansão de obras de história oral, que teria também início em 1996 com o livro-entrevista *Soares. Ditadura e Revolução*,<sup>21</sup> de Maria João Avillez, ao longo do qual esta figura incontornável do processo democrático português relata o seu percurso político, desde a ditadura ao Portugal pós-25 de Abril, sendo descritos os principais confrontos e crises que marcaram a transição política para a democracia. Apesar de conter informação particularmente relevante sobre a transição, quer em termos da relação de Mário Soares com o PCP, o MFA e o PPD, assim como com personalidades tais como António de Spínola e Vasco Gonçalves, o livro não conteria informação significativa no que se refere à descolonização em geral e de Angola em particular, com o entrevistado a afirmar que as suas atenções estavam então focadas no difícil processo de consolidação democrática em Portugal.

No mesmo ano surge *Descolonização Portuguesa, O regresso das caravelas*, de João Paulo Guerra,<sup>22</sup> um trabalho onde estão reunidos depoimentos das várias personalidades que marcaram o processo de descolonização desde o seu espoletar nos anos 60 à sua conclusão após o 25 de Abril,

---

<sup>20</sup> SANTOS, António de Almeida (2006), *Quase Memórias. Do Colonialismo e da Descolonização*, II, Cruz Quebrada, Casa das Letras.

<sup>21</sup> AVILLEZ, Maria João (1996), *Soares. Ditadura e Revolução*, Lisboa, Círculo De Leitores.

<sup>22</sup> GUERRA, João Paulo (1996), *Descolonização Portuguesa, O regresso das caravelas*, Alfragide, Oficina do Livro.



estando presentes as perspetivas tanto de diplomatas e militares portugueses como de nacionalistas africanos, tendo sido entrevistadas personalidades tão diversas como Adriano Moreira, Jonas Savimbi, António de Spínola, Rosa Coutinho e Kaulza de Arriaga.

Seguir-se-ia um conjunto de três livros-entrevista de Maria Manuela Cruzeiro a figuras que marcaram a transição portuguesa, com *Costa Gomes. O Último Marechal* a ser publicado em 1998,<sup>23</sup> *Vasco Gonçalves. Um General na Revolução* em 2002<sup>24</sup> e *Melo Antunes. O Sonhador Pragmático* em 2004.<sup>25</sup> Observando o conteúdo das entrevistas, é possível constatar uma maior atenção por parte da investigadora ao processo de democratização, particularmente nas entrevistas a Costa Gomes e Vasco Gonçalves. Apesar do tema da descolonização ser abordado em todas as obras, este apenas assume um lugar central no decorrer do livro-entrevista de Melo Antunes, que havia desempenhado um papel-chave nas negociações em Moçambique e Angola, descrevendo estas reuniões que teve com os nacionalistas angolanos, os momentos de crise e o desenlace final da independência de Angola. Este livro conteria referências valiosas sobre a atitude desta figura face ao MPLA, com o qual desenvolveria uma relação acidentada no decorrer da fase final da descolonização.

Já em 2006, sai *Angola no Percurso de um Nacionalista. Conversas com Adolfo Maria* de Fernando Tavares Pimenta,<sup>26</sup> onde é examinado o percurso político deste antigo membro do MPLA. Este livro permite-nos entender as várias tensões políticas e pessoais que marcaram a conturbada história deste movimento nacionalista, os desafios da luta armada, as disputas com os movimentos rivais, a corrupção, as lutas pelo poder e o clima de divisão que caracterizava o MPLA imediatamente após o 25 de Abril, tendo o próprio participado na Revolta Ativa.

No mesmo ano sai *Memórias do Colonialismo e da Guerra*, de Dalila Cabrita Mateus,<sup>27</sup> que compila cerca de 40 entrevistas feitas a angolanos, moçambicanos, guineenses e portugueses, tendo sido entrevistados “antigos presos políticos e os seus advogados, dirigentes dos movimentos independentistas, guerrilheiros, um militar de abril, um inspetor de prisões, um quadro da polícia política, um africano admirador de Salazar, um antigo sacerdote e o coordenador de um jornal clandestino contra o colonialismo e a Guerra Colonial”. Para a minha investigação os testemunhos mais significativos são os das personalidades angolanas ligadas aos movimentos nacionalistas (cerca de 13), nomeadamente ao MPLA (como é o caso de Diógenes Boavida, Carlos Van-Dunén e Pedro Van-Duném) e à FNLA (Jaime Araújo), assim como personalidades portuguesas como António Alva

---

<sup>23</sup> CRUZEIRO, Maria Manuela (1998), *Costa Gomes. O Último Marechal*, Lisboa, Editorial Notícias.

<sup>24</sup> CRUZEIRO, Maria Manuela (2002), *Vasco Gonçalves. Um General na Revolução*, Lisboa, Editorial Notícias.

<sup>25</sup> CRUZEIRO, Maria Manuela (2004), *Melo Antunes. O Sonhador Pragmático*, Lisboa, Editorial Notícias.

<sup>26</sup> PIMENTA, Fernando Tavares (2006), *Angola no Percurso de um Nacionalista. Conversas com Adolfo Maria*, Porto, Edições Afrontamento.

<sup>27</sup> MATEUS, Dalila Cabrita (2006), *Memórias do Colonialismo e da Guerra*, Lisboa, Edições Asa.



Rosa Coutinho, que assumiu as funções de presidente da Junta Governativa e mais tarde de alto-comissário de Angola.

É de referir a publicação, em 2014, de *Vozes de Abril na Descolonização*,<sup>28</sup> da autoria de Ana Mouta Faria e Jorge Martins, onde estão presentes entrevistas de membros dos ramos do MFA nos três teatros de guerra, entre as quais se destaca a de Villalobos Filipe, do MFA de Angola, bem como um estudo sobre a génese dos núcleos ultramarinos do MFA.

Uma das novidades que se verifica neste período é o crescente interesse pelas personalidades que estiveram por detrás dos acontecimentos, uma realidade evidenciada não só pela já referida expansão da história oral como também de biografias. Tal seria o caso de *Melo Antunes – Uma Biografia Política*,<sup>29</sup> da autoria de Maria Inácia Rezola e publicado no mesmo ano que o livro-entrevista de Maria Manuela Cruzeiro. Realça-se também o trabalho de Luís Nuno Rodrigues, com a publicação de *Marechal Costa Gomes. No Centro da Tempestade*<sup>30</sup> em 2008 e dois anos depois de *Spínola*,<sup>31</sup> onde seriam descritas as vidas destas personalidades que desempenharam um papel fundamental na transição democrática e na descolonização. Já em 2013 seria publicado *Mário Soares e a Revolução*, por David Castaño.<sup>32</sup>

Relativamente ao estudo da transição portuguesa para a democracia, seria publicado em 2003 *O Poder Caiu na Rua. Crise de Estado e Acções Colectivas na Revolução Portuguesa*, de Diego Palacios Cerezales,<sup>33</sup> onde é analisado o clima de mobilização popular que marcou o país entre 1974 e 1976, com um multiplicar de manifestações, comícios, greves e ocupações. O autor descreve o papel dos movimentos sociais, desde o dos moradores ao das ocupações de terras no Alentejo, a interação entre os diferentes projetos políticos, a forma como a pressão popular levou à crise política e o modo como este fenómeno começou a perder força após o 25 de Novembro, que representou o fim da crise de Estado. Um livro fundamental para o entendimento da paralisia que caracterizou a metrópole nos momentos críticos da conclusão do processo de descolonização.

---

<sup>28</sup> FARIA, Ana Mouta; MARTINS, Jorge (2014) (orgs.), *Vozes de Abril na Descolonização*, Lisboa, Centro de Estudos de História Contemporânea, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

<sup>29</sup> REZOLA, Maria Inácia (2012), *Melo Antunes – Uma Biografia Política*, Lisboa, Âncora Editora.

<sup>30</sup> RODRIGUES, Luís Nuno (2008), *Marechal Costa Gomes. No Centro da Tempestade*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

<sup>31</sup> RODRIGUES, Luís Nuno (2010), *Spínola*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

<sup>32</sup> CASTAÑO, David (2013), *Mário Soares e a Revolução*, Lisboa, Dom Quixote.

<sup>33</sup> CEREZALES, Diego Palacios (2003), *O Poder Caiu na Rua. Crise de Estado e Acções Colectivas na Revolução Portuguesa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Já em 2006 surge *Os Militares na Revolução de Abril. O Conselho da Revolução e a Transição para a Democracia em Portugal (1974-1976)* de Maria Inácia Rezola.<sup>34</sup> Este livro analisa o Conselho da Revolução (CR), um órgão político-institucional que nasce e atinge o seu apogeu no decorrer do processo de transição para a democracia em Portugal. Criado a 14 de março de 1975, o CR representaria, segundo os autores, a resposta a uma aspiração “há muito acalentada por grande parte da oficialidade envolvida na transição: a institucionalização do Movimento da Forças Armadas”, agindo o CR enquanto “guardião do Programa do MFA, garante da continuação da «obra de reconstrução nacional» e cúpula do poder cívico-militar”.

No ano seguinte é publicada a *História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à Actualidade*, de António José Telo,<sup>35</sup> organizado em 2 volumes, que analisa no essencial o período 1974-1985, encarado pelo autor como a primeira das três grandes fases da história da 3ª República Portuguesa e a mais importante em termos da sua estruturação, marcada pelo processo revolucionário, a consolidação democrática, a estabilização político-económica e o processo de integração na CEE. É feita uma descrição detalhada do ambiente político que caracterizou o Portugal revolucionário, com a emergência de múltiplos centros de poder com estratégias diversas e, não raras vezes contraditórias, para o futuro do país e do ainda império colonial. António José Telo aborda também as transformações económicas e sociais do pós-25 de Abril, desde as nacionalizações e privatizações à expansão do Estado Social e as fases de austeridade.

É de salientar a coleção *Os Anos de Abril* (2014),<sup>36</sup> obra coordenada pelo comandante Pedro Lauret e que conta com a colaboração e testemunhos de numerosos “capitães de Abril” (como Almeida Contreiras, Diníz de Almeida, Otel Saraiva de Carvalho, Salgueiro Maia e Vasco Lourenço) e investigadores (como José Medeiros Ferreira e Maria Inácia Rezola).

No mesmo ano é publicado *Militares e Política: o 25 de Abril*,<sup>37</sup> obra organizada por Luísa Tiago de Oliveira e estruturada em duas partes, com a primeira a ser dedicada ao papel dos três ramos das Forças Armadas na eclosão do 25 de Abril e a segunda a analisar o fim da polícia secreta e a libertação dos prisioneiros políticos em Portugal e nas colónias. Para a análise do processo revolucionário, é de

---

<sup>34</sup> REZOLA, Maria Inácia (2006), *Os Militares na Revolução de Abril. O Conselho da Revolução e a Transição para a Democracia em Portugal (1974-1976)*, Lisboa, Campo da Comunicação.

<sup>35</sup> TELO, António José (2007), *História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à Actualidade*, II, Lisboa, Editorial Presença.

<sup>36</sup> LAURET, Pedro (2014) (orgs.), *Os Anos de Abril*, Lisboa, Correio da Manhã.

<sup>37</sup> OLIVEIRA, Luísa Tiago de (2014) (orgs.), *Militares e Política: o 25 de Abril*, Lisboa, Estuário.

ter em atenção o quarto capítulo, “O fim da PIDE/DGS e a libertação dos presos políticos”,<sup>38</sup> da autoria de Luísa Tiago de Oliveira.

Sobre os movimentos político-militares, é de referir “O MFA nas colónias: do Congresso dos Combatentes ao 25 de Abril” (publicado em 2000 e disponível online),<sup>39</sup> da autoria de Pezarat Correia e onde é feita uma análise comparativa sobre a evolução das ramificações do Movimento das Forças Armadas nos diferentes pontos do império colonial. O livro anteriormente referido sobre o Conselho da Revolução é também uma importante obra para o estudo deste tópico. Já a *História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à Actualidade* dedicaria uma forte atenção às repercussões que o processo revolucionário desencadeado pelo MFA teria sobre a instituição militar, a qual demoraria, segundo o autor, cerca de 20 anos para regressar à “normalidade”.

Para a análise deste tópico é de ter em atenção a tese de mestrado de Mário Jorge Fernando Gomes, intitulada *A politização dos militares do exército entre 1961 e 1974 (2011)*.<sup>40</sup> Ao longo deste estudo o autor examina o processo de politização dos oficiais do Quadro Permanente do Exército português que estiveram envolvidos no 25 de Abril, analisando para esse efeito o que estes “liam, viam, ouviam e discutiam”. Este trabalho representa um contributo notável para o entendimento das várias influências que marcavam o MFA (que tinha membros com inclinações ideológicas tão diversas como Vasco Gonçalves e José Sanches Osório), ajudando o leitor a compreender a profunda heterogeneidade que marcava este movimento português.

Para uma melhor compreensão sobre o envolvimento dos três ramos das Forças Armadas no movimento conspirativo, é de salientar os capítulos da primeira parte do já referido *Militares e Política: o 25 de Abril*, mais concretamente: “Caracterização sociológica do Movimento dos Capitães

---

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Luísa Tiago de (2014), “O fim da PIDE/DGS e a libertação dos presos políticos”, em Luísa Tiago de Oliveira (orgs.), *Militares e Política: o 25 de Abril*, Lisboa, Estuário.

<sup>39</sup> CORREIA, Pezarat (2000), “O MFA nas colónias: do Congresso dos Combatentes ao 25 de Abril”, MATHESIS, (online), 9, 265 – 276.

Disponível em: [http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat9/mathesis9\\_265.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat9/mathesis9_265.pdf) (consultado a 15 - 05 - 2015).

<sup>40</sup> GOMES, Mário Jorge Fernandes (2011), *A politização dos militares do exército entre 1961 e 1974*, Dissertação de Mestrado em Museologia, Lisboa, ISCTE, repositório.

(Exército)”,<sup>41</sup> de Aniceto Afonso, “A Marinha e o dia 25 de Abril de 1974”,<sup>42</sup> de Pedro Lauret, e “A Força Aérea portuguesa: uma realidade militar e sociológica”,<sup>43</sup> de Luís Alves de Fraga.

No que concerne aos estudos sobre a descolonização, a partir de finais dos anos 90 verifica-se um crescente interesse por este fenómeno, com a descolonização de Angola a ser observada num quadro mais geral do processo de desintegração do império colonial português. Em 1997 é publicado *The decolonization of Portuguese Africa: metropolitan revolution and the dissolution of the empire*, de Norrie Macqueen,<sup>44</sup> que analisa a conclusão do processo de descolonização nos vários pontos do império, fazendo ainda observações pertinentes sobre a atitude da metrópole e do MFA face à descolonização.

Entre 1999 e 2000 é publicada uma actualização em 3 volumes, coordenada por António Barreto e Maria Filomena Mónica, da obra *Dicionário de História de Portugal* de Joel Serrão<sup>45</sup> (originalmente publicada em 6 volumes entre 1963 e 1971),<sup>46</sup> que contém uma ordenação alfabética de entradas dedicadas a personalidades, conceitos, lugares e acontecimentos cruciais da história portuguesa, incluindo uma entrada referente às «guerras coloniais» da autoria de René Pélissier.<sup>47</sup> Em 2000 surge *Guerra colonial*,<sup>48</sup> uma obra de divulgação da autoria de Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes que, para além de apresentar uma análise global sobre o conflito.

Em 2001 é publicado *O Fim do Império Português. A Cena Internacional, a Guerra Colonial e a Descolonização, 1961-1975*, de António Costa Pinto,<sup>49</sup> na qual é feita uma análise concisa sobre o processo histórico que conduziu à queda do último império colonial, sendo abordada a conjuntura internacional com que o regime ditatorial se deparava, as três frentes da guerra colonial e por fim o culminar do processo de descolonização nas diferentes colónias portuguesas.

---

<sup>41</sup> AFONSO, Aniceto (2014), “Caracterização sociológica do Movimento dos Capitães (Exército)” em Luísa Tiago de Oliveira (orgs.), *Militares e Política: o 25 de Abril*, Lisboa, Estuário.

<sup>42</sup> LAURET, Pedro (2014), “A Marinha e o dia 25 de Abril de 1974”, em Luísa Tiago de Oliveira (orgs.), *Militares e Política: o 25 de Abril*, Lisboa, Estuário.

<sup>43</sup> FRAGA, Luís Alves de (2014), “A Força Aérea portuguesa: uma realidade militar e sociológica”, em Luísa Tiago de Oliveira (orgs.), *Militares e Política: o 25 de Abril*, Lisboa, Estuário.

<sup>44</sup> MACQUEEN, Norrie (1997), *The decolonization of Portuguese Africa: metropolitan revolution and the dissolution of the empire*, Londres, Longman.

<sup>45</sup> BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena (2000) (orgs.), *Dicionário de História de Portugal*, III, Porto, Livraria Figueirinhas.

<sup>46</sup> SERRÃO, Joel (1968) (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, VI, Lisboa, Iniciativas Editoriais.

<sup>47</sup> PÉLISSIER, René (2000), «guerras coloniais» em Joel Serrão (dir.), António Barreto e Maria Filomena Mónica (orgs.), *Dicionário de História de Portugal*, III, (3), Porto, Livraria Figueirinhas.

<sup>48</sup> AFONSO, Aniceto, GOMES, Carlos de Matos (2000), *Guerra colonial*, Lisboa, Editorial Notícias.

<sup>49</sup> PINTO, António Costa (2001), *O Fim do Império Português. A Cena Internacional, a Guerra Colonial e a Descolonização, 1961-1975*, 1961-1975, Lisboa, Livros Horizonte.

Também a anteriormente referida *História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à Atualidade* faz um estudo cuidado do processo de descolonização, descrevendo António José Telo a existência de múltiplas estratégias para a descolonização por parte de uma instável metrópole. É também de ter em atenção as biografias de Melo Antunes, Costa Gomes e António de Spínola, que exploram atentamente este assunto.

Em 2010 é publicado *Os anos da Guerra Colonial: 1961-1975*,<sup>50</sup> da autoria de Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes e que segue cronologicamente os vários acontecimentos que marcaram o conflito colonial português, sendo possível observar a forma como os vários eventos que se deram tanto na metrópole como nos vários territórios que compunham o império se influenciavam entre si. São ainda feitas análises sobre acontecimentos como a colaboração da UNITA com as autoridades portuguesas, naquilo que ficaria conhecido como ‘Operação Madeira’, e da cooperação entre Portugal, Rodésia e África do Sul no quadro do chamado projeto “Alcora”.

Importa referir o quinto capítulo de *Militares e Política: o 25 de Abril*, intitulado “A descolonização: libertação dos presos políticos e extinção da PIDE/DGS nas colónias de África”,<sup>51</sup> de Ana Mouta Faria, onde é analisado o destino dos presos políticos, bem como dos agentes da polícia secreta, nos territórios africanos sob administração portuguesa após o fim do Estado Novo.

É também de ter em atenção o contributo de Pezarat Correia, relativo à história angolana, inserido no oitavo volume da já mencionada coleção *Os Anos de Abril*.

A partir da década de 2000 verifica-se um crescente interesse sobre o papel das intervenções *externas* nos acontecimentos em Angola assim como em Portugal nos anos de 1974 e 1975. É disso evidência o livro de Piero Gleijeses: *Co Conflicting Missions. Havana, Washington and Africa, 1959–1976*,<sup>52</sup> publicado em 2002 e onde se examinam as intervenções cubanas no continente africano, desde o apoio à Argélia, passando pelo envolvimento na crise do Congo e culminando na chamada “Operação Carlota”, nome código da intervenção cubana em Angola. Baseando-se nas informações recolhidas a partir da leitura de arquivos cubanos, Gleijeses examina o envolvimento cubano em Angola, desde as negociações com o MPLA, tendo em vista o envio de instrutores militares e de armamento, passando pela expedição de forças regulares do exército cubano para o território. O autor faria também menções sobre as outras intervenções estrangeiras em Angola, como foram os casos da soviética, sul-africana, norte-americana e zairense.

---

<sup>50</sup> AFONSO, Aniceto, GOMES, Carlos de Matos (2010), *Os Anos da Guerra Colonial*, Porto, QuidNovi.

<sup>51</sup> FARIA, Ana Mouta (2014), “A descolonização: libertação dos presos políticos e extinção da PIDE/DGS nas colónias de África”, em Luísa Tiago de Oliveira (orgs.), *Militares e Política: o 25 de Abril*, Lisboa, Estuário.

<sup>52</sup> GLEIJESES, Piero (2002), *Conflicting Missions. Havana, Washington and Africa, 1959–1976*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press.

Em 2007 é publicado *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*, de Odd Arne Westad,<sup>53</sup> cujo sexto capítulo se debruça sobre os efeitos do conflito entre as superpotências na evolução política da África Austral no período dos anos 60 e 70. A já mencionada *História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à Actualidade*, publicada no mesmo ano, tem igualmente em atenção a influência das potências, mundiais e regionais, sobre as transformações que marcaram tanto o último império colonial como o último colonizador nos anos de 1974-1975, sendo examinadas as atitudes dos Estados Unidos, da União Soviética, dos estados africanos e da CEE.

O trabalho de Tiago Moreira de Sá sobre o envolvimento dos Estados Unidos nos acontecimentos em Portugal e Angola no decorrer deste período revela-se uma contribuição fundamental para o estudo deste tema, com a publicação em 2008 de *Carlucci vs Kissinger – Os EUA e a Revolução Portuguesa*<sup>54</sup> e no ano seguinte *Os Estados Unidos da América e a Democracia Portuguesa (1974-1976)*,<sup>55</sup> obras onde analisa a complexa (e contraditória) política norte-americana face a Portugal neste período, debruçando-se no primeiro livro sobre a forma como a difícil relação entre o embaixador norte-americano Frank Carlucci e o secretário de Estado Henry Kissinger influenciou a diplomacia norte-americana. Em *Os Estados Unidos e a Descolonização de Angola*,<sup>56</sup> publicado em 2011, examina a atitude dos EUA face a Angola após o 25 de Abril, desde a fase de indiferença ao de envolvimento massivo no quadro da “Operação IAFeature”. Este livro contém ainda informação dos telegramas enviados pelo consulado norte-americano em Luanda e pela embaixada em Lisboa sobre o que se passava no território e da atitude de Portugal face à descolonização deste, assim como detalhes das outras intervenções.

Em 2013 é publicado *Alcora – O Acordo Secreto do Colonialismo – Portugal, África do Sul e Rodésia na última fase da guerra colonial*,<sup>57</sup> da autoria de Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes e onde é examinado o acordo estratégico levado a cabo pelas lideranças de Lisboa, Pretória e Salisbury em prol dos seus interesses nesta região face às pretensões independentistas africanas. Um livro que explora a aliança entre o Estado Novo e os regimes segregacionistas da África Austral e que ajuda a compreender a dimensão do envolvimento sul-africano em Angola antes do 25 de Abril, essencial para

---

<sup>53</sup> WESTAD, Odd Arne (2007), *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*, Cambridge, Cambridge University Press.

<sup>54</sup> SÁ, Tiago Moreira de (2008), *Carlucci vs Kissinger – Os EUA e a Revolução Portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote.

<sup>55</sup> SÁ, Tiago Moreira de (2009), *Os Estados Unidos da América e a Democracia Portuguesa (1974-1976)*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros.

<sup>56</sup> SÁ, Tiago da Mota Veiga Moreira de (2011), *Os Estados Unidos e a Descolonização de Angola*, Lisboa, Dom Quixote.

<sup>57</sup> AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos de Matos (2013), *Alcora – O Acordo Secreto do Colonialismo – Portugal, África do Sul e Rodésia na última fase da guerra colonial*, Lisboa, Divina Comédia.



o estudo da intervenção sul-africana no decorrer da fase final do processo de descolonização deste território.

É de observar a obra “*Golpe Nito Alves*” e outros momentos da história de Angola vistos do Kremlin (2013),<sup>58</sup> de José Milhazes, um jornalista e historiador português que reside na Rússia. Este livro, que contém informações inéditas no Ocidente, oriunda de obras memorialistas de antigos agentes e diplomatas soviéticos, examina o envolvimento da URSS na luta anticolonial e no período pós-independência em Angola. Apesar de focar uma particular atenção na figura de Nito Alves, Milhazes faz também afirmações significativas sobre o papel da União Soviética após o 25 de Abril em Angola, argumentando que o envolvimento deste país, ao contrário do que muitos historiadores sustentam, só se fez sentir em finais de 1975, em coordenação com o envolvimento cubano.<sup>59</sup>

Para se compreender o processo de descolonização em Angola tendo em atenção a sua vertente regional, assume uma particular importância o estudo da história africana, antes, durante e após a era colonial. É por isso de observar *Afrique Noire, histoire et civilisations* (1992),<sup>60</sup> de Elikia M'Bokolo, que analisa a história deste continente tendo em consideração a sua evolução política, social e económica, examinando os capítulos cinco, seis e sete o processo de colonização e subsequente descolonização do espaço africano. Outra obra a analisar é *Africans: The history of a continent* (1995),<sup>61</sup> de John Iliffe, que examina a história do continente desde o período pré-histórico à Era Contemporânea, com uma especial atenção sobre a evolução da demografia. Para uma análise focada no processo de descolonização africano, é de ter em atenção o livro *The Decolonization of Africa* (1995),<sup>62</sup> de David Birmingham, que observa as diferentes vagas de descolonização desde a 2ª. Guerra Mundial, com o processo de independência angolano a inserir-se numa das últimas do continente africano.

Sobre os movimentos nacionalistas, é de referir *A Luta pela Independência. A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC* (1999), de Dalila Cabrita Mateus,<sup>63</sup> na qual a investigadora analisa as origens sociais dos fundadores dos movimentos nacionalistas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, as influências destes, os apoios externos que receberam e o futuro que pretendiam para as suas terras. Este estudo revela-se uma referência incontornável para a compreensão do nacionalismo angolano, ajudando a perceber os laços políticos, intelectuais e mesmo pessoais entre

---

<sup>58</sup> MILHAZES, José (2013), “*Golpe Nito Alves*” e outros momentos da história de Angola vistos do Kremlin, Lisboa, Alêtheia Editores.

<sup>59</sup> MILHAZES 2013, pp. 35 – 69.

<sup>60</sup> M'BOKOLO, Elikia (1992), *Afrique Noire, histoire et civilisations*, II, Paris, Hatier.

<sup>61</sup> ILIFFE, John (1995), *Africans: The history of a continent*, Cambridge, Cambridge University Press.

<sup>62</sup> BIRMINGHAM, David (1995), *The Decolonization of Africa*, Athens, Ohio, Ohio University Press.

<sup>63</sup> MATEUS, Dalila Cabrita (1999), *A Luta pela Independência. A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*, Mem Martins, Editorial Inquérito.

muitos dos membros do MPLA com aqueles que fariam parte da classe política portuguesa do pós-25 de Abril. A análise de Dalila Cabrita Mateus sobre os apoios dos movimentos a nível mundial, africano e regional constitui também um importante contributo para o estudo das várias intervenções externas em Angola, naquela que foi a fase final do processo de descolonização e na qual o meu estudo se centra. O facto de examinar no fundamental a formação dos nacionalistas angolanos que fizeram parte da chamada Casa dos Estudantes do Império leva, a autora, no entanto, a focar-se no MPLA em detrimento dos outros movimentos.

É de ter em atenção a entrada no já referido *Dicionário de História de Portugal* relativa aos «movimentos de libertação», a informação contida sobre este tópico em *História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à Actualidade* e nas biografias de Melo Antunes, Costa Gomes e António de Spínola, onde a interação entre as autoridades portuguesas e os nacionalistas africanos é examinada de forma extensa. A tese de doutoramento de Fidel Carmo Reis, *Das políticas de classificação às classificações políticas (1950-1996): a configuração do campo político angolano: contributo para o estudo das relações raciais em Angola* (2010),<sup>64</sup> faz uma análise cuidada sobre a evolução política angolana ao longo da 2ª metade do século XX que faz deste estudo uma referência fundamental para a análise deste tópico.

Sobre os movimentos políticos que procuraram apresentar-se como alternativa aos movimentos armados, é de ter em atenção o capítulo “O 25 de abril e a independência de Angola” do livro *Angola. Os Brancos e a Independência* (2008),<sup>65</sup> de Fernando Tavares Pimenta, que analisa as várias forças políticas civis fundadas em Angola no pós-25 de Abril e a atitude dos movimentos nacionalistas armados e das autoridades portuguesas face a estes. É recomendável a entrada sobre os «movimentos independentistas brancos em África», inserida no suplemento do *Dicionário de História de Portugal*, da autoria de Jaime Nogueira Pinto.<sup>66</sup>

#### 1.4 – Contextualização Histórica

O estudo de todo e qualquer processo histórico implica necessariamente a análise de todas as suas facetas, a compreensão de todos os atores e do meio que os envolvia, os influenciava e influenciavam. A análise de um processo de descolonização implica diretamente o estudo de dois atores

---

<sup>64</sup> REIS, Fidel Carmo (2010), *Das políticas de classificação às classificações políticas (1950-1996): a configuração do campo político angolano: contributo para o estudo das relações raciais em Angola*, Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea Lisboa, ISCTE, repositório.

<sup>65</sup> PIMENTA, Fernando Tavares (2008), *Angola. Os Brancos e a Independência*, Porto, Edições Afrontamento.

<sup>66</sup> PINTO, Jaime Nogueira (2000), «movimentos independentistas brancos em África» em Joel Serrão (dir.), António Barreto e Maria Filomena Mónica (orgs.), *Dicionário de história de Portugal*, III, (3), Porto, Livraria Figueirinhas.



fundamentais, o colonizador e o colonizado, e de forma mais abrangente da comunidade internacional. O fim de um império não é um acontecimento isolado, constituindo um evento que determina e é determinado pela relação de forças, tanto a nível regional como mundial, de modo que qualquer análise sobre um processo desta natureza implica um estudo rigoroso sobre as suas consequências geopolíticas, ideológicas e históricas.

Ao longo deste trabalho analisarei não apenas um processo histórico mas, fundamentalmente, a conclusão deste, correspondendo o período compreendido entre o 25 de Abril de 1974 e 11 de Novembro de 1975 em Angola à conclusão de um processo iniciado nos anos 60 e que significou o próprio início da descolonização deste país africano. Procurarei compreender qual a relação desenvolvida entre duas entidades: os movimentos nacionalistas angolanos e o movimento político-militar que derrubaria a mais velha ditadura da Europa Ocidental. O estudo desta relação significa compreender os processos históricos que levaram à constituição de cada um destes atores políticos. Tal significa uma análise não apenas sobre as realidades específicas de Angola e Portugal mas também do mundo que envolvia estes dois países, um mundo marcado pelo colapso dos impérios europeus, pela emergência de dezenas de estados africanos e por um conflito global entre superpotências ideológica e geopoliticamente opostas. Torna-se ainda necessário inserir o processo de descolonização de Angola nas várias vagas de descolonização que varreram o continente africano, correspondendo a descolonização de Angola a uma das mais tardias.

#### **1.4.1 – A Dimensão Angolana**

Angola em meados do séc. XX constituía uma parte do império português, então um dos maiores do mundo e o terceiro maior em África, onde era apenas ultrapassado pelo britânico e pelo francês. À semelhança do que acontecia noutros pontos do império, predominava então o chamado ‘Sistema do Indigenato’ que reduzia toda a população negra analfabeta e economicamente desfavorecida ao estatuto de ‘cidadãos de segunda’, sem acesso à cidadania portuguesa e sujeitos a práticas como o trabalho forçado como forma de pagamento de impostos. A mais vasta parcela do império, Angola era identificada por muitos como a “jóia da coroa” do império, uma realidade que aos olhos do regime ditatorial que dominava Portugal era imutável. O fim da 2ª Guerra Mundial significaria, porém, que tal não seria o caso. A conclusão do conflito deixa as potências coloniais europeias seriamente abaladas, não conseguindo resistir aos movimentos independentistas que ganham força nos seus vastos domínios, o que conduz ao colapso dos vários impérios europeus. O império português, antes um dos maiores, converter-se-ia no maior.

Os acontecimentos que varriam o continente africano, com dezenas de colónias a conquistarem a independência, não passam despercebidos em Angola, onde muitos desejavam um destino semelhante

para a sua terra. Um sentimento nacionalista pan-angolano ganha especial força nos meios urbanos, onde uma ideia de identidade angolana se forma entre pessoas oriundas de todas as regiões e povos da então colônia portuguesa. Assiste-se à proliferação de múltiplas organizações, marcadas por uma linha de pensamento anticolonial, marxista e progressista e formadas por negros, mestiços e um pequeno número de brancos instruídos e compartilhando referências culturais comuns. As que mais se destacam são o Partido Comunista de Angola (PCA), criado em outubro de 1955, e o Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola (PLUA), criado entre 1953 e 1956, partidos que se unem com outras pequenas forças políticas para formar o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).<sup>67</sup> A proximidade dos membros destas organizações aos colonizadores, quer ao nível cultural ou de parentesco, levanta, no entanto, as suspeitas de muitos angolanos,<sup>68</sup> que se juntam a partidos regionais como a ‘União dos Povos do Norte de Angola’, fundada em 1954 com o objetivo de restaurar o antigo Reino do Congo. Em 1958 esta organização adota, sob a liderança de Barros Nekaka e influência de Holden Roberto, um nacionalismo pan-angolano, uma mudança refletida na perda do ‘Norte’ do nome, passando a chamar-se “UPA”.<sup>69</sup> A resposta do regime colonial traduz-se na pura e simples repressão, o que empurra muitos nacionalistas para o exílio e a radicalização.<sup>70</sup> A luta política converter-se-ia em luta armada.

O início da luta armada em Angola, que assinala o início da guerra no império português, ocorre em 1961, não sendo, contudo, consensual a data exata. Para os simpatizantes do MPLA, a guerra da independência começa a 4 de Fevereiro, com uma tentativa de libertação de militantes do MPLA presos em Luanda e que deveria constituir o início de uma «revolução nacional» (aproveitando a presença de jornalista em Luanda, que aguardavam a chegada do paquete “Santa Maria”), mas que redundou em fracasso.<sup>71</sup> Já para os apoiantes da UPA, a guerra começa a 15 de Março, com um levantamento no norte de Angola que resulta no colapso *de facto* do domínio português neste território. Esta ação é, no entanto, ensombrada pelos massacres de, não apenas a população branca e mestiça, como também da população negra não-bacongo, e em especial dos ovimbundo, trabalhadores do sul recrutados para as plantações de café. Estes massacres, cometidos por militantes bacongo da UPA (que viam este ataque como uma oportunidade para recuperar as terras que tinham sido expropriadas às suas famílias pelos poder colonial) contribuem para o fracasso político da ofensiva. Ocorrem retaliações dos brancos sobre os negros (enquadrados em organismos como a Organização

---

<sup>67</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V14 Rlt, Luanda, 20/07/74. MARCUM 1969, p. 27 – 30. WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 237.

<sup>68</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 236.

<sup>69</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 244 – 245. MARCUM 1969, pp. 63 – 67.

<sup>70</sup> MARCUM 1969, pp. 33 – 37.

<sup>71</sup> MARCUM 1969, pp. 126 – 130. WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 251.

Provincial de Voluntários e Defesa Civil [OPVCDA]), que causam ainda mais mortes que as ações da UPA.<sup>72</sup>

Apesar deste fracasso, a UPA conquista notoriedade internacional por ter constituído o primeiro desafio sério ao colonialismo português em África. O movimento de Holden Roberto (que passa a designar-se Frente Nacional de Libertação de Angola a partir de 1962, após ter feito uma coligação no ano anterior com Partido Democrático de Angola), decide criar o chamado Governo Revolucionário de Angola no Exílio (GRAE), que serviria como o representante do povo angolano perante a comunidade internacional, contando com membros dos principais grupos populacionais angolanos (à exceção dos brancos, cuja pertença a Angola era rejeitada).<sup>73</sup> O reconhecimento deste pela OUA representaria, não apenas uma vitória para Roberto, como também um duro golpe para o MPLA, cuja integração na FNLA/GRAE era exigida por esta organização internacional.

O MPLA segue, no entanto, o seu próprio caminho, conquistando o estatuto de ‘movimento de libertação’ equiparável à FNLA aos olhos da OUA, assim como da ONU, através da expansão das ações armadas e da própria qualidade dos seus quadros, que ultrapassavam os da FNLA/GRAE. O GRAE sofre uma séria crise, com o abandono de várias importantes figuras (entre as quais Jonas Savimbi, responsável pela pasta dos Negócios Estrangeiros) que denunciam o autoritarismo e tribalismo de Holden Roberto, acusado de favorecer os bacosos<sup>74</sup> (muitos dos quais acusam Roberto de beneficiar o seu segmento baco, os baxicongo).<sup>75</sup> Após ver o seu pedido de integração no MPLA rejeitado, Savimbi cria o seu próprio movimento: a União Nacional para a Independência Total de Angola, que assume como zona de operações o leste de Angola.<sup>76</sup> O MPLA sofre entretanto uma crise, com o surgimento de uma tendência alternativa no seio do movimento, a Revolta de Leste, que paralisa as ações armadas no Leste acusando a liderança oficial de abandono, e com a emergência de uma outra, a Revolta Ativa, que protesta o autoritarismo de Agostinho Neto.<sup>77</sup> O nacionalismo angolano vê-se repartido em três ‘fações’ distintas e mutuamente rivais, que chegam a dedicar mais tempo à luta entre si do que contra o ‘inimigo comum’, o ocupante colonialista,<sup>78</sup> no que o historiador Fernando Tavares Pimenta descreve como uma verdadeira “guerra na guerra”.<sup>79</sup>

A resposta portuguesa assume uma dimensão, não apenas militar, como também económica e política. Ao nível militar dá-se o recrutamento massivo de soldados para o norte de Angola, os quais

---

<sup>72</sup> MARCUM 1969, pp. 140 – 150. WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 260 – 262.

<sup>73</sup> MARCUM 1969, pp. 243 – 246. MARCUM 1969, pp. 317 – 318.

<sup>74</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 260.

<sup>75</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 290.

<sup>76</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 316 – 318.

<sup>77</sup> CORREIA 1991, p. 35.

<sup>78</sup> TELO II (2) 2007, p. 160.

<sup>79</sup> PIMENTA 2008, p. 348.

são recrutados tanto entre a população portuguesa como também angolana, particularmente entre os ovimbundo, que pretendiam vingar-se da violência perpetrada pelos bacongo. Esta faceta de ‘guerra civil’ é habilmente explorada pelos portugueses, que institucionalizam o recrutamento local e uma política de “africanização” das Forças Armadas. São também fomentadas as divisões entre os nacionalistas, com o financiamento de pequenos partidos no exílio que recusam apoiar aos que fazem a guerra,<sup>80</sup> assim como no estabelecimento de alianças militares com estes.<sup>81</sup> Uma estratégia que culmina na ‘Operação Madeira’, na qual as forças portuguesas e da UNITA acordam a suspensão das hostilidades e o concentrar das ações contra o MPLA e a FNLA mas que é eventualmente rompida pelo general Abel Hipólito, que inicia a ‘Operação Castor’.<sup>82</sup>

Ao nível político-económico, são feitas reformas que procuram acabar, ou pelo menos reduzir, as práticas mais cruéis do colonialismo, como o ‘Estatuto do Indígena’ e o trabalho forçado, ao mesmo tempo que se iniciam programas de desenvolvimento económico, com a expansão do sistema educativo e da rede rodoviária assim como a abertura de Angola ao investimento externo,<sup>83</sup> tudo parte de uma política de “conquista das populações” à causa portuguesa.<sup>84</sup> Procura-se travar o apelo do nacionalismo angolano ao fomentar o independentismo regional, algo especialmente visível, no enclave de Cabinda, cujo movimento autonomista é encorajado.<sup>85</sup> A riqueza nesta região, separada territorial e demograficamente de Angola, contribui também para a alienação desta do resto do território, descrevendo René Pélissier o fraco apoio às ações armadas dos nacionalistas angolanos entre a população cabinda.<sup>86</sup>

Ao nível militar, a situação em Angola, em vésperas do 25 de Abril de 1974, é caracterizada por um impasse, com os guerrilheiros nacionalistas a limitarem-se a pequenas bolsas de resistência, a partir das quais lançam ações pouco significativas. À medida que Angola se desenvolve, os angolanos observam com uma certa desorientação a turbulência nas fileiras nacionalistas, aparentemente incapazes de ultrapassar as suas divisões internas e de trabalhar em conjunto no sentido de um projeto comum de libertação nacional.<sup>87</sup>

---

<sup>80</sup> MARCUM 1969, pp. 285 – 286. WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 304. WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 311 – 312.

<sup>81</sup> MARCUM 1969, pp. 233 – 234.

<sup>82</sup> MARCUM 1969, pp. 88 – 90. CORREIA 1991, pp. 38 – 40.

<sup>83</sup> MARCUM 1969, p. 191. WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 333 – 334.

<sup>84</sup> MARCUM 1969, p. 279. WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 277 – 283.

<sup>85</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 312 – 314.

<sup>86</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 294.

<sup>87</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, pp. 334 – 336.

### 1.4.2 – A Dimensão Portuguesa

Portugal em meados do séc. XX é uma nação repleta de contradições. Um dos países mais pobres da Europa ocidental e ao mesmo tempo uma das principais potências coloniais, uma das únicas ditaduras que tinham sobrevivido do lado ocidental ao fim da 2ª Guerra Mundial e ao mesmo tempo um dos estados fundadores da Aliança Atlântica, formalmente reservada a democracias. À sombra do regime, denominado Estado Novo, subsiste um movimento oposicionista disperso com um único partido com implantação nacional, o Partido Comunista Português (PCP), organização reprimida com especial violência e marcada por uma ortodoxia próxima do estalinismo. O resto da oposição é caracterizada por um menor enquadramento organizativo, dividindo-se entre os que tomavam a Europa Ocidental como principal referência e os que tomavam os modelos socialistas alternativos aos da linha de Moscovo (como era o caso do maoísmo e do trotskismo) como exemplos a seguir.<sup>88</sup>

Apesar da fraqueza da oposição à ditadura, esta assume um papel insuspeito no processo de descolonização, ao influenciar a formação política de uma parte das elites dos movimentos nacionalistas africanos, cujos fundadores tinham feito, em grande parte, os estudos superiores na metrópole, onde tiveram acesso a princípios socialistas e progressistas, em tudo opostos a um regime de inspiração fascista como o Estado Novo. É possível afirmar que, uma vez na metrópole, muitos destes jovens integrar-se-iam nas “lógicas locais” de luta contra o regime, colonial em Angola, ditatorial em Portugal. No caso específico dos nacionalistas angolanos, a maioria dos que chegam ingressa nas fileiras do MPLA, que desenvolve uma forte relação com a oposição portuguesa, com contornos não apenas políticos como também ao nível pessoal, como recorda Almeida Santos. É igualmente de salientar o papel desempenhado pelo PCP, o primeiro partido a defender o direito dos povos colonizados à independência, no fomentar de organizações de cariz marxista pelos vários pontos do império, que no caso de Angola vieram a dar origem ao MPLA. Por fim, é de referir que a influência da oposição portuguesa se fez também sentir pela própria deportação desta para as colónias, entre as quais Angola, como parte da política de repressão do regime. Estes oposicionistas portugueses, tornados angolanos, caracterizados por fortes princípios de esquerda, desempenhariam um papel fundamental na emergência de um nacionalismo angolano de cariz progressista.<sup>89</sup>

Independentemente das estratégias e sonhos quer da oposição em Portugal quer dos nacionalistas em África, a verdade é que o regime ditatorial estava longe de alguma vez ceder na sua defesa do império, encarado não apenas como uma importante fonte de prestígio como também uma garantia da independência face a Espanha. A defesa do império representava em si mesmo uma herança da 1ª República, fundada num clima de fervor nacionalista desencadeado pela humilhação do “Ultimato Britânico” de 1890. O regime enfrenta, porém, uma crescente contestação internacional à manutenção

---

<sup>88</sup> TELO 2007, pp. 54 – 71.

<sup>89</sup> MARCUM 1969, pp. 18 – 20.

do seu império, a que se soma a oposição interna cada vez mais difícil de conter, como demonstrou a candidatura presidencial de Humberto Delgado. Uma eleição, ganha oficialmente pelo candidato do regime, e que constitui um dos mais sérios desafios à ditadura. A oposição à política colonial de Salazar cresce também no seio das Forças Armadas, dando-se uma intentona em 1961, encabeçada pelo ministro da Defesa, Botelho de Moniz, que acaba por fracassar, dada a recusa do presidente da República em demitir Salazar. O fracasso do golpe, conhecido como a ‘Abrilada’, leva ao afastamento dos opositores à guerra colonial nas chefias militares do Exército e à ascensão dos apoiantes de uma solução militar para o conflito, como foi o caso de Kaúlza de Arriaga.<sup>90</sup>

A determinação do regime em manter o império, mesmo face a todos os apelos e críticas, internas e externas, é evidenciada pela sua atitude face à questão da “Índia Portuguesa”, com os territórios imperiais de Portugal no subcontinente indiano, de Goa, Damão e Diu a serem exigidos pela Índia, recentemente independente do domínio britânico. A resistência quixotesca de Portugal às exigências do Estado Indiano resulta numa invasão armada e no colapso militar do império nesta parte do mundo. No mesmo ano, rebenta a guerra em Angola, com o ataque da UPA no norte do território. O regime procura ganhar apoio interno para a defesa do império ao apresentar estes acontecimentos como uma conspiração contra Portugal, divulgando as imagens das vítimas da UPA, que causam a indignação da população portuguesa (desconhecedora da própria violência do colonialismo). Isolado como estava no palco internacional, o regime refugiar-se-ia no apoio da população, uma atitude evidenciada pelo slogan “orgulhosamente sós”. Contudo, após um primeiro momento em que os reforços portugueses conseguem travar e fazer recuar as forças nacionalistas em Angola, o conflito estender-se-ia a Guiné-Bissau e Moçambique, forçando Portugal a defrontar-se com guerra em três teatros de operações separados por uma distância de centenas de quilómetros.<sup>91</sup> O conflito em África torna-se numa “guerra de atrito”.

O arrastar do conflito leva à erosão do entusiasmo por este entre a população, à medida que se avoluma o número de feridos e mortos. A vontade por uma mudança ganha uma força cada vez maior entre a juventude, influenciada pelos levantamentos estudantis que varrem a então Europa Ocidental, como foi o caso do Maio de 68’. A rejeição do regime em Portugal e a falta de vontade em arriscar as vidas em nome do império leva muitos ao exílio, mesmo ilegal. Na impossibilidade de votar em eleições livres, muitos portugueses escolhem votar “com os pés”.<sup>92</sup> Este sentimento de contestação reforça a oposição, que denuncia simultaneamente a ilegitimidade do regime e do conflito promovido por este.

---

<sup>90</sup> FERREIRA 1992, pp. 263 – 273, 280.

<sup>91</sup> MARCUM 1969, pp. 193 – 199.

<sup>92</sup> MARCUM 1978, p. 241.

A política colonial do regime seria cada vez mais contestada no seio das Forças Armadas, que contavam nas suas fileiras com um elevado número de efetivos (na sua maioria jovens) que não se reviam no regime e nos seus princípios colonialistas. O sentimento de rejeição da guerra atinge também as altas chefias, onde se destacam duas figuras: Costa Gomes (envolvido no golpe fracassado de Botelho de Moniz) e António de Spínola, este último abertamente defensor de uma solução política para o conflito através de um referendo, que decidiria o estabelecimento de uma federação ou de uma independência pura e simples<sup>93</sup> (um projeto semelhante à estratégia africana de Charles de Gaulle).<sup>94</sup> O protagonismo político deste último leva a oposição, integrada na Assembleia Nacional, a chamada ‘Ala Liberal’, a procurar convencer Marcello Caetano a apoiar uma candidatura de Spínola para a presidência da República. A recusa deste precipitaria o abandono desta oposição da Assembleia, o que aprofunda a crise do regime.

O derrube do regime não seria, no entanto, desencadeado por uma conspiração oriunda das altas chefias militares, sendo antes da iniciativa de jovens oficiais, oriundos na sua maior parte das classes dos capitães e majores. A contestação reforça-se com uma tentativa, por parte do regime, de acelerar a promoção de oficiais entre os milicianos de modo a compensar a ausência de recrutas (provocada pelas deserções). Esta estratégia provoca ondas de choque entre muitos oficiais, que criam o chamado ‘Movimento dos Capitães’ em sinal de protesto contra esta medida. Apesar da rápida resolução do problema o movimento continua a existir, deixando de se debruçar sobre meras questões corporativas para passar a debruçar-se sobre a questão da falta de prestígio das Forças Armadas, sendo decidido que a sua resolução passava pelo fim da ditadura e da guerra colonial. Forma-se o Movimento das Forças Armadas (MFA), que se afirma tanto na metrópole como no império.

### **1.4.3 – A Dimensão Internacional**

O processo de descolonização de Angola é acompanhado por uma forte atenção, e envolvimento, internacional. Ao analisar-se as várias influências externas que se fizeram sentir ao longo do conflito, importa ter em atenção os estados africanos, cujas independências constituíram a referência fundamental dos nacionalistas angolanos e cujo apoio, quer ao nível político, militar e logístico se revelou crucial para a luta pela independência. Outros países que desempenharam um papel incontornável neste processo foram as superpotências, cujos modelos ideológicos e vastos recursos confeririam aos nacionalistas a força, tanto política como material, para se defrontarem com o poder colonial. Por fim, é de ter em atenção as “potências médias” e outros estados não-africanos, analisando a forma como os países europeus de ambos os lados da Cortina de Ferro (e entre esta, no caso da

---

<sup>93</sup> FERREIRA 1992, pp. 292 – 299.

<sup>94</sup> BIRMINGHAM 1995, pp. 30 – 31.



Jugoslávia) e os países latino-americanos (particularmente Cuba) moldaram os acontecimentos em Angola.

O envolvimento dos estados africanos faz-se sentir inicialmente no quadro diplomático, com uma condenação cada vez mais firme do colonialismo português na ONU, uma condenação coordenada com as nações asiáticas no quadro do chamado ‘Bloco Afro-Asiático’, uma aliança diplomática que reúne cerca de 62 estados emergentes do colonialismo e que detém a maioria absoluta na Assembleia Geral das Nações Unidas. Portugal é acusado por estas de desrespeitar os princípios de emancipação colonial inscritos na Carta das Nações Unidas, acusações rejeitadas por este, que classifica as suas colónias como uma extensão legítima da nação portuguesa. Uma tomada de posição que leva o ‘Bloco Afro-Asiático’ a fazer aprovar, já em 1959, uma resolução, sem votos contra, proclamando a necessidade de pôr termo ao colonialismo, e que se converte numa das primeiras entre várias resoluções contra o colonialismo português, que conduzem ao progressivo isolamento de Portugal na cena internacional.<sup>95</sup>

A oposição destes países à permanência do colonialismo em África é institucionalizada no quadro da Organização de Unidade Africana, cuja carta fundadora estipula entre os seus objetivos o “eliminar de todas as formas de colonialismo em África”. É ainda de referir a criação do chamado *Comité de Coordenação para a Ajuda aos Movimentos de Libertação Nacional*, também conhecido como o *Comité dos Nove*, sendo constituído pela Etiópia, Argélia, Egito, Congo-Léopoldville, Guiné-Conacri, Nigéria, Senegal, Tanzânia e Uganda, e através do qual a OUA canalizava financiamento para os vários movimentos de libertação. Longe de se ficarem pela mera retórica diplomática, estes estados apostam num apoio ativo à luta armada dos nacionalistas, algo particularmente evidente em países como Marrocos, Argélia, Tunísia, Guiné-Conacri, Líbia, Gana e o Egito.<sup>96</sup> Países cuja grande distância geográfica relativamente a Angola é compensada pelo apelo das suas rápidas independências, que fariam deles referências fundamentais para a formação político-militar de muitos angolanos. Para o caso específico de Portugal chegou a ser proposto, por parte do ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros, o que viria a ser conhecido como o *Plano Khatib*, que consistia numa concessão de um “período de tolerância” para o início do processo de transferência de poderes, findo o qual seriam formados “corpos expedicionários africanos para apoiar a ação dos militantes nacionalistas nas colónias portuguesas”. Apesar de este plano não ter sido concretizado, evidenciava o estado de espírito de numerosos dirigentes africanos face à questão do colonialismo português.<sup>97</sup>

Ao analisar-se o envolvimento dos estados africanos na causa angolana importa ter, no entanto, uma especial atenção sobre o apoio ao nível regional, que era determinado tanto por princípios de

---

<sup>95</sup> MATEUS 1999, pp. 116 – 117.

<sup>96</sup> MATEUS 1999, pp. 118 – 119.

<sup>97</sup> MARCUM 1969, pp. 208 – 210. MATEUS 1999, p. 117.



emancipação anticolonialista como por prioridades estratégicas, impossíveis de ignorar dada a vasta quantidade de riquezas naturais presentes em Angola, assim como o facto de dominar os principais corredores de passagem da Zâmbia e do Congo-Léopoldville, fatores que acresciam à importância geoestratégica de Angola no seio da África Austral. O facto do apoio logístico destes países ser fundamental para o sucesso da luta independentista, assim como de grande parte do apoio da OUA aos movimentos ser enviado diretamente aos estados fronteiriços, conferiria a estes uma especial relevância na resolução do futuro de Angola, com todas as consequências que tal acarretava.<sup>98</sup>

O Congo-Léopoldville, independente em 1960, constitui o primeiro estado a envolver-se diretamente na questão angolana, providenciando as bases, o financiamento e o treino das forças de Holden Roberto, tendo ainda sido responsável pela “recepção” destas após o fracasso do levantamento de 15 de Março. Este país converte-se também no primeiro a reconhecer o GRAE, tendo o próprio reconhecimento da OUA deste governo no exílio resultado da pressão de Léopoldville. Este estado africano, longe de assumir uma atitude imparcial face aos movimentos angolanos, aposta na UPA/FNLA em detrimento do MPLA, cuja sede neste país é assaltada pela polícia, o armamento apreendido e as instalações encerradas a partir de novembro de 1963. Os guerrilheiros deste movimento sofrem ainda emboscadas da FNLA neste território, contando com o apoio das autoridades congolezas, que prendem recorrentemente militantes e mesmo dirigentes deste, incluindo Agostinho Neto e Lúcio Lara.<sup>99</sup>

O Congo-Brazzaville, independente em 1960, assume uma atitude ambígua face ao nacionalismo angolano, apostando numa independência separada de Cabinda, região rica em recursos petrolíferos e cuja separação de Angola possibilitaria uma anexação às mãos de Brazzaville. Um projeto que infringia um dos princípios fundadores da OUA, que estipulava a integridade das fronteiras coloniais, e que era também partilhado por Léopoldville (é de salientar que a população cabinda partilha laços étnicos com estes dois países). Uma situação que John Marcum compararia a um verdadeiro “Danzig africano”.<sup>100</sup> Este projeto político perde força após o afastamento de Youlou Foulbert da presidência da República, o que permite ao MPLA mudar a sua sede para este país, escapando à perseguição das autoridades de Léopoldville e das forças da FNLA. Apesar disto, e tal como Iko Carreira recorda: “os sucessivos governos congolezes (...) nunca deixaram de apoiar as organizações separatistas de Cabinda”.<sup>101</sup>

A independência da Zâmbia, em 1964, possibilita ao MPLA expandir a sua zona de operações para o leste, até aí quase intocado pela causa nacionalista. O presidente zambiano, Kenneth Kaunda, faria no

---

<sup>98</sup> TELO 2007, pp. 160 – 161.

<sup>99</sup> MATEUS 1999, pp. 121 – 122.

<sup>100</sup> MARCUM 1969, pp. 172 – 173.

<sup>101</sup> MATEUS 1999, p. 122.

entanto jogo duplo com os nacionalistas, apoiando quer o MPLA quer a emergente UNITA, ao mesmo tempo que fomenta as divisões no seio do MPLA. Kaunda procura manter ao mesmo tempo relações com as autoridades portuguesas, uma atitude que se deve à dependência da Zâmbia dos corredores de acesso de Angola e Moçambique.<sup>102</sup> Outro condicionante seria o recrutamento, por parte dos portugueses, de dissidentes zambianos para funcionarem enquanto meio de pressão sobre Lusaca, com Portugal a responder a ataques dos nacionalistas através destas forças, designadas de Leais. Uma estratégia igualmente reproduzida com Léopoldville/Kinshasa através do recrutamento de independentistas catangueses, designados por sua vez de Fiéis.<sup>103</sup>

O último ator regional a ter em atenção é, por sinal, aquele que mais fez para travar a independência de Angola: a África do Sul, país que procurou sustentar a presença portuguesa como forma de evitar o surgimento de uma Angola independente que pudesse promover a independência da Namíbia e potencialmente o fim do seu regime de Apartheid, condenado internacionalmente. O apoio sul-africano manifestar-se-ia no âmbito da diplomacia, do financiamento, do envio de armamento e das próprias forças militares que participavam em missões juntamente com os portugueses, chegando a fazer ações no sul de Angola para combater os nacionalistas namibianos da SWAPO. Semelhante proximidade evoluiu para uma verdadeira estratégia concertada, reunindo as lideranças sul-africanas, portuguesas e rodesianas, que conduziu à emergência de um programa secreto intitulado “exercício Alcora”, que é, no entanto, travado pelo 25 de Abril.<sup>104</sup>

Analisando o apoio africano dos vários movimentos, é possível observar uma tendência de apoio ao MPLA por parte dos estados africanos caracterizados por uma linha política progressista e próxima do marxismo-leninismo, muitos dos quais compunham o *Bloco de Casablanca* no interior da OUA.<sup>105</sup> A FNLA procura mobilizar o apoio dos estados africanos do *Bloco de Monróvia*, caracterizados por um discurso mais conciliatório com o Ocidente, um esforço que se revela em larga medida infrutífero, permanecendo o Congo-Léopoldville/Kinshasa o principal apoio deste movimento.<sup>106</sup> A UNITA não contaria com o apoio junto de qualquer país africano à exceção da Zâmbia, que era no entanto bastante reduzido.

Quanto ao envolvimento das superpotências, é possível constatar uma posição desde muito cedo favorável, por parte da URSS, relativamente à ideia de emancipação dos povos de África e da Ásia, com este país a condenar firmemente as práticas coloniais das potências europeias. A União Soviética providenciaria apoio político, económico e militar aos movimentos anticoloniais, chegando a fornecer

---

<sup>102</sup> MATEUS 1999, p. 122.

<sup>103</sup> MARCUM 1969, p. 307. RODRIGUES 2008, pp. 84 – 88.

<sup>104</sup> AFONSO, GOMES 2010, pp. 797 – 799.

<sup>105</sup> MARCUM 1969, p. 203.

<sup>106</sup> MARCUM 1969, pp. 255 – 259.

apoio armado aos grupos de guerrilha, particularmente aqueles que eram caracterizados por uma linha política mais próxima do marxismo-leninismo. Em Angola foi o MPLA, que desde cedo pôde contar com o apoio de Moscovo na sua luta anticolonial.<sup>107</sup>

Os Estados Unidos assumem uma atitude mais ambígua, com Washington a procurar estabelecer um equilíbrio entre os seus valores, historicamente anticoloniais, e a sua aliança com potências coloniais.<sup>108</sup> Um dilema entre a Europa e África que, no decorrer da administração Kennedy, pende para o segundo, com os EUA a condenarem abertamente o colonialismo português,<sup>109</sup> chegando a apoiar líderes nacionalistas como Holden Roberto assim como Eduardo Mondlane. Lisboa responde ameaçando cortar o acesso norte-americano à base das Lages, estratégica para um rápido acesso à Europa e Médio Oriente, uma posição que leva Washington a recuar em 1962.<sup>110</sup>

A China assumiria também desde início uma posição anticolonial, em linha tanto com o bloco afro-asiático como com as restantes nações do campo socialista. Os chineses providenciam apoio aos três movimentos que lutam pela independência em Angola, o que provoca o distanciamento do MPLA,<sup>111</sup> isto apesar da China ter sido a primeira grande potência a providenciar apoio significativo a este movimento.<sup>112</sup> No caso da FNLA, após a redução do apoio norte-americano, este movimento virar-se-ia para a China, que lhe providencia armamento a partir do final de 1963.<sup>113</sup> A China representa ainda o único apoio entre as grandes potências à UNITA, tendo Jonas Savimbi frequentado um curso militar neste país. A importância do apoio chinês é evidenciada pela aprovação, na conclusão do 2.º Congresso da UNITA, de uma saudação à República Popular da China, “centro da revolução mundial”, a Mao Tsé Tung e à sua “revolução proletária cultural”.<sup>114</sup>

Analisando o envolvimento das potências médias e de outros estados fora do continente africano, é de realçar o forte apoio que o MPLA usufrui da Europa Oriental, particularmente da Alemanha Democrática.<sup>115</sup> A Roménia assume uma atitude divergente, apostando na FNLA.<sup>116</sup> No caso da Jugoslávia, caracterizada por uma linha política independente de Moscovo, apostaria desde cedo no apoio ao nacionalismo angolano e particularmente ao MPLA. As nações da Europa Ocidental assumem uma posição mais complexa, com países como a França e a Alemanha Federal a discordarem

---

<sup>107</sup> MATEUS 1999, pp. 127 – 128. SÁ, 2011, pp. 125 – 127.

<sup>108</sup> SÁ 2011, pp. 22 – 25.

<sup>109</sup> MARCUM 1969, p. 181.

<sup>110</sup> MARCUM 1969, p. 186.

<sup>111</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 317.

<sup>112</sup> MARCUM 1969, p. 44.

<sup>113</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 294.

<sup>114</sup> WHEELER, PÉLISSIER 1971, p. 317. MATEUS 1999, p. 129.

<sup>115</sup> MATEUS 1999, p. 130.

<sup>116</sup> WHEELER, PÉLISSIER 2009, p. 294.

da atitude hostil dos EUA ao colonialismo português, continuando a providenciar armamento para o esforço de guerra português, não obstante a pressão norte-americana.<sup>117</sup> Apesar disto o MPLA procura conquistar o apoio da esquerda europeia, através da qual consegue fornecer bolsas de estudo aos seus militantes na Europa Ocidental.<sup>118</sup> Os países nórdicos assumem uma posição vincadamente anticolonial, providenciando apoio aos nacionalistas e em particular ao MPLA. Na América do Sul e Central, o Brasil manifesta desde os anos 50 e 60 apoio ao nacionalismo angolano, com o MPLA a gozar da simpatia da comunidade intelectual brasileira.<sup>119</sup> Cuba, por sua vez, providencia apoio militar assim como médico a este movimento desde os anos 60.<sup>120</sup>

A falta de resultados das investidas militares dos nacionalistas contribui para a diminuição da atenção dos vários atores internacionais sobre Angola, algo que é particularmente visível no caso dos Estados Unidos, cuja administração Nixon se conforma com a presença de regimes brancos na África Austral.<sup>121</sup> No caso da URSS, este país reorienta o seu apoio à Revolta de Leste, para depois cessar todo o envolvimento.<sup>122</sup> Apesar deste cenário de impasse, importa ter em atenção que a guerra em Angola, longe de constituir um acontecimento isolado, fazia parte de um conflito que afetava todo o império e no qual a derrota numa das frentes teria repercussões sobre todas as outras. Uma realidade que não era ignorada pelos militares, cientes da iminência do colapso militar em Guiné-Bissau e do imobilismo do regime face a esta situação.

## 1.5 – Estrutura

O período estudado foi subdividido neste trabalho ao longo de três capítulos. O capítulo 2, Fase Spínolista, aborda o período que se seguiu ao 25 de Abril, no decorrer do qual o então presidente da República, António de Spínola, procurou impor uma estratégia de federalização após referendo, mesmo à custa da continuação da guerra. Um projecto que acabaria no entanto por fracassar, levando Spínola a reconhecer oficialmente o direito dos povos colonizados à independência, inscrito na Lei 7/74.

O capítulo 3 debruça-se sobre o período no qual o estado português reconheceu formalmente o direito à independência e iniciou as negociações para a transferência de poderes com os movimentos, estando dividido em duas partes. A primeira observa os efeitos da Lei 7/74 assim como as tentativas

---

<sup>117</sup> MARCUM 1969, pp. 188 – 189.

<sup>118</sup> MARCUM 1969, pp. 200 – 201.

<sup>119</sup> MARCUM 1969, p. 189. MARCUM 1969, pp. 201 – 202.

<sup>120</sup> MATEUS 1999, pp. 128 – 129.

<sup>121</sup> CORREIA 1991, p. 29.

<sup>122</sup> TELO 2007, p. 160. SÁ, 2011, pp. 47 – 48.

de Spínola de diferenciar a descolonização em Angola da de Moçambique e de Guiné-Bissau. Tentativas que terminam com o fracasso da manifestação da ‘maioria silenciosa’, que culminou na demissão de Spínola e na ascensão de Costa Gomes à presidência da República. O afastamento de Spínola assinala uma nova fase neste processo, caracterizada por uma clarificação definitiva do projecto de descolonização de Angola por parte do estado português, o qual não seria diferente do de Moçambique e Guiné Bissau, e que é analisada na segunda parte deste capítulo, que examina o processo de assinatura de cessar-fogos, tanto entre Portugal e os movimentos como entre os próprios movimentos, bem como as negociações para a independência angolana, que culminam na cimeira de Alvor.

O Quarto Capítulo percorre o período posterior à cimeira no Algarve e no decorrer do qual se deveriam implementar os acordos firmados em Alvor entre os movimentos angolanos e o Estado Português, acordos que incluíam a formação de um governo de coligação, a necessidade de eleições e o dia 11 de Novembro de 1975 como a data oficial da independência angolana. Este capítulo encontra-se dividido em três partes, com a primeira a analisar a fase de aparente entendimento entre os movimentos que se seguiu à cimeira no Algarve, caracterizada pela ocorrência de incidentes de reduzida intensidade. Já a segunda observa os acontecimentos após 23 de Março, um dia marcado por violentos confrontos entre a FNLA e o MPLA, que custam dezenas de vidas e que assinalam um escalar da violência, com o recurso cada vez maior a armamento pesado, a entrada da UNITA nos confrontos (até aí sobretudo entre o MPLA e a FNLA) e pela expansão da intervenção zairense em Angola, com a entrada de um cada vez maior número de tropas. A terceira parte examina os acontecimentos após a tomada de Luanda pelo MPLA, a 12 de Julho, que precipita o fim oficial dos acordos de Alvor, com a dissolução do disfuncional Governo de Transição, e o escalar das intervenções externas, nomeadamente dos Estados Unidos, África do Sul, Cuba e União Soviética.

## Cap. 2 – Fase Spínoquista

### 2.1 – A nova estratégia de Lisboa

No dia 25 de Abril de 1974 termina a mais velha ditadura da Europa Ocidental, derrubada em menos de 24 horas por um golpe de estado conduzido pelo Movimento das Forças Armadas.<sup>123</sup> Cercado por populares e rebeldes, o último presidente do Conselho, Marcello Caetano, procura fazer a sua rendição a alguém capaz de garantir que o poder não caísse na rua.<sup>124</sup> Esse alguém seria António de Spínola, o mesmo general que havia sido demitido recentemente por não ter comparecido à cerimónia de «vassalagem»,<sup>125</sup> conhecida entre os seus críticos como a da “brigada do reumático”. Este, porém, uma vez contactado, explica que só podia aceitar após consultar os conspiradores. A posição do MFA era delicada, dado que Costa Gomes tinha sido já escolhido, no contexto de uma votação secreta realizada a 1 de dezembro de 1973 em Óbidos, para presidir os destinos do país, cabendo a Spínola (a segunda figura mais votada) a posição de Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas (CEMGFA).<sup>126</sup> Os conspiradores tinham acabado, no entanto, por aceitar,<sup>127</sup> o que permite agora a Spínola receber de modo triunfal (nas palavras de Salgueiro Maia: «com ar de dono da guerra») a rendição do chefe do regime ditatorial, naquilo que se traduziu numa verdadeira cerimónia de transferência de poderes.<sup>128</sup> Ao chegar ao quartel da Pontinha, onde estavam reunidos os conspiradores, o general distribui promoções ao mesmo tempo que manda todos para casa, pois os “seus rapazes” iam tratar do resto, atitude comparada por Sousa e Castro a um autêntico «golpe de estado dentro de um golpe de estado».<sup>129</sup>

As promoções são prontamente recusadas, naquele que seria um dos primeiros choques entre Spínola e o MFA após a queda do regime, que é logo seguido por outro, devido à intenção do general de pôr de parte, pura e simplesmente, o programa dos que haviam feito o golpe de estado.<sup>130</sup> Seguir-se-ia uma longa noite de discussão entre a comissão política do MFA e os membros da Junta de Salvação Nacional que tinham chegado ao quartel da Pontinha, mais especificamente o general Costa Gomes, o brigadeiro Jaime Silvério Marques, o coronel Galvão de Melo, o capitão de mar e guerra Pinheiro de Azevedo e o capitão de fragata Rosa Coutinho, não podendo o general Diogo Neto comparecer em

---

<sup>123</sup> CORREIA 1991, p. 27.

<sup>124</sup> RODRIGUES 2010, p. 271.

<sup>125</sup> RODRIGUES 2010, pp. 234 – 235.

<sup>126</sup> RODRIGUES 2010, pp. 243 – 249.

<sup>127</sup> TELO II (1) 2007, pp. 24 – 25.

<sup>128</sup> TELO II (1) 2007, p. 25.

<sup>129</sup> RODRIGUES 2010, p. 278.

<sup>130</sup> TELO II (1) 2007, p. 26.

virtude de se encontrar em Moçambique.<sup>131</sup> Para além da escolha do líder da JSN seriam ainda estudadas alterações de última hora ao programa do MFA, como foi o caso do «claro reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação», com os representantes do movimento conspirativo a aceitarem ficar-se por um reconhecimento de que a solução para a questão colonial era “política e não militar” (precisamente de acordo com os princípios estipulados por Spínola no livro *Portugal e o Futuro*). É ainda decidida a continuação da DGS (Direção-Geral de Segurança) nos territórios africanos (que passa a designar-se ‘Polícia de Informação Militar’ [PIM]), dado que o apoio desta seria fundamental para uma guerra cuja continuação os objetivos de Spínola tornavam inevitável.<sup>132</sup> A discussão reveste-se de um ambiente de tensão, chegando um dos membros do MFA a avisar Spínola de que «a revolução não acabou. Há lá carros de combate que não obedecem ao senhor general e nos obedecem a nós, portanto, o senhor não domina a situação militar».<sup>133</sup>

A discussão seria interrompida brevemente para que Spínola, juntamente com os membros da JSN, anunciasse publicamente, nos meios televisivos, os objetivos do golpe de estado, que incluíam não apenas a instauração da democracia em Portugal mas também a garantia da «sobrevivência da Nação (...) no seu todo pluricontinental». Este anúncio permite a Spínola reforçar-se nas negociações com o MFA, que continuariam por mais algumas horas, ao mesmo tempo que lhe permite dar a conhecer à população o seu projeto para o futuro, tanto do país como do império.<sup>134</sup>

Spínola pretende evitar uma descolonização que se traduzisse numa mera transferência de poderes para os movimentos nacionalistas que travavam a guerra, cuja representatividade, assim como a proximidade ao campo socialista, o próprio suspeita.<sup>135</sup> O projeto de Spínola passava antes por um projeto federalista, decidido após um referendo a realizar por todo o império. Esta atitude era próxima da de Costa Gomes, o qual, no decorrer da sua visita aos territórios africanos, ofereceria aos movimentos que travavam a guerra o reconhecimento, por parte do Estado Português, do estatuto de «partidos políticos», sob a condição destes baixarem as armas e passarem a combater «democraticamente». A recusa desta proposta, segundo o agora CEMGFA, significaria a continuação da guerra.<sup>136</sup>

---

<sup>131</sup> RODRIGUES 2010, p. 278.

<sup>132</sup> RODRIGUES 2010, pp. 280 – 284.

<sup>133</sup> TELO II (1) 2007, p. 26.

<sup>134</sup> RODRIGUES 2010, pp. 280 – 284.

<sup>135</sup> RODRIGUES 2010, p. 356.

<sup>136</sup> RODRIGUES 2010, pp. 351 – 356.

## 2.2 – As Forças Armadas em Angola

Após o derrube da ditadura em Portugal, verifica-se uma vaga de desorientação no seio das Forças Armadas em África, com muitos soldados portugueses a deixarem de compreender o sentido da guerra após a sua queda, uma situação que é agravada com a chegada de unidades metropolitanas.<sup>137</sup> No caso dos soldados africanos, que constituíam uma parcela significativa do contingente militar português, a situação conseguia ser ainda mais difícil, dado que o fim da presença portuguesa colocava-os perante a difícil posição de colaboracionistas. Os casos de deserção e de recusa em combater multiplicam-se,<sup>138</sup> chegando a ocorrer dois casos sérios de insubordinação, nos quais duas unidades, uma estacionada em Grafanil,<sup>139</sup> nas proximidades de Luanda, e outra em Cabinda,<sup>140</sup> assinam comunicados onde rejeitam a continuação da guerra (este último bastante publicitado pelo MPLA).<sup>141</sup> Incidentes que seriam resolvidos localmente,<sup>142</sup> mas que revelam o nível de desmotivação entre as tropas. Um relatório militar chega a referir os efeitos perniciosos da chegada de uma unidade, o Batalhão de Artilharia 6323/73, que participara nas movimentações do 25 de Abril, na perda da moral das tropas, e em especial as africanas, cujo futuro estava em jogo.<sup>143</sup> O próprio Costa Gomes, no decorrer da sua passagem por Angola, toma conhecimento de um batalhão, sediado em Carmona (atual Uíge), que queria «única e simplesmente, entregar as armas e todo o material à FNLA, para regressar de imediato», o que leva o CEMGFA a «enviar um batalhão de para-quedistas buscá-los».<sup>144</sup>

Receia-se igualmente a reação das ‘Forças Auxiliares’ após o 25 de Abril, questionando o comando-chefe sobre qual será a atitude dos Fiéis e dos Leais se estes “percebem ou se convencem que os abandonamos ou vamos entregar (sic)”, propondo para esse efeito o estabelecimento de contactos com África do Sul ou a Rodésia “para saber do interesse ou desinteresse em receber os Leais e os Fiéis que nesses Países se queiram refugiar. (sic)” Ao nível das ‘Tropas Especiais’ de Cabinda, verifica-se a militância aos ideais do independentismo local, pedindo Franco Pinheiro, na mesma mensagem, que

---

<sup>137</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 *Relatório Periódico de Contra-Subversão* nº 11, de GECCS/QG/CCFAA – CPCS, 17/06/74.

<sup>138</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 *Relatório Periódico de Contra-Subversão* nº 11, de GECCS/QG/CCFAA – CPCS, 17/06/74.

<sup>139</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 *Relatório especial sobre incidente disciplinar ocorrido, em 25JUN74, com a CART 3564*, 04/07/74. ADN/F3/S19/Cx39/V7 Abaixo-assinado da unidade CART 3564, 25/06/74 confrontar fonte pp. 155-158.

<sup>140</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Anon., 20/06/74.

<sup>141</sup> Diário Popular, 21/06/75, p. 17.

<sup>142</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 *Relatório especial sobre incidente disciplinar ocorrido, em 25JUN74, com a CART 3564*, 04/07/74.

<sup>143</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 *Relatório da Situação Psicológica do Pessoal* nº. 1/74, Cmdt Alfredo José Palla Machado da Silva, 29/06/74.

<sup>144</sup> RODRIGUES 2010, p. 376.



fosse “superiormente definida a política do Governo Central quanto ao povo de Cabinda”, uma vez que “TE’s de Cabinda (...) reagirão positiva ou negativamente conforme esse direito a autodeterminação lhe for ou não reconhecido.”<sup>145</sup>

As células do Movimento das Forças Armadas em África desempenhariam um importante papel na contenção desta vaga de desorientação, assim como na motivação das tropas no sentido da sua nova missão após o 25 de Abril.<sup>146</sup> O MFA em Angola, no entanto, ao contrário do que se passara nos ramos do movimento conspirativo nos outros teatros de guerra, não acompanhara o salto qualitativo que se verificou na reunião de Cascais de 5 de março de 1974, entrando numa fase de paralisia após as prisões que se seguiram à tentativa de golpe de 16 de março. A falta de dinamismo do movimento neste território, na perspetiva de Pezarat Correia (uma destacada figura do MFA de Angola e mais tarde também do MFA global), devia-se em grande parte ao cariz conservador da oficialidade em Luanda, com muitos militares a instalarem-se em Angola e a fazerem as suas vidas neste território de acordo com as regras do sistema colonial, de modo que «Angola era a sua terra de adoção, mas não como país autónomo e independente».<sup>147</sup> Esta posição é igualmente partilhada por José Villalobos Filipe, outra importante figura do ramo local do Movimento das Forças Armadas: “A oficialidade de Luanda era uma oficialidade onde facilmente se encontravam pessoas que estavam lá largos anos seguidos. Porquê, porque se conseguissem ficar em Luanda, não corriam o risco de ir para a Guiné ou Moçambique, e portanto eram lugares apetecíveis (...) onde se permanecia o máximo tempo possível. O que estas pessoas devem ter pensado primeiro foi: «estes tipos estão a baralhar isto, vão-nos estragar aqui os arranjinhos todos»”.<sup>148</sup>

A debilidade em que se encontrava o MFA de Angola seria contrariada pela ação decisiva do novo comandante-chefe, o general Franco Pinheiro, que logo após chegar a Luanda decide constituir um Gabinete do MFA para o apoiar na sua ação de comando, reunindo-se para esse efeito com os membros das duas coordenadoras anteriores do movimento neste território, reunião na qual Pezarat Correia é escolhido para formar o Gabinete.<sup>149</sup> O novo comandante-chefe, em linha com a nova política de Lisboa, determina também a libertação dos presos políticos, assim como o termo das operações militares ofensivas.<sup>150</sup>

---

<sup>145</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm QG/CCFAA a CEMGFA, 07/06/74.

<sup>146</sup> TELO II (2) 2007, pp. 154 – 158.

<sup>147</sup> CORREIA 1991, pp. 26 – 27.

<sup>148</sup> FARIA, MARTINS 2014, p. 86.

<sup>149</sup> CORREIA 1991, pp. 27 – 28.

<sup>150</sup> CORREIA 1991, p. 74.

### 2.3 – Os movimentos nacionalistas face à revolução

Após a queda do regime ditatorial, a atitude dos movimentos é marcada por uma forte suspeita relativamente às propostas federalistas e referendárias do general Spínola. O primeiro líder nacionalista a comentar os acontecimentos em Portugal seria Agostinho Neto, no decorrer da sua passagem por Montreal, no Canadá, onde afirma a 27 de abril que era ainda «demasiado cedo para se avaliar o alcance destes», sublinhando, no entanto, que uma «federação», como a que fora proposta pelo general Spínola, implicava que Portugal tivesse sempre «a última palavra a dizer», pelo que não seria aceitável para o MPLA, que lutava por uma «independência completa» de Angola. À noite, no Quebeque, o líder oficial do MPLA assume um tom mais agressivo, apelidando de «fascista, nazi e salazarista» o general António de Spínola, sendo que, nas suas palavras, «seja qual for a fórmula política adotada pelo general Spínola, esse nazi, para resolver a questão colonial, esta será inaceitável se não equivaler à independência pura e simples de Angola».<sup>151</sup> A 11 de maio emerge publicamente a Revolta Ativa, através de um comunicado chamado ‘Documento dos 19’, no qual são feitas duras críticas, tanto à situação interna do movimento como à política colonial do Portugal pós-revolucionário.<sup>152</sup> A 2 de julho, o comando-chefe informa que “fação A. Neto mantém intenção luta armada. Por outro lado admitimos que facção Chipenda e assinantes apelo mais facilmente aceitarão diálogo. (sic)”<sup>153</sup> O interesse em explorar as divisões no seio do MPLA torna-se evidente.

A resposta oficial da FNLA seria conhecida a 30 de abril, com o anúncio a partir de Kinshasa do “prosseguimento da guerra e da sua intensificação até que a justiça, o bom senso e o direito dos povos de se disporem de si próprios leve a melhor”,<sup>154</sup> ao mesmo tempo que Holden Roberto ordena às suas tropas estacionadas no Norte do território a intensificação das ações armadas.<sup>155</sup>

Os movimentos rejeitam as propostas de Spínola e exigem um reconhecimento puro e simples do direito à independência, o que leva a um intensificar das hostilidades no pós-25 de Abril,<sup>156</sup> dando-se já em finais de abril e ao longo do mês de maio um aumento das baixas de parte a parte.<sup>157</sup> Face a isto, o comandante-chefe de Angola determina, numa mensagem datada de 18 de junho, que “sendo indubitável MPLA FNLA não desejam por agora qualquer cessar-fogo”, que “fiquem sem efeito as restrições a destruições lavras cubatas que possam servir apoio bandos armados aqueles movimentos

---

<sup>151</sup> RODRIGUES 2010, p. 352.

<sup>152</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 794.

<sup>153</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA/2ª. Rep a geraldefnac, 02/07/74.

<sup>154</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 793.

<sup>155</sup> Sá 2011, pp. 76 – 77 (4 dias depois do ataque da UNITA, que se deu um dia depois do 25 de Abril).

<sup>156</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Mem 3ª Rep./QG/CCFAA, 18/06/74.

<sup>157</sup> CORREIA 1991, pp. 97 – 98.

(sic)”.<sup>158</sup> Franco Pinheiro, após regressar de Cabinda onde uma unidade portuguesa tinha recentemente recusado combater, naquilo que o comandante-chefe descreve como uma “manifestação cobardia disfarçada” de “questão ideológica,” insistiria no entanto na importância de se encetarem contactos diplomáticos com o “MPLA e República Congo”,<sup>159</sup> o que teria uma resposta afirmativa por parte do CEMGFA.<sup>160</sup>

No caso da UNITA, que tinha chegado a colaborar com as forças portuguesas na luta contra os rivais, tornou-se no primeiro a atacar logo após o 25 de Abril. O movimento de Jonas Savimbi reduz, contudo, a intensidade das ações armadas, como revela uma mensagem do comando-chefe datada de 10 de Junho: “Aditamento msg secreto 2153 OP de 091010Jun esclareço numero B não diz respeito (,) repito (,) não diz respeito ações sobre UNITA enquanto esta mantiver actual passividade actividade. (sic)”<sup>161</sup> Quatro dias depois, o movimento de Savimbi converte-se no primeiro a estabelecer um cessar-fogo com as forças portuguesas, negociado com militares ligados ao MFA sob a mediação de um padre católico,<sup>162</sup> António de Araújo Oliveira, que ajudara Savimbi a contactar com prisioneiros da UNITA recentemente libertados pelos portugueses.<sup>163</sup> Este acordo, que possibilitou à UNITA conduzir ações de propaganda por todo o território angolano, foi alvo de fortes críticas por parte dos rivais nacionalistas,<sup>164</sup> as quais crescem ainda mais após a publicação, na revista “Afrique-Asie”, de parte da correspondência entre Savimbi e as autoridades portuguesas no decorrer da guerra,<sup>165</sup> no que constitui um duro golpe para a imagem da UNITA.

## 2.4 – A dimensão internacional após o 25 de Abril

Ao nível africano, verifica-se uma condenação generalizada à relutância do novo regime em Lisboa em reconhecer o direito dos povos, sob o seu domínio colonial, à independência. Esta tomada de posição de proporções pan-africanas faz-se sentir com especial força na cimeira da OUA, entre 12 e 14 de junho, que reúne os chefes de Estado e de Governo de 42 Estados-membros e representantes de 14 movimentos de libertação e conclui, à semelhança do que acontecera na conferência de 10 de maio, na aprovação de uma resolução onde se assegura o apoio militar aos movimentos nacionalistas, ao mesmo tempo que estabelece que «o novo governo» em Lisboa «não seria reconhecido enquanto não

---

<sup>158</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA a dispositivo militar, 18/06/74.

<sup>159</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA a CEMGFA, 04/06/74 confrontar fonte p. 153.

<sup>160</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CEMGFA a Franco Pinheiro/CCFAA, 06/06/74.

<sup>161</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA/GMFA a CEMGFA, 02/06/74 confrontar fonte p. 154.

<sup>162</sup> CORREIA 1991, p. 98. REZOLA 2012, p. 168.

<sup>163</sup> MARCUM 1978, p. 247.

<sup>164</sup> MARCUM 1978, p. 248.

<sup>165</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA /2ª. Rep a geraldefnac, 05/07/74. CORREIA 1991, p. 39.

aceitasse o direito à independência e iniciasse conversações para a transferência de poderes». <sup>166</sup> Sensível à importância dos estados africanos para o futuro do império português, Spínola envia uma mensagem ao então secretário-geral da OUA, o general Yakubu Gowon da Nigéria, explicando os seus objetivos e que é lida logo no início da conferência, não conseguindo, porém, convencer os líderes africanos. <sup>167</sup>

Alguns países africanos teriam no entanto planos que estavam longe de alinhar com os princípios da OUA, nomeadamente o da integridade territorial de Angola. Tais eram os do Congo e do Zaire, que ambicionavam uma Cabinda independente (e anexável). O Congo assume a iniciativa, com a realização, a 30 de junho, de um “Congresso de Unidade” em Ponta Negra, onde se reúnem numerosos grupos independentistas cabindas sob a égide da ‘Frente de Libertação do Enclave de Cabinda’ (FLEC). Este evento, que altera a designação do movimento para ‘Frente de Libertação do Estado de Cabinda’ conduz à presidência Auguste Tchioufou, <sup>168</sup> líder de uma das facções e que até 1971 desempenhara as funções de funcionário público no Congo-Brazzaville. O até aí líder, Luís Franque Ranque, é relegado ao estatuto de “presidente honorário”, sendo Alexandre Taty (um antigo membro da UPA) elevado a secretário de defesa, o que confere à FLEC as forças de contrainsurgência comandadas por este, denominadas Flechas. <sup>169</sup> Franque Ranque entra, no entanto, em choque com Tchioufou, <sup>170</sup> encontrando-se na qualidade de presidente da organização independentista com Mobutu, que anuncia não colocar «objeções» a que as negociações entre a FLEC e Portugal decorressem no seu país. <sup>171</sup> O Zaire procura também tomar uma posição de força, intensificando o seu apoio militar à FNLA, à qual providencia uma centena de instrutores. De acordo com uma fonte da PIM, Mobutu reunir-se-ia com os presidentes da FNLA e do MPLA a 30 de maio, tendo-lhes afirmado que, caso Portugal não aceitasse conceder a independência, o Zaire interviria com as Forças Armadas <sup>172</sup> (uma notícia congoleza refere a eminência de uma invasão zairense). <sup>173</sup>

Relativamente à África do Sul, a prioridade deste país, ao tornar-se evidente que o império português ia acabar, passava pela necessidade de uma nova estratégia que garantisse a chegada ao poder em

---

<sup>166</sup> RODRIGUES 2010, pp. 385 – 386.

<sup>167</sup> RODRIGUES 2010, pp. 403 – 404.

<sup>168</sup> Século, 02/09/74. AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Comunicado do Comité Executivo da FLEC, 22/09/74.

<sup>169</sup> MARCUM 1978, p. 253.

<sup>170</sup> MARCUM 1978, p. 253.

<sup>171</sup> RODRIGUES 2010, p. 407.

<sup>172</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA/2ª. Rep a EMGFA/SCCIA/ZML/Sec Cab, 23/05/74.

<sup>173</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA /2ª. Rep a Geraldfnac/ZMN/Sec Cab/PIM/SCCIA, 20/06/74.

Angola de um governo que não apoiasse a SWAPO.<sup>174</sup> Ao mesmo tempo as autoridades sul-africanas fariam esforços no sentido de manter o contacto com os portugueses.<sup>175</sup>

Já os EUA reagem com surpresa perante a nova estratégia africana do pós-25 de Abril, com Kissinger a comentar que «eles devem estar loucos em pensar que podem segurar as colónias de uma forma mais liberal [isto é, de esquerda]», concluindo que «Assim que seguirem esse caminho irão perder as colónias».<sup>176</sup> Algo que demonstra a forma como a liderança norte-americana conseguia ser quase mais conservadora que Spínola. A situação interna, marcada por fortes protestos contra a administração Nixon, a que acrescia a guerra do Vietname, impede os Estados Unidos, no entanto, de assumirem uma papel mais interventivo e decisivo nos acontecimentos que têm lugar em África.<sup>177</sup> Spínola procura pressionar os Estados Unidos a desempenharem uma atitude mais afirmativa, reunindo-se para esse efeito nos Açores, a 19 de junho, com o seu homólogo norte-americano, Richard Nixon. Apesar deste encontro, Washington acaba por não disponibilizar o apoio que Spínola esperava, sendo o próprio presidente norte-americano demitido pouco tempo depois.<sup>178</sup>

Semelhante inação contrasta com as potências socialistas, iniciando a União Soviética, já em maio, uma estratégia de fortalecimento do MPLA, com o Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético a instruir os seus diplomatas em Brazzaville, Lusaca e Dar-Es-Salaam para «repararem o MPLA», promovendo uma reunificação sob a égide de Agostinho Neto<sup>179</sup> (algo que é rejeitado por José Milhazes, que sustenta, baseado nas memórias de agentes soviéticos, que a intervenção da URSS só ocorreu em outubro de 1975).<sup>180</sup> A China por sua vez envia, também já em maio, o primeiro contingente de cerca de 112 instrutores militares<sup>181</sup> para treinar os soldados do ELNA (‘Exército de Libertação Nacional de Angola’, o braço armado da FNLA) na base militar de Kinkuzo.<sup>182</sup> O apoio à FNLA é feito em coordenação com os zairenses, fornecendo a China dois terços do equipamento e o Zaire um terço.<sup>183</sup> Uma notícia de 4 de maio prevê mesmo uma “grande ofensiva” de forças da FNLA, zairenses, chinesas e cubanas a partir de 20 de maio.<sup>184</sup> É assim possível concluir que, nesta fase, a “competição entre superpotências” assume um tom de rivalidade sino-soviético e não tanto soviético-americana, com um documento do Conselho de Segurança Nacional dos EUA a afirmar que a China

---

<sup>174</sup> SÁ 2011, p. 81.

<sup>175</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA a Geraldefnac, 17/06/74.

<sup>176</sup> RODRIGUES 2010, p. 388.

<sup>177</sup> Telo II (1) 2007, p. 167. SÁ 2011, pp. 48 – 49.

<sup>178</sup> RODRIGUES 2010, pp. 407 – 411.

<sup>179</sup> SÁ 2011, p. 79.

<sup>180</sup> MILHAZES 2013, pp. 35 – 69.

<sup>181</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Mem 3ª Rep/QG/CCFAA, 18/06/74. ADN/F3/S19/Cx40/V14 Rlt, Luanda, 20/07/74.

<sup>182</sup> SÁ 2011, p. 80.

<sup>183</sup> MARCUM 1978, pp. 245 – 246.

<sup>184</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA a dispositivo militar, 04/05/74.

vê «indiscutivelmente a FNLA como um meio para competir com os interesses soviéticos em Angola».<sup>185</sup>

Ao passo que a Europa Oriental (e ‘Neutral’) intensifica o seu apoio ao MPLA (uma situação que apenas não se verifica no caso da Roménia, que aposta na FNLA),<sup>186</sup> a atitude da Europa Ocidental evolui de um entusiasmo inicial pela revolução em Portugal para uma crescente preocupação, senão mesmo frustração, com a relutância do novo poder em Portugal em reconhecer, pura e simplesmente, o direito à independência das suas colónias. Algo visível na tomada de posição do primeiro-ministro holandês logo a 26 de abril, com este a descrever o «golpe de Spínola» como «extremamente importante», aconselhando porém prudência na análise dos acontecimentos, em virtude das declarações do general português, relativas à permanência de Portugal enquanto «nação pluricontinental».<sup>187</sup> Os britânicos, que oferecem desde o dia da revolução o seu apoio ao esforço de descolonização, manifestam cada vez mais a sua frustração com a situação, com o Foreign Office a informar a Embaixada em Lisboa a 13 de maio que o primeiro-ministro, Harold Wilson, estava a ficar «impaciente» com a demora do início da descolonização, receando que Spínola pudesse «deitar tudo a perder».<sup>188</sup>

## **2.5 – A população – do silêncio à mobilização**

A reação inicial nas ruas em Angola após os acontecimentos em Lisboa é marcada por alguma cautela, que reflete a lenta resposta da administração colonial, com o governador, Santos e Castro, o qual, segundo Tavares Pimenta, procuraria esclarecer o que se passara em Lisboa e, acima de tudo, se existia alguma resistência das forças leais ao regime.<sup>189</sup> Apesar desta demora o comando-chefe nega a Lisboa a veracidade duma notícia, publicada a 26 de abril no “Diário de Luanda”, segundo a qual “o poder político continua nas mãos de Santos e Castro”.<sup>190</sup> O governador demite-se apenas a 27 de abril, sendo substituído interinamente pelo “segundo” na liderança.<sup>191</sup> As autoridades em Angola procuram conter as manifestações, afirmando o comando-chefe que os cidadãos tinham direito a se manifestar “desde que se conformem com a ordem pública instaurada pelo Movimento das Forças Armadas.”<sup>192</sup> Dá-se mesmo um incidente em que dois manifestantes são detidos por empunharem um cartaz a exigir

---

<sup>185</sup> SÁ 2011, p. 80.

<sup>186</sup> MARCUM 1978, pp. 264 – 266.

<sup>187</sup> RODRIGUES 2010, p. 387.

<sup>188</sup> RODRIGUES 2010, pp. 386 – 387.

<sup>189</sup> PIMENTA 2008, pp. 349 – 351.

<sup>190</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA a geraldefnac, 28/04/74 confrontar fonte p. 151.

<sup>191</sup> PIMENTA 2008, p. 350.

<sup>192</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA a defnac, 27/05/74.

a independência, um gesto que leva os restantes a dispersar,<sup>193</sup> sendo estes dois libertados, no entanto, por uma companhia da polícia militar, cujo comandante era capitão do MFA.<sup>194</sup> Como então se dizia, «o 25 de Abril tardou a chegar a Angola».<sup>195</sup>

Um clima de mobilização social começa, no entanto, a fazer-se sentir nas ruas de Angola, com um multiplicar de manifestações a partir de finais de abril e particularmente de 1 de maio, com exigências de cariz laboral passando ao reconhecimento do direito à independência de Angola,<sup>196</sup> tudo isto ao mesmo tempo que se formam dezenas de grupos políticos.<sup>197</sup> As várias dezenas de organizações que surgem nesta vaga de mobilização popular são possíveis de classificar em três grupos distintos. O primeiro era composto por organizações oriundas da oposição à ditadura em Angola, sendo muitos dos seus membros brancos e mestiços, caracterizados por uma linha ideológica de esquerda próxima do MPLA, sendo apelidados por Tavares Pimenta de «movimentos democráticos». Entre estes o que mais se destaca é o Movimento Democrático de Angola (MDA),<sup>198</sup> com todos os outros a serem descritos por Pizarat Correia como as antenas deste fora de Luanda.<sup>199</sup> Um relatório, datado de 20 de julho, descreve estes grupos como “estritamente ligados ao Movimento Popular de Libertação de Angola”, que os pretendia usar para fazer a propaganda que ainda não podia divulgar.<sup>200</sup>

Já o segundo grupo é composto por organizações defensoras de uma independência em moldes neocoloniais, contando com o apoio dos principais grupos económicos angolanos, sendo o mais expressivo o Partido Cristão Democrático de Angola (PCDA).<sup>201</sup> Por fim, o terceiro grupo é composto por formações políticas que rejeitavam uma independência angolana, apostando num apoio conjuntural às teses federalistas do general Spínola, num esforço de “salvar o salvável” do império, sendo caracterizadas por um fraco apoio entre a população.<sup>202</sup> Spínola procura promover estas forças, encarregando três militares da sua confiança de «montar uma força credível» em Angola, a partir das estruturas do regime ditatorial, que pudesse servir de alternativa aos movimentos nacionalistas, e em especial ao MPLA. Em meados de julho é entregue ao comandante-chefe Franco Pinheiro uma lista para a «direção da organização», sendo criada a 22 de julho a Frente de Resistência Angolana, que pretende lutar em nome dos interesses da comunidade branca em Angola (de uma forma semelhante à OAS argelina), contando com a militâncias de militares e agentes das forças policiais, nomeadamente

---

<sup>193</sup> PIMENTA 2008, pp. 353 – 354.

<sup>194</sup> SÁ 2011, p. 71.

<sup>195</sup> CORREIA 1991, pp. 73 – 74.

<sup>196</sup> PIMENTA 2008, pp. 353 – 359.

<sup>197</sup> MARCUM 1978, p. 243.

<sup>198</sup> PIMENTA 2008, pp. 355 – 356.

<sup>199</sup> CORREIA 1991, p. 75.

<sup>200</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V14 Rlt, Luanda, 20/07/74.

<sup>201</sup> PIMENTA 2008, p. 360.

<sup>202</sup> PIMENTA 2008, pp. 357 – 358.



da PIDE/DGS. Estes militares teriam o apoio do governador-geral escolhido por Spínola: o general Silvino Silvério Marques.<sup>203</sup>

A escolha do novo governador é alvo de uma forte controvérsia, tendo Almeida Santos, na qualidade de ministro da Coordenação Interterritorial (a nova designação do que fora anteriormente o ‘ministro do Ultramar’) sido encarregue de conduzir um inquérito exaustivo em Angola para selecionar o novo governador. No final é nomeado Silvino Silvério Marques,<sup>204</sup> que tinha sido a escolha original de Spínola para governador de Moçambique, o que foi travado pela ação do MFA e de Costa Gomes, dada a proximidade de Silvério Marques às teses integracionistas do regime ditatorial. O CEMGFA consegue, apesar de tudo, impedir a extensão dos poderes deste ao ponto de ser comandante militar, cargo que continua a ser desempenhado por Franco Pinheiro, em virtude de gozar da confiança do MFA local.<sup>205</sup> A nomeação de Silvério Marques, a 11 de junho,<sup>206</sup> causa controvérsia em Angola, onde é recebido, a 15 de junho, no aeroporto por uma manifestação adversa promovida pelo MDA.<sup>207</sup> Também o MFA de Angola reage com surpresa, enviando no dia 26 a seguinte mensagem ao MFA em Lisboa: “Tomamos nota chamamos atenção pequenas joias nossa revolução: “rendo minhas homenagens ao governador cessante engenheiro Santos e Castro e ao governo que presidiu” – palavras novo gg Angola cerimonia transmissão poderes pelo menos devem ser considerados agressão pura e simples. Mas somos todos amigos. Saudações (sic)”<sup>208</sup>.

Ao mesmo tempo que este clima de mobilização política se faz sentir cresce também a tensão racial, como foi evidenciado pela morte do enfermeiro negro João Pedro Benje<sup>209</sup> (cujo funeral é descrito num relatório como “uma autêntica manifestação política”).<sup>210</sup> Outro relatório militar, datado de 11 de junho, refere “o problema de uma possível confrontação” presente, “suscetível de ser precipitada por agitadores dos movimentos emancipalistas de matiz racistas e por brancos que ainda raciocinam e agem em termos de ultrapassado colonialismo.”<sup>211</sup> No mesmo dia dá-se uma invasão dos musseques luandenses por parte de milícias brancas, que pretendem vingar a morte de um taxista branco.<sup>212</sup> Um ataque que custa a vida a cerca de 200 pessoas<sup>213</sup> e que recorda muitos dos massacres de 1961. Desta vez, porém, a população negra reage, expulsando os brancos dos musseques. O MFA teria de intervir

---

<sup>203</sup> RODRIGUES 2010, p. 362.

<sup>204</sup> PIMENTA 2008, p. 365.

<sup>205</sup> MACQUEEN 1997, pp. 162 – 163.

<sup>206</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 797.

<sup>207</sup> PIMENTA 2008, pp. 365.

<sup>208</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm GMFA a MFA Lisboa, 26/06/74 confrontar fonte p. 159.

<sup>209</sup> PIMENTA 2008, pp. 365 – 366.

<sup>210</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V14 Rlt, Luanda, 20/07/74.

<sup>211</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 *Relatório Periódico de Contra-Subversão* nº 11, GECCS/QG/CCFAA – CPCS, 17/06/74.

<sup>212</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V14 Rlt, Luanda, 20/07/74.

<sup>213</sup> MACQUEEN 1997, p. 163.



nos confrontos, em virtude da polícia ser acusada de parcialidade com os brancos.<sup>214 215</sup> O EMGFA e o Ministério da Coordenação Interterritorial enviam uma mensagem conjunta ao governador, questionando, entre outras coisas, “se a proibição de manifestações nas ruas não se aplica aos motoristas de táxi e a brancos exibindo armas de fogo.”<sup>216</sup>

A tensão racial cresce no seio das Forças Armadas Portuguesas, dando-se a 15 de julho uma marcha na capital de militares negros que se dirigem ao posto do comando-chefe, que recebe uma delegação destes,<sup>217</sup> a qual expressa a sua frustração com os acontecimentos que tinham lugar nos musseques, com ataques indiscriminados contra a população negra com a qual tinham laços de amizade ou de parentesco. No final, e apesar do comandante-chefe ter prometido uma maior participação da parte destes militares na segurança dos bairros periféricos, verifica-se um deteriorar das relações raciais no seio das Forças Armadas, o que agrava a sua inoperacionalidade.<sup>218</sup> Esta tomada de posição não seria estranha à propaganda dos movimentos, com o MPLA a publicar este mês um comunicado onde os militares africanos são interpelados: “Vós militares Angolanos no exército colonial; depois desta chacina dos vossos irmãos, vocês que têm armas nas mãos não se revoltaram para vingarem as mortes dos vossos irmãos? Cobardes. Traidores. Se não tomam medidas imediatas serão julgados. Desertem em massa. Incendeiem tudo.”<sup>219</sup>

Face ao agravar da situação, assim como à própria recusa de Silvério Marques em trabalhar com o MFA, o ramo local do Movimento envia, a 17 de julho, um ultimato a Lisboa onde exigia a substituição do governador por alguém que tivesse a concordância do MFA local no prazo de setenta e duas horas, findo o qual «o MFA em Angola assume (...) a obrigação da tomada das medidas adequadas (...) face à gravidade do atual momento em Angola e à sua previsível evolução».<sup>220</sup> Dois dias depois chega a Luanda uma comissão de inquérito ao mesmo tempo que o governador é chamado de urgência a Portugal.<sup>221</sup> A 24 de julho é promulgada a Lei 6/74, que estabelece Juntas Governativas para Angola e Moçambique, para as quais transitavam os poderes dos governadores-gerais,<sup>222</sup> sendo Rosa Coutinho nomeado presidente da Junta Governativa de Angola, chegando a Luanda no dia seguinte, onde dissolve o governo provisório de Silvério Marques e se reúne com o MFA local. A Junta Governativa, presidida por Rosa Coutinho, contaria com representantes dos três ramos das

---

<sup>214</sup> HEIMER 1980, p. 52.

<sup>215</sup> CORREIA 1991, p. 80.

<sup>216</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm EMGFA/MCI a governador do Estado de Angola, s. a.

<sup>217</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V14 Rit, Luanda, 20/07/74.

<sup>218</sup> HEIMER 1980, p. 119. CORREIA 1991, p. 80.

<sup>219</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V14 Comunicado do MPLA, julho de 1974 confrontar fonte p. 160.

<sup>220</sup> CORREIA 1991, p. 82. RODRIGUES 2010, pp. 421 – 422.

<sup>221</sup> CORREIA 1991, pp. 83 – 84. PIMENTA 2008, pp. 371.

<sup>222</sup> RODRIGUES 2010, pp. 428 – 429.

Forças Armadas, as mesmas personalidades escolhidas pelo MFA de Angola para liderar os três ramos após o planeado golpe (especificamente Silva Cardoso para a Força Aérea, Altino de Magalhães para o Exército e Leonel Cardoso para a Marinha), assim como um elemento que representaria o MFA local, que seria o major José Emílio da Silva.<sup>223</sup>

## 2.6 – A situação em Portugal

Os planos de Spínola enfrentam ainda um outro sério desafio: a falta de apoio às suas teses em Portugal, como era evidenciado à partida pela popularidade dos discursos anticoloniais dos partidos políticos que compunham o I Governo Provisório, que toma posse a 16 de maio.

Tanto o Partido Comunista Português como o Partido Socialista tinham feito da luta contra a guerra colonial uma das suas principais bases de oposição à ditadura, uma posição reafirmada pelos dois partidos num comunicado conjunto, emitido em 1973. Apesar disto, Mário Soares, enquanto ministro dos Negócios Estrangeiros (MNE), evita entrar em choque com Spínola, recorrendo a termos como «autodeterminação» e «autonomia», tudo isto apesar de admitir a jornalistas que o seu partido defendia negociações para a independência.<sup>224</sup> A inflexibilidade de Spínola, contudo, leva os dois a entrarem em conflito, com Soares a recusar as instruções para que não se cedesse «nem uma vírgula» nas negociações, o que conduziria, de acordo com o MNE, à ruptura destas. Segundo recorda Almeida Santos, ambos os homens «disseram um ao outro coisas menos protocolares», e por fim «já falavam os dois ao mesmo tempo, sem que cada um ouvisse o outro».<sup>225</sup>

Álvaro Cunhal assume desde início a sua discordância da estratégia spinolista, afirmando que o PCP, «juntamente com todas as forças progressistas, lutará pelo fim imediato das guerras coloniais e pelo respeito pelo princípio da autodeterminação».<sup>226</sup> Uma posição assumida também pelo MDP/CDE (que, segundo António José Telo, era no essencial controlado pelo PCP enquanto organização frentista),<sup>227</sup> com representantes deste partido a esclarecerem os jornalistas, após uma reunião com Spínola, a 29 de abril, que a sua política face às colónias passava pelo fim da guerra e o reconhecimento do direito dos povos à independência.<sup>228</sup>

O PPD é caracterizado por uma atitude ambígua, manifestando em maio o apoio ao estabelecimento de cessar-fogos com os nacionalistas africanos, ao mesmo tempo que defende a importância do

---

<sup>223</sup> CORREIA 1991, pp. 84 – 85.

<sup>224</sup> RODRIGUES 2010, pp. 377 – 378.

<sup>225</sup> RODRIGUES 2010, pp. 389 – 394.

<sup>226</sup> RODRIGUES 2010, pp. 379 – 380.

<sup>227</sup> TELO II (1) 2007, p. 59.

<sup>228</sup> RODRIGUES 2010, p. 380.

respeito da «decisão final das populações», a «quem compete escolher o seu próprio destino». Uma posição que impede a adesão de muitos ao PPD, e que teria muito que ver com a aproximação ao agora presidente da República, que promove a entrada do partido de Sá Carneiro no I GP.<sup>229</sup>

Para além destes quatro partidos que integravam o I GP, assiste-se, entre abril e junho, ao surgimento público de cerca de 40 partidos de extrema-esquerda,<sup>230</sup> entre os quais se destaca o Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP), caracterizado por uma especial oposição à continuação da guerra, com os seus militantes a travarem o embarque de soldados rumo ao continente africano ao mesmo tempo que usam palavras de ordem como: «Nem mais um soldado para as colónias!». <sup>231</sup> Um gesto que se torna num sério fator de perturbação nas já desmotivadas Forças Armadas.<sup>232</sup>

O arrastar das negociações com os movimentos provoca ruturas no governo, agravadas pela insatisfação de Spínola com o processo revolucionário, que a seu ver ameaçava mergulhar o país no caos. Tornava-se necessário travar o crescimento do MFA, que segundo Spínola estaria alinhado com o PCP. Decide por isso apoiar uma proposta de Palma Carlos para reforçar os poderes da presidência, ao mesmo tempo que antecipa as eleições presidenciais e adia as legislativas, uma medida que fortaleceria a legitimidade do poder presidencial. A sua rejeição, tanto pelo MFA como pelos partidos, provoca a demissão de Palma Carlos e a queda do I Governo Provisório. O II Governo Provisório conta com uma maior representação do MFA, cada vez mais oposto à estratégia spinolista para África (e não só), com o novo primeiro-ministro, Vasco Gonçalves a entrar num conflito cada vez maior com o presidente da República em torno da questão colonial.<sup>233</sup> Perante isto, Spínola aceita o inevitável e reconhece oficialmente o direito dos povos das colónias à independência, inscrito na Lei 7/74, promulgada a 27 de julho, e que ganha aclamação nacional e internacional.<sup>234</sup>

---

<sup>229</sup> RODRIGUES 2010, pp. 380 – 381.

<sup>230</sup> TELO II (1) 2007, pp. 51 – 52.

<sup>231</sup> RODRIGUES 2010, p. 381.

<sup>232</sup> CORREIA 1991, p. 62.

<sup>233</sup> RODRIGUES 2010, pp. 422 – 423.

<sup>234</sup> REZOLA 2012, p. 149.

# Cap. 3 – Do reconhecimento do direito à independência ao Acordo de Alvor

## 3.1 – Depois da Lei nº 7/74

A assinatura da Lei 7/74 assinala o reconhecimento, por parte do ainda poder colonial, do direito dos povos sob o seu domínio à independência, e que representaria em si mesmo o fim definitivo dos projectos de Spínola. A ambiguidade, porém, dos planos do presidente da República leva a que se mantenham as suspeitas de muitos nacionalistas face às reais intenções de Portugal, particularmente face a Angola. Ao mesmo tempo que isto sucede a comunidade internacional, e nomeadamente a africana, acompanha e procura influenciar cada vez mais os acontecimentos angolanos.

### 3.1.1 – Os movimentos depois do reconhecimento do direito à independência

Na altura da promulgação da Lei nº 7/74, a FNLA era o movimento que tinha feito mais progressos ao nível militar, com as forças do ELNA a fazerem sentir a sua presença no norte de Angola.<sup>235</sup> Após o reconhecimento do direito à independência, Holden Roberto dá instruções para que nenhum elemento da FNLA contactasse as autoridades portuguesas, sendo que as “forças do ELNA manter-se-iam em guerra.”<sup>236</sup> Apesar disto são desenvolvidos contactos entre as forças portuguesas e da FNLA no sentido do estabelecimento de cessar-fogos no terreno,<sup>237</sup> o que chega ao conhecimento de Holden Roberto através de um artigo do jornal “O Século”, publicado em final de agosto, ordenando de seguida a punição dos “traidores” que entraram em contacto clandestinamente com os portugueses (algo que motiva protestos das autoridades de Angola relativamente aos meios de comunicação).<sup>238</sup> As instruções do comando-chefe, a 24 de setembro, para o “bombardeamento organização ELNA que se mantêm hostis mantendo contacto com aquelas que os tem procurado e respeita cessar-fogo (sic)” revelam que foi possível, contudo, contrariar as ordens do líder da FNLA no sentido de uma guerra “em todas as frentes”.<sup>239</sup>

A UNITA, por seu turno, prossegue a sua estratégia de expansão, apostando numa imagem de partido favorável à paz e à realização de eleições, procurando apresentar-se como uma alternativa ao

---

<sup>235</sup> MARCUM 1978, p. 246.

<sup>236</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA/2ª. Rep a EMGFA, 31/07/74.

<sup>237</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2a. Rep a defnaca juda, 21/08/74.

<sup>238</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2a. Rep a CEMGFA, 02/09/74.

<sup>239</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA/2ª. Rep a dispositivo militar, 05/08/74 confrontar fonte p. 162.

ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2ª. Rep a geraldefnac, 24/09/74.

“militarismo” da FNLA e ao “militantismo” do MPLA, ao mesmo tempo que reconhecia o direito à permanência da comunidade branca em Angola.<sup>240</sup>

A situação do MPLA revela-se mais complexa, dada a necessidade de ultrapassar a divisão no seio do movimento como forma de evitar que este fosse ultrapassado pelos acontecimentos. O reconhecimento do direito à independência dá espaço ao MPLA para se concentrar nas suas questões internas, sendo estabelecido um cessar-fogo *de facto* com as forças portuguesas que entra em vigor a partir de 29 de julho e que é negociado entre representantes deste movimento nacionalista e do MFA de Angola.<sup>241</sup> O contacto político com a população teria sido, segundo o cônsul-geral dos Estados Unidos em Luanda, possibilitado por militares portugueses no Leste após este cessar-fogo informal.<sup>242</sup>

Para ultrapassar as divisões no seio do movimento é realizado, entre 11 e 28 de julho, um congresso em Lusaca, na Zâmbia, que reúne representantes das três tendências em disputa assim como as atenções de numerosos estados africanos.<sup>243</sup> Este congresso termina, no entanto, de forma inconclusiva, com a delegação de Neto a abandoná-la, seguida pela Revolta Ativa, acabando Daniel Chipenda por se proclamar o presidente do movimento, o que não é reconhecido pelo resto do movimento.<sup>244</sup> Por fim os líderes de cada uma das tendências reúnem-se ainda no mesmo mês sob a mediação do presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, ficando estabelecido que Chipenda e Andrade assumiriam os cargos de vice-presidente (tudo isto apesar da insistência do primeiro de que era o legítimo presidente do movimento) ao passo que Agostinho Neto permaneceria como o presidente do movimento. Apesar desta conclusão, Chipenda continua a afastar-se cada vez mais do MPLA e a ensaiar uma aproximação a Kinshasa, onde se instala sob os auspícios do presidente zaireense.<sup>245</sup>

### **3.1.2 – A dimensão internacional após o reconhecimento do direito à independência**

O processo de reunificação do MPLA é acompanhado com grande expectativa por vários estados africanos, muitos dos quais interessados em ver a “sua” tendência prevalecer. De acordo com António José Telo, a iniciativa parte do Zaire, que procura mobilizar o apoio do Congo, da Tanzânia e da Zâmbia para uma reunião de reconciliação, que deveria concluir na ascensão de Daniel Chipenda à liderança. A grande vantagem da Ala Presidencialista era que estes quatro estados não conseguiam chegar a um consenso sobre a alternativa a promover, com as suas jogadas a anularem-se mutuamente, o que permite a Neto ganhar tempo para que os seus apoios tradicionais ao nível africano (caso do

---

<sup>240</sup> MARCUM 1978, p. 247.

<sup>241</sup> SANTOS II (2) 2006, p. 166. SÁ 2011, p. 122.

<sup>242</sup> SÁ 2011, p. 122.

<sup>243</sup> SANTOS II (2) 2006, p. 166. TELO II (2) 2007, p. 162.

<sup>244</sup> HEIMER 1980, p. 59. CORREIA 1991, pp. 102 – 103.

<sup>245</sup> TELO II (2) 2007, pp. 162 – 163.

Gana e do Quênia) mobilizassem apoio no seio da OUA para a continuidade da sua liderança, que acaba por ser oficializada após a mediação de Nyerere.<sup>246</sup>

A 15 de setembro tem lugar, na Ilha do Sal, em Cabo Verde, um encontro entre os presidentes português e zaireense. Esta cimeira seria envolta sob um véu de secretismo, não sendo ainda hoje claro o que foi discutido. Apesar de virem acompanhados por delegações, as negociações tiveram apenas lugar entre Mobutu e Spínola, auxiliados por um intérprete zaireense. Ao comentar o encontro, o presidente da República afirmaria que fora «obtida a garantia de que o governo do Zaire não interviria no processo de descolonização de Angola, especificamente no enclave de Cabinda, e de que seriam efetuadas diligências junto de Holden Roberto com vista a um próximo encontro e à imediata suspensão das ações armadas». Uma afirmação contraditória, segundo a qual o Zaire não ia e ao mesmo tempo ia intervir na descolonização, e que contribuí para alimentar todo o género de rumores e teorias de conspiração.<sup>247</sup>

Apesar da notória diversidade de versões sobre o que teria sido decidido nesta cimeira, todas são unânimes na ideia de que Spínola pretendia marginalizar o MPLA, e sobretudo Agostinho Neto, e favorecer a FNLA. Certamente, a hipótese mais peculiar era a de um projeto para uma federação que reunisse Angola, Zaire e Cabinda (esta última enquanto entidade separada de Angola), com Mobutu a promover golpes de estado em Guiné-Bissau e Moçambique que instalassem governos pró-portugueses. Uma hipótese rejeitada por personalidades como Pezarat Correia e Melo Antunes.<sup>248</sup> Johnny Eduardo Pinnock, uma alta figura da FNLA integrada anonimamente na delegação zaireense presente neste encontro, confirma no entanto esta hipótese, com Spínola a aceitar favorecer a FNLA e a criação desta federação presidida por Mobutu, em troca deste pressionar os outros países africanos no sentido de aceitarem a estratégia de descolonização do presidente português.<sup>249</sup>

Por outro lado, a África do Sul começa a desenvolver laços com a UNITA, que se distancia dos independentistas namibianos, pondo termo a uma longa aliança.<sup>250</sup> Chegam a circular rumores em Angola relativos a um *complot* entre a África do Sul, a França e a UNITA para o estabelecimento de uma ‘República do Sul de Angola’, apoiada pelos brancos angolanos e presidida por Jonas Savimbi.<sup>251</sup> Rumores que, apesar da sua natureza algo fantasiosa, demonstram as suspeitas de muitos sobre as relações entre este movimento e o estado do Apartheid, ao mesmo tempo que expressam os receios de que a divisão entre os movimentos se traduzisse numa “balcanização” de Angola.

---

<sup>246</sup> TELO II (2) 2007, pp. 162 – 163.

<sup>247</sup> CORREIA 1991, p. 87.

<sup>248</sup> CORREIA 1991, p. 87.

<sup>249</sup> GUERRA 1996, pp. 85 – 86.

<sup>250</sup> MARCUM 1978, p. 248.

<sup>251</sup> SÁ 2011, p. 105.

É ainda de referir o reforço do apoio externo da URSS e do Bloco de Leste ao MPLA, com o envio de armamento a partir de 1 de agosto, feito através de países como o Congo-Brazaville, a partir de Ponta Negra e, em menor escala, através do litoral angolano (segundo António José Telo após entendimentos com as autoridades portuguesas locais).<sup>252</sup>

### 3.1.3 – As Forças Armadas em Angola

A situação em Angola permanece difícil após a nomeação de Rosa Coutinho, com o território a ser varrido por manifestações e greves que paralisam a economia (um cenário não muito diferente do que se passava em Portugal). A acrescer a isto, o encerramento de campos de detenção (como o de São Nicolau), levou à libertação de, não apenas prisioneiros políticos, como também de numerosos delinquentes, que tomam parte nos saques e tumultos que têm lugar. De forma a fazer face a esta situação, o presidente da Junta Governativa determina a detenção de todos os prisioneiros libertados, que passam por um processo de “triagem” para separar os prisioneiros políticos dos de delito comum, o que motiva críticas daquilo que o próprio descreveria, mais tarde, como a “oposição democrática”.<sup>253</sup> Rosa Coutinho decide também criar o Comando Operacional de Luanda – COPLAD – cuja estrutura reproduz no essencial o COPCON (Comando Operacional do Continente), recentemente constituído na metrópole e através da qual todas as unidades militares na capital passam a estar sob as suas ordens diretas.<sup>254</sup>

Face à continuação de ataques às forças portuguesas após a Lei 7/74, o presidente da Junta Governativa determina que “reação NF deve incluir perseguição para neutralização e destruição grupo in. (sic)”<sup>255</sup> Rosa Coutinho sublinha a importância de se evitar a todo o custo uma repetição do incidente de Omar, no qual “guerrilheiros FRELIMO em Moçambique, aprisionaram todo pessoal destacamento NF após terem sido recebidos para contactos visando estabelecer paz na área, podendo mesmo dar-se em Angola (sic)”<sup>256</sup>.

O MFA local procura fazer frente aos planos de Spínola para um cenário particular para Angola, realizando, a 18 de setembro (dias depois do encontro na Ilha do Sal), um plenário de oficiais em Luanda, no Palácio do Governo, que reúne cerca de 500 oficiais dos três ramos das Forças Armadas,<sup>257</sup> onde é aprovada uma moção que afirma: “a necessidade de respeitar o já proclamado princípio do

---

<sup>252</sup> TELO II (2) 2007, p. 162.

<sup>253</sup> MATEUS 2008, p. 150 – 151.

<sup>254</sup> SÁ 2011, p. 97.

<sup>255</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA/3ª. Rep a dispositivo militar, 09/08/74 confrontar fonte p. 164.

<sup>256</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V7 Msm CCFAA/3ª. Rep a dispositivo militar, 04/08/74 confrontar fonte p. 161.

<sup>257</sup> SANTOS II (2) 2006, p. 805.

direito à autodeterminação e independência dos povos colonizados”;<sup>258</sup> o apoio “à Junta Governativa de Angola e ao comandante-chefe das Forças Armadas, como base unitária para impedir qualquer tentativa reacionária de assalto ao Poder ou qualquer manobra de natureza separatista”; e descrito os movimentos nacionalistas, que tinham feito a guerra pela independência, como as únicas forças representativas da população angolana, sendo todas as outras nada mais que «(...) pseudo partidos fantoches, formados por elementos reacionários, servidores de interesses fascistas-colonialistas do antigo regime». Uma tomada de posição criticada pela Frente Unidade Angolana (FUA), por seu turno condenada pelo MDA, que acusa esta organização, presidida por Fernando Falcão, de denegrir as Forças Armadas e de encobrir interesses colonialistas.<sup>259</sup>

Rosa Coutinho é alvo, desde da sua chegada a Angola, de acusações de proximidade ao PCP e parcialidade com o MPLA,<sup>260</sup> acusações que chegam ao conhecimento do presidente, que o decide afastar numa reunião entre os dois a 21 de setembro. O MFA de Angola antecipa a vontade de Spínola, com Rosa Coutinho a lhe entregar uma moção de acordo com a qual as Forças Armadas em Angola («dominadas», segundo o então presidente da República recorda, « pelo MFA local») recusariam qualquer decisão no sentido da sua substituição. Spínola torna, no entanto, claro nesta reunião (na qual Rosa Coutinho descreve «a aceleração do processo revolucionário de descolonização de Angola à luz da dinâmica revolucionário do 25 de Abril», que considera «incontrolável»), que chamaria a si «a condução direta do processo de descolonização de Angola, ficando o presidente da Junta Governativa inibido de continuar a intrometer-se nas negociações», o que é confirmado no dia seguinte em Luanda por Rosa Coutinho.<sup>261</sup>

### **3.1.4 – “Angola (ainda) é comigo” – A estratégia de Spínola depois do reconhecimento do direito à independência**

Apesar da Lei nº 7/74 dever representar o fim do projeto spinolista, o presidente da República esforça-se para evitar a entrega do poder em Angola a grupos de teor marxista e próximos da União Soviética, como se verificara em Guiné-Bissau e em Moçambique, aproveitando a ausência de um movimento predominante. Afirmando “Angola é comigo”, Spínola tenta tomar a iniciativa ao promover o chamado «Programa para a independência de Angola», um projeto divulgado pela Junta de Salvação Nacional a 9 de agosto e elaborado sem o MFA. Neste documento é definido, de forma unilateral, um programa para a descolonização de Angola para três anos, onde se estabelece a necessidade, após um cessar-fogo, de um governo provisório de coligação com representação de “(...)

---

<sup>258</sup> CORREIA 1991, p. 93.

<sup>259</sup> PIMENTA 2008, pp. 383 – 384.

<sup>260</sup> SÁ 2011, p. 92 (mesmo dia da chegada de Rosa Coutinho a Luanda, a 25 de julho).

<sup>261</sup> RODRIGUES 2010, p. 467.



todos os movimento de libertação em paralelo com os agrupamentos étnicos mais expressivos do Estado de Angola, o que obviamente incluirá a etnia branca”.<sup>262</sup> Um projeto rejeitado pelos três movimentos, em especial o MPLA e a FNLA.<sup>263</sup>

A 21 de setembro o presidente da República torna pública a sua decisão de conduzir diretamente o processo de negociações para a independência angolana, convidando um conjunto de entidades angolanas, descritas como as «forças vivas de Angola», e onde se incluem grupos políticos não armados como a FUA, o PCDA, o MOPUA, o MDA e as associações económicas, para uma reunião no Ministério da Coordenação Interterritorial, em Lisboa, a 27 de setembro. Um convite (que se insere na estratégia spinolista de criar “terceiras forças” semelhante à que o levava a promover a criação do PPD e do CDS em Portugal) rejeitado em comunicado pelo MDA, para o qual as negociações deveriam ter como únicos interlocutores os movimentos que lutaram pela independência, proclamando ao mesmo tempo o seu apoio incondicional ao MPLA, descrito como o “único e exclusivo representante do Povo Angolano”.<sup>264</sup>

No dia 27 é realizada a reunião das «forças vivas» de Angola, cujos representantes são recebidos no aeroporto por uma centena de «manifestantes pró-MPLA», que empunham bandeiras deste movimento e cartazes chamando-lhes «traidores» e «vendidos». Nesta reunião o presidente procura salientar a sua «intransigente adesão à pureza da conceção democrática das sociedades políticas», recusando-se a aceitar «processos que consintam decisões sobre um destino de um povo tomadas à margem da vontade desse mesmo povo», pois, de outra forma, tornava-se estreito o «fio separador entre libertação e usurpação». <sup>265</sup> Um encontro que evidencia a importância conferida a estas forças, as quais, segundo Pinnock Eduardo, desempenhavam um importante papel nos planos de Spínola.<sup>266</sup> É de referir os contactos com Fernando Falcão, nos quais Spínola (segundo Tavares Pimenta) sugerira a ideia deste se converter no «homem forte de Angola». O líder da FUA teria, no entanto, rejeitado a proposta, não pondo ao mesmo tempo de parte a ideia de participar no futuro político angolano, ainda que na qualidade de representante do seu partido<sup>267</sup> (Fernando Falcão não seria, contudo, convidado a esta reunião em Lisboa).<sup>268</sup>

Spínola procura contrariar aquilo que considera ser um processo revolucionário e de descolonização cada vez mais caótico e dominado pelo PCP através do MFA, tentando ganhar apoio dos militares e da população civil ao mesmo tempo que prepara a instituição de um «regime transitório de exceção».

---

<sup>262</sup> CORREIA 1991, p. 86.

<sup>263</sup> MACQUEEN 1997, pp. 165 – 166.

<sup>264</sup> PIMENTA 2008, pp. 386 – 387.

<sup>265</sup> RODRIGUES 2010, pp. 468 – 469.

<sup>266</sup> GUERRA 1996, pp. 85 – 86.

<sup>267</sup> PIMENTA 2008, p. 376.

<sup>268</sup> PIMENTA 2008, p. 386.

Spínola acredita ter a população portuguesa ao seu lado, e que este aguardava o momento para agir. Decide por isso promover uma manifestação a seu favor, que refletisse a vontade da ‘Maioria Silenciosa’ da nação, mas para a qual não consegue o apoio quer do PPD quer do CDS, que o procuram alertar para os perigos desta. Quanto ao PS, nem procuraria ganhar o seu apoio, tais eram as suas suspeições do partido de Soares. O único apoio que consegue obter é o de pequenos partidos de direita (como o Partido Liberal, o Partido do Progresso e o Partido Trabalhista Democrático Português), que lhe prometem uma força que não têm.<sup>269</sup> O PCP, o MDP/CDE assim como a extrema-esquerda rapidamente se organizam para travar esta manifestação, montando os seus militantes barricadas para controlarem os acessos à capital. O presidente ordena a intervenção do COPCON, que ao invés de desfazer as barricadas coopera no revistar de potenciais manifestantes.<sup>270</sup> O fracasso da ‘Maioria Silenciosa’ precipita a demissão de Spínola e a substituição deste por Costa Gomes.<sup>271</sup>

### 3.2 – Rumo a Alvor

O afastamento de Spínola representa o fim das ambiguidades e o reconhecimento claro, por parte do Estado português, do direito de Angola a uma independência que não fosse diferente da de Guiné-Bissau e Moçambique. Permanecia, contudo, o sério desafio que era o da existência de três grupos armados mutuamente hostis, o que colocava sérias dúvidas sobre o sucesso deste processo histórico.

#### 3.2.1 – Angola depois da queda de Spínola

Logo após tomar conhecimento da demissão de Spínola, Rosa Coutinho institui temporariamente a censura sobre a comunicação social, impedindo a publicação do discurso de renúncia do presidente da República ao mesmo tempo que ordena a detenção de indivíduos ligados à manifestação da ‘Maioria Silenciosa’. Segundo Fernando Tavares Pimenta, Rosa Coutinho, sob o pretexto de uma possível conspiração da FRA, aproveita para neutralizar as organizações conservadoras, com a prisão de vários dirigentes, acabando muitos por fugir de Angola para escaparem às detenções, no que constitui um golpe decisivo nestas formações políticas.<sup>272</sup>

Uma vez assegurado o fim político das teses spinolistas, Rosa Coutinho foca-se no estabelecimento dos acordos de cessar-fogo com a FNLA e o MPLA, uma situação que, no caso deste último, já se verificava *de facto* mas não *de jure*.

---

<sup>269</sup> TELO II (1) 2007, pp. 85 – 86.

<sup>270</sup> TELO II (1) 2007, pp. 85 – 89.

<sup>271</sup> PIMENTA 2008, p. 389.

<sup>272</sup> PIMENTA 2008, pp. 389 – 391.

## O cessar-fogo com a FNLA

As condições para um cessar-fogo entre as autoridades portuguesas e este movimento revelar-se-iam mais difíceis do que com os outros dois movimentos, em virtude de o MFA, como recorda Pezarat Correia, não conseguir identificar representantes deste movimento no interior de Angola. Seria possível, no entanto, estabelecer alguns contactos entre militares portugueses e guerrilheiros do ELNA que possibilitaram situações de cessar-fogo informais semelhantes à estabelecida com o MPLA. No entanto, só após o encontro entre Spínola e Mobutu é que o diálogo começa, com uma delegação portuguesa, composta pelos ministros Mário Soares, Firmino Miguel e Manuel Sá Machado, a deslocar-se a 26 de setembro a Kinshasa, onde se reúne com Mobutu, Holden Roberto e Daniel Chipenda (que se intitula presidente do MPLA). Mais tarde, a 27 de setembro, um emissário de Mobutu convida Fernando Falcão a visitar Kinshasa.<sup>273</sup>

O diálogo é, no entanto, abalado por uma nova vaga de ações militares da FNLA que se seguem à queda de Spínola. A 2 de outubro Holden Roberto ordena às suas forças para levarem a cabo uma “intensificação geral da luta armada face situação confusa processo descolonização (sic)”, dado que a demissão do general Spínola, segundo ele, “arrisca e compromete processo independência Angola (sic)”.<sup>274</sup> O contacto é retomado, sendo enviada a Kinshasa, entre 11 e 12 de outubro, uma nova delegação, chefiada pelo general Fontes Pereira de Melo e integrando o comodoro Leonel Cardoso, o tenente-coronel Firmino Miguel, o tenente-coronel Gonçalves Ribeiro e o major Duarte Cabarrão. Antes disso reúnem-se em Luanda, onde são informados por Rosa Coutinho da necessidade de um cessar-fogo com a FNLA para pôr termo ao terrorismo urbano, assim como do elevado grau de desmotivação das Forças Armadas.<sup>275</sup>

Os representantes portugueses reúnem-se com o presidente Mobutu e apenas depois com uma delegação da FNLA, encabeçada por Holden Roberto. Após difíceis negociações, nas quais Roberto propõe um acordo que, segundo a parte portuguesa, equivaleria a uma rendição de Portugal, é estabelecido por fim um protocolo de cessar-fogo (que consiste na proposta portuguesa, que é logo aceite pela FNLA). Apesar de ter sido acordada a confidencialidade do documento, este é dado a ler a Mobutu antes da sua assinatura,<sup>276</sup> que tem lugar no iate do ditador zaireense.<sup>277</sup> A cessação de

---

<sup>273</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2ª. rep a 2ª. divisão/EMGFA/Pal Ajuda, 02/10/74. CORREIA 1991, pp. 100 – 101. PIMENTA 2008, p. 392

<sup>274</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2ª. rep a 2ª. divisão/EMGFA/Pal Ajuda, 02/10/74.

<sup>275</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Relatório da visita oficial a Kinshasa*, gen Fernando Maria Fontes de Mello, tenente-coronel do CEM Mário Firmino Miguel, dr. Fernando Reino, 14/10/74.

<sup>276</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Relatório da visita oficial a Kinshasa*, gen Fernando Maria Fontes de Mello, tenente-coronel do CEM Mário Firmino Miguel, dr. Fernando Reino, 14/10/74.

<sup>277</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Protocolo de acordo entre a delegação portuguesa e a delegação da Frente Nacional de Libertação de Angola*.

hostilidades entra em vigor a partir de 15 de outubro, sendo estabelecida a abertura duma missão oficial deste movimento em Luanda.<sup>278</sup> A FNLA converte-se, nas palavras de Pezarat Correia, no “único movimento que negociou o acordo de cessação de hostilidades” fora de Angola e com o “empenhamento pessoal e direto de um chefe de Estado estrangeiro”.<sup>279</sup>

### O cessar-fogo com o MPLA

A suspeita do MPLA dos planos portugueses para Angola leva a que a assinatura do cessar-fogo demore a concretizar-se. No início de outubro é realizado um encontro entre Melo Antunes e Paulo Teixeira Jorge, responsável pelas Relações Externas deste movimento, no qual o ministro sem pasta assegura que Angola não seria alvo de uma descolonização diferente de Guiné-Bissau ou Moçambique. São ainda discutidos temas como a possibilidade de um “golpe reacionário” por parte de “colonos brancos”, a situação interna do MPLA (com Paulo Jorge a salientar que “Chipenda não tem a força militar que apregoa”), as preocupações do MPLA com “a projeção que se estava a dar à FNLA” e a importância de um acordo com a UNITA. É pedido que transmitisse a Neto “o interesse que se via na realização em Argel de uma conferência de alto nível em que o MPLA estivesse representado pelo menos pelas facções Agostinho Neto e “Revolta Ativa” e que deveria ter lugar na primeira semana de novembro”.<sup>280</sup>

A 21 de outubro, na chana do Lunhamege, é realizado o encontro formal entre as delegações portuguesa e do MPLA que oficializa a cessação de hostilidades, com a parte portuguesa a ser presidida pelo comodoro Leonel Cardoso e composta também pelo major Emílio da Silva, pelos brigadeiros Ferreira de Macedo e Pezarat Correia, pelo doutor António Augusto de Almeida e o engenheiro Peres do Amaral, e a do MPLA a ser presidida por Agostinho Neto, não estando presentes nenhum dos vice-presidentes, que não foram consultados.<sup>281</sup> Quando questionado sobre o porquê da ausência de Joaquim Pinto de Andrade, Neto responde que este não pôde ou não quis ir.<sup>282</sup>

### **3.2.2 – A situação político-militar**

A FNLA permanece o movimento com o avanço militar mais assinalável, ocupando uma parte significativa do distrito do Uíge que se estende até às regiões em torno das cidades de Songo e Carmona<sup>283</sup> (contando nas suas ações armadas, de acordo com as informações do exército, com a

---

<sup>278</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Acordo sobre o cessar fogo*.

<sup>279</sup> CORREIA 1991, pp. 100 – 101.

<sup>280</sup> REZOLA 2012, pp. 171 – 172.

<sup>281</sup> HEIMER 1980, p. 64. CORREIA 1991, p. 103.

<sup>282</sup> PIMENTA 2006, p. 122.

<sup>283</sup> MARCUM 1978, p. 246.

presença de “elementos chineses”).<sup>284</sup> Em outubro, o comandante Vuna Vioka, após denunciar a exploração laboral nas fazendas, dá aos trabalhadores ovimbundo que nelas trabalham duas escolhas: juntarem-se à FNLA ou regressarem às suas casas para “descansar”.<sup>285</sup> Um gesto que precipita o êxodo de milhares de ovimbundo para o sul.<sup>286</sup> Ao tomar conhecimento disto, Holden Roberto dá ordens para pôr fim à situação, que “envergonha FNLA”, sendo “suscetível criar conflitos tribais entre norte e sul Angola. (sic)”<sup>287</sup> Representantes da UNITA manifestam o seu protesto a 9 de outubro.<sup>288</sup> De modo a promover a sua expansão política, a FNLA procura explorar a imagem de “banditismo” do MPLA, apresentando-se junto da população como um movimento “campeão da paz e da manutenção da ordem”.<sup>289</sup>

No caso da UNITA, este movimento prossegue uma estratégia de expansão política, com Savimbi a viajar por todo o país a apresentar o seu movimento como um defensor da paz, favorável a eleições e à tolerância racial.<sup>290</sup> Em 10 e 11 de novembro são realizados os primeiros grandes comícios em Nova Lisboa e Luanda respetivamente, com os participantes na segunda cidade a incluir muitos ovimbundos assim como soldados umbundo, destacados pelos portugueses para garantir a paz.<sup>291</sup> O líder da UNITA procurara mobilizar o apoio económico e político dos brancos angolanos, estabelecendo contacto com empresários de Angola central.<sup>292</sup> O êxodo de ovimbundos, provocado pela FNLA, proporciona um reforço do seu braço armado, as FALA (‘Forças Armadas de Libertação de Angola’), que constituem o mais fraco exército nacionalista.

No caso do MPLA, este movimento foca-se na sua consolidação, realizando entre 11 e 12 de setembro uma Conferência Inter-Regional de Militantes, no Moxico, onde é eleito um novo Comité Central. Nesta conferência, em que são feitas críticas às duas tendências opostas a Neto, é estabelecida uma estratégia para a tomada do poder sem os rivais.<sup>293</sup> É conferida uma grande importância à questão da expansão política, realizando-se, no próprio dia da assinatura do cessar-fogo, comícios no Lobito, no Bié e em Ambrizete,<sup>294</sup> contando o movimento com uma forte implantação que fora reforçada pelos

---

<sup>284</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA /2ª. rep a geraldefnac, 24/09/74.

<sup>285</sup> MARCUM 1978, p. 246.

<sup>286</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2ª. rep a 2ª. divisão/EMGFA/Pal Ajuda, 02/10/74. MARCUM 1978, p. 246.

<sup>287</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA. rep a Geraldefnac, s. a.

<sup>288</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm Comando da ZMN à 2ª Rep/CCFAA, 09/10/74.

<sup>289</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Conversações entre as delegações portuguesa e do MPLA*, Comissão Nacional de Descolonização/Gabinete Coordenador para a Cooperação, Argel, 18 e 19/09/74.

<sup>290</sup> MARCUM 1978, p. 247.

<sup>291</sup> HEIMER 1980, p. 124.

<sup>292</sup> MARCUM 1978, p. 247.

<sup>293</sup> PIMENTA 2008, p. 404.

<sup>294</sup> HEIMER 1980, p. 124.

«movimentos democráticos». Ao nível militar emerge fragilizado pelo afastamento da Revolta de Leste, que custa ao movimento a saída de numerosos soldados experientes, o que tenta consertar com o recrutamento nos musseques, verificando-se um proliferar de grupos armados nos bairros periféricos conhecidos por «poder popular». A pressão destes grupos, que o MPLA tem sérias dificuldades em controlar, leva o movimento a adotar um discurso hostil à comunidade branca, descrita como reacionária,<sup>295</sup> o que empurra muitos brancos, que já suspeitavam do “comunismo” do MPLA, para os braços da UNITA e da FNLA. A figura que mais se afirma neste universo de grupos armados leais ao MPLA é Nito Alves, líder do comité Henda.<sup>296</sup> São iniciados contactos, segundo um relatório da situação em Angola, datado de 14 de dezembro, com os Fiéis, que pareciam ter “optado por ficar”, o que “poderá constituir um reforço apreciável para o movimento que os conseguir captar e um ponto de fricção com a RZAIRE (sic)”.<sup>297</sup> Em meados de outubro Rosa Coutinho afirma ao Conselho de Estado que decidira iniciar o fornecimento de armamento das FAP ao MPLA como forma de o equilibrar com a FNLA, que contaria “com o apoio do Zaire e da CIA”.<sup>298</sup>

No que concerne aos partidos políticos criados (ou recriados) após o 25 de Abril, estes (segundo o mesmo relatório) “Tendem a desaparecer e a serem absorvidos pelos movimento de Libertação”, representando a FUA o “único praticamente em actividade (...) e mesmo assim reduzida o que segundo algumas interpretações tem sido prejudicial para Angola porque é principalmente um partido de brancos, expressão do seu secretário geral que tem tirado partido de ser membro do governo. Considera-se sem representatividade. (sic)”<sup>299</sup>

A falta de segurança permanece um sério problema, com o alastramento do banditismo nas cidades angolanas e nas vias de acesso, agravado pela entrada descontrolada de militantes armados dos movimentos (assim como de criminosos que se fazem passar por nacionalistas) nos centros rurais e urbanos após as tréguas com Portugal, o que provoca incidentes com a população, nomeadamente a branca. A falta de segurança nas estradas faz os camionistas entrar em greve a partir de 10 e 11 de novembro, o que causa a escassez de alimentos em Luanda e os protestos dos «movimentos democráticos», com o MDA a acusar os camionistas de se deixarem manobrar por grupos económicos de cariz neocolonialista, que pretendiam subverter o processo de descolonização (uma tomada de posição partilhada num comunicado conjunto de vários sindicatos).<sup>300</sup> Para além do fim da violência, os camionistas exigem também o afastamento de figuras do MFA como Emílio da Silva e Pezarat

---

<sup>295</sup> Pimenta 2008, pp. 414 – 415.

<sup>296</sup> Correia 1994, pp. 136 – 137.

<sup>297</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 *Situação em Angola*, 2ª. div/EMGFA – S. Ult. Lisboa, 20/12/74.

<sup>298</sup> REZOLA 2012, pp. 172 – 173.

<sup>299</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 *Situação em Angola*, 2ª. div/EMGFA – S. Ult. Lisboa, 20/12/74.

<sup>300</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V2 Comunicado, *Os Directórios do Sindicato dos Motoristas, Ferroviários e Metalúrgicos, do Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria, e a Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários*, s. a.

Correia. Como resposta, a Junta Governativa decide prender membros das associações económicas, acusados de sabotagem económica, ao mesmo tempo que o MFA toma uma posição de força, «ameaçando» intervir para impedir qualquer greve ou *lock out* que pusesse em causa a autoridade portuguesa e o processo de independência. Os camionistas e as associações económicas decidem recuar, e a greve é por fim cancelada.<sup>301</sup> Estas últimas não desistem, no entanto, de influenciar o processo de descolonização, promovendo o reforço da ligação entre os movimentos de Savimbi e de Roberto, referindo um documento militar que: “ – A união da FNLA e da UNITA deve-se à ação das Associações Económicas”.<sup>302</sup>

No que concerne a Cabinda, a FLEC continua a afirmar-se no território, abrindo uma sede e fazendo controlos na estrada com grupos armados, contando com a tolerância das autoridades locais, que ignoram as instruções de Luanda para pôr fim à situação. O MPLA, o único movimento com bases neste enclave, protesta contra as atividades da FLEC, ameaçando travá-las se os portugueses não o fizessem. Tudo isto culmina num dos incidentes mais controversos da descolonização, com a ação conjunta de uma companhia do MPLA e de duas companhias portuguesas, posicionadas em Belize, que procedem à ocupação da capital do enclave, à tomada de pontos estratégicos, ao encerrar da sede da FLEC e à prisão de todos os oficiais superiores.<sup>303</sup>

Rosa Coutinho decide enviar uma delegação (encabeçada por Silva Cardoso e formada por 3 oficiais do MFA: Emílio da Silva, Pezarat Correia e Soares Rodrigues), que procede à libertação dos oficiais ao mesmo tempo que assume provisoriamente o governo no distrito e o controlo das Forças Armadas. É decidido que o até aí governador, o general Temudo Barata, não reúne capacidade para continuar a exercer funções, sendo substituído pelo coronel Lopes Alves, devendo a FLEC ser “mantida sob controlo restrito.”<sup>304</sup> Este movimento independentista procura travar a sua marginalização, não sendo contudo capaz de resistir à força militar portuguesa.<sup>305</sup> A sua ação mais significativa traduz-se num ataque, a 10 de novembro, a um posto fronteiriço em Massabi,<sup>306</sup> que seria repellido por duas companhias de comandos, tendo Vasco Lourenço (que se encontrava de passagem em Angola) e Rosa Coutinho tomado parte neste contra-ataque.<sup>307</sup> Este incidente provoca fortes críticas de Holden

---

<sup>301</sup> PIMENTA 2008, pp. 397 – 401.

<sup>302</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Mem, *Audiência com o Sr. Dr. Antonio Pinto da Fonseca delegado das Associações Económicas com sede em Luanda (7Dez74)*.

<sup>303</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA /3ª. rep a defnacajuda, 02/11/74.

<sup>304</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm presidente da JG a Presirep, 04/11/74 confrontar fonte p. 165.

ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm presidente da JG a Presirep, 04/11/74 confrontar fonte p. 166.

<sup>305</sup> MARCUM 1978, pp. 253 – 254.

<sup>306</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA /2ª. rep a defnacajuda, 11/11/74.

<sup>307</sup> CORREIA 1991, p. 115.



Roberto,<sup>308</sup> que chega a exigir uma audiência entre Vaal Neto e Rosa Coutinho a “fim apresentar vivos fortes protestos (sic)”.<sup>309</sup> Uma indignação que tem a compreensão de Costa Gomes, que procura relativizar o ocorrido.<sup>310</sup>

### 3.2.3 – As negociações entre os movimentos

Feita a paz com o colonizador, um maior desafio subsiste: a paz entre os nacionalistas. Apesar de um aparente entendimento entre as diferentes partes, permanece um clima de tensão e de mútua hostilidade, evidenciado pelos incidentes que marcam a abertura da sede da FNLA em 30 de outubro,<sup>311 312</sup> do MPLA a 8 de novembro e da UNITA a 10 de novembro, com os dois últimos a serem marcados por uma particular mobilização e violência.<sup>313</sup> A ação portuguesa desempenha um papel fundamental no estabelecimento de acordos entre os movimentos, contando os portugueses com o apoio dos estados africanos, quer em termos singulares quer da OUA, no seu esforço de reconciliação.<sup>314</sup>

São feitas reuniões preparatórias, entre os portugueses e os movimentos, tendo em vista o estabelecimento de acordos bilaterais. Entre estas reuniões, destaca-se a levada a cabo a 28 de outubro em Cangumbe, perto da cidade do Luso, entre uma delegação portuguesa, presidida pelo almirante Rosa Coutinho (acompanhado pelos brigadeiros Altino de Magalhães, Silva Cardoso e Ferreira de Macedo, pelo major Emílio da Silva e Pezarat Correia), e uma delegação da UNITA, presidida por Jonas Savimbi,<sup>315</sup> que, segundo Norrie Macqueen, pretendia garantir a Savimbi que não seria posto de parte após o acordo com o MPLA.<sup>316</sup> Nos princípios de novembro Mário Soares desloca-se a Tunes e a Kinshasa, onde se reúne com um representante da FNLA. No decorrer das mesmas deslocações o então MNE encontra-se, em Tunes, com um representante da UNITA e, já em Kinshasa, com o próprio Savimbi.<sup>317</sup>

---

<sup>308</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Holden Roberto a Costa Gomes, Kinshasa, 04/11/74.

<sup>309</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA /2ª. rep a EMGFA, 08/11/74.

<sup>310</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Costa Gomes a Holden Roberto, Lisboa, 15/11/74.

<sup>311</sup> HEIMER 1980, p. 124.

<sup>312</sup> PIMENTA 2008, p. 395.

<sup>313</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2ª. rep a defnacajuda, 08/11/74. ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2ª. rep a defnacajuda, 10/11/74. PIMENTA 2008, pp. 395 – 396.

<sup>314</sup> CORREIA 1991, p. 104.

<sup>315</sup> CORREIA 1991, p. 104 (28 de outubro).

<sup>316</sup> MACQUEEN 1997, p. 174.

<sup>317</sup> CORREIA 1991, p. 104.



Entre 18 e 19 de novembro realiza-se um encontro entre uma delegação portuguesa, composta por Melo Antunes, Pezarat Correia e Fernando Reino, e uma delegação do MPLA, encabeçada por Agostinho Neto e Iko Carreira, e no qual é acordada a importância da cooperação entre as forças progressistas de Portugal e Angola. Na perspectiva de Melo Antunes, “uma descolonização autêntica passará pela aliança das forças progressistas de Angola e Portugal”, tornando-se necessário “encontrar formas concretas de colaboração para contrabalançar o facto inegável de que o MPLA não se pode opor militarmente à FNLA e à UNITA e não ser possível estabelecer uma aliança militar entre o MPLA e as FAP. Uma situação pouco definida só aproveitará à FNLA e à UNITA.” Neto afirma que “O MPLA considera que a colaboração com o MFA é essencial para que seja possível o esquema de descolonização que a delegação pretende apresentar.”

É analisada a relação do MPLA com os outros movimentos, denunciando Agostinho Neto a FNLA, “pela sua dependência ao Zaire e outras forças imperialistas”, e a UNITA, pelo seu colaboracionismo, antes “com o exército português colonialista” e, atualmente, “com a reação branca”, sendo que a presente aceitação destas organizações não punha de parte “novas confrontações”, particularmente com a FNLA. Melo Antunes manifesta a sua concordância “com a análise feita que constitui uma boa base de trabalho (...) O MPLA sabe as reservas que o Governo português tem em relação à FNLA e à sua ideologia política, mas impõe-se levar a cabo uma aliança tática para a formação do Governo de Coligação”, questionando se os dois movimentos (e em especial o de Roberto) estavam dispostos a ultrapassar as diferenças em nome da “construção nacional”. Quanto à UNITA, apesar de concordar “com as reticências do MPLA”, Melo Antunes passa a palavra a Pezarat Correia, que explica o procedimento de Savimbi como fruto do pragmatismo, sublinhando, contudo, que, entre “janeiro e abril” de 1974, a UNITA havia desencadeado “novas operações tendo sido o agrupamento que mais baixas causou ao Exército português”, o que obrigou a um cessar-fogo após o 25 de Abril, aproveitado por Savimbi para “uma grande ação de propaganda política.” Salienta a disposição deste líder nacionalista à cooperação com Neto, considerando-se que “ideologicamente há pontos comuns à UNITA e ao MPLA.”

É também discutido o reforço militar do MPLA, que passaria por um aproveitamento dos “grandes espaços vazios” que a retração militar das forças portuguesas para os centros urbanos ia criar (um aproveitamento que devia ser também político, como forma de se implantar no interior) e o acesso do MPLA a um aeroporto no Leste para o reforço militar, com Melo Antunes a afirmar que os catangueses iam ter “um tratamento especial.” Iko Carreira refere os receios de uma intervenção zairense, por intermédio da FNLA, após a independência. É abordada a questão da unificação do MPLA, que na opinião de Melo Antunes não deveria ter “em conta a facção Chipenda, considerada não representativa” (o que tem a concordância de Agostinho Neto), mas apenas a Revolta Ativa, considerada representativa em Luanda, o que Neto relativiza.

É acordada a necessidade de um processo de unificação dos exércitos dos movimentos através de ‘Comissões Militares Mistas’ e que o dia da independência seria seis meses após a formação de um governo de coligação, propondo Melo Antunes a criação de uma Constituição, de cariz temporário, votada em referendo e apoiada pelos três movimentos antes do dia da independência. É também discutida a questão do primeiro-ministro, que a parte portuguesa sugere que seja um português, algo que não é bem aceite pelos representantes do MPLA, que evocam a má reação dos líderes africanos.

Ao longo da reunião são abordadas as responsabilidades do MPLA “na criação e manutenção de um clima favorável ao natural desenvolvimento do processo político, sem agitação social principalmente em Luanda”, com Pezarat Correia a salientar que a imagem de banditismo dos militantes do MPLA estava a ser aproveitada politicamente pela FNLA. A delegação do MPLA concorda “na necessidade de se evitarem ações inconvenientes (vide nomeadamente caso de Cabinda) por parte dos seus militantes que possam levar a tomadas de posições de força por outros movimentos.” Por fim, a “delegação portuguesa insistiu na necessidade do MPLA, na campanha política de mobilização das populações, não esquecer a população branca.”<sup>318</sup>

A separação definitiva da Revolta de Leste do MPLA torna-se num sério desafio para os decisores portugueses, como o demonstra uma reunião, a 24 de novembro, entre Daniel Chipenda e Mário Soares, na qual o primeiro coloca em causa a legitimidade do cessar-fogo assinado um mês antes com o MPLA, avisando dispor “de homens no terreno” e de “poder criar problemas de um momento para outro se assim o desejasse”. O MNE português responde que Portugal não podia “imiscuir-se nos problemas internos do movimento sob pena de ser acusado de eventual parcialidade”, devendo as negociações ter em atenção os movimentos e não as facções.<sup>319</sup> Argumentos que não convencem o líder da Revolta de Leste, que declara que “o seu grupo se iria instalar com um bureau em Luanda e que se fossem vítimas de qualquer discriminação tomariam as medidas adequadas”, posição reafirmada em correspondência com Costa Gomes,<sup>320</sup> apesar deste lhe afirmar que o “Governo português reconhece Dr. Agostinho Neto como Presidente do MPLA (sic)” ao mesmo tempo que o procura convencer, em vão, a regressar ao MPLA.<sup>321</sup>

Certamente uma das reuniões menos conhecidas foi a que teve lugar a 25 de novembro, em Kinshasa, entre Soares e os líderes da FLEC (apoiada pelo Zaire), um encontro que é acordado por ambas as partes que “seria mantido reservado e seria evitada qualquer referência pública ao mesmo”, e

---

<sup>318</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Conversações entre as delegações portuguesa e do MPLA*, CND/GCC, Argel, 18 e 19/09/74.

<sup>319</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Encontro com o sr. Daniel Chipenda e outros elementos do seu grupo, em Kinshasa, em 24 de novembro.*

<sup>320</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Daniel Chipenda a Costa Gomes, 29/11/74.

<sup>321</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Tlg Fernando Reino a Daniel Chipenda, s. a.

no qual o MNE explica que Portugal pretendia uma descolonização “de acordo com as recomendações das Nações Unidas e da OUA”, o que significava ter em conta os princípios de integridade territorial. Uma posição condenada pelos representantes da FLEC (com Franque Ranque a perguntar se Portugal “reconhecia o Tratado de Simulambuco”), que avisavam que “o povo de Cabinda tem amigos que nos ajudarão e nos darão armas.”<sup>322</sup>

No decorrer das negociações entre os portugueses e os movimentos é acordada a necessidade de uma “pré-cimeira” conjunta, com Roberto a rejeitar, a 23 de dezembro, a proposta portuguesa para que esta pré-cimeira tivesse lugar em Angola, mais especificamente no Aeródromo-base nº.3 (Negage), tudo isto “apesar ser uma área de grande ou quase total influência da FNLA”, o que, segundo um relatório militar, “leva a admitir que o presidente deste movimento não tenciona deslocar-se a Angola nesta fase.”<sup>323</sup> Em Luanda seria conseguido, já a 4 de dezembro, realizar uma reunião entre as delegações dos três movimentos em Luanda “sob a direção do Brigadeiro Silva Cardoso”, que decorreram de “modo muito satisfatório tendo-se conseguido encontrar várias plataformas de entendimento mútuo.” Rosa Coutinho considerou esta reunião um “facto muito importante como preparatório para a reunião cimeira em Portugal.”<sup>324</sup>

Os movimentos iniciariam por fim os seus acordos bilaterais, com a FNLA e a UNITA a assinarem um acordo de cessar-fogo a 25 de novembro de 1974 em Kinshasa,<sup>325</sup> seguido por outro, em 18 de dezembro, entre o MPLA e a UNITA<sup>326</sup>. Dá-se, por fim, a 4 de janeiro de 1975, o último acordo bilateral, entre o MPLA e a FNLA, que tem lugar em Mombaça, no Quênia.<sup>327</sup> A cimeira tripartida desenrola-se naquela cidade, entre 3 e 5 de janeiro de 1975, onde os movimentos aprovam, sob a mediação do presidente Jomo Kenyatta, uma plataforma e programa comum para as negociações com Portugal.<sup>328</sup> Antes desta reunião Portugal consegue convencer a OUA a conceder o estatuto de «movimento de libertação» à UNITA, com Almeida Santos a afirmar mais tarde que era necessário que “a almejada paz não deixasse rabos – isto é, armas – de fora”.<sup>329</sup>

---

<sup>322</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Encontro reservado com os dirigentes do FLEC, em 25 de novembro de 1974.*

<sup>323</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Visita a Kinshasa, Comando da 2ª. Região Aérea, 23/12/74.*

<sup>324</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Tlg AC a Ministério do Ultramar, 04/12/74.

<sup>325</sup> CORREIA 1991, p. 105.

<sup>326</sup> SANTOS II (2) 2006, p. 168.

<sup>327</sup> CORREIA 1991, p. 105.

<sup>328</sup> CORREIA 1991, p. 105.

<sup>329</sup> SANTOS II (2) 2006, pp. 167 – 168.

### 3.2.4 – As Forças Armadas em Angola

Após a queda de Spínola, o MFA de Angola inicia um processo de consolidação interna, necessário em virtude do desgaste e de ruturas internas fruto, nas palavras de Pezarat Correia, das “contradições originais e duma dinâmica que originalmente não se previra”, o que tornava imperiosa a reformulação do movimento. Um diploma, promulgado pelo comandante-chefe sob a forma de despacho a 3 de outubro, cria a ‘Comissão Coordenadora do Programa em Angola’ (CCPA), que substitui o ‘Gabinete do MFA’. Esta nova estrutura, cujos membros são selecionados com base num colégio eleitoral, constituído pelos delegados eleitos nos vários escalões da hierarquia (o que reforça a sua legitimidade), assume dois objetivos prioritários: por um lado o «esclarecimento e consciencialização política das Forças Armadas reforçando a sua coesão e disciplina»; e, por outro, o «apoio e conselho aos comandos militares em todos os escalões». Segundo Pezarat Correia: “Estas inovações conferiam um carácter institucionalizado, ainda que sem competências autónomas, aos órgãos do MFA, lacuna com que o anterior Gabinete do MFA sempre se confrontara. Em todos os restantes escalões da hierarquia, zona, setor, unidade, haveria comissões do MFA funcionando como órgão de conselho junto do respetivo comandante.”

Na organização das suas estruturas, a CCPA alarga para nove membros, três eleitos em cada ramo, que passaria a funcionar como repartição de gabinete do comandante-chefe a tempo inteiro. Também as comissões coordenadoras dos ramos funcionariam a tempo inteiro, constituindo repartições de gabinete dos respetivos comandantes. Ao nível superior existiria um conselho coordenador, composto pela CCPA e por três membros de cada comissão de ramo e no qual tinham assento, por direito próprio, o comandante-chefe e os comandantes dos três ramos. Haveria também estruturas tipo conselho nos níveis subordinados e, como órgão mais alargado, uma assembleia de delegados, que reunia a CCPA, as comissões dos ramos e delegados das comissões de zona e setor.<sup>330</sup>

Para além destas reformas internas, o MFA de Angola inicia o saneamento das autarquias nomeadas antes do 25 de Abril, que desde a revolução se mantinham mais ou menos paralisadas. Tarefa encabeçada por uma delegação do MFA constituída por Pezarat Correia, pelo capitão-tenente Martins e Silva e pelo capitão Moreira Dias, que através dos contactos com os mais variados setores das comunidades locais escolhem as novas vereações para as Câmaras Municipais de Malanje, Benguela e Luanda.<sup>331</sup>

O combate à FRA constitui outra das prioridades do MFA, que leva a cabo a detenção de numerosos indivíduos, tanto civis como militares, suspeitos de envolvimento com esta organização na noite de 23 de outubro, na qual, segundo Pezarat Correia, sabia-se que estavam a ser preparadas ações por esta

---

<sup>330</sup> CORREIA 1991, pp. 93 – 94.

<sup>331</sup> CORREIA 1991, pp. 91 – 92.

organização. Na raiz desta ação preventiva estava a intenção de travar uma intentona semelhante à do ‘Movimento Moçambique Livre’, capaz de perturbar o já delicado processo de descolonização. A confusão em torno deste processo, não se conseguindo apurar se os militares detidos estavam ou não implicados com a FRA, leva a uma perda de prestígio do MFA local no seio das Forças Armadas, tudo isto apesar de, anos mais tarde, um dos elementos envolvidos na FRA, Pompílio da Cruz, ter revelado que as ações deste movimento tinham sido, de facto, travadas pela ação do MFA a 23 de outubro.<sup>332</sup>

Relativamente à questão da motivação das tropas portuguesas para a sua nova missão em Angola no pós-25 de Abril, é de ter em atenção as afirmações de Melo Antunes feitas no decorrer da sua reunião com o MPLA em Argel, segundo as quais “neste momento está em curso uma operação para fazer regressar as tropas que não se identificarem completamente com o MFA”, salientando que se impõe “neutralizar as manobras dos reacionários e da ultraesquerda que só pretendem motivar os soldados para o regresso.” É feita pressão sobre Agostinho Neto para que o MPLA cesse a sua campanha de desorientação das tropas portuguesas e, particularmente, das recrutadas localmente.<sup>333</sup>

### 3.2.5 – A dimensão internacional após a queda de Spínola

A URSS constitui a superpotência que assume a atitude mais decisiva logo após a queda de Spínola, iniciando em outubro uma nova fase na sua política angolana com a adoção de três medidas: a opção definitiva por Agostinho Neto, ao invés de uma unificação dos grupos dentro do movimento; o aumento do apoio ao MPLA; a promoção de uma aliança MPLA-UNITA, direcionada contra a FNLA.<sup>334</sup> No início de janeiro de 1975, uma delegação do MPLA liderada por Iko Carreira e composta também por Pedro de Castro Van-Dúnem (Loi) e Costa de Andrade (Ndunduma) parte para Moscovo, onde os soviéticos prometem armar e treinar uma brigada motorizada.<sup>335</sup>

Os EUA mantêm uma posição pouco clara face a Angola, o que o secretário de Estado adjunto para os assuntos africanos, Donald Easum, procura contrariar no decorrer da sua viagem por África. A 23 de outubro encontra-se com Holden Roberto, que chama a atenção para a ameaça do PCP, que estava, segundo ele, «a tentar lançar a base para uma Angola comunista». A 22 de novembro reúne-se em Luanda com Lúcio Lara e depois com Rosa Coutinho (aos quais reafirma a neutralidade norte-americana), discutindo de seguida, com Wilson dos Santos, a questão do reconhecimento internacional

---

<sup>332</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V9 Rit CCPA, 08/01/75 confrontar fonte pp. 168 – 170. CORREIA 1991, pp. 108 – 110. PIMENTA 2008, pp. 394 – 395.

<sup>333</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Conversações entre as delegações portuguesa e do MPLA*, CND/GCC, Argel, 18 e 19/09/74.

<sup>334</sup> SÁ 2011, p. 125.

<sup>335</sup> TELO II (2) 2007, pp. 164 – 165.

da UNITA. Dias depois, é informado de que as posições assumidas publicamente em África contradiziam as de Henry Kissinger, não tendo condições para continuar em funções.<sup>336</sup> O afastamento de Easum teria mais que ver com as suas opiniões hostis à África do Sul do que com Angola, relativamente à qual Kissinger não aparentava ter qualquer estratégia (chegando a questionar, no decorrer de um *briefing* dedicado à Angola, sobre «qual dos grupos rivais é mais compatível com o interesse nacional americano?»).<sup>337</sup> Incapazes de estabelecer uma nova estratégia, os norte-americanos limitam-se a prosseguir o seu reduzido apoio à FNLA, o que agrava as suspeições do MPLA, com Lúcio Lara a descrever a Silva Cardoso, a 19 de novembro, a presença de 80 “elementos da CIA em Angola”.<sup>338</sup>

Apesar da queda de Spínola ter representado o fim dos planos da Ilha do Sal (com o MNE do Zaire a reunir-se com Rosa Coutinho para confirmar se “os acordos do Sal continuavam em vigor”, confrontando-se com o desconhecimento do presidente da JG destes),<sup>339</sup> o Zaire desempenha um papel ativo na descolonização, como demonstrou a sua intervenção nos acordos com a FNLA. O apoio zairense a este movimento origina críticas do MPLA, que denuncia a presença de elementos deste movimento que só falam francês, assim como infiltrações através da fronteira Norte, negadas pela CCPA. Kinshasa tenta neutralizar a ameaça dos gendarmes catangueses, promovendo o regresso destes por intermédio de uma amnistia. Costa Gomes informa o alto-comissário dos esforços do Zaire e da FNLA para associar a descolonização à questão dos catangueses, aos quais Portugal pretende resistir, adiando o encontro entre estes e uma delegação zairense para depois da cimeira com os movimentos. Acrescenta que deve “ser dada [aos catangueses] total possibilidade opção permanecer Angola ou regressar Zaire e devendo-se diligenciar início seu desarmamento brevidade possível.”<sup>340</sup> Em resposta aos protestos do consulado zairense, o comando-chefe afirma não ser possível repatriar os catangueses contra a sua vontade.<sup>341</sup> A 4 de dezembro o Zaire envia uma mensagem ao governo português, na qual sublinha a necessidade do desarmamento dos catangueses “(récemment amnistiés par le Président Mobutu)”, cabendo a Portugal travar a entrada destes em qualquer grupo armado, “notamment dans le MPLA.” Os catangueses antes do dia da independência deverão partir para o Zaire ou permanecer em Angola “s’ils le préfèrent.”<sup>342</sup>

---

<sup>336</sup> SÁ 2011, pp. 130 – 136.

<sup>337</sup> SÁ 2011, p. 68.

<sup>338</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Encontro Brig. Cardoso, da JGA, Lúcio Lara, chefe da delegação do MPLA em Luanda, Comando da 2ª. Região Aérea, s. a.*

<sup>339</sup> GUERRA 1996, p. 87.

<sup>340</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Presirep a CCFAA, s. a.

<sup>341</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm CCFAA a Presirep, 24/12/74.

<sup>342</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Aide – Mémoire, 04/12/74.*

A expulsão das forças da FLEC por uma força conjunta MPLA-FAP constitui um golpe para os planos anexionistas dos dois estados vizinhos, que não desistem de promover o seu fortalecimento militar, como o demonstra a presença de uma base da FLEC na região Tchintanzi, no Congo, que leva as autoridades portuguesas a considerar o envio de uma nota de protesto a este país.<sup>343</sup>

Verifica-se uma maior atenção de Havana sobre os acontecimentos em Angola, com o envio do major Alfonso Pérez Morales (Pina) e de Carlos Cadelo (membro do Comité Central do Partido Comunista Cubano responsável por Angola) para o terreno enquanto observadores, onde chegam no início de janeiro, com documentação, providenciada pelo MPLA, que os identificava como refugiados angolanos. Segundo recorda Cadelo, alguns militares portugueses, simpatizantes do MPLA, sabiam da presença deles, o que incluía o próprio presidente da JG. “Rosa Coutinho sabia que estávamos lá (...) Quero dizer, ele sabia que dois cubanos estavam lá, a procurar ajudar o MPLA. Ele não sabia se éramos gordos ou magros, brancos ou pretos, mas ele sabia que estávamos lá (sic)”.<sup>344</sup>

### 3.2.6 – Alvor – O acordo para a independência

Uma vez formada a plataforma comum entre os movimentos, era necessário realizar uma cimeira conjunta com Portugal. Após discussões sobre o local, é anunciado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, na sua passagem por Kinshasa em final de novembro, que esta cimeira teria lugar em Portugal.<sup>345</sup> O local específico torna-se uma questão controversa, com o governo português a pretender que fosse Lisboa por uma questão de prestígio, tanto interno como internacional, o que é recusado pelos movimentos. Holden Roberto propõe os Açores,<sup>346</sup> o que é rejeitado tanto por Neto<sup>347</sup> como Savimbi, referindo este último a presença de uma base norte-americana como algo capaz de “levar suscetibilidades da parte dos países africanos”.<sup>348</sup> É acordado o Algarve,<sup>349</sup> com as negociações a terem lugar na freguesia de Alvor a 10 de janeiro de 1975.<sup>350</sup>

O diálogo não se revela fácil, assumindo Melo Antunes, nas palavras de Maria Inácia Rezola, “o papel de presidente e árbitro das sessões, com largas e determinantes intervenções.” Uma posição de força justificada por este, ao afirmar que “quem colonizou é que deve descolonizar” e que “os

---

<sup>343</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm sec Cab a CCFA/2ª. Rep, 22/11/74.

<sup>344</sup> GLEIJESES 2002, p. 245.

<sup>345</sup> REZOLA 2012, pp. 178 – 179.

<sup>346</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Encontro com dirigentes da FNLA, em Kinshasa, em 24 de novembro de 1974.*

<sup>347</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Agostinho Neto a Costa Gomes, 13/12/74.

<sup>348</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Conversa havida com os dirigentes da UNITA, em 24 de novembro de 1974.*

<sup>349</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Visita a Kinshasa, Comando da 2ª. Região Aérea, 23/12/74.*

<sup>350</sup> CORREIA 1991, pp. 124 – 125.



colonizados não podem descolonizar”.<sup>351</sup> Ao fim de cinco dias de negociações é assinado o acordo para a independência, que estabelece os seguintes pontos: reconhecimento, por parte do Estado Português, dos três movimentos nacionalistas como os únicos legítimos representantes do povo angolano; confirmação da unidade territorial de Angola; um cessar-fogo geral; estabelecimento de um governo de transição, encabeçado por um “colégio presidencial” constituído por três membros (um de cada movimento), e composto 12 ministérios, distribuídos de forma equitativa entre os movimentos de libertação e o Estado Português; a transferência de poderes por parte do Estado Português para os órgãos de soberania angolana até à data da independência (isto é, ao alto-comissário e ao governo de transição); a integração das forças dos diferentes movimentos, em paridade com as forças portuguesas, nas forças militares mistas, compostas por 8 mil combatentes de cada movimento e por 28 mil das forças portuguesas; o direito de todos os indivíduos nascidos em Angola à cidadania; a permanência de um contingente militar português até fevereiro de 1976; a data de independência, fixada para o dia 11 de Novembro de 1975.<sup>352</sup>

Este acordo representa o fim definitivo das aspirações políticas das formações políticas “não-armadas” (que na altura do acordo só existia a FUA, a qual declara a dissolução após o anúncio do acordo) assim como dos que pretendiam uma independência separada do resto de Angola, como era o caso da FLEC. Já a complexidade da estrutura governativa, liderada de forma rotativa por três primeiros-ministros e formada por uma coligação de partidos mutuamente hostis, apresentava-se como um sério desafio. A esperança dos negociadores portugueses era de que o convívio entre as diferentes partes no quadro da governação contribuísse para o ultrapassar dos ódios e para um maior espírito de coexistência. A questão mais delicada era certamente a das forças armadas dos movimentos, que era necessário unir num exército comum até ao dia da independência, que estaria sob o comando do alto-comissário, devendo as forças não integradas manter-se nos territórios dos seus movimentos. A permanência militar portuguesa até depois da independência refletiria os receios transmitidos pelo MPLA, em Argel, relativos a uma intervenção zairese após a independência.

Tornava-se claro que o sucesso deste projeto dependeria dum grande investimento e vontade política por parte dos vários participantes, o que estava longe de ser o caso. A própria questão do dia da independência é exemplo disso mesmo, com o MPLA a procurar adiá-la para os fins de 1975 (contrariando a FNLA e a UNITA), pela simples razão de que só por essa altura é que a brigada motorizada, que ia receber treino na União Soviética, regressava a Angola.<sup>353</sup> Um cálculo político que diz muito da dedicação destes à paz. Neste momento os dados estavam lançados, e o futuro de Angola

---

<sup>351</sup> REZOLA 2012, p. 180.

<sup>352</sup> HEIMER 1980, pp. 66 – 67. CORREIA 1991, pp. 124 – 125.

<sup>353</sup> TELO II (2) 2007, pp. 164 – 165.



estava nas mãos dos dirigentes nacionalistas. O que se seguiria não constituiria, porém, uma verdadeira paz, mas antes um mero *intermezzo* para o próximo banho de sangue.

# Cap. 4 – Do Acordo de Alvor ao dia da independência

## 4.1 – O intermezzo

A conclusão da Cimeira no Algarve marca um ponto de viragem no processo de descolonização, com a assinatura de um acordo que reúne as diferentes partes do conflito numa solução de paz e de coexistência. Uma solução cujo sucesso, dada a fragilidade da metrópole, dependeria da vontade dos movimentos em cumprir os acordos firmados em Alvor. Uma vontade, numa altura em que grandes potências tinham os olhos postos sobre Angola, que faria a diferença entre a guerra e a paz.

### 4.1.1 – O entendimento aparente

A Angola do pós-Alvor era uma terra de expectativas várias, onde a alegria pela independência se confundia com os receios da guerra. Os incidentes, apesar de constantes, assumem no entanto uma dimensão moderada, que permite a implementação do acordo, com a tomada de posse a 31 de janeiro dos órgãos de estado previstos em Alvor.<sup>354</sup> Apesar dessa natureza “moderada”, a recorrência dos incidentes é suficiente para questionar o sucesso do projeto, como demonstra o ataque, a 26 de janeiro, às instalações da Emissora Oficial<sup>355</sup> (cujas emissões eram marcadas por uma retórica que provocava os protestos dos rivais do MPLA e, particularmente, de Holden Roberto)<sup>356</sup> feito por um grupo de militantes da FNLA, que não apenas danificam o equipamento como ainda raptam o chefe de redação, o poeta António Cardoso, militante do MPLA, alvo de torturas até à sua libertação, após negociações com as autoridades portuguesas. A gravidade deste incidente é acentuada pelo facto do líder deste grupo, Vaal Neto, ser não apenas o dirigente máximo do movimento no interior do país como ainda um dos representantes da FNLA no Governo de Transição, que tomava posse apenas dias depois.<sup>357</sup>

Apesar da agressividade presente, a competição entre os movimentos assume um forte teor político, com os movimentos a apostarem numa estratégia de divulgação marcada, segundo Heimer, tanto por elementos de uma democracia convencional (comícios, cartazes) como pelo recurso à violência,

---

<sup>354</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75. AFONSO, GOMES 2010, p. 808.

<sup>355</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm geraldefnac a CCFAA, 28/01/75. AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Documento CCFAA a CCPA, 29/01/75.

<sup>356</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm geraldefnac a CCFAA, 29/08/74. AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Holden Roberto a Costa Gomes, Kinshasa, 04/11/74.

<sup>357</sup> HEIMER 1980, p. 127 (duas semanas após Alvor).

através da qual procuram expulsar os membros dos outros movimentos das suas zonas de influência, o que leva a um “endurecimento”, nas palavras de Heimer, do apoio das populações nos territórios onde predominam.<sup>358</sup> Os ministros da UNITA e da FNLA, recorda o ministro português das Obras Públicas, Habitação e Urbanismo, Manuel Resende de Oliveira, pretendiam passar bancos para as suas áreas, “o que teria sido a balcanização total”, o que é travado pela ação conjunta dos ministros portugueses e do MPLA.<sup>359</sup> De acordo com Heimer, a UNITA, que tinha a maior ‘zona de influência’, sugere a criação de um estado não unitário de cariz federal, em que cada movimento dominaria a sua área, onde disporia de uma autonomia assinalável. Um esquema político de cariz «consociacional» que seria rejeitado quer pelo MPLA quer pela FNLA.<sup>360</sup> A situação revela-se também difícil em Cabinda, informando o alto-comissário, a 19 de março, que a: “Maioria população Cabinda a sul do Dingo adere incondicionalmente FLEC VG sendo hostil presença forças portuguesas e MPLA. Este tem tido actuação inconveniente usando força para se impor junto população (sic).”<sup>361</sup>

A FNLA aposta no controlo dos meios noticiosos, adquirindo uma estação de televisão e o principal jornal de Luanda, “A Província de Angola”. Ao mesmo tempo, de acordo com a Directiva Geral “Raio Azul” (documento militar, publicado a 20 de março), continua a apostar num discurso anticomunista, que permite conquistar apoios na comunidade branca, apresentando-se ao mesmo tempo como um movimento disciplinado, com os seus elementos a tomarem um papel ativo na luta contra a criminalidade, o que funciona como uma verdadeira demonstração de força.<sup>362</sup> A má relação entre a população e as tropas do ELNA converte-se, contudo, num sério problema, comportando-se estas, nas palavras de Heimer, como se estivessem num país ocupado, cuja língua e costumes ignoravam na sua maioria, tornando-se alvo da chacota, da hostilidade e por vezes de agressões por parte da população que, segundo este historiador, sentia a sua presença como «estrangeira».<sup>363</sup>

O MPLA reforça o seu (já elevado) número de quadros com a integração dos «movimentos democráticos» (entre os quais o MDA), formalizada a 9 de março numa reunião presidida por Agostinho Neto.<sup>364</sup> Segundo a Directiva Geral “Raio Azul”, assiste-se a uma diminuição da luta política por parte deste movimento, que aposta na “consolidação do chamado Poder Popular (...) assim como a aquisição de material de guerra destinado a armar as comissões de auto-defesa nos bairros periféricos de Luanda”, assumindo um discurso mais hostil à “atuação do Governo de

---

<sup>358</sup> HEIMER 1980, pp. 72 – 74.

<sup>359</sup> Sábado, 6 de agosto de 1975, pp. 59.

<sup>360</sup> HEIMER 1980, pp. 72 – 74.

<sup>361</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm AC a Presirep, 19/03/75.

<sup>362</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte p. 186.

<sup>363</sup> HEIMER 1980, p. 125.

<sup>364</sup> PIMENTA 2008, p. 414.

Transição, em particular quando estão em causa medidas limitativas das liberdades dos trabalhadores.”<sup>365</sup>

No que concerne à UNITA, o mesmo documento refere que: “Enquanto a FNLA e o MPLA continuam a vigiar-se e a digladiar-se politicamente, chegando (...) quase a situações de confrontação, a UNITA continua a singrar na sua campanha de politização quase alheia ao que se passa em redor, tirando inegável proveito do prestígio do seu chefe. Tem sido notório o valor político dos quadros da UNITA, insistindo concertadamente nos objectivos principais do Movimento (realização de eleições, esclarecimento das populações, apelo à reconstrução e reconciliação nacional) sem chocar frontalmente os demais Movimentos, não deixando, porém, de denunciar os atropelos cometidos que são outras tantas denúncias (tendência de alguns para o militarismo e o uso por alguns Movimentos de intimidação, provocação e todos os meios de aliciamento, em vez de uma mobilização e politização de massas) (sic).”<sup>366</sup>

Acresce ainda aquele que é, segundo John Marcum, um ‘quarto movimento armado’: a Revolta de Leste,<sup>367</sup> que abrija, sob os protestos de Agostinho Neto<sup>368</sup> e dos «movimentos democráticos»,<sup>369</sup> a sua própria sede em Luanda. A 13 de fevereiro o MPLA ataca as instalações de Chipenda,<sup>370</sup> que são abandonadas pelos seus militantes sob a escolta de tropas portuguesas,<sup>371</sup> naquele que seria o mais sério incidente ocorrido neste período. A 22 de fevereiro Daniel Chipenda anuncia a integração das suas forças na FNLA.<sup>372</sup>

De acordo com um documento, relativo a 11 de fevereiro, a FNLA contava com 10100 soldados no interior de Angola, mais 1200 a receber instrução, e cerca de 10 mil no exterior, mais 6 mil a receber instrução. O MPLA contava com 4900 soldados, mais 8100 a receber instrução. O número de efetivos da UNITA rondariam os 7250, mais 13 mil a receber instrução. Já a Revolta de Leste contava com

---

<sup>365</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte pp. 186 – 187.

<sup>366</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte p. 187.

<sup>367</sup> MARCUM 1978, p. 276.

<sup>368</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Agostinho Neto a Costa Gomes, s. a. ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm geraldefnac a CCFAA, 28/1/75.

<sup>369</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm MDA a Presirep, 19/12/74.

<sup>370</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75. SANTOS II (2) 2006, p. 195.

<sup>371</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/2ª. rep a geraldefnac, 15/02/75.

<sup>372</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm CCPA a CCFAA/2ª Rep, s. a. AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 *Declaration de Daniel Julio Chipenda*, Kinshasa, 21/02/75. ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA /2ª. rep a geraldefnac/2ª. div/Pal Ajuda, 28/02/75. AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75. MARCUM 1978, p. 258.

2250 soldados no interior de Angola e entre 750 a mil no exterior.<sup>373</sup> No que concerne à distribuição no terreno, o comando-chefe afirma, a 16 de janeiro, que a FNLA tinha cerca de 600 soldados em Luanda, 400 no distrito de Lunda e 400 no distrito de Moxico. O MPLA tinha mil em Cabinda, 200 a 400 em Luanda, 350 a 2400 a receber instrução no distrito de Luanda, 650 soldados e mais 900 a receber treino em Moxico e 50 soldados no distrito de Cuando-Cubango. A Revolta de Leste tinha aproximadamente 1250 elementos no distrito de Moxico, 250 no Cuando-Cubango e 200 na cidade de Luanda. Não são feitas referências à UNITA.<sup>374</sup> De modo a reforçar os seus contingentes militares, os movimentos apostam no recrutamento dos soldados angolanos desmobilizados pelas Forças Armadas Portuguesas, com o MPLA a alistar cerca de 2000 a 3000 gendarmes catangueses.<sup>375</sup> Quanto à integração da Revolta de Leste na FNLA, esta (segundo um documento da CCPA) confere a Roberto um dispositivo militar capaz de “dominar o Cabinda, Uige, Malange, Lunda e o eixo viário Henrique de Carvalho-Luanda, controlando assim quase toda a riqueza angolana e o centro nervoso de toda a economia (Petróleo, Café, Diamantes). (sic)” No que concerne à FLEC, o mesmo documento refere que: “Existem dois exércitos, um de 2000 homens e outro de 5000 homens, a serem armados e instruídos, na RPC e R Zaire respetivamente. (sic)”<sup>376</sup> Estas dimensões seriam confirmadas por uma mensagem do alto-comissário, datada de 19 de março.<sup>377</sup>

Todo este ambiente de crispação é acompanhado por um aumento generalizado da criminalidade, com numerosos delinquentes a fazerem-se passar por membros dos movimentos, situação referida numa mensagem de Agostinho Neto a Costa Gomes, onde o líder do MPLA denuncia a existência de “grupos armados utilizando abusivamente nome MPLA” os quais “penetram livremente território angolano sem nosso consentimento”.<sup>378</sup>

A Directiva Geral “Raio Azul” conclui que: “A atuação presente dos três Movimentos de Libertação está longe do espírito de Mombaça e Alvor, parecendo ter-se perdido o seu espírito aparente de unidade, o que pode levar a um clima de violência entre as suas forças, em especial entre a FNLA e o MPLA. Alguns atritos surgidos entre a UNITA e o MPLA, longe de revestirem a gravidade dos que opõem a FNLA ao MPLA, podem constituir novo elemento condicionante, levando a UNITA a ligar-se ainda mais à FNLA, e ficando mais isolado o MPLA.”<sup>379</sup> Um documento, enviado pela CCPA ao comando-chefe, refere o “isolamento progressivo do MPLA”, que “à primeira vista parece-nos existir

---

<sup>373</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Anon, s. a.

<sup>374</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA /2a. Rep a defnacajuda, 16/01/75.

<sup>375</sup> CORREIA 1991, pp. 134 – 135.

<sup>376</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm CCPA a CCFAA/2ª Rep, s. a.

<sup>377</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm AC a Presirep, 19/03/75.

<sup>378</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Agostinho Neto a Costa Gomes, s. a. ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm geraldefnac a CCFAA, 28/1/75.

<sup>379</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte pp. 187 – 188.

(...) pelo facto da UNITA ter uma linha política que em princípio alinhará ao lado da FNLA. No entanto, através da análise retrospectiva da política seguida pela UNITA, somos em crer que o isolamento do MPLA não será definitivo, tudo dependendo da posição que futuramente a UNITA venha a assumir. (sic)<sup>380</sup>

Semelhante ambiente de incerteza leva o MCI a enviar uma mensagem ao Colégio Presidencial, onde expressa as preocupações do governo português com o processo de descolonização em Angola face aos recentes acontecimentos, propondo a realização de uma conferência entre os líderes dos três movimentos e o presidente da República português, ou então de delegações dos três movimentos e do governo português, como forma de ultrapassar a situação.<sup>381</sup>

#### 4.1.2 – A dimensão internacional após Alvor

Os soviéticos rapidamente concluem que o acordo para a independência e, em especial, o governo de transição, não tinha possibilidades de sucesso, o que é confirmado por uma mensagem de Agostinho Neto, segundo a qual o entendimento entre os três movimentos tinha apenas «um carácter formal», sendo que «a UNITA e a FNLA, com o apoio dos EUA, planeavam tomar o poder no país e liquidar os seus adversários políticos».<sup>382</sup> Apenas dias após o acordo de Alvor, a URSS fornece ao MPLA «armamento suficiente para equipar cinco a sete mil tropas», bem como «milhares de AK 47» destinadas a «armar os grupos de poder popular dos musseques de Luanda».<sup>383</sup> Apesar desta atitude, o historiador Westad afirma que os soviéticos não esperavam uma guerra civil antes da independência, uma posição expressa pela embaixada soviética em Brazzaville.<sup>384</sup>

A liderança norte-americana assume uma posição mais ambígua, para não dizer confusa, expressando ceticismo quanto ao acordo alcançado no Algarve sem, no entanto, definir uma estratégia. É decidido o reforço do apoio à FNLA, que passa a ter um financiamento anual de 300 mil dólares, sendo o apoio à UNITA rejeitado (apesar da CIA defender um reforço de ambos os movimentos, no quadro de uma aliança anti-MPLA como resposta ao envolvimento soviético).<sup>385</sup> O secretário de Estado decide enviar, contudo, instruções a Tom Killoran para «uma abordagem discreta» com os movimentos.<sup>386</sup>

---

<sup>380</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm CCPA a CCFAA/2ª Rep, s. a.

<sup>381</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Tlg MCI a AC, 18/03/75.

<sup>382</sup> SÁ 2011, pp. 147 – 148 (Logo depois da (...) assinatura [do Acordo de Alvor]).

<sup>383</sup> SÁ 2011, p. 151 (Alguns dias apenas após o encontro do Algarve).

<sup>384</sup> GLEIJESES 2002, p. 248.

<sup>385</sup> SÁ 2011, pp. 148 – 149.

<sup>386</sup> SÁ 2011, p. 147.

O Zaire, segundo a Directiva Geral “Raio Azul”, aposta simultaneamente no apoio à FNLA, à Revolta de Leste e à FLEC, procurando furtar os ex-gendarmes catangueses “às tentativas de aliciamento por parte do MPLA”, tudo isto após o fracasso de os atrair para o Zaire.<sup>387</sup> A 28 de fevereiro o comando-chefe refere o rapto de um catanguês, Mumba Kwape, pelas forças da FNLA, que o entregam às autoridades zaienses.<sup>388</sup> A integração dos catangueses nas forças de Agostinho Neto provoca um escalar da intervenção do Zaire com o massivo envio de soldados, aproveitando a incapacidade, quando não falta de vontade, das tropas portuguesas para vigiar a fronteira entre os dois países.<sup>389</sup>

O Congo mantém o seu apoio tanto ao MPLA como à FLEC, promovendo a realização de um congresso na Ponta Negra que elege um novo bureau político, presidido por Alfred Raoul,<sup>390</sup> indivíduo “natural de Cabinda, que desempenha [segundo a Directiva Geral “Raio Azul”] as funções de seu embaixador em Bruxelas”.<sup>391</sup> A Zâmbia, segundo várias notícias, estaria a permitir a passagem de armamento para o MPLA através do seu território, ao passo que o Gabão forneceria, de acordo com algumas notícias, apoio militar aos independentistas cabindas.<sup>392</sup>

São iniciados contactos diretos entre África do Sul e a UNITA, com Jonas Savimbi a reunir-se com elementos dos serviços secretos sul-africanos no Luso, a 12 de fevereiro, e em Gaborone, no Botswana, entre 17 e 18 de fevereiro.<sup>393</sup> As autoridades portuguesas não parecem aperceber-se do envolvimento sul-africano com a UNITA, com a Directiva Geral “Raio Azul” a relatar o possível envolvimento entre a UNITA e a SWAPO, suspeitando-se que os nacionalistas namibianos tentassem promover, junto dos angolanos de etnia ovambo, predominante no sul de Angola, “o velho sonho da criação da Ovambolandia.”<sup>394</sup> Também a mensagem, mencionada anteriormente da CCPA ao comando-chefe, refere “a tentativa de penetração e fixação, com elementos armados, por parte da

---

<sup>387</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte pp. 184 – 185.

<sup>388</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA /2ª. rep a geraldefnac/2ª. div/Pal Ajuda, 28/02/75.

<sup>389</sup> MARCUM 1978, p. 260.

<sup>390</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Anon, s. a.

<sup>391</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte p. 184.

<sup>392</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte p. 185.

<sup>393</sup> SÁ 2011, p. 231.

<sup>394</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte pp. 185 – 186.

SWAPO na região Cuanhama, onde já começam a tentar politizar as populações e a ensinar a língua inglesa.”<sup>395</sup>

Relativamente aos cubanos enviados para Angola, estes encontram-se em janeiro com Xiyetu, responsável pelas FAPLA (‘Forças Armadas Populares de Libertação de Angola’, o braço armado do MPLA), que pede armamento e treino. Uma vez em Havana os observadores entregam o seu relatório, onde propõem um aumento da ajuda militar ao MPLA, que fica sem resposta, algo que, segundo Gleijeses, dever-se-ia à falta de urgência com que a liderança cubana encarava a situação. Tal como recorda Cadelo: “Nós não acreditávamos que ia haver uma guerra civil num futuro próximo (...) Nós achávamos que não ia haver durante pelo menos dois ou três anos”.<sup>396</sup>

Ao se analisar o mapa anexo à Directiva Geral “Raio Azul”, constata-se que algumas fronteiras de Angola não são representadas por uma linha contínua mas antes por uma série de “pequenas cruces”, supondo-se que tal representa se as partes da fronteira angolana que as autoridades portuguesas se viam incapazes de vigiar, no que seria um testemunho da incapacidade das autoridades portuguesas de travar as intervenções externas.<sup>397</sup>

#### **4.1.3 – A situação em Portugal**

A queda de Spínola é seguida por aquilo que António José Telo descreve como uma «deriva comunista», com o processo revolucionário a ser caracterizado por um PCP mais dinâmico e confiante. Enquanto o PS e o PPD se mantêm na defensiva, o PCP e o MDP/CDE lançam-se na ofensiva, consolidando o controlo sobre o movimento sindical, numerosas autarquias e órgãos de comunicação social. Promove também uma política de nacionalizações como resposta à crise económica, a qual, aos olhos do PCP, era causada pelos grandes grupos económicos, que pretendiam subverter a revolução através da «sabotagem económica».<sup>398</sup>

Evidenciavam-se, ao mesmo tempo, divisões entre os militares do MFA, com figuras como o primeiro-ministro Vasco Gonçalves e Rosa Coutinho a defenderem uma via socializante mais radical para a revolução portuguesa, e personalidades como Melo Antunes e Vasco Lourenço a optarem por uma via mais moderada. Esta última acaba por triunfar, com o elaborar do chamado «programa Melo

---

<sup>395</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm CCPA a CCFAA/2ª Rep, s. a.

<sup>396</sup> GLEIJESES 2002, p. 248.

<sup>397</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte p. 183.

<sup>398</sup> TELO II (1) 2007, pp. 100 – 102.



Antunes», alvo de críticas pelos gonçalvistas pelo seu cariz «pouco socialista» e tímido nas nacionalizações.<sup>399</sup>

O circular de rumores de uma «matança da Páscoa», uma conspiração do PCP que pretendia assassinar múltiplas personalidades, militares e civis, opostas a este partido, precipita uma tentativa de golpe de estado por parte das forças leais a Spínola a 11 de Março,<sup>400</sup> que acaba por fracassar, provocando uma ainda maior radicalização da atmosfera política, com o PCP a apelar a uma aliança povo-MFA ao mesmo tempo que os militares do Movimento das Forças Armadas se reúnem naquela que seria conhecida como a «Assembleia Selvagem», caracterizada por intervenções exaltadas como a que defendia o fuzilamento dos conspiradores. Nesta assembleia, sem um estatuto claro, são aprovadas medidas para um amplo programa de nacionalizações que abrangem a banca e os seguros;<sup>401</sup> uma reforma agrária com expropriação de terras aos grandes proprietários no sul do país; a institucionalização do MFA através da criação de um Conselho da Revolução e de uma Assembleia, com a extinção da JSN e do CE.<sup>402</sup>

As transformações políticas em Portugal não passam despercebidas em Angola, onde os movimentos, e em especial a FNLA,<sup>403</sup> protestam contra a nacionalização dos bancos, uma vez que os principais bancos, seguradoras e empresas nos territórios coloniais pertenciam a estes, tendo sido também indiretamente nacionalizados.<sup>404</sup> A FNLA faz entrar um número assinalável de militares vindos de Kinshasa, com o respetivo armamento, ao mesmo tempo que o MPLA solicita autorização de entrada no país de grandes quantidades de material.<sup>405</sup>

#### 4.1.4 – As Forças Armadas em Angola

Após a assinatura do acordo para a independência, torna-se necessária uma redefinição da missão das Forças Armadas Portuguesas em Angola que tivesse em atenção a iminência da independência, a redução do contingente português no terreno (que passa de 40 mil efetivos a 24 mil, processo que se

---

<sup>399</sup> TELO II (1) 2007, pp. 105 – 106.

<sup>400</sup> AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata do Conselho Coordenador, 26/03/75. AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75.

<sup>401</sup> AHM/FO/43/S5/Cx842/V35 Msm CCFAA/CCPA a dispositivo militar, s. a. AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata do Conselho Coordenador, 26/03/75.

<sup>402</sup> TELO II (1) 2007, pp. 122 – 127.

<sup>403</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm MNE/Direcção-geral dos Negócios Económicos a Gabinete Coordenador para a Cooperação/Comissão Nacional de Descolonização, s. a.

<sup>404</sup> SANTOS II (1) 2006, p. 422.

<sup>405</sup> SANTOS II (2) 2006, pp. 195 – 196.

inicia com a desmobilização dos soldados angolanos)<sup>406</sup> assim como a crescente desmotivação entre as tropas expedicionárias. Logo em 17 de janeiro a CCPA publica um documento onde descreve os temas prioritários da descolonização após Alvor, que incluem a “aprovação da Comissão Nacional de Defesa” e a “Força Militar Mista”,<sup>407</sup> ao qual são feitas novas sugestões, relativas à formação da Força Militar Mista e à reestruturação da PSPA, na “Assembleia de Delegados do MFA em Angola” realizada a 29 de janeiro.<sup>408</sup>

A 13 de fevereiro é publicada uma diretiva do estado-maior general relativa à transferência de poderes e as suas implicações de natureza militar, cuja complexidade recomendava a nomeação de um grupo de trabalho com elementos dos três ramos das Forças Armadas, a funcionar no estado-maior do exército, destinado à coordenação dos transportes afetos à retirada dos efetivos portugueses.<sup>409</sup> A 20 de março o comando-chefe de Angola publica a Directiva Geral “Raio Azul”, documento que, para além de analisar a conjuntura internacional e a situação político-militar, estabelece os principais objetivos das FAP no pós-Alvor, destacando-se a constituição das Forças Militares Mistas, o apoio aos “órgãos políticos do Estado”, a garantia da “integridade do território angolano”, a manutenção da ordem e a condução de “amplas Campanhas de informação e esclarecimento político sobre os próprios elementos”.<sup>410</sup> O MFA local promove a consciencialização das tropas ao organizar uma “sessão de esclarecimento, sobre o tema “Cimeira do Algarve”, no dia 25 Jan 75, pelas 0900, no cinema da BA9”, destinada “a oficiais, sargentos e delegações de praças dos três ramos das FA, presentes em Luanda.”<sup>411</sup>

Apesar dos esforços das autoridades militares e da CCPA, a moral das tropas permanece um sério problema, evidenciado pela passividade destas face os incidentes, a qual, conforme relatado pelo alto-comissário a 6 de março, contribuía para o agravar da situação e para o desprestígio das Forças Armadas.<sup>412</sup> O caso mais grave ocorre a 13 de fevereiro, com uma insubordinação de uma unidade em Cabinda,<sup>413</sup> o BArt 6220 (Batalhão de Artilharia 6220), cujos praças aprisionam todos os comandantes assim como os oficiais que não aderem à sublevação. Um ato, justificado por estes pela falta de esclarecimento da situação em Angola e Portugal e pela má relação com estes oficiais, que é

---

<sup>406</sup> SÁ 2011, p. 144.

<sup>407</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Documento da CCPA, 17/01/75.

<sup>408</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Documento da CCPA, 29/01/75.

<sup>409</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 809.

<sup>410</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Directiva Geral “Raio Azul”, QG CCFAA 3ª. Rep, 20/03/75 confrontar fonte pp. 171 – 174.

<sup>411</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V2 Msm CCPA a dispositivo militar, 21/01/75.

<sup>412</sup> AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata do Conselho Coordenador, 06/03/75.

<sup>413</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 809.

respondido com uma rápida intervenção com recurso a tropas especiais.<sup>414</sup> Dois dias depois é enviada a Portugal uma mensagem conjunta do alto-comissário e da CCPA, em que, além de se informar da detenção dos sublevados, se refere que: “Todos actos graves indisciplina verificados últimos meses ocorreram em unidades chegadas após 25Abr74 (...) Estado actual disciplina NF [Nossas Forças] admite ocorrência novos incidentes natureza grave com forte repercussão credibilidade Alto Comissário junto Governo Transição e forças movimentos libertação. (sic)”<sup>415</sup>

Com a assinatura do Acordo dá-se a substituição do alto-comissário, acusado pela FNLA e UNITA de favorecimento ao MPLA.<sup>416</sup> O almirante tinha estabelecido uma boa relação com a CCPA, como evidencia a aprovação, na Assembleia de 27 de janeiro, de uma moção de apoio a Rosa Coutinho, que regressara recentemente a Portugal juntamente com Pezarat Correia e Emílio da Silva (por sinal no mesmo dia em que se dá o ataque da FNLA à Emissora Oficial), e na qual é descrito como alguém que soube resistir “às pressões às manobras da reação e das forças imperialistas e neo-colonialistas, lançando Angola na via duma descolonização real e duma independência efetiva, fazendo assim cumprir as responsabilidades assumidas por Portugal perante o Povo Angolano e a Comunidade Internacional.”<sup>417</sup>

A relação com o novo alto-comissário, o general Silva Cardoso,<sup>418</sup> torna-se uma questão delicada, com o substituto de Rosa Coutinho a suspeitar que o ramo local do MFA estava a favorecer o MPLA, suspeitas que são agravadas por rumores, no início de março, relativos a um golpe de força “feito pelo MPLA com o apoio de tropas portuguesas”, tendo as recentes viagens de membros da CCPA a Portugal o objetivo encoberto de “estabelecer contactos com o PCP com vista à organização da intentona” e de “trazer a Angola os agitadores.” O comandante da Defesa convoca duas reuniões no setor de Luanda, onde dá a conhecer “a possibilidade de um golpe de Estado com a conivência do EREC401 e CIC, não se sabendo qual a posição da PM”, tendo sido reafirmada, por parte dos comandantes das unidades de Luanda, a “disposição de defender os poderes legitimamente constituídos.”

Entre 5 e 6 de março têm lugar reuniões entre a CCPA e o alto-comissário, que refere “indícios” deste golpe: a “chegada a Luanda de elementos agitadores do PCP” (cerca de 18 a 20); a “informação de que um cabo de uma unidade de Luanda tinha tido contactos com a CCPA e que seria o elo de ligação entre as NT e o MPLA”; a “presença assídua de elementos do MPLA junto da CCPA”; a “insistência com que o MPLA pedia armas de sua pertença que tinham sido apreendidas no aeroporto

---

<sup>414</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm AC a geraldefnac, 13/02/75.

<sup>415</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCFAA/CCPA a geraldefnac, 15/02/75.

<sup>416</sup> CORREIA 1991, pp. 128 – 130.

<sup>417</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Documento CCFAA/CCPA, 29/01/75.

<sup>418</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 MCI, s. a.

de Luanda e à guarda do BCP21”. Sublinha ainda “existir um clima de desconfiança em relação a alguns elementos da CCPA, pois tinha sido informado que esses elementos estavam comprometidos com o MPLA.” Os membros do MFA local negam os rumores, cuja origem seriam a “FNLA e UNITA”, e que teriam o propósito de “criar cisão entre o Alto Comissário e a CCPA”, sendo “as posições leais e francas.” O comandante Martins e Silva explica que “foram feitos convites a todos os ML’s para se encontrarem com a CCPA, mas só aparecem com assiduidade elementos do MPLA”. É pedido que, “já que há desconfiança para com a CCPA”, que fosse “levantado um auto de averiguações”, propondo-se “uma moção de confiança ou de desconfiança à CCPA.” O capitão Simões afirma que “se notava por parte do Alto Comissário (...) retração e dúvida nos seus contactos com a CCPA”, o que este explica por não ter aceite “determinadas deliberações da CCPA por pensar que estas poderiam criar mais cisões nas FA’s”. O comandante. Martins e Silva responde que “a CCPA é um órgão de consulta pelo que as suas propostas quando não aceites merecem uma explicação.” É pedido ao alto-comissário que este “defina se a CCPA é um órgão de apoio ou se vê nela uma maquinação posta ao serviço de determinados fins.”<sup>419</sup>

É de referir o testemunho dos enviados cubanos a Angola, que descrevem os oficiais portugueses como jovens de esquerda, que desprezavam a subserviência de Holden Roberto a Mobutu e o colaboracionismo de Savimbi com o poder colonial, evidenciando simpatias pelo MPLA, particularmente no leste e em Cabinda, onde viajaram “no jipe pessoal do comandante militar português”. A substituição de Rosa Coutinho não suscitou preocupações de Xiyetu, que o descreve aos cubanos como “honesto e progressista”, sendo a maior parte dos seus oficiais simpatizantes do MPLA.<sup>420</sup>

Uma das consequências do 11 de Março seria a partida de Portugal de numerosos militares e civis, cujo potencial de ameaça para o processo de descolonização é analisado num relatório, datado de 20 de março, que, para além de estudar a hipótese de realizarem ações do tipo “assalto ao ST<sup>a</sup> Maria” para perturbarem o processo de descolonização, examina também a possibilidade de tentarem mobilizar a população branca, considerada “etnia recetiva a qualquer golpe que vise garantir a sua situação e prolongá-la”, através de organizações como a “FRA, ESINA, RUA, URBA e MARA” Segundo o relatório: “Admitindo-se que entre os movimentos se venham a desencadear uma luta armada pelo poder político (...) não se exclui a hipótese que a população branca e alguma negra vendo afetados os seus interesses e devidamente condicionada pelos interesses imperialistas onde não deve ser estranha a presença de ex-oficiais das Forças Armadas venha a desencadear ações violentas com a finalidade (...) de perturbar ainda mais a evolução do processo de descolonização.”<sup>421</sup>

---

<sup>419</sup> AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata do Conselho Coordenador, 06/03/75.

<sup>420</sup> GLEIJESES 2002, pp. 248 – 249.

<sup>421</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Rlt *Aventura Reacionária* da 2<sup>a</sup> divisão do EMGFA, 20/3/75.

## 4.2 – O reiniciar da guerra

Após um período de ambiguidade, entre a concórdia e a discórdia, entre o diálogo e os confrontos, a rivalidade entre os movimentos assume um tom de violência cada vez mais generalizado, que ignora deliberadamente todos os compromissos entre as diferentes partes e que arrasta Angola para o caos e para uma guerra cada vez mais total. Um escalar da violência que é acompanhado por um cada vez maior envolvimento internacional, ao mesmo tempo que uma metrópole, cada vez mais ultrapassada pelos seus problemas internos, se vê incapaz de intervir para travar o escalar da situação.

### 4.2.1 – O fim da paz podre

Após meses de um entendimento tenso, marcado por incidentes esporádicos, ocorre a 23 de março o primeiro grande confronto, com combates entre a FNLA e o MPLA<sup>422</sup> que resultam num número indeterminado de mortos, que segundo o MPLA atingem duzentos.<sup>423</sup> Esta ação armada, justificada pelo movimento de Roberto pela existência de um suposto plano de tomada do poder por parte de Agostinho Neto com o auxílio de oficiais portugueses no governo de transição, é seguida por numerosos incidentes.<sup>424</sup> A 24 de março Johnny Eduardo, representante da FNLA no Colégio Presidencial, telefona em pânico ao alto-comissário, afirmando que a sua sede tinha sido cercada pelo MPLA e pelo exército português, que 100 pessoas tinham sido mortas, que o seu movimento estava sem munições e que isso significava a guerra civil.<sup>425</sup> Silva Cardoso ordena o recolher obrigatório na capital, com recurso às tropas portuguesas,<sup>426</sup> ao mesmo tempo que pede a intervenção de Lisboa.<sup>427</sup> De modo a acalmar os ânimos, é determinado que “todas emissoras Angola transmitissem apenas música e comunicados oficiais”.<sup>428</sup>

Melo Antunes (agora MNE) e Almeida Santos são enviados a Luanda, reunindo o MCI com Agostinho Neto a 26 de março,<sup>429</sup> prometendo o líder nacionalista que o MPLA apostaria na paz.<sup>430</sup> Dois dias depois é realizada uma reunião entre os dois ministros portugueses, o alto-comissário e os três membros do colégio presidencial, onde se assina um protocolo de acordo entre Portugal e os três

---

<sup>422</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75.

<sup>423</sup> PIMENTA 2008, p. 417. AFONSO, GOMES 2010, p. 809.

<sup>424</sup> SÁ 2011, p. 157.

<sup>425</sup> SÁ 2011, p. 163.

<sup>426</sup> AHM/FO/43/S5/Cx842/V35 Msm CCFAA/CCPA a dispositivo militar, s. a.

<sup>427</sup> REZOLA 2012, p. 388.

<sup>428</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm CCFAA (2ª Rep) a Geraldefnac – defnac ajuda, 27/03/75.

<sup>429</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 (27 de março). SANTOS II (2) 2006, pp. 179 – 181 (26 de março).

<sup>430</sup> SANTOS II (2) 2006, pp. 179 – 181.

movimentos de Angola, pondo termo aos incidentes de Luanda,<sup>431</sup> mas que é infringido dois dias depois.<sup>432</sup>

Semelhante situação leva Lisboa a reavaliar as suas opções, de modo a alcançar uma solução alternativa àquela estabelecida em Alvor, impossibilitado por aquilo que Pezarat Correia descreve como a “automarginalização da FNLA”.<sup>433</sup> A nova estratégia é marcada por três medidas: a adoção pública de uma política de «neutralidade ativa»; o reforço da UNITA; a promoção de uma aliança entre os movimentos de Neto e Savimbi.

Esta nova atitude face à UNITA (que não seria indiferente à posição aparentemente mais conciliatória, assim como a uma atitude mais tolerante dos brancos em Angola) é evidente a partir de abril, altura em que, segundo Inácia Rezola, o apoio de Melo Antunes ao MPLA sofre alterações.<sup>434</sup> Em meados deste mês o ministro dos Negócios Estrangeiros português manifesta a Kenneth Kaunda a sua preocupação “com Neto”, decorrente do facto de “em Portugal” ser “apoiado pelo Partido Comunista” e de ter “repetidamente embaraçado” os portugueses,<sup>435</sup> um diálogo referido por este ao presidente norte-americano a 19 de abril.<sup>436</sup> Na primeira quinzena de junho confessa ao seu homólogo francês, Jean Sauvagnargues, que o governo português tinha “cometido um grande erro ao apoiar o MPLA e que ia tentar reverter esta tendência se não fosse muito tarde”, acrescentando que Jonas Savimbi era “o líder nacionalista que valia a pena apoiar”.<sup>437</sup>

Esta posição é partilhada pelo MCI, que se congratula, num encontro a 4 de junho com o embaixador dos EUA, Frank Carlucci, pela adoção da política de «neutralidade ativa» (oficializada a 22 de maio pelo Conselho da Revolução),<sup>438</sup> que a seu ver punha fim «à antiga postura pró-MPLA». Almeida Santos descreve Neto como «um perdedor», ao passo que Savimbi era «o líder angolano mais inteligente e que provavelmente chegaria ao topo». Carlucci informa Washington que a nova política de «neutralidade ativa» constituía «um possível revés para os radicais do MFA e também para o MPLA. (...) Santos, um moderado, tem previsto desde novembro de 1974 a vitória da UNITA nas

---

<sup>431</sup> AHM/FO/43/S5/Cx842/V35 Msm CCFAA/CCPA a dispositivo militar, s. a. AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75.

<sup>432</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75. CORREIA 1991, p. 140.

<sup>433</sup> CORREIA 1991, p. 139.

<sup>434</sup> REZOLA 2012, p. 400.

<sup>435</sup> REZOLA 2012, pp. 400 – 401.

<sup>436</sup> SÁ 2011, pp. 19 – 21.

<sup>437</sup> SÁ 2011, p. 175 (primeira metade de junho).

<sup>438</sup> REZOLA 2012, p. 394.

suas conversas com a equipa da embaixada». <sup>439</sup> Uma posição que não reúne consenso, como revela, a 18 de junho, o nº 2 da embaixada norte-americana, Herbert Okun. Ao passo que «ninguém apoiava Holden Roberto», as posições dividiam-se quanto ao resto, com Almeida Santos e Melo Antunes a preferirem a «vitória de Savimbi» e os comunistas e grande parte dos «esquerdistas» a defenderem o triunfo do MPLA e de Agostinho Neto, vistos como «os únicos verdadeiros revolucionários». <sup>440</sup>

Apesar destas divisões é iniciada, a partir de abril, uma estratégia de apoio militar ao movimento de Savimbi que é impulsionada pelo alto-comissário. <sup>441</sup> A 27 de maio Silva Cardoso reúne-se com Savimbi, que lhe afirma que: “O fortalecimento militar da UNITA, para além de necessário, por razões políticas, no diálogo com a FNLA e o MPLA, seria conveniente como reforço da posição portuguesa no seu difícil papel de árbitro (a UNITA quer força mas não quer guerra)”. <sup>442</sup> O alto-comissário envia este mês um emissário a Lisboa, que teria recebido luz verde de Melo Antunes, Almeida Santos (o que é negado por este) <sup>443</sup> e da Coordenadora do MFA para avançar com a entrega de armamento à UNITA. É planeada a cedência de «lotes relativamente pequenos (...) incluindo espingardas, morteiros, LGF e bazucas», mas a sua execução limita-se à entrega do primeiro lote de armas, pois, segundo Silva Cardoso, Soares Rodrigues, membro do MFA local, informa que o MPLA tinha tomado conhecimento da operação, suspeitando o alto-comissário de que teria sido a CCPA a responsável pela fuga de informação. <sup>444</sup> Apesar disto Melo Antunes dirige-se a Luanda, a 8 de abril, com o objetivo de estabelecer uma aliança entre Agostinho Neto e Jonas Savimbi. <sup>445</sup> Esta tomada de posição constitui um revés para as expectativas do MPLA, que esperava mobilizar o apoio dos portugueses na sua luta contra a FNLA, reunindo-se Agostinho Neto, no início de abril, com Costa Gomes e Vasco Gonçalves para um pedido de auxílio para o MPLA, rejeitado em virtude da política de «neutralidade ativa». <sup>446</sup>

A nova estratégia de Lisboa é formalizada num documento da Presidência da República, datado de 29 de abril, onde se estabelecem as medidas a tomar face a Angola, das quais se destacam: “2 – A fim de equilibrar as forças políticas devemos atrair o Dr. J. Savimbi, mostrando-lhe que pode ter um papel importantíssimo como fiel da balança na disputa FNLA – MPLA.”; “4 – Deverão denunciar-se formalmente, a nível interno e externo, as violações importantes feitas pelos partidos.”; “8 – Fornecer em sigilo ao MPLA e UNITA, o armamento e equipamento que se julguem indispensáveis para compensar o que entra pela fronteira com a RZ para a FNLA.”; “9 – Proteger pelas NF os “Fiéis” e

---

<sup>439</sup> SÁ 2011, p. 175.

<sup>440</sup> SÁ 2011, pp. 176 – 177.

<sup>441</sup> REZOLA 2012, p. 400.

<sup>442</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Rlt, s. a.

<sup>443</sup> SANTOS II (2) 2006, pp. 187 – 188.

<sup>444</sup> SÁ 2011, p. 174.

<sup>445</sup> SANTOS II (2) 2006, p. 186.

<sup>446</sup> SANTOS II (1) 2006, p. 459.



planear a possibilidade de os rearmar. Preparar em Luanda uma operação de rearmamento a muito curto prazo.”; “11 – Intensificar as visitas a Angola de entidades responsáveis que possam resolver localmente determinados problemas.”<sup>447</sup>

#### 4.2.2 – A dimensão internacional após 23 de março

Os confrontos de 23 de março coincidem com a entrada massiva de tropas zairenses, que desempenham um importante papel na tomada da cidade de Caxito pelas forças do ELNA.<sup>448</sup> Kinshasa prossegue ao mesmo tempo o seu apoio à FLEC, cujos guerrilheiros recebem treino de instrutores norte-coreanos na base zairense de Kinkuzo,<sup>449</sup> com Mobutu a coordenar esforços com Ngouabi (Presidente do Congo) para «vender a ideia da autodeterminação de Cabinda à OUA».<sup>450</sup> Moscovo responde com o escalar do seu apoio ao MPLA, enviando entre março e abril grandes quantidades de armamento através do Congo-Bazzaville e, em menor escala, diretamente para o território angolano. Segundo informações do governo dos Estados Unidos, a URSS forneceu em março «centenas de toneladas de material de infantaria, metralhadoras, bazucas e rockets», sendo o equipamento transportado por «30 cargueiros soviéticos» para Ponta Negra. No mês seguinte «chegaram mais 100 toneladas de armas», desta feita «por via aérea e com passagem por Dar-es-Salaam».<sup>451</sup>

Jonas Savimbi convence a África do Sul a iniciar o apoio militar à UNITA, com a concessão de pequenas quantidades de armamento, sobretudo armas ligeiras e munições, e alguma ajuda económica, garantindo Savimbi em troca fazer todos os possíveis para impedir a entrada na Namíbia de elementos armados da SWAPO. Um apoio que se estende à FNLA, após Holden Roberto manifestar o desejo de «relações amigáveis» e a promessa de «hostilidade relativamente à SWAPO».<sup>452</sup> Os responsáveis militares portugueses continuam a aparentar desconhecer as ligações entre Savimbi e África do Sul, com o alto-comissário a informar Almeida Santos, a 7 de abril, das suspeitas dos sul-africanos das ligações entre a UNITA e a SWAPO.<sup>453</sup> O capitão Simões, da CCPA, afirmou, no entanto, numa reunião com o alto-comissário a 26 de março, que existiam indícios de “confrontação entre a UNITA e a SWAPO.”<sup>454</sup> A 26 de junho é apresentado ao primeiro-ministro sul-africano um relatório, que conclui que «a guerra civil era inevitável» e que «o MPLA ia ganhar, com ajuda soviética», sendo a

---

<sup>447</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 *Situação de Angola Medidas a Adoptar*, Presirep, 29/04/75 confrontar fonte pp. 197 – 199.

<sup>448</sup> SÁ 2011, p. 160.

<sup>449</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm Gab EMGFA a CCFAA, 18/09/75.

<sup>450</sup> SÁ 2011, p. 113.

<sup>451</sup> SÁ 2011, pp. 160 – 161.

<sup>452</sup> SÁ 2011, p. 231.

<sup>453</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm AC a MCI, 07/04/75.

<sup>454</sup> AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata do Conselho Coordenador, 26/03/75.



única resposta a «assistência de África do Sul a uma frente unida FNLA-UNITA». É decidido o escalar do apoio aos dois movimentos e a preparação de uma intervenção militar.<sup>455</sup>

A reunião, a 4 de abril, entre o adjunto do secretário-geral da ONU, Abdulrahim Farah, e os ministros da Coordenação Interterritorial e dos Negócios Estrangeiros evidencia a pressão internacional a que a ainda metrópole colonial estava sujeita ao nível africano. Segundo Melo Antunes, os presidentes do Zaire e da Tanzânia pretendiam que Portugal apoiasse Savimbi, com Nyerere a advogar uma aliança MPLA-UNITA. Já Mobutu afirmava não aceitar a “criação de um regime comunista em Angola”, propondo-se intervir, numa primeira fase, através da FNLA, e, numa segunda, através das próprias forças militares.<sup>456</sup> Os estados africanos fazem esforços para uma cimeira entre os movimentos, que tem lugar em Nakuru, no Quénia, sem a presença de representantes portugueses.<sup>457</sup>

Face à ausência de uma estratégia angolana por parte dos EUA, as diferentes partes procuram ganhar o apoio de Washington. É o caso dos dirigentes portugueses, com Melo Antunes a afirmar a Kissinger, no encontro destes em Bona, em abril, que o abandono dos Estados Unidos de Angola à influência soviética, e o facto de encararem Agostinho Neto como uma marioneta de Moscovo, constituía um erro estratégico crasso<sup>458</sup> (o que faria parte da estratégia do MNE de afastar o MPLA da influência soviética). Também o MPLA tenta atrair o apoio norte-americano, com Agostinho Neto a expressar a Tom Killoran, a 10 de maio, a vontade do seu movimento ter boas relações com os Estados Unidos «enquanto a soberania de Angola e o seu direito de tomar decisões (...) forem respeitados», ao mesmo tempo que relativiza o seu apoio soviético.<sup>459</sup> Kenneth Kaunda procura mobilizar um maior envolvimento a favor dos rivais de Neto, tentando convencer a liderança norte-americana que a intervenção da URSS em Angola estava a atingir os limites daquilo que os EUA podiam aceitar, representando o MPLA, não «apenas um grupo marxista como a FRELIMO», mas antes «um instrumento de Moscovo».<sup>460</sup>

Um maior envolvimento dos Estados Unidos em Angola tinha, no entanto, a oposição dos responsáveis do Departamento Africano, que defendem a contenção do conflito e das suas intervenções externas, com Nathaniel Davis (o substituto de Easum) a sustentar que a influência dos EUA seria «mais efetivamente exercida através do fornecimento de ajuda por ocasião da

---

<sup>455</sup> SÁ 2011, pp. 231 – 232.

<sup>456</sup> REZOLA 2012, pp. 390 – 391.

<sup>457</sup> CORREIA 1991, pp.141 – 142. SANTOS II (2) 2006, p. 199.

<sup>458</sup> REZOLA 2012, p. 408.

<sup>459</sup> SÁ 2011, pp. 171 – 172.

<sup>460</sup> SÁ 2011, pp. 19 – 21.

independência».<sup>461</sup> Uma perspetiva que tem a discordância de Kissinger, que inicia uma estratégia de apoio aos movimentos opostos ao MPLA coordenada com o Zaire. Mobutu refere a diplomatas norte-americanos um acordo, recentemente estabelecido com os portugueses, segundo o qual Portugal se comprometia a não apoiar o MPLA, tal como o Zaire em relação à FNLA, mas que se tornara inviável com a entrada de armamento soviético e jugoslavo. O Zaire encontrava-se, contudo, militarmente esgotado, propondo Mobutu que os EUA enviassem armamento aos rivais de Neto através do seu país. O presidente zairense evidencia não acreditar que «Holden Roberto se tornasse líder de uma Angola independente», devendo-se «fortalecer militarmente Holden e Savimbi ao ponto de eles se equilibrarem com Neto», com o líder da UNITA a governar Angola enquanto líder de compromisso.<sup>462</sup> No decorrer de um encontro em maio com Savimbi, Mobutu afirmou não lhe interessar “intervir diretamente nos problemas angolanos” uma vez que tal significaria o retorno dos refugiados angolanos, os quais estava “interessado em fazer partir de imediato” (o líder da UNITA “não teve dúvidas que Mobutu englobava também nesta ideia o presidente Holden”).<sup>463</sup>

Verifica-se a passagem de numerosos estrangeiros, oriundos de países socialistas e não só (incluindo a URSS, a RDA, a Bulgária, a Jugoslávia e o Brasil), que pretendem apoiar o MPLA.<sup>464</sup> Havana, porém, continua a ignorar os pedidos de apoio do MPLA.<sup>465</sup>

#### **4.2.3 – A situação em Portugal**

O Portugal do pós-11 de Março era uma nação dividida entre os que desejavam um modelo ocidental e oriental. Segundo António José Telo, o período imediatamente posterior ao 11 de Março, representa o ponto alto daquilo que descreve como a «deriva comunista», com a imposição de um vasto programa de nacionalizações, de expropriações de terras e pela institucionalização do MFA, através quer do Conselho da Revolução quer da Assembleia do MFA. A partir daí, porém, a força dos moderados faz-se sentir cada vez com maior força, assumindo estes a ofensiva após as eleições realizadas a 25 de Abril, que evidenciariam a sua real força junto da população face aos defensores de um socialismo não-democrático, no que seria, nas palavras deste historiador, um “golpe mortal no gonçalvismo”.<sup>466</sup>

As divisões no país, evidentes nas comemorações do 1º de maio, com confrontos e discursos hostis entre os partidos moderados, com especial atenção para o PS, e o PCP assim como os seus

---

<sup>461</sup> SÁ 2011, pp. 179 – 182.

<sup>462</sup> SÁ 2011, pp. 194 – 196.

<sup>463</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Rlt, s. a.

<sup>464</sup> SÁ 2011, p. 168.

<sup>465</sup> GLEIJESES 2002, p. 254.

<sup>466</sup> TELO II (1) 2007, pp. 130 – 131.

*compagnons de route*, refletem-se no próprio MFA, com os gonalvistas, em linha com o PCP, a relativizarem os resultados eleitorais, argumentando que o povo português tinha sido manipulado pelas forças «reacionárias», cabendo a liderança do país a uma «vanguarda esclarecida».<sup>467</sup> Os gonalvistas iniciam uma “fuga para a frente”, através de tentativas de silenciar a oposição com o saneamento dos meios de comunicação (como foi o caso do jornal República ou da Rádio Renascença) e o recurso a prisões arbitrárias, medidas que aprofundam o isolamento político do primeiro-ministro, com os partidos moderados (maioritários na Assembleia Constituinte) a abandonarem em meados de julho o IV Governo Provisório.<sup>468</sup>

O apoio que o MPLA goza entre o PCP e os seus aliados é evidenciado num comício realizado em junho que reúne representantes do FSP, do MES, do MDP/CDE, do PCP, do LUAR assim como de numerosas organizações de extrema-esquerda europeias (como o PSU da França, o POUM (Partido Operário da Unidade Marxista) espanhol, ETA e ETA v bascos, Lotta Continua da Itália, o IRA (provisório) da Irlanda e a Juventude Socialista de Roterdão) e da América Latina, no qual seria apresentada uma declaração conjunta de denúncia da natureza contrarrevolucionária e reacionária da FNLA e da UNITA. Neste encontro esteve ainda presente Ilídio Machado, um dos fundadores do MPLA, que salientaria a importância da unidade entre os povos de Portugal e de Angola “face ao inimigo” bem como a criação de “uma estratégia que permita a defesa dos seus interesses mais importantes. Este comício termina com canções revolucionárias interpretadas por José Afonso, Francisco Fanhais e Vitorino.”<sup>469</sup>

#### **4.2.4 – As Forças Armadas em Angola**

O escalar da violência em Angola expõe as fraquezas do contingente militar português, que se vê obrigado a intervir diretamente nos confrontos entre os movimentos, uma situação agravada, por um lado, pela fraqueza das unidades das ‘Forças Militares Mistas’ (com os movimentos a atrasarem deliberadamente a atribuição de membros para estas, ao mesmo tempo que reforçam os seus “exércitos privados”),<sup>470</sup> e, por outro, à já referida desmotivação do contingente português. No decorrer da reunião de 27 de março entre Almeida Santos, Melo Antunes e os membros da CCPA, é referido pelo capitão Simões “um acréscimo de esquerdismos principalmente nas unidades recém-vindas de Portugal”, observando-se “uma tentativa de organizar a classe de furriéis.” De acordo com um dos participantes militares: “As bases ainda não estão em condições de compreender a disciplina pelo que ela ainda tem de ser imposta”, de modo que uma das medidas tomadas “para manter a disciplina das

---

<sup>467</sup> TELO II (1) 2007, pp. 131 – 133.

<sup>468</sup> TELO II (1) 2007, pp. 134 – 138.

<sup>469</sup> Jornal Novo, 2 de junho de 1975, pp. 15.

<sup>470</sup> CORREIA 1991, p. 137.

NT” foi atacar “de imediato a rebelião de Cabinda”.<sup>471</sup> Uma Assembleia do MFA, realizada a 11 de julho, conclui que o fracasso da consciencialização das tropas devia-se a numerosos factores como a “ação desenvolvida na Metrópole por certos setores da esquerda”, a “incompreensão dos familiares dos militares relativamente ao processo de descolonização”, as “atitudes provocatórias por parte dos angolanos, principalmente dos ML”, a “incerteza quanto ao futuro de Portugal” bem como as “dificuldades (...) no estabelecimento dum processo pacífico de descolonização”.<sup>472</sup>

Os atrasos e a indisciplina das tropas metropolitanas causam protestos do MFA local, como foi o caso do desembarque, a 8 de junho, de apenas 49 elementos da unidade CArt 6553 (Companhia de Artilharia 6553), tendo os restantes recusado partir de Portugal,<sup>473</sup> ou ainda do desembarque, nove dias depois, de uma companhia de paraquedistas, que levanta toda uma série de obstáculos ao cumprimento da sua missão ao mesmo tempo que o seu comandante exige ajudas de custo.<sup>474</sup>

A má imagem das Forças Armadas em Angola nos meios de comunicação portugueses contribui também para a desmotivação das tropas, o que causa protestos da parte das chefias militares e do MFA local. Exemplo disso é uma mensagem, enviada em abril pelo CCPA ao Conselho da Revolução, e na qual se reclama contra as acusações ao alto-comissário, ao MFA de Angola e à atuação das FAP, feitas a 2 de abril pelo jornal “A Capital”, com a CCPA a argumentar que acusar as FAP e o MFA de Angola de serem reacionários colocava seriamente em causa a moral das tropas.<sup>475</sup>

Um ambiente de mal-estar entre o Alto-Comissário e a CCPA permanece, com este a insistir nas suas suspeitas de uma ligação CCPA-MPLA,<sup>476</sup> algo que não se altera após a nova reestruturação da CCPA a 16 de abril,<sup>477</sup> que conserva a sigla mas passa a abranger o alto-comissário, designando-se agora Conselho Coordenador do Programa em Angola.<sup>478</sup> Entre as medidas a adotar num documento da presidência, datado de 29 de abril, é estipulado que: “No caso do AC ter de tomar decisões de fundo, contra a maioria dos membros do CC, deverá mandar elaborar ata da qual constarão as razões

---

<sup>471</sup> AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata, 27/03/75.

<sup>472</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 *Movimento das Forças Armadas Assembleia do CG/CT/SAL*, 11/07/75 confrontar fonte p. 214.

<sup>473</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm CCPA a CEMGFA, 09/06/75 confrontar fonte p. 210.

<sup>474</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm CCPA a CR/CEMGFA, 14/06/75.

<sup>475</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Msm CCPA a CR, abril de 1975.

<sup>476</sup> AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata do Conselho Coordenador, 26/03/75.

<sup>477</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75.

<sup>478</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V2 Msm CCPA a CEMGFA, 16/06/75. FARIA, MARTINS 2014, p. 86.

expressas pela maioria dos membros do Conselho e os motivos que o levaram a não adotar aquelas razões.”<sup>479</sup>

A política de ‘neutralidade ativa’ é alvo de controvérsia, como revela uma Assembleia do MFA, onde é descrita como “fácil de realizar em zonas que haja domínio dum único ML”, mas “extraordinariamente difícil quando se apresentem 2 ou 3 ML”, dado que, por um lado: “um dos Movimentos aproxima-se mais na sua ação de ideologia do MFA”, e, por outro: “tendo o Plano de Ação Política definido o MFA como “Movimento de Libertação”, certamente até o C. Revolucionário se identifica com esse Partido”, o que resulta em “incoerências e conflitos entre a nossa atuação e a nossa ideologia.”<sup>480</sup> É concluído que “o facto do PAP definir o MFA como “Movimento de Libertação” de linha socialista, se torna por vezes difícil aos elementos das NT manter total neutralidade, quanto é certo que nem todos os ML seguem essa linha: - assim considera-se que o conceito de “Neutralidade Activa” deverá ser devidamente aprofundado. (sic)”<sup>481</sup>

A sensação de que Angola estava a ser ignorada é outro sério desafio quer para o MFA local (que se sente marginalizado no processo revolucionário)<sup>482</sup> como para as Forças Armadas no seu todo. O CCPA tenta contrariar a situação, como demonstra o envio, em final de maio, de uma delegação a Portugal com o objetivo de sensibilizar a opinião pública para o que se passava em Angola.<sup>483</sup>

#### **4.2.5 – A situação político-militar em Angola – a evolução da carnificina**

Após os acontecimentos de 23 de março, os confrontos entre os movimentos degeneram numa espiral de violência cada vez maior, com o uso mais frequente de armamento pesado. Os confrontos deixam de se traduzir em “meros incidentes” para assumir a dimensão de autênticas batalhas, intervaladas por cessar-fogos, estabelecidos a custo pelas autoridades portuguesas para depois serem ostensivamente desrespeitados. O Governo de Transição, que serviria para promover um clima de entendimento e cooperação entre os movimentos, sucumbe às rivalidades e desconfianças mútuas ao ponto de se tornar completamente inoperante, chegando ao ponto dos seus membros irem para as

---

<sup>479</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 *Situação de Angola Medidas a Adoptar*, Presirep, 29/04/75.

<sup>480</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 *Movimento das Forças Armadas Assembleia do CG/CT/SAL*, 11/07/75 confrontar fonte p. 213.

<sup>481</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 *Movimento das Forças Armadas Assembleia do CG/CT/SAL*, 11/07/75 confrontar fonte p. 216.

<sup>482</sup> ADN/F3/S19/Cx39/V11 Msm CCPA a CR, 07/04/75 confrontar fonte p. 196.

<sup>483</sup> CORREIA 1991, pp. 140 – 141.

reuniões armados<sup>484</sup> (segundo Villalobos Filipe o ministro da economia, o português Vasco Vieira de Almeida,<sup>485</sup> descrevia cenas rocambolescas, envolvendo lutas, pistolas e até chicotes).<sup>486</sup>

Relativamente à relação de forças entre os movimentos, de acordo com as informações prestadas pelo alto-comissário ao MNE e ao MCI em final de março, estas rondariam entre 12 a 15 mil homens no caso da FNLA, 8 mil (não estando todos armados) no caso do MPLA e 6 mil (com tendência para 8 mil) no caso da UNITA.<sup>487</sup> Os movimentos, ao mesmo tempo que assumem uma forte hostilidade mútua ao nível das lideranças, revelam dificuldades para controlar as suas tropas, uma realidade denunciada num documento do MFA local, datado de 11 de julho, que refere a incapacidade dos chefes dos movimentos e dos seus “exércitos” [com aspas no original] controlarem as suas bases. No caso específico do MPLA, o documento descreve a ocorrência de “arbitrariedades” cometidas por membros deste movimento, em “desobediência às ordens de chefes de alto nível das FAPLA”, mencionando-se a existência, no seu seio, dum canal “revolucionário” que não obedece ao canal “legal” [com aspas no original].<sup>488</sup> O alto-comissário informa, a 23 de junho, que: “O deficiente enquadramento dos militares dos movimentos está na origem de algumas atitudes inconvenientes que se têm registado, como atuações contra elementos civis e até contra elementos dos próprios movimentos.”<sup>489</sup>

O banditismo permanece um sério problema, com o alto-comissário a referir, a 23 de junho, “a atuação de bandos de marginais armados, em alguns caso usando uniforme dos movimentos de libertação, pelo reflexo que tem no amedrontamento da população que vive em continua instabilidade psicológica.” A população sente-se desprotegida.<sup>490</sup> A 7 de junho informa que, face ao agravamento da situação, organizou-se “uma operação com autometralhadoras, incorporando comandantes territoriais dos movimentos, a fim de obrigar os elementos dos movimentos a recolherem as delegações respectivas. (sic)”<sup>491</sup> A situação dos portugueses em Angola conhece um agravamento, muitos não acreditando numa resolução pacífica ao mesmo tempo que são hostilizados pelos três movimentos. O alto-comissário informa, a 17 de junho, que a população branca em Luanda queria ir para Portugal, ao

---

<sup>484</sup> MARCUM 1978, p. 258.

<sup>485</sup> AHM/FO/43/S6/Cx842/V42 Msm Presirep a AC, janeiro de 1975. MARCUM 1978, p. 256.

<sup>486</sup> FARIA, MARTINS 2014, p. 99.

<sup>487</sup> AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata, 27/03/75.

<sup>488</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 *Movimento das Forças Armadas Assembleia do CG/CT/SAL*, 11/07/75 confrontar fonte p. 212.

<sup>489</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm do AC a DGI, 23/06/75.

<sup>490</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC a DGI, 23/06/75.

<sup>491</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC a DGI, 07/06/75.

passo que parte da população negra queria ir para o norte, pedindo ambas o apoio das autoridades portuguesas.<sup>492</sup>

Politicamente falando, a FNLA surge fragilizada pela recusa do seu líder em regressar a Angola, o que contrasta com as atitudes quer de Agostinho Neto (que regressara já a Luanda na simbólica data de 4 de fevereiro, apesar do clima de tensão presente na capital)<sup>493</sup> quer de Savimbi, que desde 1974 que viaja pelo país. Num encontro com Savimbi, em maio, Holden Roberto afirma que “só se sentia em segurança no Zaire”, acrescentando que “Savimbi também corria perigo de vida”. Segundo Mobutu, devido a esta atitude Roberto “estava a perder prestígio internacional e no interior de Angola”. Savimbi apercebe-se, na sua passagem por Kinshasa, de que a agressividade da FNLA era uma consequência da “insuficiente ou mal intencionada informação” providenciada a Roberto, que estava “rodeado por homens (...) que têm ódio “pessoal” ao MPLA”.<sup>494</sup>

Numa primeira fase os confrontos são da iniciativa da FNLA, cujas tropas lançam ataques nos musseques sob a influência do MPLA.<sup>495</sup> As tentativas de mediação dos portugueses conseguem estabelecer um cessar-fogo em abril<sup>496</sup> que devolve um pouco de ordem à capital, chegando o Governo de Transição a anunciar a 6 de maio a ocorrência de «um desfile pacifista em Luanda de militares dos três movimentos de libertação, com os quais a população confraternizou». Algo que não convence o alto-comissário, que acusa, pouco depois, os movimentos de violação do acordo, com novos confrontos a terem lugar a 12 de maio.<sup>497</sup> O MNE português parte, no dia seguinte, para a capital angolana, onde se encontra com as lideranças dos três movimentos, sendo acordada a necessidade de uma nova cimeira entre os três movimentos, seguida de um encontro com Portugal.<sup>498</sup> A partir de final de maio ocorre uma nova vaga de confrontos, desta vez da iniciativa do MPLA, que lança, nas palavras de Iko Carreira, uma “contraofensiva para criar um cordão sanitário em redor de Luanda e derrotar a FNLA onde quer que o MPLA tivesse superioridade militar”.<sup>499</sup> Tem início a primeira «Batalha de Luanda», que se estende ao norte de Angola, com batalhas em Caxito, Quifandongo, Cacuaco, Carmona, Negage e Cabinda.<sup>500</sup>

---

<sup>492</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC a DGI, 17/06/75.

<sup>493</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 809.

<sup>494</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Rlt, s. a.

<sup>495</sup> MARCUM 1978, p. 258.

<sup>496</sup> GLEIJESES 2002, p. 252.

<sup>497</sup> SANTOS 2006, p. 461.

<sup>498</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V10 *Relação cronológica dos factos mais importantes ocorridos em Angola (ou com ela relacionados) a partir de 31Jan75*, CCPA, 10/11/75. AFONSO, GOMES 2010, p. 811.

<sup>499</sup> GLEIJESES 2002, pp. 252 – 253.

<sup>500</sup> HEIMER 1980, p. 77.

A 16 de junho é realizada a Cimeira de Nakuru, um encontro, onde não estão presentes representantes portugueses, marcado por uma autocrítica por parte dos movimentos e que resulta numa nova trégua.<sup>501</sup> A situação conhece uma acalmia, quebrada por “tiroteios esporádicos”, como revela uma mensagem do alto-comissário datada de 23 de junho,<sup>502</sup> sendo organizada uma ‘Semana de Unidade Nacional’ para promover a concórdia entre todas as partes.<sup>503</sup>

A 9 de julho o MPLA lança a «segunda batalha de Luanda», dominando a maior parte da capital ao fim de uma semana ao mesmo tempo que ataca as unidades da FNLA em todo o território mbundu e no distrito da Lunda. Segundo uma mensagem do alto-comissário, datada de 11 de julho, a violência estava a atingir “o máximo de intensidade registada.”<sup>504</sup> Receia-se que o disfuncional Governo de Transição tenha chegado ao fim: “Dado gravidade crise membros um ou mais movimentos libertação venham abandonar governo. (sic)”<sup>505</sup> Uma mensagem conjunta, do alto-comissário e do CCPA, de 12 de julho, descreve a ocorrência de: “Incidentes provocaram desequilíbrio total população branca, preta, saques, violações milhares desalojados muitos dos quais se refugiaram nossos quartéis. (sic)”<sup>506</sup> Um comunicado do alto-comissário, publicado no próprio dia, revela que as FAPLA “conquistaram a sede da FNLA”.<sup>507</sup> Cada movimento concentra agora as suas forças militares nos seus bastiões, com Roberto a declarar “guerra total”.<sup>508</sup> Consuma-se, nas palavras de Pezarat Correia, uma “balcanização” de Angola.<sup>509</sup>

---

<sup>501</sup> HEIMER 1980, p. 79. REZOLA 2006, p. 341. SANTOS II (2) 2006, p. 199.

<sup>502</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC a DGI, 23/06/75 confrontar fonte p. 211.

<sup>503</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC a DGI, 11/07/75 confrontar fonte p. 218.

<sup>504</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC a DGI, 11/07/75 confrontar fonte p. 218.

<sup>505</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC/CCPA a Presirep/primeiro-ministro GP/MNE 12/08/75.

<sup>506</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC/CCPA a Presirep/primeiro-ministro/MNE, 12/08/75.

<sup>507</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm GMAC/GFAP a geral defnac/defnac (sdci), 15/07/75.

<sup>508</sup> GLEIJESES 2002, p. 254.

<sup>509</sup> REZOLA 2006, p. 339.



### 4.3 – A Guerra Civil

Os Acordos de Alvor chegam ao fim sem mal terem começado, ultrapassados por uma guerra civil tão antiga quanto a própria guerra pela independência. As grandes potências, mundiais e regionais, envolvem-se cada vez mais nos acontecimentos angolanos enquanto uma metrópole, na iminência da guerra civil, retira as suas tropas e procura evacuar os colonos e os seus descendentes angolanos, encerrando assim o último capítulo da sua história imperial.

#### 4.3.1 – Portugal face à guerra total

Melo Antunes parte a 13 de julho para Luanda,<sup>510</sup> onde se reúne com as lideranças dos movimentos. O encontro com o MPLA é repleto de recriminações mútuas, acusando os representantes do MPLA a parte portuguesa de falta de solidariedade revolucionária. Melo Antunes, após salientar as responsabilidades que o MPLA tinha perante o país, acusa-o de se ter aproveitado da provocação da FNLA para intensificar a guerra, perguntando: “querem ou não chegar a uma plataforma de acordo para uma solução pacífica?” O MNE português afirma que o MPLA estava “a conduzir o país para uma situação de vazio”, sendo que, contrariamente “a todas as expectativas dos portugueses”, o MPLA se revelara “um movimento com um tal radicalismo de posições e com uma tal vontade de afrontar toda a situação colonial anterior,” que confundia deliberadamente “essa situação colonial com a legítima presença dos portugueses que ali trabalhavam”.<sup>511</sup> Acrescenta que, apesar do MFA simpatizar com o MPLA, os acordos com Portugal reconheciam a legitimidade de todos os movimentos, constituindo o favorecimento de um destes um ato de ingerência neocolonial,<sup>512</sup> avisando que “Portugal não iria ao reboque de quaisquer imposições do MPLA”.<sup>513</sup>

À noite o ministro reúne-se com os comandantes operacionais portugueses, que informa das censuras do MPLA e da inviabilidade de um acordo entre os movimentos. O comandante naval afirma que “era pela violência que a FNLA estava a sujeitar o povo”, o que tem a concordância de Melo Antunes, “dizendo que a conduta da FNLA tem sido repressiva e que neste momento se está a travar uma segunda guerra de libertação (...) estando o MPLA disposto a varrer aquele ML de Luanda.” É analisada a vulnerabilidade da população branca, salientando o comandante do COPLAD que Luanda tinha uma “população marginal de 70 mil almas que será quem participará nos assaltos e saques.” É abordada a desmotivação das tropas, com o tenente coronel Vinhas a frisar que “os soldados

---

<sup>510</sup> REZOLA 2012, p. 397.

<sup>511</sup> REZOLA 2012, pp. 397 – 400.

<sup>512</sup> ANTUNES, Melo (1996), “A Descolonização portuguesa: mitos e realidades”, em João Medina (org.), *História de Portugal*, p. 208.

<sup>513</sup> ANTUNES, Melo (1996), “A Descolonização ...”, em João Medina (org.), *História de Portugal*, p. 215.

portugueses não estão dispostos a morrer”, mas que “se começar a morrer população branca pode-se contar com os soldados portugueses para o que for necessário”. Examina-se a relação com os movimentos, afirmando o coronel Batista a inexistência de “uma opinião unânime de Oficiais, Sargentos e Praças quanto a uma tomada de posição ao lado do MPLA”, ao passo que o comandante naval pensa haver “muitos mais soldados [portugueses] com afinidades com a FNLA, até pelos laços familiares que têm com a população branca radicada em Angola.”

Conclui-se a necessidade de travar o alastramento dos combates para o centro da cidade, onde habita a população branca, sendo decidido “impedir a entrada da FNLA em Luanda, utilizando as FAPLA como primeira linha”. Melo Antunes declara sentir-se “hesitante no grau de firmeza a utilizar, devido ao triunfalismo do MPLA, apoiado no Poder Popular, virado contra a FNLA e a parte portuguesa”. O tenente-coronel Vinhas avisa que “se o MPLA se instalar sozinho e definitivamente em Luanda a escalada contra as NT vai continuar (...) pois após eliminar a FNLA o MPLA virar-se-á contra as NT o que poderá dar origem a um problema rácico. Disse pensar que o MPLA vai tentar dificultar a evacuação da população branca.”<sup>514</sup>

Os responsáveis portugueses decidem lançar a sua derradeira cartada: a aliança MPLA-UNITA, formalmente proposta pelo MNE ao Conselho da Revolução numa reunião a 17 de julho, onde descreve a iniciativa militar do MPLA contra a FNLA, a vulnerabilidade da população branca e a ameaça de uma balcanização, propondo reforçar a «estabilidade que o MPLA vai certamente criar a partir da situação militar criada em Luanda, e fazer esforços no sentido de obter uma aliança, mesmo que tática, MPLA-UNITA».<sup>515</sup> Propostas aprovadas a 30 de outubro, com o Conselho a enviar três dos seus membros a Angola,<sup>516</sup> cada um com uma missão: Rosa Coutinho deveria «travar» o MPLA; Carlos Fabião «travar» o Exército; Canto e Castro seria, nas palavras de Rosa Coutinho, o “espião oficial”: “chegou lá e desapareceu, foi falar com os seus amigos do FNLA”.<sup>517</sup>

As conversações seriam difíceis. Segundo Rosa Coutinho, foi mesmo impossível «manter as conversações até ao fim», conseguindo-se no entanto «algumas coisas fundamentais: primeiro que o MPLA não reagisse estupidamente, foi a minha função. Segundo, que as tropas militares portuguesas se comprometessem a não deixar as tropas da FNLA que já estavam no Caxito, avançarem sobre Luanda. Dispunha de uma coisa que o MPLA não tinha: blindados». Algo tornava-se, contudo, evidente: «Era completamente impossível manter a paz. Os movimentos não se entendiam e cada um deles pretendia exercer o poder pela força».<sup>518</sup> Os três militares apresentam o seu relatório a 5 de

---

<sup>514</sup> AHM/FO/43/S4/Cx841/V34 Ata, 14/07/75.

<sup>515</sup> SÁ 2011, pp. 211 – 212.

<sup>516</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Msm serviços de apoio CR ao AC, 31/07/75.

<sup>517</sup> REZOLA 2012, p. 405.

<sup>518</sup> REZOLA 2006, pp. 341 – 342.

agosto, onde propõem uma retração do dispositivo militar português para áreas urbanas onde «garantiriam a segurança de toda a população civil que nelas se acolhesse», «a posse de Sazaire, como ponto de apoio a Cabinda» e a «substituição imediata do Alto-Comissário em Angola e dos três Comandantes Militares, que deveria ser feita esta semana».<sup>519</sup>

A 6 de agosto Lopo do Nascimento informa os portugueses de que Agostinho Neto se reuniria no dia seguinte com Savimbi com o objetivo de “verificar a hipótese de uma aliança tática com a UNITA.” Ainda de acordo com Lopo do Nascimento, o MPLA enviaria no próprio dia um documento propondo “a formação de um governo Portugal-MPLA-UNITA”, pedindo-se que Portugal fizesse pressão sobre a UNITA para que o aceitasse, o que pressupunha que Portugal condenasse a FNLA e aceitasse “as consequências militares da posição tomada, apoiando os movimentos mencionados.”<sup>520</sup> Após vários encontros secretos em Lisboa, o MPLA e a UNITA celebram um acordo político-militar a 29 de agosto.<sup>521</sup> As negociações entre Lopo do Nascimento e Carlos Rocha, pelo MPLA, e José N’Dele e Fernando Wilson, pela UNITA, teriam lugar no Palácio de Belém, sob a mediação de Costa Gomes e o apoio do executivo português.<sup>522</sup>

O acordo acaba por fracassar, como evidencia um discurso de Savimbi, a 7 de setembro, no qual ataca tanto o MPLA como as autoridades portuguesas,<sup>523</sup> que constitui uma verdadeira declaração de guerra.<sup>524</sup> Mais tarde, a 2 de outubro, Savimbi explicaria tal tomada de posição por “não ter recebido totalidade armas acordadas com Min Melo Antunes quando da sua estadia Angola (sic)”, “não ter sido consultado para substituição Alto Comissário” e “considerar que houve atitudes partidárias da parte das (...) FA [de Portugal] no caso catangueses e na tomada do Lobito pelo MPLA (sic)”.<sup>525</sup> As autoridades portuguesas em Angola procuram conciliar as duas partes, com o novo alto-comissário, Leonel Cardoso, a informar Lopo do Nascimento, a 15 de setembro, de que qualquer entrega de armamento português ao MPLA seria condicionada por um acordo com a UNITA.<sup>526</sup> Apesar destes esforços, o movimento de Savimbi opta por uma aliança com a FNLA<sup>527</sup> e outras forças de menor

---

<sup>519</sup> REZOLA 2006, p. 342.

<sup>520</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm AC a Presirep, 06/08/75 confrontar fonte p. 227.

<sup>521</sup> REZOLA 2012, p. 407.

<sup>522</sup> SÁ 2011, p. 239.

<sup>523</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm AC a Presirep, 10/09/75.

<sup>524</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 814.

<sup>525</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm AC a Presirep, imediato muito secreto, 02/10/75.

<sup>526</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm Lopo do Nascimento a AC, 03/09/75 confrontar fonte p. 233.

AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm AC a Presirep, s. a. confrontar fonte p. 234. AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm Presirep a AC, 10/09/75 confrontar fonte p. 235. AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm AC a Lopo do Nascimento, 15/09/75 confrontar fonte p. 237.

<sup>527</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Rlt secreto *Política do Emprego das FAP até à Independência*, Anon., s. a. (recebido pelo CEMGFA em 03/09/75).

dimensão como a FLEC ou o ELP (Exército de Libertação Português) no quadro de uma frente anti-MPLA.<sup>528</sup>

O fracasso das negociações provoca a suspensão definitiva dos acordos de Alvor por parte de Portugal a 1 de setembro,<sup>529</sup> que já os tinha suspenso parcialmente a 22 de agosto, de forma a, nas palavras de Pezarat Correia, «reforçar os poderes do alto-comissário, que era o único órgão de poder executivo que se mantinha em pleno funcionamento», assim como «regular a saída dos ministros portugueses, impedindo que o governo pudesse ser catalogado de coligação Portugal/MPLA»,<sup>530</sup> em virtude do colapso oficial da coligação a 8 de agosto, com o abandono sem aviso dos ministros da UNITA e da FNLA, o que, como constata o alto-comissário a 22 de agosto, colocava os portugueses numa difícil situação, deixando “de haver interlocutores em Luanda além dos do MPLA tendo-se criado uma situação não prevista no Acordo de Alvor”.<sup>531</sup> As autoridades portuguesas anunciam que as suas tropas abandonariam o território angolano a 11 de Novembro deste ano (que permanece como a data para a independência) e não a 29 de fevereiro de 1976, como estipulavam os acordos alcançados em Alvor.<sup>532</sup>

O movimento de Neto prossegue a sua grande ofensiva após a tomada da capital, expandindo as suas ações armadas para leste após a expulsão de todas as forças do ELNA na capital (consumada a 20 de julho, com a queda do seu último reduto na capital, a Fortaleza de São Pedro),<sup>533</sup> assumindo o controlo dos distritos do Cuanza Norte, Malange e das Lundas.<sup>534</sup> A FNLA, reforçada pelo apoio das tropas zairenses e pela chegada de mercenários, contra-ataca a norte, expulsando o MPLA e a UNITA dos distritos do Zaire e do Uíge, ao mesmo tempo que avança rumo à capital, ocupando a estratégica cidade do Caxito.<sup>535</sup> O MPLA consegue travar as forças de Roberto através da brigada motorizada que tinha chegado recentemente a Angola, vinda da URSS, iniciando uma expansão para sul, expulsando a UNITA de Moxico.<sup>536</sup> A chegada de armas sul-africanas permite, no entanto, a Savimbi contra-atacar a partir do planalto central, expulsando os movimentos rivais dos distritos do Huambo e do Bié.<sup>537</sup> A

---

<sup>528</sup> PIMENTA 2008, pp. 417 – 418.

<sup>529</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 813.

<sup>530</sup> CORREIA 1991, pp. 147 – 148. SANTOS II (2) 2006, p. 208.

<sup>531</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm AC a Presirep, 11/08/75 confrontar fonte p. 228.

<sup>532</sup> GLEIJESES 2002, p. 266.

<sup>533</sup> SÁ 2011, p. 201.

<sup>534</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 812.

<sup>535</sup> HEIMER 1980, p. 81. CORREIA 1991, p. 143.

<sup>536</sup> CORREIA 1991, p. 143.

<sup>537</sup> SÁ 2011, p. 201.

guerra estende-se ao litoral, com a ocorrência de combates no Lobito entre os três movimentos,<sup>538</sup> capturando o MPLA numerosas cidades portuárias.<sup>539</sup>

#### 4.3.2 – A situação em Portugal

O colapso do Governo de Transição em Angola coincide com a queda do IV Governo Provisório, fragilizado pela saída dos políticos moderados do executivo. Em 8 de agosto toma posse o V Governo Provisório, apresentado por Costa Gomes como uma «solução provisória»,<sup>540</sup> que não conta com a participação ou apoio quer do PS ou do PPD, dos moderados do MFA e até de figuras como Otelo Saraiva de Carvalho, que recusa o cargo de vice-primeiro-ministro.<sup>541</sup> Os moderados do MFA lançam no dia seguinte o seu contra-ataque, com a divulgação do chamado Documento dos Nove, subscrito por personalidades como Melo Antunes (que António José Telo encara como o autor do documento), Vasco Lourenço e Pezarat Correia, e onde se reclama o fim da «teoria leninista da vanguarda revolucionária» e o regresso à «imagem primitiva do MFA» e a um «governo que não viole a vontade da grande maioria dos portugueses».<sup>542</sup> Afirma que a instabilidade em Portugal ameaça «a mais crítica fase da descolonização em Angola», acrescentando que «não era possível descolonizar (...) sem uma firme coesão política interna e sem, acima de tudo, continuar a considerar a descolonização até estar completa como principal objetivo nacional (...) Estamos agora a lutar com um problema em Angola que provavelmente ultrapassa as nossas capacidades e que pode (...) ter consequências catastróficas e trágicas para Portugal e para Angola».<sup>543</sup>

Também o PCP se distancia do primeiro-ministro, com Álvaro Cunhal a afirmar, numa reunião confidencial do Comité Central, realizada dois dias depois da tomada de posse do V GP, que a situação era de «plena degradação», que o MFA estava enfraquecido como vanguarda do «movimento revolucionário progressista» e que o presente Governo Provisório era um erro, dado que não contava sequer com o apoio do COPCON. Pede autorização para negociar com a «parte mais consequente» do MFA de modo a avançar com «maior ímpeto», o que é aceite.<sup>544</sup> Vasco Gonçalves é afastado a 5 de setembro.<sup>545</sup>

---

<sup>538</sup> SANTOS II (1) 2006, p. 520. AFONSO, GOMES 2010, p. 813. REZOLA 2012, p. 406.

<sup>539</sup> MARCUM 1978, p. 264.

<sup>540</sup> TELO II (1) 2007, p. 146.

<sup>541</sup> TELO II (1) 2007, pp. 150 – 151.

<sup>542</sup> TELO II (1) 2007, pp. 151 – 152.

<sup>543</sup> SÁ 2011, pp. 237 – 238.

<sup>544</sup> TELO II (1) 2007, p. 151.

<sup>545</sup> TELO II (1) 2007, p. 156.

A 19 de setembro toma posse o VI Governo Provisório, formado ainda no tenso e agitado «Verão Quente», com a constante ameaça da guerra civil a pairar no ar. A estratégia do “grupo dos 9” passava por provocações controladas, que forçassem o adversário a perder a calma e a avançar, expondo desta forma a sua fraqueza. Várias unidades militares de extrema-esquerda começam a reagir, com um proliferar de conspirações e manifestações várias tendo em vista a defesa das conquistas da revolução. Entre estas destacou-se o COPCON, que recusou travar o assalto à embaixada de Espanha. Oteló Saraiva de Carvalho assume, porém, uma atitude moderadora, rejeitando a proposta da ‘Frente de Unidade Revolucionária’ de tomar o poder.<sup>546</sup>

### **4.3.3 – A internacionalização do conflito após o colapso de Alvor**

O colapso do Governo de Transição, com a tomada da capital pelas forças do MPLA, é acompanhado por um escalar das intervenções externas. Os EUA iniciam um apoio concertado aos rivais de Neto no âmbito da “Operação IAfeature”, oficializada a 18 de julho, uma intervenção coordenada com o Zaire, cujo presidente contribuiu para o seu planeamento. Para Mobutu era necessário «fortalecer a FNLA outra vez, garantindo o controlo do Norte do território e forçar um impasse militar com o objetivo de instalar Jonas Savimbi na chefia do Estado».<sup>547</sup> A “Operação IAfeature” baseia-se numa estratégia concertada marcada pelo fornecimento de armamento (na ordem dos 16 milhões de dólares), apoio económico (num montante de 35 milhões de dólares) e treino militar (providenciado por mercenários, muitos dos quais portugueses).<sup>548</sup>

Washington confronta-se com a estratégia portuguesa de um entendimento entre o MPLA e a UNITA,<sup>549</sup> que procura travar ao condicionar o apoio à evacuação dos refugiados de guerra com o fim desta política.<sup>550</sup> Lisboa, inicialmente relutante em aceitar as imposições dos EUA (chegando Costa Gomes, após ser questionado por Carlucci sobre se os portugueses reconheceriam o governo do MPLA a 11 de Novembro, a responder que: «O MPLA não é comunista. É talvez igual à FRELIMO»),<sup>551</sup> acaba por ceder, assegurando Melo Antunes e Pinheiro de Azevedo a neutralidade de Portugal, ao mesmo tempo que pedem o apoio de Washington na saída dos refugiados.<sup>552</sup> Kissinger comenta: «Em relação a Angola, as coisas não estão a correr muito mal. Estamos a chantagear os portugueses e eles estão a deixar armas para Roberto e para Savimbi, assim como para o MPLA. Está

---

<sup>546</sup> TELO II (1) 2007, pp. 163 – 165.

<sup>547</sup> SÁ 2011, pp. 212 – 215.

<sup>548</sup> SÁ 2011, pp. 214 – 215.

<sup>549</sup> SÁ 2011, p. 238.

<sup>550</sup> SÁ 2011, pp. 244 – 245.

<sup>551</sup> SÁ 2011, pp. 240 – 241.

<sup>552</sup> SÁ 2011, pp. 250 – 251.

melhor do que antes». <sup>553</sup> Segundo John Stockwell, a CIA exerceu também pressão sobre Savimbi para garantir o fracasso de qualquer acordo com o MPLA. <sup>554</sup>

Os sul-africanos iniciam a sua intervenção, enviando tropas para ocupar a barragem do Calueque já em agosto, o que é justificado pela necessidade de proteger interesses estratégicos, de nada tendo valido os protestos do embaixador português em Pretória <sup>555</sup> (a embaixada sul africana em Lisboa pede, a 11 de agosto, às autoridades portuguesas para assegurarem a segurança destas instalações, um pedido que é feito dois dias depois das forças militares deste país as ocuparem). <sup>556</sup> Em meados de setembro é estabelecido o primeiro campo de treino sul-africano para tropas da UNITA, em Mpupa, no Sul de Angola, após reuniões entre sul-africanos e Savimbi em Kinshasa. <sup>557</sup> Em outubro inicia-se a operação «Savannah» com o envio da «Coluna Zulu», composta por meios blindados pesados (nomeadamente os Olifant) e apoio aéreo, que sobe ao longo do litoral tomando várias cidades em poder do MPLA: Sá da Bandeira, Moçâmedes, Benguela, Lobito e Novo Redondo. <sup>558</sup> Entretanto, segundo um relatório datado de agosto, vários milhares de refugiados brancos dirigem-se a África do Sul. <sup>559</sup> A China decide pôr termo ao seu envolvimento no conflito angolano de forma a não ser associada à intervenção sul-africana. <sup>560</sup>

Face ao reforço do apoio aos rivais do MPLA, Havana decide responder aos pedidos de auxílio deste movimento, iniciando a ‘Missão Militar Cubana em Angola’ (MMCA), que prevê o envio de cerca de 480 instrutores e a criação de múltiplos ‘Centros de Instrução Revolucionária’ (CIR). <sup>561</sup> Os cubanos procuram não entrar em choque com Portugal, <sup>562</sup> estabelecendo contactos prévios com oficiais portugueses, entre os quais se destacam o encontro, em julho, entre Fidel Castro e Otel Saraiva de Carvalho <sup>563</sup> (que informa Costa Gomes, a pedido de Raúl Castro, da intervenção cubana) <sup>564</sup> e com

---

<sup>553</sup> SÁ 2011, p. 242.

<sup>554</sup> STOCKWELL 1978, p. 193.

<sup>555</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Tlg da embaixada de Portugal em Pretória a MNE, s.a. (recebido em 12/08/75) confrontar fonte pp. 231 – 232.

<sup>556</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm MNE a AC, 11/08/75 confrontar fonte p. 229. ADN/F3/S19/Cx40/V15 Aide Memoire, Lisboa, 11/08/75 confrontar fonte p. 230.

<sup>557</sup> SÁ 2011, p. 233.

<sup>558</sup> TELO II (2) 2007, pp. 169 – 170. SÁ 2011, p. 235.

<sup>559</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Rlt secreto *Política do Emprego das FAP até à Independência*, Anon., s. a. (recebido pelo CEMGFA em 03/09/75).

<sup>560</sup> SÁ 2011, p. 258

<sup>561</sup> GLEIJESES 2002, p. 259.

<sup>562</sup> GLEIJESES 2002, p. 261.

<sup>563</sup> <http://www.dw.com/pt/otelo-o-portugu%C3%AAs-que-samora-machel-convidou-para-ingressar-na-frelimo/a-17243368> (consultado a 22 - 07 - 2014).

<sup>564</sup> TELO II (2) 2007, p. 166.



Rosa Coutinho, em meados de agosto, discutindo-se nesta reunião o acesso aos vistos.<sup>565</sup> No decorrer da vigência do V Governo Provisório o acesso a estes não enfrenta dificuldades, o que se altera após a queda deste.<sup>566</sup> Apesar disto, em finais de setembro, já se encontram cerca de 50 cubanos em Angola, com os restantes a serem transportados em três navios (*Vietnam Heroico*, *La Plata* e *Coral Island*), que partem para Angola entre 16 e 20 de setembro,<sup>567</sup> e em dois aviões rumo a Brazzaville.<sup>568</sup> Ocorre um incidente, que foi a captura de uma barcaça cubana que transportava equipamento militar ao MPLA, pedindo-se instruções a Lisboa sobre o que fazer, face às críticas deste movimento e ao facto de a FNLA receber armamento através da fronteira norte.<sup>569</sup> As instruções são claras: “Determinação gen CEMGFA deverá ser entregue material com excepção viaturas qualquer espécie PD conveniente rodear operação segredo prudência (sic)”.<sup>570</sup>

Os cubanos procuram conjugar os seus esforços com os soviéticos, os quais, receosos das consequências de tal intervenção nas suas relações com Portugal e os países africanos (para não falar na *Détente* com os EUA), recusam.<sup>571</sup> Apenas após se aperceberem do aumento do envolvimento norte-americano é que os soviéticos decidem agir, com o intensificar, a partir de final de outubro, do apoio armado ao MPLA, e o estabelecimento de uma «ponte aérea soviética» de soldados cubanos para a capital angolana. São deslocados alguns navios de guerra para a costa angolana, recebendo cerca de 60 oficiais soviéticos, colocados no Congo-Brazzaville, instruções para se juntarem às forças de Agostinho Neto e Fidel Castro em Luanda<sup>572</sup> (Piero Gleijeses faz referência a um coronel soviético, identificado como “Yuri”, que combateu na brigada motorizada das FAPLA).<sup>573</sup> A 7 de novembro, Cuba inicia oficialmente a “Operação Carlota”, com o envio massivo de soldados regulares rumo a Luanda.<sup>574</sup>

Relativamente a Cabinda, ao passo que Mobutu mantém o seu apoio à FLEC (chegando uma visita sua a uma base militar, onde esta recebe treino, a ser alvo de grande publicidade na imprensa zairense, o que choca as autoridades portuguesas, habituadas à “discrição” destas visitas),<sup>575</sup> o Congo, de acordo com Piero Gleijeses, desiste do seu envolvimento após a passagem de Ngouabi por Havana, onde é convencido de que uma Cabinda independente seria de Mobutu e não dele. Motivo que o leva a banir a

---

<sup>565</sup> SÁ 2011, p. 223.

<sup>566</sup> GLEIJESES 2002, p. 261.

<sup>567</sup> SÁ 2011, p. 222.

<sup>568</sup> GLEIJESES 2002, p. 261.

<sup>569</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm AC a Presirep, 28/07/75 confrontar fonte p. 222.

<sup>570</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm GABCEMGFA a AC, 29/07/75 confrontar fonte p. 223.

<sup>571</sup> SÁ 2011, p. 222.

<sup>572</sup> SÁ 2011, p. 256.

<sup>573</sup> GLEIJESES 2002, p. 269.

<sup>574</sup> GLEIJESES 2002, p. 305.

<sup>575</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm Gab EMGFA a CCFAA, 18/09/75.



FLEC e a destituir o seu ‘líder’, Alfred Raoul, que é nomeado embaixador do Congo em Bruxelas.<sup>576</sup> Apesar de contar ainda com o apoio do Gabão (que procura convencer o Brasil a promover a autodeterminação do território),<sup>577</sup> a FLEC vê-se incapaz de expulsar as forças do MPLA no território, o que não impede Ranque Franque de proclamar em agosto a independência unilateral do território.<sup>578</sup>

Os estados africanos mostram-se divididos, com Vitor Alves, chefe da delegação portuguesa na Conferência de Kampala, a informar, em final de julho, o Conselho da Revolução: «A Argélia seria favorável ao desenvolvimento da luta a favor do MPLA, o Zaire a favor da FNLA; o Congo Braza preconiza intervenção da OUA, incluindo intervenção armada; Kurt Waldheim parece inclinado a aceitar a intervenção da ONU, incluindo intervenção armada; a Tanzânia e Zâmbia são reticentes e fazem críticas relativamente ao MPLA e à figura de Agostinho Neto» (sic).<sup>579</sup> No decorrer da reunião, a 2 de outubro, entre Jonas Savimbi e Heitor Almendra, o líder nacionalista refere a existência de um bloco de países pró-MPLA, entre os quais estavam Guiné-Bissau e Moçambique<sup>580</sup> (estando já tropas destes países, segundo um relatório, a lutar em Angola pelo MPLA).<sup>581</sup>

A 3 de agosto a OUA envia uma mensagem a Costa Gomes, na qual faz um apelo para Portugal assumir as suas responsabilidades em Angola, informando do envio de uma ‘comissão de conciliação’ para o território.<sup>582</sup> Após a visita, esta comissão conclui que os movimentos eram unânimes na rejeição do adiamento da independência (John Marques Cacumba, delegado da UNITA para as relações exteriores, afirma em outubro, no entanto, que seu movimento considerava necessário esse adiamento)<sup>583</sup>, na defesa da “integridade territorial de Angola, incluindo Cabinda” e no desejo de “uma solução pacífica para o conflito”, verificando-se ao mesmo tempo sinais de interferência externa nos acontecimentos angolanos “através do envio de armamento e/ou de soldados”. A ‘comissão de conciliação’ recomenda o “estabelecimento de uma atmosfera de paz”, a formação de um “governo de unidade nacional” e o fim das intervenções externas em Angola, apelando-se a que “nenhum membro da OUA reconheça qualquer declaração unilateral de independência”.<sup>584</sup>

---

<sup>576</sup> GLEIJESES 2002, p. 264.

<sup>577</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Tlg Embaixada portuguesa em Paris a AC, 13/10/75.

<sup>578</sup> Elima, 02/08/75, p. 7. ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm DG MNE a CEMGFA, 30/10/75.

<sup>579</sup> REZOLA 2006, p. 341.

<sup>580</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm AC a Presirep, Imediato muito secreto, 02/10/75.

<sup>581</sup> AHM/FO/43/S5/Cx842/V35 Msm AC a Presirep, s. a.

<sup>582</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Msm Assembleia de chefes de estado e de governo da OUA a Presirep, 03/08/75  
confrontar fonte pp. 224 – 225.

<sup>583</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Tlg Embaixada portuguesa em Paris a AC, 13/10/75.

<sup>584</sup> AHM/FO/43/S1/Cx835/V6 Msm MCI a AC, 28/10/75 confrontar fonte pp. 244 – 248.

#### 4.3.4 – As Forças Armadas nos últimos dias do império

Como se disse atrás, a queda oficial do Governo de Transição condena qualquer acordo, real ou aparente, entre os movimentos, que apostam abertamente na destruição mútua. O projeto das ‘Forças Militares Mistas’ é abandonado sem nunca ter sido seriamente posto em prática pelos movimentos. A missão do contingente militar português no território altera-se, desaparecendo qualquer esperança de apoio aos, agora inexistentes, “órgãos políticos do estado” (como estipulava a Directiva Geral “Raio Azul”), para se focar apenas na sua retirada do território, na proteção (tanto quanto possível) das populações e no apoio à evacuação dos portugueses em Angola. As perspectivas das chefias militares quanto ao futuro revelam-se sombrias, descrevendo um relatório, datado de setembro, uma “Balcanização irreversível de Angola”.<sup>585</sup>

O estado de espírito das tropas expedicionárias permanece até ao final um problema na engrenagem militar, informando o alto-comissário, a 27 de julho, que as tropas portuguesas estão “desmotivadas” e “não desejam morrer numa guerra que não consideram sua, a despeito consciencialização tem sido feita no sentido de criar-lhes espírito missão lhes incumbe processo descolonização. (sic)”<sup>586</sup> O envio de reforços também não parece ser uma solução viável, referindo um relatório, datado de setembro, a “Inutilidade e inconveniência de envio de quaisquer reforços a não ser em situação especiais e com tropas especiais.”<sup>587</sup>

Apesar disto Lisboa continua a dar instruções para a manutenção de Szaire, informando o comando-chefe de Angola, a 5 de agosto, que a situação era “altamente perigosa e insustentável”, procurando as forças do ELNA tomar o território ao mesmo tempo que receiam um ataque do “MPLA com apoio NF”, insistindo que: “Única forma cumprir ordem manter Szaire será rápido reforço com efectivo numerosos permita consolidar posição e ocupar aeroporto (sic)”. Nesta mensagem o comandante-chefe descreve a defesa de Szaire como fundamental para a defesa de Cabinda.<sup>588</sup> No próprio dia o CEMGFA responde “que se mantêm determinações anteriores quanto actuação NF devendo ser tomadas todas medidas sentido manter Szaire. (sic)”<sup>589</sup> Mais tarde o alto-comissário informa que, a 27 de agosto, dera-se a saída das tropas portuguesas posicionadas neste território, como parte do “plano retracção dispositivo militar (sic)”.<sup>590</sup>

---

<sup>585</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Rlt secreto *Política do Emprego das FAP até à Independência*, Anon., s. a. (recebido pelo CEMGFA em 03/09/75).

<sup>586</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm AC a Presirep, 27/07/75.

<sup>587</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Rlt secreto *Política do Emprego das FAP até à Independência*, Anon., s. a. (recebido pelo CEMGFA em 03/09/75).

<sup>588</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm CCFAA a Presirep, 05/08/75.

<sup>589</sup> AHM/FO/43/S1/Cx836/V11 Msm GABCEMGFA a CCFAA, 05/08/75 confrontar fonte p. 226.

<sup>590</sup> AHM/FO/43/S5/Cx842/V35 Msm AC a MCS, s. a.

A relação entre o CCPA e o alto-comissário permanece tensa, referindo este, numa mensagem a Costa Gomes datada de 21 de julho, a pressão por parte da maioria dos seus “colaboradores mais diretos, no sentido de nos aliarmos ao MPLA e, sem nos hostilizarmos a UNITA, nos lançarmos na guerra com a FNLA, forçando, de uma forma ou de outra, a denúncia do Acordo de Alvor.” Silva Cardoso pede que lhe seja definida de forma clara a “linha de ação a seguir, visto não ser possível continuar oficialmente numa política de neutralidade ativa e ser permanentemente pressionado para uma colaboração com o MPLA.”<sup>591</sup> Apresenta a sua demissão a 30 de agosto,<sup>592</sup> sendo substituído por Leonel Cardoso, com o qual o MFA local desenvolve uma relação mais cordial.<sup>593</sup> O novo alto-comissário mantém a esperança de um acordo entre o MPLA e a UNITA, enviando uma mensagem a 5 de Outubro onde descreve tal cenário como “bastante provável”, ao passo que um acordo “FNLA-UNITA” era “bastante menos provável”.<sup>594</sup>

A sensação de que Angola estava a ser esquecida continua a ser um sério problema, que o CCPA tenta contrariar enviando delegações para a metrópole com o intuito de alertar a opinião pública para o que se passa em Angola, que ainda é uma responsabilidade de Portugal.<sup>595</sup> A sensação de que o ramo local do movimento está a ser marginalizado na tomada de decisões em Portugal é também presente, com a ZMC a aprovar por unanimidade, em outubro, um “voto de protesto a ser transmitido ao MFA de Lisboa, pelo ostracismo a que tem sido votado o MFA de Angola nas decisões de âmbito nacional”.<sup>596</sup>

À medida que o dia da independência se aproxima subsiste a questão da entrega do poder, um dilema difícil de resolver para as autoridades portuguesas, relutantes em entregá-lo a apenas um dos movimentos. Uma hesitação que resulta tanto dos compromissos estabelecidos em Alvor como da pressão internacional. O alto-comissário chega a sugerir, a 5 de Outubro, permanecer em Luanda após 11 de Novembro, enquanto representante da “soberania portuguesa até ser encontrada uma solução para o impasse”, de modo que, se o metessem num avião, podia afirmar-se que tinha havido uma “tomada de poder pela força”. Uma ideia, descrita pelo próprio como “muito britânica”, e que fazia parte do seu jogo político para convencer o MPLA de que o poder não seria entregue a um só movimento, “para tentar empurrá-los para um acordo com a UNITA”.<sup>597</sup>

A 9 de novembro, um emissário entrega ao alto-comissário um documento do governo português contendo três hipóteses para o dia da independência: A – saída a 10 de novembro, continuando a

---

<sup>591</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Msm AC (presume-se que) a Presirep, 21/07/75 confrontar fonte pp. 219 – 221.

<sup>592</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 813.

<sup>593</sup> CORREIA 1991, p. 146.

<sup>594</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Msm AC a Presirep, 05/10/75 confrontar fonte pp. 239 – 243.

<sup>595</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Msm Gab Angola a Presirep, 09/09/75.

<sup>596</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Proposta do delegado da ZMC, outubro de 1975 confrontar fonte p. 238.

<sup>597</sup> AHM/FO/43/S1/Cx834/V1 Msm AC a Presirep, 05/10/75 confrontar fonte p. 240.

reconhecer os três movimentos e entregando a soberania ao povo angolano; B – reconhecimento de um Governo de Unidade Nacional, composto por personalidades não diretamente ligadas aos movimentos; C – reconhecimento do MPLA como representante do Povo Angolano, entregando-lhe o poder.<sup>598</sup> A véspera da independência é marcada por uma forte polémica, defendendo Melo Antunes e Almeida Santos o reconhecimento do governo do MPLA, algo que enfrenta a firme oposição do primeiro-ministro, Pinheiro de Azevedo, que ameaça demitir-se. É decidido aguardar-se, em vão, por um governo de coligação,<sup>599</sup> informando Costa Gomes, no dia seguinte, o alto-comissário de que Portugal adotava a opção A.<sup>600</sup> Ao meio-dia, após ter enviado mensagens de despedida aos líderes dos movimentos, Leonel Cardoso lê uma mensagem onde afirma “não tomar parte em qualquer cerimónia comemorativa” por tal, “nas atuais circunstâncias,” equivaler a uma “ingerência” da parte de Portugal nas questões angolanas. No final de um discurso onde descreve a ingenuidade nas negociações em Alvor como o único erro dos portugueses no processo de descolonização e responsabiliza as superpotências pela guerra, anuncia a transferência da soberania de Angola ao seu povo, “com efeito a partir das 0 horas do dia 11 de Novembro de 1975”.<sup>601</sup>

O dia da independência de Angola é marcado pelas divisões entre os movimentos, de modo que, segundo Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes, ocorreriam três declarações de independência, com o MPLA a proclamar em Luanda a ‘República Popular de Angola’, a UNITA em Nova Lisboa (actual Huambo) a ‘República Democrática de Angola’ e a FNLA em Ambriz a ‘República Popular Democrática de Angola’.<sup>602</sup> No entanto, a generalidade dos historiadores descreve a ‘República Popular e Democrática de Angola’ como uma coligação dos rivais do MPLA.<sup>603</sup> Ao passo que o governo do MPLA contaria com o reconhecimento das nações socialistas, de vários países africanos assim como do Brasil, o(s) dos rivais deste não te(ê)m qualquer reconhecimento. A guerra culmina na vitória do MPLA, cujo governo conquista o reconhecimento internacional. Portugal reconheceria, contudo, a ‘República Popular de Angola’ apenas a 26 de fevereiro de 1976, convertendo-se no 82º país a fazê-lo.<sup>604</sup>

---

<sup>598</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 815.

<sup>599</sup> REZOLA 2012, p. 409.

<sup>600</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 815.

<sup>601</sup> ADN/F3/S19/Cx40/V15 Tlg AC a MNE, s.a. (recebido em 10/11/75) confrontar fonte pp. 251 – 256.

<sup>602</sup> AFONSO, GOMES 2010, p. 815.

<sup>603</sup> CORREIA 1991, p. 172. TELO II (2) 2007, p. 172. PIMENTA 2008, p. 418. REZOLA 2012, p. 410.

<sup>604</sup> CORREIA 1991, p. 173.



## Cap. 5 – Conclusões

Ao analisar as decisões do MFA, importa ter em atenção o facto de este ser um movimento heterogéneo, o que pressupõe a existência de mais do que uma estratégia para um mesmo assunto. No estudo do papel do MFA no processo de descolonização, Melo Antunes destaca-se, não apenas por ter desempenhado as funções de ministro sem pasta no II GP e de ministro dos Negócios Estrangeiros no IV GP, como pelos seus esforços para estabelecer um consenso entre as diferentes sensibilidades no seio do Movimento das Forças Armadas.

António José Telo encara a visão desta personalidade como o reflexo de uma entre quatro tendências presentes no seio do MFA: a spinolista (encabeçada pelo antigo governadores de Guiné); a ‘moderada’ (por Melo Antunes, Vasco Lourenço e Pezarat Correia); a próxima do PCP (por Rosa Coutinho e Vasco Gonçalves); a próxima da extrema-esquerda (por Otelo Saraiva de Carvalho). O afastamento de Silvério Marques, a promulgação da Lei nº 7/74 e o desenlace da ‘Maioria Silenciosa’ leva ao neutralizar da ala spinolista no seio do MFA e a uma clarificação da posição do movimento face a África, com o reconhecimento inequívoco do direito à independência dos povos colonizados.

Na sua relação com os movimentos angolanos, o MFA manifesta uma particular proximidade com o MPLA, movimento que, para além de partilhar os mesmos ideais socialistas e progressistas, mantém importantes relações com a oposição de esquerda portuguesa, cujos contactos remontam aos tempos passados nos meios universitários e no protesto contra o regime. Tal como Melo Antunes recorda: “Não foi o senhor Savimbi nem aqueles outros nomes que aparecem agora, e de quem nunca ouvimos falar, que tinham algum significado para nós. Era aquela gente do MPLA, que eram nossos camaradas, nossos amigos (...) porque haviam participado em lutas, sonhos e projetos comuns, e eram, de facto, os únicos com uma conceção semelhante à nossa do modo como conciliar tudo isto: uns eram comunistas, outros não, uns mais à esquerda, outros menos.”<sup>605</sup> O facto de constituir o movimento com o maior número de “quadros e intelectuais de Angola”<sup>606</sup> conferia ao MPLA, na perspetiva de Melo Antunes, um estatuto especial entre os movimentos angolanos.

As relações com a FNLA são marcadas por uma maior distância, com Melo Antunes a sublinhar, no decorrer das conversações de Argel, as “reservas que o Governo português tem em relação à FNLA e à sua ideologia política”, que segundo ele eram já do conhecimento do MPLA (cfr. 3.2.3). A falta de comunicação entre as duas partes seria evidenciada pela dificuldade em obter um cessar-fogo, uma vez que o MFA local, tal como recorda Pezarat Correia, “por muitas diligências que fizesse não conseguia

---

<sup>605</sup> CRUZEIRO 2004, p. 164.

<sup>606</sup> CRUZEIRO 2004, p. 163.

localizar quem se identificasse como representante deste movimento no interior do país”.<sup>607</sup> Segundo Villalobos Filipe, o movimento de Holden Roberto, ao contrário do MPLA, mantinha as distâncias em relação ao MFA mesmo após a Lei 7/74, afirmando que nunca conseguiu estabelecer um contacto pessoal com qualquer membro desta organização.<sup>608</sup> A decisão de Rosa Coutinho, de reforçar o MPLA com armamento português como forma de o contrabalançar militarmente com a FNLA (cf. 3.2.2), evidencia por um lado uma tentativa de contrariar a afirmação do movimento de Roberto como ainda de favorecer o MPLA face a este, uma vez que esta política de “equilibrar” as forças em disputa não abrangia aquele que era o movimento mais fraco ao nível militar: a UNITA.

A relação com o movimento de Savimbi assume uma particular complexidade, tendo o MFA desempenhado um papel fundamental na obtenção de um cessar-fogo com a UNITA, algo que, como recorda Pezarat Correia, provocara “duras críticas de vários setores de opinião e da imprensa angolana (...) que invocavam o comprometimento deste movimento com a política colonial anterior ao 25 de Abril.” Críticas que são rejeitadas por este membro do MFA local, que salienta, não apenas a necessidade da parte portuguesa na obtenção de um clima de paz, como também que o facto de os membros deste movimento “terem recorrido às armas como meio de obterem a independência” conferira a estes uma legitimidade igual à dos outros movimentos.<sup>609</sup> No decorrer das conversações em Argel, é feita pressão sobre o MPLA para um entendimento com a UNITA, com Pezarat Correia a relativizar o passado do movimento de Savimbi, encarado como fruto de pragmatismo, ao mesmo tempo que sublinha a proximidade ideológica entre os dois movimentos (cf. 3.2.3).

O MPLA, ao mesmo tempo que é visto como uma peça-chave do futuro de Angola, é encarado (por isso mesmo também) como um partido com especiais responsabilidades perante o país, o que leva os negociadores a assumirem desde início uma postura exigente, o que é ressentido por muitos no movimento. Tal como recorda Melo Antunes: “era ao MPLA que cabiam maiores responsabilidades na condução deste processo, que tinha a obrigação de ter percebido as grandes questões nacionais”.<sup>610</sup> A importância de chegar a um entendimento com os outros movimentos no quadro de um governo de coligação para evitar a guerra civil, de contribuir para a formação de um exército comum, de promover a ordem pública assim como de, “na campanha política de mobilização das populações, não esquecer a população branca”, são pontos sobre os quais os representantes do MFA fazem uma forte pressão no encontro em Argel (cf. 3.2.3). A situação dos angolanos de ascendência portuguesa é tida com particular atenção, procurando-se garantir o direito, *de jure* e *de facto*, destes permanecerem em Angola após a independência.

---

<sup>607</sup> CORREIA 1991, p. 100.

<sup>608</sup> FARIA, MARTINS 2014, pp. 100 – 102.

<sup>609</sup> CORREIA 1991, p. 100.

<sup>610</sup> CRUZEIRO 2004, p. 165.

A aposta do MPLA, já em outubro, numa tomada unilateral do poder, o adotar de um discurso progressivamente hostil aos rivais (nomeadamente a FNLA), ao governo de coligação, às autoridades portuguesas e à comunidade branca dividem o MFA sobre a atitude a assumir, com Melo Antunes a advogar, face ao escalar dos confronto FNLA-MPLA, um reforço da UNITA (considerada mais moderada) no quadro de uma aliança com o MPLA, ao passo que Rosa Coutinho mantém o apoio a Neto, sendo a hostilidade à FNLA a única coisa a unir as diferentes partes (cf. 4.2.1). No caso do ramo local do movimento, observa-se uma mais fácil comunicação com os elementos do MPLA do que com os outros movimentos, o que atrai as suspeitas do substituto de Rosa Coutinho, Silva Cardoso (cf. 4.1.4). Este, antes de se demitir, informa o presidente das pressões da maioria dos seus “colaboradores mais diretos, no sentido de nos aliarmos ao MPLA e, sem hostilizarmos a UNITA, nos lançarmos na guerra com a FNLA” (cf. 4.2.4).

A tomada de Luanda pelo MPLA (que precipita o fim definitivo dos acordos de Alvor) é seguida pela chegada de Melo Antunes a Luanda, já a 13 de julho, que se reúne com os representantes dos três movimentos. A reunião com o MPLA é marcada por uma forte tensão, com o MPLA a acusar a parte portuguesa, e em especial o MFA, de falta de cooperação com o movimento mais progressista. Já Melo Antunes acusa o MPLA de ter ignorado as suas responsabilidades perante o país e de ter aproveitado as provocações da FNLA para a tomada do poder, mesmo à custa de uma guerra civil. Contrariamente “a todas as expectativas dos portugueses”, o MPLA revelara-se “um movimento com um tal radicalismo de posições e com uma tal vontade de afrontar toda a situação colonial anterior,” que confundia deliberadamente “essa situação colonial com a legítima presença dos portugueses que ali trabalhavam”. Sublinha ainda que o MFA, apesar das suas simpatias com o MPLA, não cooperaria na aniquilação dos seus rivais, cuja legitimidade tinha sido reconhecida no acordo de Alvor, avisando que “Portugal não iria ao reboque de quaisquer imposições do MPLA” (cf. 4.3.1).

Apesar disto é decidido que as tropas portuguesas travariam a entrada da FNLA em Luanda (mesmo que tal implicasse lutar ao lado das FAPLA), como forma de travar o alastramento dos combates para o centro da cidade, o chamado alcatrão, onde habita a população branca. Uma decisão que é feita apesar dos receios, expressos por Melo Antunes, relativos ao “triumfalismo do MPLA (...) virado contra a FNLA e a parte portuguesa”. Também Rosa Coutinho manifesta uma atitude depreciativa com o movimento de Neto, descrevendo a sua missão, nas conversações com o MPLA em início de agosto, como garantir que este “não reagisse estupidamente” (cf. 4.3.1). A decisão de manter a todo o custo Sazaire (cf. 4.3.4) não seria indiferente à importância que este território desempenhava na manutenção de Cabinda pelo MPLA.

São feitos esforços concertados para uma aliança MPLA-UNITA, que culminam na assinatura de um acordo a 29 de agosto, rompido dias depois pela UNITA (o que é justificado em parte por Savimbi pelo facto de não ter recebido armamento que Melo Antunes lhe tinha prometido). O falhanço deste



acordo leva Melo Antunes a apoiar, pragmática e definitivamente, o MPLA, defendendo, em vésperas do dia da independência, o reconhecimento do governo deste. Uma posição que conta com o apoio de figuras do MFA local como Villalobos Filipe e Gomes de Abreu, que se preparavam para viajar a Luanda, onde representariam a Força Aérea e o Exército respetivamente (com Vítor Crespo a representar a Marinha). Algo que não se verifica, dada a recusa do primeiro-ministro, Pinheiro de Azevedo, em reconhecer o governo do MPLA.<sup>611</sup>

Observando a atitude do MFA face às organizações políticas que surgem no pós-25 de Abril em Angola e que se procuram apresentar como alternativa aos movimentos armados, estas são encaradas por Pezarat Correia na sua maioria como vazias de representatividade. Duas destas conseguem, no entanto, assumir, segundo este membro do MFA local, uma força assinalável: O PCDA e a FUA, com esta última a “ter alguma expressão na área Benguela/Lobito.” A perspetiva do MFA local destas organizações é expressa no dia 18 de setembro, onde é aprovada em plenário uma moção que descreve os movimentos que fizeram a guerra como os únicos com legitimidade, não sendo os outros nada mais que «pseudo partidos fantoches, formados por elementos reacionários, servidores de interesses fascistas-colonialistas do antigo regime» (uma tomada de posição condenada pela FUA [cf. 3.1.3]). Com a queda de Spínola, Rosa Coutinho inicia um esforço para a neutralização dos partidos angolanos com ligações às associações económicas, entre os quais o PCDA, acusados de envolvimento na ‘Maioria Silenciosa’ (muitos destes tinham enviado representantes para a reunião das ‘Forças Vivas’ [cf. 3.2.1]). A FUA, apesar de não ser alvo da mesma hostilidade (chegando o líder desta, Fernando Falcão, a fazer parte do governo provisório montado por Rosa Coutinho), a rejeição da sua legitimidade contribui para o seu esvaziamento político (cf. 3.2.2), que culmina na sua dissolução após o acordo de Alvor (cf. 3.2.6).

O combate a organizações como a FRA converte-se num importante objetivo do MFA local (com Pezarat Correia a acusar os militares enviados por Spínola ao território, pouco após o 25 de Abril, de procurarem criar uma OAS angolana), que procura travar a ocorrência de incidentes que perturbem o processo de descolonização (à semelhança do ‘Movimento Moçambique Livre’) e que encaminhem Angola em direção a um regime que não fosse de maioria negra. A preocupação com estas organizações, muitas das quais próximas da FNLA, permanece mesmo após o acordo de Alvor, receando-se que estas instrumentalizassem a população branca em seu benefício ao mesmo tempo que criam incidentes para alimentar a guerra entre os movimentos, o que o MFA local procura travar.

Relativamente à posição do MFA face às divisões no seio do MPLA, esta é evidenciada pelas conversações em Argel, onde Melo Antunes defende uma reunificação do movimento que não tivesse “em conta a facção Chipenda, considerada não representativa” (o que tem a concordância de Agostinho Neto), mas apenas a Revolta Ativa, considerada representativa em Luanda (o que Neto relativiza [cf.

---

<sup>611</sup> FARIA, MARTINS 2014, pp. 106 – 108.

3.2.3]). Apesar destes esforços para promover a reintegração dos elementos da RA no MPLA (tendo Melo Antunes pedido a presença em Argel de Joaquim Pinto de Andrade, o que não se verificou), o facto de o MFA ter aceite que a assinatura do cessar-fogo com o MPLA contasse apenas com a presença de Agostinho Neto contribuiu, na perspetiva de Adolfo Maria (membro da RA) para um reforço da legitimidade interna da liderança de Agostinho, o que levou a um discurso mais agressivo face às duas outras tendências. Uma situação que, na sua perspetiva, se deveu aos esforços do “MFA português” para “acelerar” o processo de descolonização.<sup>612</sup>

No que concerne à perspetiva do MFA face à dinâmica internacional, é acordada nas conversações em Argel a necessidade de evitar um eixo Zaire, Angola e África do Sul, encarando-se antes favoravelmente “uma aliança entre Angola, Moçambique, Zâmbia e Tanzânia” (cf. 3.2.3). O próprio reforço militar do MPLA com material das FAP seria justificado em Conselho de Estado por Rosa Coutinho, no início de outubro, pela necessidade de contrabalançar o apoio que a FNLA recebe do “Zaire e da CIA”. A proximidade do movimento de Roberto ao Zaire é recordada de forma depreciativa por parte de membros do MFA local, com Pezarat Correia a constatar que a FNLA fora “o único movimento que negociou o acordo de cessação das hostilidades fora do território angolano (...) e que contou com o empenhamento direto e pessoal de um chefe de Estado estrangeiro”.<sup>613</sup> Já Villalobos Filipe não hesita, por seu turno, em afirmar que a “FNLA eram militares zairenses que falavam francês.”<sup>614</sup>

Verifica-se ao mesmo tempo um esforço concertado para convencer os norte-americanos a não hostilizarem o MPLA, com Rosa Coutinho a pedir a Donald Easum que os EUA “não deixassem de lado nenhum movimento”, pois “todos tinham um papel importante a desempenhar no processo de descolonização em Angola”.<sup>615</sup> Mais tarde, em abril de 1975, Melo Antunes procura convencer os norte-americanos do erro estratégico que constituía a marginalização do MPLA (cf. 4.2.2), aviso que é repetido na sua passagem pelos EUA em outubro.<sup>616</sup>

Quanto à intervenção de Havana, esta é precedida por contactos prévios com oficiais portugueses, entre os quais altas figuras do MFA, como Otelo Saraiva de Carvalho e Rosa Coutinho (cf. 4.3.3). Mais tarde, já após 11 de Novembro, quando os norte-americanos confrontam Mário Soares com o facto de os Açores estarem a servir de ponto de passagem para os aviões cubanos que se dirigem a

---

<sup>612</sup> PIMENTA 2006, p. 122 – 123.

<sup>613</sup> CORREIA 1991, pp. 100 – 101.

<sup>614</sup> FARIA, MARTINS 2014, p. 96.

<sup>615</sup> SÁ 2011, pp. 134 – 135.

<sup>616</sup> REZOLA 2012, p. 408.

Angola, este responde que tal seria obra de Melo Antunes.<sup>617</sup> Uma suspeita que evidencia, à partida, uma aceitação deste da intervenção cubana.

No caso de África do Sul, apesar das conversações em Argel estipularem a necessidade de evitar o crescimento da influência sul-africana (cf. 3.2.3), não deixa de ser peculiar observar a falta de referências relativas ao envolvimento de Pretória em Angola presentes nos relatórios portugueses, uma situação que contrasta com a forte atenção dedicada aos vários outros atores regionais. Relativamente ao sul de Angola, as autoridades portuguesas focam a sua atenção apenas nas ambições territoriais da SWAPO, como evidencia a Directiva Geral “Raio Azul”, uma situação igualmente partilhada pelo MFA local, que afirma que os nacionalistas namibianos estavam a iniciar o ensino de inglês aos angolanos de etnia ovambo. Apesar disso um elemento da CCPA refere a 26 de março que se verificavam confrontos entre a UNITA e a SWAPO, o que punha em causa a ideia de um conluio entre estes dois movimentos (cf. 4.1.2). Os relatórios só mencionam a intervenção sul-africana a partir da ocupação da barragem de Calueque em agosto e do envio de tropas a Moxico. Esta situação leva-me a colocar duas hipóteses: a) pelo facto deste ter sido um país ‘aliado’ no decorrer da guerra colonial, os serviços de informação não estavam tão focados em África do Sul como nos outros países da região, de modo que Portugal não pôde acompanhar a intervenção deste país com a mesma atenção; b) em virtude do papel deste país no acolhimento da população branca, assim como no reforço da UNITA, as autoridades portuguesas decidiram “fechar os olhos” ao envolvimento sul-africano (cf. 4.3.3).

Refletindo sobre a atitude pragmática do MFA relativamente ao colaboracionismo da UNITA, não deixa de ser interessante observar que todos os movimentos procuraram aproveitar qualquer oportunidade para colaborarem com o poder colonial na luta contra os rivais. Tal é evidente, no caso da FNLA, nos acordos entre Spínola e Mobutu que, segundo Eduardo Pinnock, previam um favorecimento da FNLA (cf. 3.1.2), de tal modo que a queda de Spínola é seguida de novas hostilidades deste movimento, cujo líder afirma que o processo de descolonização fora comprometido (cf. 3.2.1). No caso do MPLA, o líder deste movimento, ao acreditar que a relação de forças na metrópole após o 11 de Março lhe era favorável, pediu expressamente a Costa Gomes e Vasco Gonçalves apoio militar na sua luta contra a FNLA, que é no entanto recusado em virtude da neutralidade ativa (cf. 4.2.1). O colaboracionismo, mais do que um ato de ‘traição’, constitui acima de tudo uma prova do ódio partilhado igualmente entre os movimentos.

No que concerne à relação entre o MFA ‘global’ e ‘local’, observa-se a partir de 1975 um distanciamento entre as duas partes que é sentido com particular força no caso do MFA de Angola, que se sente marginalizado no processo revolucionário português, uma sensação que se estende a todo o conflito, que parece cair no esquecimento da classe política e da população portuguesa no seu geral. Melo Antunes explica esta situação pelo facto de não ter sido feita uma consciencialização da

---

<sup>617</sup> SÁ 2008, pp. 367 – 369.

população portuguesa sobre o processo de descolonização, algo que o próprio tentou contrariar com a publicação do Documento dos Nove, que contou com o envolvimento de figuras do movimento como Pezarat Correia e Vasco Lourenço, e onde, para além de serem feitas duras críticas à direção que o processo revolucionário está a tomar, é lembrada a responsabilidade que Portugal tem na descolonização, devendo-se promover a estabilidade interna para permitir a Portugal contribuir para a resolução da situação em Angola (cf. 4.3.2). Apesar disto, a instabilidade manter-se-ia para além de 11 de Novembro, o que impede o ainda poder colonial de assumir um papel decisivo no processo de descolonização.

Para além da instabilidade na metrópole, o MFA vê-se confrontado com a inoperacionalidade do dispositivo militar no pós-25 de Abril, que condiciona de forma decisiva a posição negocial portuguesa ao ponto de não conseguir impor a criação de um exército comum como condição fundamental para a independência, o que constituiu, na perspetiva de Melo Antunes, o principal erro nas negociações, que o próprio assume como seu. Comentando esta vaga de desmotivação que varreu as Forças Armadas (e que o MFA fez esforços para travar) Melo Antunes afirmaria mais tarde que “vieram ao de cima, espontaneamente, (...) todos os sentimentos recalcados e que não tinham tido possibilidade de exprimir, porque a esmagadora maioria dos que iam para essas colónias não percebiam o sentido daquela guerra. (...) Portanto, aquilo que se passou em Angola e em Moçambique com as Forças Armadas foi, digamos assim, a continuação natural, normal, da transformação profunda que o país estava a viver e que muita gente teve dificuldade em compreender”.<sup>618</sup>

Acresce ainda referir que o MFA, na sua tomada de decisões, foi marcado tanto por um choque com a estratégia spinolista como também por uma sintonia com a restante liderança portuguesa. Desta forma é possível observar como as posições de Melo Antunes estavam em linha com as de Almeida Santos e mesmo de Costa Gomes, que fora informado por Otelo Saraiva de Carvalho (a pedido de Raúl Castro) da intenção cubana de intervir em Angola, tendo ainda o chefe de Estado mediado directamente as negociações entre o MPLA e a UNITA tendo em vista um acordo conjunto (negociações cujo fracasso responsabilizaria Savimbi). É assim possível observar que as acções do MFA reflectiam as opiniões políticas em Lisboa, de tal forma que Okun, ao relatar a Washington as posições do MFA face à situação angolana (desde uma aliança, ou não, entre o MPLA e a UNITA e hostilidade à FNLA), descrevê-las-ia como as posições “de Lisboa”.

---

<sup>618</sup> CRUZEIRO 2004, pp. 108 – 109.



## Fontes e Bibliografia



# Fontes

## **Arquivo de Defesa Nacional**

Fundo 3/Série 19/Caixa 39/Volume 7 e 11

Fundo 3/Série 19/Caixa 40/Volume 14 e 15

Fundo 3/Série 19/Caixa 41/Volume 20

## **Arquivo Histórico Militar**

Fundo Orgânico/43 /Série 1/Caixa 834/Volume 1 e 2

Fundo Orgânico/43 /Série 1/Caixa 835/Volume 6 e 9

Fundo Orgânico/43 /Série 1/Caixa 836/Volume 10 e 11

Fundo Orgânico/43 /Série 4/Caixa 841/Volume 34

Fundo Orgânico/43 /Série 5/Caixa 842/Volume 35 e 42





# Bibliografia

- AFONSO, Aniceto, GOMES, Carlos de Matos (2000), *Guerra colonial*, Lisboa, Editorial Notícias
- AFONSO, Aniceto, GOMES, Carlos de Matos (2010), *Os Anos da Guerra Colonial*, Porto, QuidNovi
- AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos de Matos (2013), *Alcora – O Acordo Secreto do Colonialismo – Portugal, África do Sul e Rodésia na última fase da guerra colonial*, Lisboa, Divina Comédia
- AVILLEZ, Maria João (1996), *Soares. Ditadura e Revolução*, Lisboa, Círculo De Leitores
- BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena (2000) (orgs.), *Dicionário de História de Portugal*, III, Porto, Livraria Figueirinhas
- BIRMINGHAM, David (1995), *The Decolonization of Africa*, Athens, Ohio, Ohio University Press
- CARDOSO, António Silva (2000), *Angola, Anatomia de uma tragédia*, Cruz Quebrada, Oficina do Livro
- CARREIRA, Iko (1996), *O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto*, Lisboa, Dom Quixote
- CARREIRA, Iko (2005), *Memórias*, Luanda, Editorial Nzila
- CASTAÑO, David (2013), *Mário Soares e a Revolução*, Lisboa, Dom Quixote
- CASTRO, Gilberto Santos e et al (1978), *ANGOLA - Comandos especiais contra cubanos*, Braga, Braga Editora
- CEREZALES, Diego Palacios (2003), *O Poder Caiu na Rua. Crise de Estado e Acções Colectivas na Revolução Portuguesa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais
- CORREIA, Pedro Pezarat (1991), *Descolonização de Angola: a Jóia da Coroa do Império Português*, Lisboa, Editorial Inquérito
- CRUZ, Pompílio da (1976), *Angola – Os Vivos e os Mortos*, Lisboa, Editorial Intervenção
- CRUZEIRO, Maria Manuela (1998), *Costa Gomes. O Último Marechal*, Lisboa, Editorial Notícias
- CRUZEIRO, Maria Manuela (2002), *Vasco Gonçalves. Um General na Revolução*, Lisboa, Editorial Notícias
- CRUZEIRO, Maria Manuela (2004), *Melo Antunes. O Sonhador Pragmático*, Lisboa, Editorial Notícias
- FARIA, Ana Mouta; MARTINS, Jorge (2014) (orgs.), *Vozes de Abril na Descolonização*, Lisboa, Centro de Estudos de História Contemporânea, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa
- FERREIRA, José Medeiros (1992), *O Comportamento Político dos Militares. Forças Armadas e Regimes Políticos em Portugal no Século XX*, Lisboa, Editorial Estampa
- GLEIJESES, Piero (2002), *Conflicting Missions. Havana, Washington and Africa, 1959–1976*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press

- GOMES, Mário Jorge Fernandes (2011), *A politização dos militares do exército entre 1961 e 1974*, Dissertação de Mestrado em Museologia, Lisboa, ISCTE, repositório
- GUERRA, João Paulo (2009), *Descolonização Portuguesa, O regresso das caravelas*, Alfragide, Oficina do Livro ed. or. 1996
- HEIMER, Franz-Wilhelm (1980), *O Processo de Descolonização em Angola, 1974 – 1976. Ensaio de sociologia política*, Lisboa, A Regra do Jogo
- ILIFFE, John (1995), *Africans: The history of a continent*, Cambridge, Cambridge University Press
- LAURET, Pedro (2014) (orgs.), *Os Anos de Abril*, Lisboa, Correio da Manhã
- M'BOKOLO, Elikia (1992), *Afrique Noire. Histoire et civilisations*, II, Paris, Hatier
- MACQUEEN, Norrie (1997), *The decolonization of Portuguese Africa: metropolitan revolution and the dissolution of the empire*, Londres, Longman
- MARCUM, John (1969), *The Angolan revolution. V. 1. The anatomy of an explosion (1950-1962)*, Cambridge, Massachusetts, and London, England, The M.I.T. Press
- MARCUM, John A. (1978), *The Angolan revolution. V. 2. Exile politics and guerrilla warfare (1962-1976)*, Cambridge, Massachusetts, and London, England, The MIT Press
- MATEUS, Dalila Cabrita (1999), *A Luta pela Independência. A Formação das Elites Fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAIGC*, Mem Martins, Editorial Inquérito
- MATEUS, Dalila Cabrita (2006), *Memórias do Colonialismo e da Guerra*, Lisboa, Edições Asa
- MEDINA, João (1993) (orgs.), *História de Portugal. Dos Tempos Pré-históricos aos nossos Dias*, XV, Alfragide, Clube Internacional do Livro
- MILHAZES, José (2013), *“Golpe Nito Alves” e outros momentos da história de Angola vistos do Kremlin*, Lisboa, Alêtheia Editores
- OLIVEIRA, Luísa Tiago de (2014) (orgs.), *Militares e Política: o 25 de Abril*, Lisboa, Estuário
- PIMENTA, Fernando Tavares (2006), *Angola no Percurso de um Nacionalista. Conversas com Adolfo Maria*, Porto, Edições Afrontamento
- PIMENTA, Fernando Tavares (2008), *Angola. Os Brancos e a Independência*, Porto, Edições Afrontamento
- PINTO, António Costa (2001), *O Fim do Império Português. A Cena Internacional, a Guerra Colonial e a Descolonização, 1961-1975*, Lisboa, Livros Horizonte
- REIS, António (1993) (orgs.), *Portugal Contemporâneo*, VI, Lisboa, Publicações Alfa
- REIS, António (1994) (orgs.), *Portugal. 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores

- REIS, Fidel Carmo (2010), *Das políticas de classificação às classificações políticas (1950-1996): a configuração do campo político angolano: contributo para o estudo das relações raciais em Angola*, Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea Lisboa, ISCTE, repositório
- REZOLA, Maria Inácia (2006), *Os Militares na Revolução de Abril. O Conselho da Revolução e a Transição para a Democracia em Portugal (1974-1976)*, Lisboa, Campo da Comunicação
- REZOLA, Maria Inácia (2012), *Melo Antunes – Uma Biografia Política*, Lisboa, Âncora Editora
- RODRIGUES, Luís Nuno (2008), *Marechal Costa Gomes. No Centro da Tempestade*, Lisboa, A Esfera dos Livros
- RODRIGUES, Luís Nuno (2010), *Spínola*, Lisboa, A Esfera dos Livros
- SÁ, Tiago Moreira de (2008), *Carlucci vs Kissinger – Os EUA e a Revolução Portuguesa*, Lisboa, Dom Quixote
- SÁ, Tiago Moreira de (2009), *Os Estados Unidos da América e a Democracia Portuguesa (1974-1976)*, Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Instituto Diplomático
- SÁ, Tiago da Mota Veiga Moreira de (2011), *Os Estados Unidos e a Descolonização de Angola*, Lisboa, Dom Quixote
- SANTOS, António de Almeida (2006), *Quase Memórias. Do Colonialismo e da Descolonização*, II, Cruz Quebrada, Casa das Letras
- SERRÃO, Joel (1968) (orgs.), *Dicionário de História de Portugal*, VI, Lisboa, Iniciativas Editoriais
- STOCKWELL, John (1978), *In Search of Enemies – A CIA story*, New York, Norton
- TELO, António José (2007), *História Contemporânea de Portugal – Do 25 de Abril à Actualidade*, II, Lisboa, Editorial Presença
- WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René (2009), *Angola*, London, Pall Mall Press ed. or. 1971
- WESTAD, Odd Arne (2007), *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*, Cambridge, Cambridge University Press



# Anexos



# **Cronologia da fase final do processo de descolonização de Angola, entre 25 de Abril de 1974 e 11 de Novembro de 1975**

## **1974**

**25 de abril** – O Movimento das Forças Armadas (MFA) derruba o Estado Novo.

**26 de abril** – Spínola anuncia, nos meios televisivos, os objetivos do golpe de estado, que incluem a garantia da «sobrevivência da Nação (...) no seu todo pluricontinental».

**26 de abril** – A UNITA ataca uma unidade militar portuguesa no Alto Cuíto.

**27 de abril** – O governador-geral de Angola, engenheiro Soares e Castro, demite-se.

**27 de abril** – Agostinho Neto recusa publicamente as propostas de Spínola.

**28 de abril** – Há uma sessão de apoio à JSN na cidade de Benguela.

**28 de abril** – O MPLA afirma estar apenas disposto a negociar a «independência completa».

**29 de abril** – O MDP-CDE declara a defesa do fim da guerra e do início das negociações com os movimentos nacionalistas.

**29 de abril** – O Partido Socialista reclama o fim da guerra e o início das negociações.

**Poucos dias depois do 25 de Abril** – Spínola envia a Angola três militares da sua confiança com o objetivo de montar uma força alternativa aos movimentos nacionalistas.

**30 de abril** – A FNLA recusa publicamente as propostas de Spínola, ordenando Holden Roberto o intensificar das hostilidades.

**30 de abril** – É criada a Associação de Estudantes da Universidade de Luanda.

**30 de abril** – É criado, em Malange, o primeiro partido “federalista”: a Associação dos Liberais Federalistas Angolanos.

**Maior** – A União Soviética decide reforçar o apoio ao MPLA.

**1 de maio** – No Lobito tem lugar uma manifestação de apoio à JSN.



**1 de maio** – Ocorre uma manifestação que reúne centenas de pessoas em Luanda, que dispersa após a detenção de indivíduos que empunhavam um cartaz anticolonial, que são libertados pouco depois por um capitão do MFA.

**1 de maio** – Ocorre uma manifestação de estudantes do Liceu de Sá da Bandeira.

**1 de maio** – É criado, no Huambo, o Movimento Popular de Unidade Angolana (MOPUA).

**2 de maio** – Mário Soares encontra-se com Agostinho Neto em Bruxelas.

**2 de maio** – As associações económicas angolanas anunciam o fim da sua participação na vida política.

**2 de maio** – É criado o Movimento Democrático de Angola (MDA).

**2 de maio** – Mário Soares sublinha em Londres a importância das negociações e a recusa de qualquer cenário rodesiano nas colónias portuguesas.

**3 de maio** – Realização de um comício do MDA no Estádio da Ilha de Luanda, onde é reivindicado o direito à independência.

**3 de maio** – Realiza-se uma manifestação promovida pela «Comissão Civil Democrática de Apoio à Junta de Salvação Nacional».

**3 e 4 de maio** – Costa Gomes visita Luanda, onde afasta o comandante-chefe, substituído por Franco Pinheiro, e vários altos responsáveis do exército, força aérea e marinha. É constituído um Gabinete do MFA, composto por oficiais dos três ramos das Forças Armadas, para servir de apoio à ação de comando.

**4 de maio** – O porta-voz da JSN, Sanches Osório, declara que Portugal continua em guerra e que « as operações militares não param».

**4 de maio** – O MOPUA realiza o seu primeiro comício no Lobito.

**4 de maio** – Militantes do MRPP impedem o desembarque de soldados para o continente africano.

**5 de maio** – É criado o Partido Cristão Democrata de Angola (PCDA).

**6 de maio** – Os estudantes universitários de Luanda denunciam, em comunicado, a existência de planos para uma independência branca em Angola e exigem o fim das organizações ligadas à ditadura.

**8 de maio** – Spínola envia o embaixador João Diogo Nunes Barata a Genebra para falar com Agostinho Neto.

**9 de maio** – A UNITA recusa publicamente as propostas da JSN.

**9 de maio** – A Comissão de Descolonização da Assembleia Geral da ONU solicita à JSN o início das negociações e o reconhecimento do direito à independência.

**10 de maio** – Encontro dos MNE do Congo, da Tanzânia, do Zaire e da Zâmbia com delegações da FRELIMO, FNLA e MPLA e Hashim Mbita, da OUA, que assumem uma posição condenatória do colonialismo português e de apoio aos movimentos nacionalistas.

**11 de maio** – Apresentação do ‘Documento dos 19’, por militantes da Revolta Ativa do MPLA, em Brazzaville.

**11 de maio** – O jornal “Expresso” publica um depoimento do PPD, que salienta tanto a necessidade de um cessar-fogo como a importância de uma consulta às populações.

**13 de maio** – Mário Soares afirma, em entrevista à Newsweek, que o general Spínola sabia que a posição do PS era «a independência, pura e simples».

**15 de maio** – Spínola toma posse como Presidente da República.

**16 de maio** – Toma posse o I Governo Provisório.

**17 de maio** – É emitido um comunicado do secretário-geral da ONU, que insiste na importância do fim da guerra e do reconhecimento do direito à independência.

**Final de maio** – Almeida Santos, enquanto MCI, desloca-se a Angola.

**20 de maio** – Integração do MDIA, do PRPA e do Ntobako no PCDA.

**22 de maio** – Mário Soares declara que Portugal apenas reconhecia para negociações o MPLA, a FNLA, a UNITA, o PAIGC e a FRELIMO.

**25 de maio** – O MOPUA integra-se no PCDA.

**26 de maio** – Durante a visita de Almeida Santos a Luanda, o MDA promove uma manifestação, defronte ao Palácio do Governo, favorável à independência e ao MPLA, que é seguida por uma contramanifestação de algumas centenas de brancos.

**26 de maio** – Após deslocações a Luanda, Huambo, Lobito e Benguela, Almeida Santos declara à imprensa angolana que não tinha sido possível encontrar um consenso político para a escolha do novo governador geral.

**27 a 28 de maio** – As três tendências do MPLA enviam delegações para uma reunião com a FNLA em Bukavu, chegando-se à conclusão de que o MPLA teria de realizar uma reconciliação interna.

**29 de maio** – Chega ao Zaire o primeiro contingente de 112 conselheiros militares chineses, com o objetivo de treinar as forças da FNLA.

**Final de maio** – Realizam-se greves que paralisam o Caminho de Ferro de Benguela e a SOREFAME no Lobito.

**Final de maio** – Mário Soares afirma que a solução do problema colonial teria de passar pelo «fim da guerra colonial e do colonialismo, com o reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação e à independência».

**Junho** – Costa Gomes afirma, em nome da Junta de Salvação Nacional, que as grandes decisões sobre a questão colonial deveriam caber a um «parlamento» a ser eleito «dentro de um ano», uma vez que «tal assunto não era da competência da JSN nem do Governo Provisório».

**Início de junho** – Ocorre o assassinato do enfermeiro negro João Pedro Benje.

**11 de junho** – Silvino Silvério Marques é empossado Governador Geral de Angola.

**11 de junho** – Assassinato de motorista branco em Luanda, no Bairro de Cuca, que é seguido por ataques de brancos aos musseques habitados por negros, que reagem expulsando brancos destes bairros.

**12 de junho** – Inicia-se, em Mogadíscio, a reunião dos chefes de Estado e de Governo da OUA, com a presença de 42 Estados-membros e de representantes de 14 movimentos de libertação.

**14 de junho** – A cimeira da OUA aprova uma resolução que condena o colonialismo português e que apela à continuação da luta armada dos nacionalistas até ao reconhecimento do direito à independência.

**14 de junho** – É assinado o cessar-fogo entre Portugal e a UNITA.

**15 de junho** – Silvino Silvério Marques chega a Luanda, onde é recebido por uma manifestação adversa promovida pelo MDA.

**15 de junho** – Ocorre uma greve geral em Luanda em sinal de luto e protesto face aos massacres.

**15 de junho** – Centenas de soldados negros e mestiços marcham pelas ruas de Luanda, fardados e desarmados, rumo à sede do comando-chefe. O Comandante-chefe promete um maior papel destes militares no patrulhamento dos bairros periféricos.

**19 de junho** – Encontro nos Açores entre os presidentes português e norte-americano.

**24 de junho** – Luís Franque Ranque encontra-se com Mobutu Sesse Seko.

**29 de junho** – Início da operação *Diana*, realizada pelo batalhão de para-quedistas 21 no norte de Angola.

**30 de junho** – “Congresso de Unidade” da FLEC em Ponta Negra, que conduz à presidência de Auguste Tchioufou.

**8 de julho** – Encontros exploratórios entre o MPLA e a FNLA em Kinshasa.

**17 de julho** – O Gabinete do MFA aprova um documento, dirigido à JSN, em que se exige a substituição do governador no prazo de 72 horas por alguém que tivesse a concordância do MFA local.

**18 de julho** – Vasco Gonçalves, no seu discurso de tomada de posse enquanto novo primeiro-ministro, anuncia a aprovação de uma «lei constitucional que (...) reconhece o direito dos povos à autodeterminação, com todas as suas consequências, incluindo o direito à independência».

**19 de julho** – Silvino Silvério Marques é chamado a Portugal.

**20 de julho** – O jornal *A Capital* estima que 40 mil africanos já tenham fugido de Luanda, em resultado a insegurança.

**22 de julho** – É fundada a Frente de Resistência Angolana (FRA).

**24 de julho** – Rosa Coutinho é nomeado presidente da Junta Governativa de Angola.

**25 de julho** – Rosa Coutinho chega a Luanda.

**27 de julho** – Spínola promulga a Lei nº 7/74.

**28 de julho** – A FNLA e o MPLA anunciam a intenção de estabelecer uma frente comum para negociar com Portugal.

**29 de julho** – Ataque do MPLA ao posto militar de Sanga Planície, em Cabinda.

**29 de julho** – Instalada a Junta Governativa em Angola.

**29 de julho** – Estabelece-se um cessar-fogo *de facto* entre as FAP e o MPLA.

**Agosto** – Mao Tsé-Tung decide aumentar o apoio à FNLA, enviando mais conselheiros e armamento.

**1 de agosto** – A direção de Agostinho Neto, reforçada com armamento que recebe via Ponta Negra e no litoral de Angola, anuncia a criação de um «exército regular».

**2 de agosto** – Kurt Waldheim aterra na capital portuguesa.

**3 de agosto** – Distúrbios raciais generalizados em Luanda.

**3 de agosto** – É criado o Comando Operacional de Luanda – o COPLAD – cuja estrutura reproduz no essencial o COPCON (Comando Operacional do Continente).

**4 de agosto** – Comunicado conjunto «Portugal/ONU».

**5 de agosto** – Ocorre uma manifestação de brancos e alguns negros em frente ao Palácio do Governador, pedindo mais força para a polícia e dando vivas à UNITA e a Portugal.

**6 de agosto** – Ocorrem distúrbios em Luanda com vários mortos e feridos.

**9 de agosto** – A JSN define um programa de descolonização de Angola em três anos, com o estabelecimento de um governo de coligação onde estariam representados os movimentos nacionalistas e os principais grupos étnicos, incluindo os brancos.

**9 de agosto** – Redefinição da missão das FAP em Angola, que passam a apoiar os órgãos políticos do estado, no processo de autodeterminação e independência de Angola.

**11 de agosto** – Inicia-se o Congresso de Lusaca, que reúne as três tendências do MPLA.

**28 de agosto** – O Congresso de Lusaka termina de forma inconclusiva, com Daniel Chipenda a autoproclamar-se presidente do movimento após o abandono da cimeira da Ala Presidencialista e da Revolta Ativa.

**3 de setembro** – O presidente tanzaniano, Julius Nyerere, consegue que as três tendências do MPLA assinem um acordo onde reconhecem a presidência de Agostinho Neto, assumindo Daniel Chipenda e Joaquim Pinto de Andrade os cargos de vice-presidentes.

**3 de setembro** – Cerca de 34 mil pessoas, na maioria brancas, seguiram já viagem para Portugal.

**4 de setembro** – É anunciada a composição do Governo Provisório de Angola.

**5 de setembro** – É criada a Comissão Nacional de Descolonização.

**9 de setembro** – Centenas de manifestantes brancos formam um cortejo automóvel de apoio ao ‘Movimento Moçambique Livre’.

**15 de setembro** – Publicação do primeiro número do quinzenário “Abertura”, do MFA de Angola.

**15 de setembro** – Encontro entre os presidentes português e zaireense na Ilha do Sal, em Cabo Verde.

**18 de setembro** – É recriada a FUA.

**18 de setembro** – Plenário do MFA em Luanda.

**21 de setembro** – Spínola anuncia que irá conduzir diretamente o processo de descolonização de Angola, convidando partidos políticos, que descreve como as «forças vivas de Angola», para uma reunião em Lisboa.

**23 de setembro** – A presença de guerrilheiros da FNLA no Uíge torna-se visível.

**26 de setembro** – Uma delegação portuguesa desloca-se a Kinshasa, onde se reúne com Mobutu, Holden Roberto e Daniel Chipenda, que se intitula representante do MPLA.

**27 de setembro** – Tem lugar em Lisboa a reunião das chamadas «forças vivas» de Angola.

**28 de setembro** – Tentativa de manifestação da ‘Maioria Silenciosa’.

**30 de setembro** – Spínola renúncia ao cargo de Presidente da República, sendo substituído por Costa Gomes.

**30 de setembro** – Rosa Coutinho ordena a detenção de líderes de partidos conservadores, acusados de conluio com os planos de Spínola.

**Outubro** – O MPLA decide, na Conferência Inter-Regional de Militantes realizada no Leste do país, tomar sozinho o poder.

**Outubro** – O clima de insegurança piora.

**Outubro** – A União Soviética adota três medidas face a Angola: a opção definitiva por Agostinho, ao invés de uma unificação dos grupos dentro do movimento; o aumento do apoio ao MPLA; a promoção de uma aliança MPLA-UNITA, direcionada contra a FNLA.

**Outubro** – Realiza-se o VII Congresso Extraordinário do PCP, onde é apresentada uma «Plataforma de Emergência» que inclui o favorecimento do MPLA em Angola.

**Início de outubro** – Paulo Teixeira Jorge, responsável pelas relações externas do MPLA, reúne-se com Melo Antunes.

**3 de outubro** – Eleições para a Comissão Coordenadora do Programa em Angola (CCPA), que substitui o anterior Gabinete do MFA.

**11 e 12 de outubro** – É assinado o cessar-fogo entre Portugal e a FNLA.

**14 de outubro** – Agostinho Neto reafirma, em comunicado, que as negociações para a independência de Angola deveriam ser conduzidas apenas entre as autoridades portuguesas e os movimentos nacionalistas.

**Meados de outubro** – Rosa Coutinho informa o Conselho de Estado que, para equilibrar militarmente os movimentos, decidira fornecer armamento das FAP ao MPLA.

**21 de outubro** – Toma posse o Governo Provisório em Angola.

**21 de outubro** – É assinado, numa cerimónia que não conta com os vice-presidentes do movimento, o cessar-fogo entre Portugal e o MPLA.

**21 de outubro** – O MPLA realiza comícios no Lobito, no Bié e em Ambrizete.

**23 de outubro** – Detenção, por parte do MFA, de militares e civis supostamente comprometidos com a FRA.

**24 de outubro** – Agostinho Neto anuncia disponibilidade para uma colaboração com os outros movimentos.

**28 de outubro** – Uma delegação portuguesa, presidida pelo almirante Rosa Coutinho, encontra-se em Cangumbe com uma delegação da UNITA, chefiada por Jonas Savimbi.

**Novembro** – A FNLA introduz milhares de combatentes nos distritos do Uíge e do Zaire.

**Início de novembro** – O problema da segurança no território agrava-se.

**2 de novembro** – Uma força conjunta MPLA-FAP ocupa a cidade de Cabinda, expulsando a FLEC e aprisionando as chefias militares.

**6 de novembro** – Abertura de uma delegação da FNLA em Luanda, que é recebida por milhares de pessoas, sobretudo negros, registando-se incidentes.

**7 de novembro** – Mário Soares encontra-se em Tunes com representantes da FNLA e da UNITA, com os quais negocia um entendimento tripartido.

**8 de novembro** – Entrada do MPLA em Luanda, que tem uma forte recepção popular preparada pelo MDA.

**9 de novembro** – Entrada da UNITA em Luanda, que é acolhida por uma grande multidão formada por negros e um número significativo de brancos. Ocorrem incidentes que custam a vida a 80 pessoas.

**10 de novembro** – A FLEC lança um ataque a um posto fronteiriço que acaba por ser repellido.

**10 e 11 de novembro** – Os camionistas entram em greve entre Luanda e Huambo.

**10 e 11 de novembro** – A UNITA realiza os primeiros grandes comícios no Huambo e em Luanda.

**12 de novembro** – A greve dos camionistas expande-se a vários setores da economia angolana.

**17 de novembro** – A Junta Governativa decide prender indivíduos acusados de sabotagem económica.

**18 e 19 de novembro** – Uma delegação portuguesa, composta por Melo Antunes, Pezarat Correia e pelo doutor Fernando Reino, reúne-se em Argel para conversações com uma delegação do MPLA, encabeçada por Agostinho Neto e Iko Carreira.

**25 de novembro** – A UNITA e a FNLA assinam um acordo em Kinshasa.

**26 de novembro** – Mário Soares reúne-se em Kinshasa com representantes da FNLA e da UNITA, para discutir um acordo tripartido.

**27 de novembro** – O governo de Lisboa aprova a lei nº 11/74, que extingue a Junta Governativa e cria o cargo de alto-comissário.

**28 de novembro** – O MFA local afirma estar disposto a intervir para impedir a realização de qualquer greve que ameace o processo de descolonização, o que faz com que a greve dos camionistas seja cancelada.

**29 de novembro** – Rosa Coutinho anuncia uma conferência de cúpula dos três movimentos anticoloniais, que abriria o caminho para um acordo com Portugal.

**Final de novembro** – O MNE português declara que as negociações entre os três movimentos e o Estado Português teriam lugar em Portugal.

**4 de dezembro** – Reunião das três delegações dos movimentos em Luanda.

**13 de dezembro** – Fernando Falcão alerta para o facto das guerrilhas continuarem a treinar e a enquadrar elementos nos seus exércitos.

**18 de dezembro** – O MPLA e a UNITA assinam um acordo no Luso.

## **1975**

**Início de janeiro** – Os soviéticos prometem ao MPLA treinar uma brigada motorizada, ao passo que os jugoslavos e os argelinos comprometessem em enviar apoio militar.

**Janeiro** – Congresso da FLEC, em Ponta Negra, que elege Alfred Raoul como novo presidente.

**3 de janeiro** – Início da Cimeira de Mombaça, que reúne delegações dos três movimentos.

**4 de janeiro** – A FNLA e MPLA assinam um acordo em Mombaça.

**5 de janeiro** – Conclusão da Cimeira de Mombaça, com o acordar de uma plataforma para negociar com Portugal, assim como os pontos fundamentais das negociações.



**9 de janeiro** – A UNITA é reconhecida oficialmente como «movimento de libertação» pela OUA.

**10 a 15 de janeiro** – Cimeira de Alvor, entre Portugal e os três movimentos de libertação, que termina na assinatura dos acordos para a independência angolana.

**15 de janeiro** – A FUA anuncia a dissolução.

**Após Alvor** – Os serviços secretos soviéticos concluem que o acordo de Alvor não tem possibilidades de sucesso, algo que é confirmado por uma mensagem de Agostinho Neto. A URSS decide aumentar o fornecimento de armamento ao MPLA.

**22 de janeiro** – Os EUA decidem aumentar de forma superficial o apoio à FNLA.

**26 de janeiro** – Rosa Coutinho, Pezarat Correia e Emílio da Silva regressam a Portugal.

**26 de janeiro** – Militantes da FNLA, comandados por Vaal Neto, invadem as instalações da Emissora Oficial, raptando e torturando o chefe de redação, que é libertado após negociações com as autoridades portuguesas.

**28 de janeiro** – Toma posse o novo alto-comissário de Angola, António da Silva Cardoso.

**30 de janeiro** – É promulgado o Estatuto constitucional de Angola (Lei 1/75), que prevê a criação de um Governo de Transição, de uma Comissão Nacional de Defesa e de um Estado-Maior unificado.

**31 de janeiro** – Toma posse o Governo de Transição.

**4 de fevereiro** – Chegada a Luanda de Agostinho Neto.

**12 de fevereiro** – Jonas Savimbi reúne-se no Luso com elementos dos serviços secretos sul-africanos.

**13 de fevereiro** – Publicação de uma diretiva pelo Estado-Maior General, relativa à transferência de poderes em Angola e as suas implicações de natureza militar.

**13 de fevereiro** – O MPLA ataca a sede da Revolta de Leste em Luanda, com os militantes a abandonarem as instalações sob a escolta de soldados portugueses.

**13 de fevereiro** – Insubordinação de um batalhão da guarnição de Cabinda.

**22 de fevereiro** – Daniel Chipenda anuncia a integração das suas forças na FNLA.

**9 de março** – Integração dos «movimentos democráticos» no MPLA.

**11 de março** – Em reação à nacionalização, em Portugal, de bancos e seguradoras privadas, a FNLA faz entrar em Angola um número significativo de militares vindos do Zaire, ao mesmo tempo que o MPLA solicita autorização de entrada no país de grandes quantidades de armamento.

**Meados de março** – O primeiro-ministro do MPLA, Lopo de Nascimento, denuncia e condena os abusos cometidos por grupos armados dos três movimentos.

**17 e 18 de março** – Jonas Savimbi reúne-se em Gaborone, no Botswana, com elementos dos serviços secretos sul-africanos.

**20 de março** – Publicação, pelo comando-chefe de Angola, da Directiva Geral “Raio Azul”, relativa à atuação das forças portuguesas em Angola.

**23 de março** – Ocorrem confrontos entre o MPLA e a FNLA, que resultam num elevado número de mortos.

**23 de março** – Soldados zairenses participam na captura, pela FNLA, da cidade de Caxito.

**26 de março** – O alto-comissário impõe o recolher obrigatório em Luanda e pede a intervenção de Lisboa.

**28 de março** – Reunião em Luanda entre os ministros Melo Antunes e Almeida Santos, o alto-comissário e os três membros do colégio presidencial, que resulta na assinatura de um protocolo de acordo pondo termo aos incidentes de Luanda.

**31 de março** – É criado o IARN – Instituto de Apoio ao Retorno de Naturais.

**30 de março** – O acordo, assinado a 28 de março, é rompido.

**31 de março** – O MCI informa o Conselho de Revolução sobre o agravamento da situação em Angola.

**31 de março** – Reunião entre a CCPA e os ministros da Coordenação Interterritorial e dos Negócios Estrangeiros, Almeida Santos e Melo Antunes.

**Março/abril** – O Kremlin decide intensificar novamente o seu apoio militar ao MPLA.

**Abril** – Melo Antunes afirma a Kissinger que o abandono, por parte dos Estados Unidos, de Angola à influência soviética, e o facto de encararem Agostinho Neto como uma marioneta de Moscovo, constituía um erro estratégico crasso.

**Abril** – Silva Cardoso leva a cabo diligências, com o conhecimento de Melo Antunes, para reforçar militarmente a UNITA.

**Início de abril** – Agostinho Neto reúne-se em Lisboa com o Presidente Costa Gomes e o primeiro-ministro Vasco Gonçalves, para um pedido de auxílio ao MPLA, recusado em virtude da neutralidade de Portugal.

**1 de abril** – Melo Antunes desloca-se a Luanda, onde trava conversações com os três movimentos de libertação.

**2 de abril** – Melo Antunes reúne-se em Lusaca com Jonas Savimbi, que crítica a FNLA e o Zaire.

**4 de abril** – Abdulrahim Farah, adjunto do secretário-geral da ONU, reúne-se com Almeida Santos e Melo Antunes.

**4 de abril** – Recomeçam os confrontos em Luanda entre a FNLA e o MPLA.

**8 de abril** – Após uma reunião do Colégio Presidencial e dos Estados-Maiores das forças dos três movimentos, é estabelecido um novo cessar-fogo, que é rompido dias depois.

**8 de abril** – Melo Antunes procura estabelecer, em Luanda, uma aliança entre Agostinho Neto e Jonas Savimbi.

**12 de abril** – Jonas Savimbi reúne-se, em Londres, com elementos dos serviços secretos sul-africanos, conseguindo convencer a liderança sul-africana a iniciar o apoio à UNITA em troca de hostilidade à SWAPO. Pretória estabelece pouco depois um acordo semelhante com a FNLA.

**19 de abril** – Kenneth Kaunda visita Washington e encontra-se com Gerald Ford e Henry Kissinger, que tenta convencer do crescente envolvimento da URSS em Angola.

**24 de abril** – Agostinho Neto admite que as eleições previstas nos Acordos de Alvor «poderiam ser canceladas».

**28 de abril** – Reinício de hostilidades entre os movimentos em Luanda.

**29 de abril** – Os confrontos em Luanda aumentam de intensidade.

**30 de abril** – Dá-se uma deslocação a Lisboa da Comissão Coordenadora do MFA de Angola.

**Final de abril e início de maio** – O MPLA recebe mais apoio militar da URSS, da Jugoslávia e da RDA.

**Mai**o – Primeira «batalha de Luanda» entre o MPLA e a FNLA.

**Mai**o – O balanço das vítimas dos confrontos regista ultrapassa mais de duzentos mortos.

**Maio** – Silva Cardoso envia um emissário a Lisboa para tratar do assunto do apoio militar à UNITA. A entrega de armamento é cancelada após o MPLA tomar conhecimento da operação.

**Início de maio** – Os combates em Luanda estendem-se a Caxito, Salazar, Teixeira de Souza, Luso e Nova Lisboa, a S. Salvador, Tomboco, Lufito e Ambrizete.

**1 de maio** – Ocorrem violentos incidentes que resultam num elevado número de mortos e feridos.

**1 e 2 de maio** – Reuniões entre representantes portugueses e dos três movimentos angolanos, repõem o cessar-fogo e a continuação do processo previsto nos acordos anteriores.

**2 de maio** – Os confrontos generalizados em Luanda reduzem a sua intensidade.

**2 de maio** – Início de incidentes entre elementos do ELNA e as FAP nos distritos do Zaire e do Uíge, que se estendem ao leste do território nos dias seguintes.

**6 de maio** – O Governo de Angola dá notícia de «um desfile pacifista em Luanda de militares dos três movimentos de libertação, com os quais a população confraternizou». Dias depois, os confrontos entre o MPLA e a FNLA estendem-se ao distrito de Huambo.

**7 de maio** – Rosa Coutinho faz referência ao Conselho da Revolução à evacuação de 5000 pessoas de Angola, “com mais 5000 aguardando possibilidade de inscrição para regresso a Portugal”.

**10 de maio** – Tom Killoran, côsul-geral dos EUA em Luanda, reúne-se com Agostinho Neto.

**12 de maio** – Reunião em Luanda da Comissão Nacional de Defesa, que aprova uma série de medidas preventivas para pôr fim à violência, tanto em Luanda como no resto do território de Angola, sem resultados.

**12 de maio** – Abrem-se oficialmente as hostilidades entre o MPLA e a FNLA.

**13 de maio** – Melo Antunes parte para Luanda.

**13 e 14 de maio** – Encontros de Melo Antunes com as cúpulas dos movimentos, concluindo-se ser necessária uma cimeira tripartida, seguida de um encontro com Portugal.

**16 de maio** – Melo Antunes admite, em conferência de imprensa, a possibilidade de um reforço do contingente militar português em Angola, face ao intensificar dos conflitos.

**18 de maio** – O PS apela a que o Estado Português assuma as suas responsabilidades em Angola.

**19 de maio** – Anuncia-se a chegada de Holden Roberto a Luanda.

**19 de maio** – A Assembleia do MFA alerta para a situação em Angola e o seu impacto no “processo revolucionário português”, que tornava necessário uma clarificação da posição portuguesa.

**22 de maio** – O general Pinho Freire refere ao Conselho da Revolução que existem 40 mil desalojados e cerca de 120 000 pedidos de marcação de regresso a Portugal feitos à TAP.

**22 de maio** – O Conselho da Revolução oficializa a ‘neutralidade ativa’.

**28 de maio** - Início de uma série de incidentes no norte de Angola entre a FNLA e o MPLA, ao mesmo tempo que se organizam colunas de viaturas e de camiões de portugueses rumo a África do Sul.

**30 de maio** – Uma delegação do MFA de Angola dirige-se a Portugal, com o propósito de sensibilizar a opinião pública para a gravidade da situação.

**Final de maio** – O conflito entre o MPLA e a FNLA atinge Caxito, Quifandongo, Cacuaco, Carmona, Negage e Cabinda.

**Junho** – UNITA entra no conflito.

**Junho** – O alto-comissário recebe moções de soldados, marcadas por um sentimento de saturação e desespero, com muitos a reclamarem a passividade «vexatória» imposta face à violência.

**2 de junho** – O MPLA assume a predominância em Cabinda.

**6 de junho** – Melo Antunes encontra-se em Paris com Bula Mandungu, Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros do Zaire, que procura convencer da neutralidade dos portugueses ao mesmo tempo que insiste no fim do envolvimento zaireense.

**9 de junho** – Diretiva para a remodelação do dispositivo militar português em Angola.

**Meados de junho** – Combates em Caxito, Quifandongo e Cacuaco resultam na vitória do MPLA face à FNLA.

**16 a 21 de junho** – Cimeira de Nakuru, que reúne os movimentos num esforço de promover a reconciliação.

**21 a 23 de junho** – Diplomatas norte-americanos reúnem-se em Kinshasa com Mobutu para coordenar o apoio aos rivais do MPLA.

**26 de junho** – África do Sul decide aumentar o apoio aos rivais de Neto e preparar uma intervenção em Angola.

**23 de junho** – A tensão entre a FNLA e o MPLA estende-se ao leste.

**30 de junho** – Reiniciam-se os combates entre os três movimentos.

**4 de julho** – Uma delegação do MFA de Angola informa o Conselho da Revolução de uma ampla ofensiva do MPLA com consequências imprevisíveis.

**4 de julho** – O primeiro-ministro sul-africano envia dois importantes elementos do exército e dos serviços secretos ao Zaire para um encontro com Savimbi, Roberto e Mobutu.

**9 de julho** – Segunda «batalha de Luanda».

**12 de julho** – O MPLA assume o domínio da capital.

**14 de julho** – Melo Antunes reúne-se em Luanda com representantes dos três movimentos. O encontro com a liderança do MPLA é marcado por um diálogo agitado e repleto de recriminações mútuas.

**14 de julho** – Melo Antunes reúne-se com os comandantes operacionais de Luanda, sendo decidido travar o alastramento dos confrontos para o centro da cidade, onde habita a população branca, mesmo que tal implicasse a cooperação entre as FAP e as FAPLA.

**14 de julho** – Uma coluna militar da FNLA, reforçada por tropas regulares do exército zairense e por uma força de mercenários portugueses comandada pelo coronel Santos e Castro, entra em Angola via Zaire.

**17 de julho** – Melo Antunes propõe ao Conselho da Revolução reforçar a defesa de Luanda e o início de esforços para uma aliança MPLA-UNITA.

**18 de julho** – É aprovada a “Operação IAfeature”, nome de código da intervenção norte-americana em Angola.

**19 de julho** – Surge uma moção entre os militares portugueses em Angola que apela à retração do dispositivo militar no terreno, ao apoio à evacuação dos portugueses, à manutenção da neutralidade e à entrega da resolução do conflito a organizações internacionais.

**20 de julho** – Cai o último reduto da FNLA em Luanda.

**22 de julho** – Intensos combates entre a FNLA e o MPLA em Malange.

**24 de julho** – Tomada da cidade do Caxito pela FNLA, com o apoio de mercenários portugueses.

**25 de julho** – Cadelo e Augustín Quintana viajam para Luanda com 100 mil dólares.

**27 de julho** – São concedidos 8 milhões para financiar o transporte de armas dos EUA para Angola.

**28 de julho** – Nova remodelação do dispositivo militar português em Angola.

**28 de julho** – Confrontos no interior e em volta de Luanda entre forças da FNLA e do MPLA.

**29 de julho** – Os equipamentos fornecidos pelos EUA no âmbito da “Operação IAfeature” começam a chegar ao Zaire.

**30 de julho** – O Conselho da Revolução aprova oficialmente as propostas de Melo Antunes, decidindo enviar três dos seus membros para o terreno.

**31 de julho** – Continuação da ponte aérea.

**Final de julho** – A FNLA elimina a presença dos rivais nos distritos de Zaire e Uíge.

**Agosto** – O ministro do MPLA, Lopo de Nascimento, dá como certo de que «não haverá eleições antes da independência».

**Agosto** – Savimbi declara que a UNITA vai entrar abertamente nos conflitos.

**Agosto** – Entram em Angola, via Zaire, cerca de 300 mercenários portugueses, contratados por uma quantia de 570 mil dólares no âmbito da “Operação IAfeature”.

**Princípio de agosto** – O MPLA alonga a sua ofensiva para sul, a partir das Lundas, desalojando a UNITA do distrito de Moxico.

**Princípio de agosto** – Após violentos combates, a FNLA retira todo o pessoal do território Mbundu e do distrito da Lunda.

**1 de agosto** – O presidente da FLEC, Luís Franque Ranque, proclama em Kampala a independência de Cabinda.

**3 e 9 de agosto** – Voam para a capital zairense mais dois C-141 com armas para os rivais do MPLA. São também enviados paramilitares e especialistas ligados à CIA para coordenarem o apoio norte-americano.

**4 de agosto** – As forças de Jonas Savimbi expulsam a FNLA e o MPLA dos distritos do Huambo e do Bié.

**5 de agosto** – Os três emissários enviados a Angola pelo Conselho da Revolução propõem a retração do dispositivo militar para as zonas urbanas, a manutenção do Sazaire e a substituição do alto-comissário.

**7 de agosto** – Publicação do Documento dos Nove.

**8 de agosto** – A UNITA retira todas as suas forças de Luanda.

**8 de agosto** – Toma posse o V Governo Provisório.

**9 de agosto** – Algumas unidades sul-africanas ocupam a área a norte da barragem de Calueque, no rio Cunene.

**9 de agosto** – A FNLA e a UNITA anunciam formalmente a sua saída do Governo.

**11 de agosto** – A FNLA inicia o transporte de material de guerra por via aérea, para o interior de Angola, a partir do Congo.

**12 de agosto** – O MPLA admite «a proclamação unilateral de independência».

**15 de agosto** – Violentos confrontos entre os três movimentos em Lobito.

**15 de agosto** – Castro pede o apoio da URSS à intervenção cubana.

**Meados de agosto** – Fidel Castro discute com Rosa Coutinho o acesso aos vistos por parte dos cubanos.

**20 de agosto** – Militares portugueses são atacados no Luso por forças da UNITA e do MPLA.

**20 de agosto** – É autorizado, no âmbito da “Operação IAfeature”, um montante adicional de 11 milhões para mais armas, aviões, mercenários e manutenção das tropas da FNLA e da UNITA.

**22 de agosto** – Portugal suspende parcialmente o Acordo de Alvor.

**27 de agosto** – Circulam notícias sobre a entrada de forças sul-africanas.

**28 de agosto** – Numerosos blindados do MPLA atravessam Luanda, vindos da Barra do Quanza.

**29 de agosto** – O MPLA e a UNITA estabelecem um acordo político-militar, que fracassa pouco depois.

**30 de agosto** – O alto-comissário, general Silva Cardoso, pede a demissão.

**31 de agosto** – Intensifica-se a ponte aérea a partir de Angola para Portugal, onde chegam centenas de retornados por dia.

**Setembro** – Oficiais e suboficiais do exército sul-africano passam a assumir as funções de instrutores e conselheiros junto da UNITA.

**Início de setembro** – A superioridade militar do MPLA acentua-se com a chegada da chamada 9.<sup>a</sup> Brigada Motorizada, organizada, treinada e armada pelos soviéticos.

**1 de setembro** – Portugal suspende os Acordos de Alvor.



**5 de setembro** – Vasco Gonçalves é afastado na sequência da Assembleia de Tancos.

**5 de setembro** – Os primeiros aviões norte-americanos partem para Angola e começam a evacuar os portugueses residentes no território.

**7 de setembro** – Jonas Savimbi faz um discurso em que ataca as autoridades portuguesas e o MPLA.

**11 de setembro** – Novos confrontos a norte de Luanda entre forças do MPLA e da FNLA.

**Meados de setembro** – Fica operacional o primeiro campo de treino sul-africano para tropas da UNITA, em Mpupa, no Sul de Angola.

**Segunda Metade de setembro** – Mobutu envia para Angola os 7.º e 4.º batalhões de comandos.

**16 a 20 de setembro** – Os navios Vietnam Heroico, La Plata e Coral Island partem de Havana em direção a Luanda com os primeiros 300 elementos e com o armamento da Missão Militar Cubana em Angola. Simultaneamente seguem para Brazzaville dois aviões com mais 200 instrutores.

**17 de setembro** – O alto-comissário informa Lisboa de que o MPLA se preparava para declarar unilateralmente a independência.

**19 de setembro** – Toma posse o VI Governo Provisório.

**22 de setembro** – Portugal solicita aos Estados Unidos «mais três voos diários entre Lisboa e Luanda».

**24 de setembro** – O alto-comissário declara que é necessário «repatriar» cerca de trezentas mil pessoas para Portugal.

**29 de setembro** – São estabelecidas as datas para a evacuação final de portugueses de algumas cidades angolanas: Lobito – 15 de outubro; Moçâmedes – 20 de outubro; Luanda – 31 de outubro.

**Outubro** – Melo Antunes desloca-se aos EUA, para participar na Assembleia Geral da ONU.

**Outubro** – Chega à Ponta Negra um navio soviético com armamento pesado para o MPLA.

**1 de outubro** – Os movimentos, chamados a Kampala, não conseguem ultrapassar as suas divergências.

**2 de outubro** – Uma coluna blindada sul-africana lança a operação «Savannah», que avança ao longo do litoral na direção de Luanda.

**5 de Outubro** – O primeiro contingente cubano chega a Porto Amboim, a sul de Luanda.

**6 de outubro** – Forças da FNLA avançam para Luanda a partir do norte.

**Segunda Semana de outubro** – Os norte-americanos enviam dez toneladas de armas por dia para Angola.

**10 de outubro** – Gerald Ford, Henry Kissinger e Melo Antunes discutem a situação em Angola.

**16 de outubro** – As autoridades portuguesas em Angola tomam conhecimento de que a FNLA pretende declarar unilateralmente a independência se o MPLA o fizer.

**19 de outubro** – O MPLA trava o avanço da FNLA e envia forças para Huambo.

**22 de outubro** – Victor Crespo inicia contactos com os três movimentos numa derradeira tentativa de entendimento.

**23 de outubro** – Uma coluna de três mil elementos da FNLA, 1200 militares zairesens e 120 mercenários portugueses avança para Luanda.

**Terceira Semana de outubro** – Vários contingentes militares cubanos chegam a Angola a bordo de aviões da URSS, ao mesmo tempo que 60 oficiais soviéticos, colocados no Congo, recebem instruções para apoiarem o MPLA. São deslocados para a costa angolana alguns navios de guerra da URSS.

**25 de outubro** – A CIA estima que há em Angola «poucas centenas de tropas cubanas».

**28 de outubro** – As forças cubanas participam na operação destinada a recuperar a vila de Quiangombe, no Leste do Quifandongo.

**31 de outubro** – Treze Antonov-22 transportam grandes quantidades de armamento para Luanda, diretamente ou não via Brazzaville.

**Final de outubro** – Um avião militar congolês com capacidade para 50 passageiros faz três voos para Guiné-Bissau para ir buscar soldados cubanos e transportá-los para Ponta Negra, de onde são levados, por barco, para Luanda.

**Finais de outubro** – Os soldados sul-africanos presentes em Angola rondam os 1500.

**Finais de outubro** – Pequim decide retirar-se do conflito angolano, na sequência da invasão sul-africana.

**Novembro** – As tropas sul-africanas param a 200 quilómetros de Luanda.

**6 e 10 de novembro** – Uma força da FNLA, reforçado por militares zairesens, mercenários portugueses e instrutores sul-africanos, procura conquistar Quifandongo.

**7 de novembro** – Os Estados Unidos reconhecem publicamente o seu apoio à FNLA e à UNITA.

**7 de novembro** – Chegam a Angola as primeiras tropas regulares vindas de Cuba.

**9 de novembro** – Um emissário do governo entrega ao Alto-Comissário um documento prevendo três hipóteses para o dia da independência: A) saída de Angola reconhecendo todos os movimentos e entregando a soberania ao povo angolano; B) aceitação de um Governo de Unidade Nacional, composto por independentes; C) reconhecimento do governo do MPLA.

**10 de novembro** – O Conselho da Revolução reúne-se para analisar qual a atitude de Portugal face ao dia da independência angolano. As opiniões dividem-se, defendendo Melo Antunes e Almeida Santos o reconhecimento do governo do MPLA, o que enfrenta a oposição do primeiro-ministro, Pinheiro de Azevedo, que ameaça demitir-se. Decide-se aguardar a formação de um governo de unidade nacional.

**10 de novembro** – O MPLA consegue não apenas travar um ataque da FNLA como também avançar para norte.

**10 de novembro** – O Presidente da República informa o alto-comissário que Portugal adotava a opção A. Leonel Cardoso, após enviar mensagens de despedida aos líderes dos três movimentos, declara oficialmente a passagem da soberania de Angola para o seu povo, a partir do dia 11 de Novembro.

**11 de novembro** – É concluída a ponte aérea para Portugal, que compreendeu 905 voos que evacuaram cerca de 160 mil pessoas.

**11 de novembro** – Dia da independência de Angola. As divisões entre os movimentos angolanos traduzem-se em duas proclamações unilaterais de independência, com o MPLA a proclamar, em Luanda, a ‘República Popular de Angola’, e a FNLA e a UNITA a proclamarem, no Huambo, a ‘República Popular Democrática de Angola’. Ao passo que a ‘República Popular de Angola’ é imediatamente reconhecida pela URSS, pelas nações do Bloco de Leste, por países africanos e pelo Brasil, a ‘República Popular Democrática de Angola’ (fraturada territorialmente) não tem qualquer reconhecimento internacional.

# **Personalidades decisivas na última fase da descolonização de Angola, entre o 25 de Abril de 1974 e 11 de Novembro de 1975**

**Abdurahim Farah** – Diplomata somali, desempenha as funções de adjunto do secretário-geral da ONU em 1975.

**Adelino da Palma Carlos (Adelino Hermitério da Palma Carlos)** – Cidadão português, assume o cargo de primeiro-ministro do I Governo Provisório, do qual se demite após o chumbo das suas propostas para aumentar os poderes presidenciais.

**Agostinho Neto (António Agostinho Neto)** – Nacionalista angolano, líder da tendência do MPLA intitulada Ala Presidencialista, vê a sua chefia do movimento reconhecida pelas restantes tendências após um acordo alcançado a 3 de setembro. Inicia uma estratégia, a partir de outubro de 1974, no sentido da tomada unilateral do poder, o que precipita o fracasso do acordo de Alvor e a guerra civil. Proclama, a 11 de Novembro, a ‘República Popular de Angola’, na qual assume o cargo de presidente da República.

**Alexandre Taty** – Angolano, antigo membro da UPA, que assumiu a liderança dos Flechas, unidades de contrainsurgência recrutadas pelos portugueses para combater os nacionalistas angolanos no decorrer do conflito colonial. Após o 25 de Abril adere à FLEC, assumindo as funções de secretário de defesa após um “Congresso de Unidade”, realizado a 30 de junho em Ponta Negra, no Congo. As suas forças veem-se, no entanto, incapazes de resistir a uma força conjunta MPLA-FAP, acabando expulsas do território pelos militares portugueses, que seguem as ordens do novo governador, o coronel Lopes Alves.

**Alfonso Pérez Morales (Pina)** – Militar cubano, enviado para Angola com a missão de coordenar o apoio de Havana ao MPLA.

**Alfred Raoul** – Presidente da FLEC após um congresso realizado em janeiro de 1975 (que resultou no afastamento de Auguste Tchioufou), tendo desempenhado (segundo um documento militar português, intitulado Directiva Geral “Raio Azul”) o cargo de embaixador do Congo em Bruxelas, que volta a exercer após a sua destituição de presidente da FLEC pelo presidente congolês.

**Almeida Santos (António de Almeida Santos)** – Cidadão português, membro da oposição ao Estado Novo, desempenha o cargo de ministro da Coordenação Interterritorial no I, II, III e IV Governos Provisórios, acompanhando o processo de descolonização angolano até ao dia da independência, nas

vésperas da qual defendeu o reconhecimento do governo do MPLA, o que foi rejeitado pelo então primeiro-ministro.

**Altino de Magalhães (Altino Pinto de Magalhães)** – Militar português, assume a posição de comandante do Exército na Junta Governativa de Angola, presidida por Rosa Coutinho, desempenhando um importante papel nas negociações com os movimentos tendo em vista o acordo para a independência.

**Álvaro Cunhal (Álvaro Barreirinhas Cunhal)** – Secretário-geral do Partido Comunista Português, assume desde cedo uma posição anticolonial e próxima do MPLA, movimento que procura favorecer após o 25 de Abril.

**António Cardoso** – Nacionalista angolano, membro do MPLA, é libertado do campo de concentração do Tarrafal, assumindo pouco depois o cargo de chefe de redação da rádio Emissora Oficial, acusada pelos rivais do MPLA, em especial a FNLA, de adotar um discurso radical favorável ao movimento de Neto. Em 26 de janeiro António Cardoso é raptado e torturado por militantes da FNLA, sendo libertado após negociações entre estes e as autoridades portuguesas.

**António de Spínola (António Sebastião Ribeiro de Spínola)** – Militar português, assume as funções de presidente da República após o 25 de Abril. Promove uma estratégia de federalização do império português que é rejeitada pelos nacionalistas africanos, pelos partidos políticos e pela comunidade internacional, o que o leva a reconhecer oficialmente o direito das colónias à independência. Após o fracasso de uma manifestação a seu favor, apresenta a demissão a 30 de setembro de 1974. Assume um papel central numa tentativa falhada de golpe de estado a 11 de Março de 1975, após a qual abandona o país.

**António da Silva Cardoso** – Militar português, assume a posição de comandante da Força Aérea na Junta Governativa de Angola, presidida por Rosa Coutinho, desempenhando um importante papel nas negociações com os movimentos tendo em vista o acordo para a independência, após o qual é designado alto-comissário. Silva Cardoso inicia uma estratégia de reforço da UNITA ao mesmo tempo que suspeita de que o MFA local estaria a favorecer o MPLA. Apresenta a demissão a 30 de agosto, sendo sucedido por Leonel Cardoso.

**Auguste Tchioufou** – Líder de uma das facções da FLEC, que lutava em prol de uma independência separada de Cabinda, assumindo o cargo de presidente da organização num “Congresso de Unidade”, realizado a 30 de junho em Ponta Negra, no Congo (país com um forte interesse na separação de Cabinda do resto de Angola e no qual Tchioufou trabalhara como funcionário público). Em consequência da expulsão da organização do enclave, após uma ação conjunta MPLA-FAP, perde a liderança do movimento em janeiro de 1975.

**Botelho de Moniz (Júlio Carlos Alves Dias Botelho Moniz)** – Militar português, lidera enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros uma tentativa fracassada de golpe de estado contra o governo de António de Oliveira Salazar no início dos anos 60, procurando pôr fim à ditadura e à solução colonial do regime.

**Carlos Cadelo** – Membro do Comité Central do Partido Comunista Cubano, responsável por Angola, tendo desempenhado um papel crucial no envolvimento de Havana no conflito angolano.

**Charles de Gaulle (Charles André Joseph Marie de Gaulle)** – Estadista e militar francês que assumiu um papel incontornável, não apenas na libertação da França da Alemanha nazi durante a 2ª. Guerra Mundial, como também na descolonização francesa, na qual procurou garantir a manutenção da influência francesa nas ex-colónias.

**Costa Gomes (Francisco da Costa Gomes)** – Militar português, desempenha as funções de CEMGFA após o 25 de Abril e de presidente da República a 30 de setembro, depois da demissão de Spínola. Promove um entendimento entre o MPLA e a UNITA, que acaba no entanto por fracassar. Nas vésperas da independência, dá instruções ao alto-comissário em Angola para anunciar a transferência da soberania ao povo angolano.

**Daniel Chipenda** – Nacionalista angolano, líder da tendência do MPLA intitulada Revolta de Leste, assume o cargo de vice-presidente do MPLA após um acordo alcançado a 3 de setembro, o que não o impede de prosseguir uma aproximação à FNLA. O seu afastamento do MPLA, sob a liderança de Agostinho Neto, é consumado pela sua ausência no acordo de cessar-fogo com Portugal (para o qual não foi convidado) e pelo instalar de uma sede separada em Luanda, que provoca os protestos da liderança oficial do MPLA. Em resultado de um ataque à sua sede pelas FAPLA, a 13 de fevereiro, anuncia a integração na FNLA, mantendo no entanto uma assinalável autonomia ao longo do conflito.

**Diogo Neto (Manuel Diogo Neto)** – Militar português, membro da Junta de Salvação Nacional formada após o 25 de Abril.

**Donald Easum (Donald Boyd Easum)** – Diplomata norte-americano, exerce o cargo de secretário de Estado adjunto para os assuntos africanos, sendo afastado em final de novembro após ter feito declarações críticas da África do Sul.

**Fernando Falcão** – Nacionalista angolano, recria a FUA após o 25 de Abril com o objetivo de lutar pelo direito dos partidos políticos “não-armados” participarem no futuro político de Angola. Um objetivo gorado pelo acordo de Alvor, no seguimento do qual a FUA anuncia a sua dissolução.

**Fidel Castro (Fidel Alejandro Castro Ruz)** – Líder histórico cubano após o derrube do regime de Batista, aumenta de forma significativa o apoio cubano ao MPLA em reação ao escalar da intervenção

norte-americana a favor dos rivais do movimento de Neto, com o envio de centenas de instrutores militares e de soldados, no âmbito da chamada “Operação Carlota”.

**Francisco Sá Carneiro (Francisco Manuel Lumbrals de Sá Carneiro)** – Político português, líder da chamada ‘Ala Liberal’, que procurou promover a reforma do regime ditatorial, acabando por entrar em choque com Marcello Caetano pouco antes do 25 de Abril. Após a queda do Estado Novo funda e lidera o Partido Popular Democrata (PPD), que é integrado no I Governo Provisório por influência de António de Spínola, com o qual Sá Carneiro estabelece um forte relação política, assumindo o PPD um discurso colonial próximo do defendido pelo presidente da República. Uma relação que é, no entanto, abalada pelo chamado “Golpe Palma Carlos”, no qual o Spínola evidenciou, na perspetiva de Sá Carneiro, falta de tato político.

**Franco Pinheiro** – Militar português, assume o cargo de comandante-chefe de Angola após o 25 de Abril, contribuindo de forma decisiva para a reestruturação do ramo local do Movimento das Forças Armadas.

**Frank Carlucci (Frank Charles Carlucci III)** – Embaixador norte-americano em Lisboa entre 9 de dezembro de 1974 e 5 de fevereiro de 1978, tendo desempenhado um papel fundamental na relação entre os EUA e as autoridades portuguesas no decorrer do período revolucionário.

**Galvão de Melo (Carlos Galvão de Melo)** – Militar português, membro da Junta de Salvação Nacional formada após o 25 de Abril.

**Gerald Ford (Gerald Rudolph "Jerry" Ford, Jr.)** – Presidente dos Estados Unidos entre 1974 e 1977, tendo sucedido a Richard Nixon. A 18 de julho inicia a “Operação Iafeature”, nome código da intervenção norte-americana em Angola a favor dos rivais do MPLA.

**Hendrick Vall Neto** – Nacionalista angolano, membro da FNLA, desempenha um importante papel nas negociações com as autoridades militares portuguesas no pós-25 de Abril. Assume um papel central num incidente, ocorrido a 26 de março, ao chefiar um ataque de militantes da FNLA à Emissora Oficial, cujo chefe de redação é raptado e alvo de torturas até à libertação, após negociações com os portugueses. Um incidente que não o impede de ocupar o cargo de secretário de Estado do Ministério da Informação, no Governo de Transição de Angola constituído após o Acordo de Alvor.

**Henry Kissinger (Henry Alfred Kissinger)** – Político norte-americano, desempenha as funções de conselheiro de Segurança Nacional e de secretário de Estado nas presidências de Richard Nixon e de Gerald Ford. Após meses de indiferença face aos acontecimentos angolanos, assume um papel central no impulsionar da “Operação IAfeature”.

**Herbert Okun (Herbert Stuart Okun)** – Diplomata norte-americano na embaixada dos Estados Unidos em Lisboa em 1975.

**Iko Carreira (Henrique Teles Carreira)** – Nacionalista angolano, membro do Comité Central e do Bureau Político do MPLA, desempenha um importante papel no estabelecimento de apoios externos. Assume as funções de ministro da Defesa no primeiro governo da República Popular de Angola, proclamada a 11 de Novembro de 1975.

**Jaime Silvério Marques** – Militar português, membro da Junta de Salvação Nacional formada após o 25 de Abril.

**Jean Sauvagnargues** – Político francês, desempenhou o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros entre 1974 e 1976, no decorrer da presidência de Valéry Giscard d'Estaing.

**João Pedro Benge** – Enfermeiro negro angolano, assassinado no pós-25 de Abril num clima de grande tensão racial.

**Joaquim Pinto de Andrade** – Nacionalista angolano, líder da tendência do MPLA intitulada Revolta Ativa, assume o cargo de vice-presidente do MPLA após um acordo alcançado a 3 de setembro. O facto de não ter sido convidado para a assinatura do acordo de cessar-fogo com Portugal leva à sua marginalização no seio do movimento, com os membros da sua tendência a serem hostilizados pelos apoiantes de Agostinho Neto.

**John F. Kennedy (John Fitzgerald "Jack" Kennedy)** – Presidente dos Estados Unidos entre janeiro de 1961 e novembro de 1963, assumiu uma posição crítica do colonialismo português, que condena abertamente nas Nações Unidas ao mesmo tempo que apoia líderes nacionalistas em Angola e Moçambique. A ameaça portuguesa de pôr fim ao acesso dos EUA à base das Lages, fundamental para o rápido acesso à Europa e Médio-Oriente, faz com que o presidente norte-americano recue na sua hostilidade à presença portuguesa em África.

**John Stockwell (John R. Stockwell)** – Cidadão norte-americano, assume um importante papel enquanto agente da CIA no coordenar da “Operação IAfeature”, nome código da intervenção norte-americana em Angola.

**John Vorster (Balthazar Johannes Vorster)** – Primeiro-ministro de África do Sul entre 1966 e 1978, inicia a «Operação Savannah», nome código da intervenção armada sul-africana em Angola, em apoio aos rivais do MPLA.

**Johny Eduardo Pinnock** – Nacionalista angolano, membro da FNLA, tendo feito parte, anonimamente, da delegação zairese que acompanhou Mobutu no controverso encontro na Ilha do Sal. Torna-se membro do Colégio Presidencial do Governo de Transição de Angola, constituído após o Acordo de Alvor, sendo substituído posteriormente por N'gola Kabangu.



**Jomo Kenyatta** – Presidente queniano entre 1963 e 1978, tendo servido de mediador entre os três movimentos angolanos no decorrer das negociações tripartidas em Mombaça, no Quênia, que lançaram as bases para um programa comum de negociações com Portugal.

**José Emílio da Silva** – Militar português, membro do MFA.

**José Lopes Alves** – Militar português, assume o cargo de governador de Cabinda em novembro de 1974.

**Julius Nyerere (Julius Kambarage Nyerere)** – Presidente da Tanzânia entre 1960 e 1985, assume um importante papel no estabelecimento de um acordo entre as três tendências do MPLA, que oficializa Agostinho Neto como presidente do movimento e os líderes das outras tendências, Daniel Chipenda e Joaquim Pinto de Andrade, como vice-presidentes. Um acordo que acaba, no entanto, por ser desrespeitado tanto por Neto como por Chipenda. Nyerere assume uma atitude crítica face ao MPLA ao longo de 1975.

**Kenneth Kaunda (Kenneth David Kaunda)** – Presidente da Zâmbia entre 1964 e 1991, desempenhou um papel fundamental no desenrolar da luta armada independentista no leste de Angola, tendo ao mesmo tempo fomentado as divisões entre os nacionalistas angolanos. Ao longo do ano de 1975 apoia a UNITA.

**Leonel Cardoso (Leonel Alexandre Gomes Cardoso)** – Militar português, assume a posição de comandante da Marinha na Junta Governativa de Angola, presidida por Rosa Coutinho, desempenhando um importante papel nas negociações com os movimentos tendo em vista o acordo para a independência. Exerce o cargo de alto-comissário após a demissão de António da Silva Cardoso, tendo declarado a transferência da soberania de Angola para o seu povo nas vésperas do dia da independência.

**Lopo de Nascimento (Lopo Fortunato Ferreira do Nascimento)** – Nacionalista angolano, membro do Comité Central e do Bureau Político do MPLA, fazia parte do Colégio Presidencial do Governo de Transição de Angola, constituído após o Acordo de Alvor. Assume o cargo de primeiro-ministro da República Popular de Angola, proclamada em 11 de Novembro de 1975 em Luanda.

**Lúcio Lara** – Nacionalista angolano, membro do Comité Central e do Bureau Político do MPLA, exercesse um papel significativo nas negociações para a independência.

**Luís Franque (Luís Ranque Franque)** – Presidente formal da FLEC, vê-se relegado ao estatuto de “presidente honorário” após um “Congresso de Unidade”, realizado a 30 de junho em Ponta Negra, no Congo. Entra, no entanto, em conflito com o novo presidente, Auguste Tchioufou, estabelecendo contactos separados com Mobutu. As suas forças veem-se incapazes de enfrentar os guerrilheiros do

MPLA, que se afirma como o movimento dominante no enclave, o que não o impede de proclamar a independência unilateral de Cabinda em agosto de 1975.

**Holden Roberto** – Nacionalista angolano, líder da FNLA, mantém a hostilidade aos movimentos rivais, e em especial ao MPLA, após o 25 de Abril, atitude que permanece mesmo após a assinatura dos acordos de Alvor. O seu receio de viajar em Angola leva-o a apenas regressar para a sua terra natal no verão de 1975, enquanto líder militar, com o objetivo de conquistar a capital. Conta com o apoio zaireense até ao dia da independência, no qual o seu movimento proclama, juntamente com a UNITA, a ‘República Popular e Democrática de Angola’.

**Manuel Resende de Oliveira (Manuel Alfredo Resende de Oliveira)** – Cidadão português, desempenha as funções de membro do governo provisório que tomou posse em Angola em 21 de outubro de 1974, assumindo a pasta das Obras Públicas e Urbanismo. Após o Acordo de Alvor assumiria o cargo de Ministro das Obras Públicas, Habitação e Urbanismo do Governo de Transição, cargo que ocupa no primeiro governo da República Popular de Angola, tendo adotado a nacionalidade angolana.

**Mao Tsé-Tung** – Líder da República Popular da China desde a sua fundação, em outubro de 1949, assume um forte envolvimento na guerra de independência em Angola, apoiando os três movimentos anticoloniais. Após o 25 de Abril concentra o seu apoio na FNLA, com o envio de 112 instrutores militares e várias toneladas de armamento. Em finais de 1975, face ao fracasso da FNLA em conquistar o poder e perante a intervenção sul-africana, decide pôr fim ao envolvimento do seu país no conflito.

**Marcello Caetano (Marcello José das Neves Alves Caetano)** – Político português ligado ao Estado Novo, assume as funções de presidente do Conselho em 1968. É afastado do cargo em consequência do 25 de Abril, sendo exilado no Brasil.

**Marien Ngouabi** – Presidente do Congo entre 1968 e 1977, tendo assumido um papel ativo no processo de descolonização de Angola, apoiando simultaneamente o MPLA e a FLEC, desistindo do apoio a esta última no verão de 1975.

**Mário Soares (Mário Alberto Nobre Lopes Soares)** – Político português, assumiu um papel central na luta contra a ditadura, tendo fundado em 1973 o Partido Socialista. Após o 25 de Abril desempenha o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, no qual assume formalmente um papel central nas negociações com os movimentos nacionalistas em Guiné-Bissau e Moçambique até à nomeação de Melo Antunes para ministro sem Pasta, com responsabilidade na descolonização. Toma parte nas negociações de Alvor, nas quais não consegue assumir um papel mais interventivo devido a estar focado na evolução da política interna em Portugal. Perde as funções de MNE com a tomada de posse do IV Governo Provisório.

**Martins e Silva (José Fernandes Martins e Silva)** – Militar português, membro do MFA de Angola.

**Melo Antunes (Ernesto Augusto de Melo Antunes)** – Militar português, assume um papel central no desenvolvimento do Movimento das Forças Armadas. Assume o cargo de ministro sem Pasta no II e III Governos Provisórios e de ministro dos Negócios Estrangeiros no IV e VI Governos Provisórios, tendo estado envolvido no processo de descolonização em ambos os cargos. Promove uma aliança entre o MPLA e a UNITA, que acaba no entanto por fracassar. Em vésperas da independência de Angola, defende o reconhecimento do governo do MPLA, que não acontece devido à recusa do primeiro-ministro, Pinheiro de Azevedo, que ameaça demitir-se.

**Moreira Dias** – Militar português, membro do MFA de Angola.

**Mobutu Sese Seko (Mobutu Sese Seko Kuku Ngbendu Wa Za Banga)** – Presidente zairense, assume um papel central no processo de descolonização angolano através do seu apoio constante à FNLA, cujo líder passa uma parte considerável do conflito, antes e após o 25 de Abril, em Kinshasa. Após a revolução em Portugal intensifica consideravelmente o seu apoio ao movimento de Roberto ao mesmo tempo que assume um papel central nas negociações entre a FNLA e Portugal, procurando assegurar a marginalização de Agostinho Neto ao longo do processo. A incapacidade da FNLA derrotar o MPLA leva-o não apenas a envolver-se cada vez mais no conflito angolano, através das Forças Armadas, como a estender o seu apoio à UNITA.

**Mumba Kwape** – Membro dos gendarmes catangueses, é raptado a 26 de fevereiro pelas forças da FNLA, que o entregam às autoridades zairenses.

**N'gola Kabangu** – Nacionalista angolano, membro da FNLA, substitui Johny Eduardo Pinnock no cargo de membro do Colégio Presidencial do Governo de Transição de Angola, constituído após o Acordo de Alvor.

**Nathaniel Davis** – Diplomata norte-americano, exerce o cargo de secretário de Estado adjunto para os assuntos africanos após o afastamento de Donald Easum, assumindo uma posição contrária a um envolvimento significativo dos Estados Unidos em Angola.

**Nito Alves** – Nacionalista angolano, membro do MPLA, conquista proeminência no «poder popular», onde lidera o Comité Henda.

**Otelo Saraiva de Carvalho (Otelo Nuno Romão Saraiva de Carvalho)** – Militar português, membro do MFA, assume um papel central na coordenação do golpe de estado que derrotou a ditadura no 25 de Abril. Assume a chefia do COPCON a 23 de junho de 1974, estrutura de comando militar encarada como próxima da extrema-esquerda e que é dissolvida a 25 de Novembro de 1975.

**Paulo Teixeira Jorge** – Nacionalista angolano, membro do MPLA, é responsável pelas Relações Externas deste movimento, cargo que continua a exercer enquanto ministro do primeiro governo da República Popular de Angola, proclamada em Luanda a 11 de Novembro de 1975.

**Pezarat Correia (Pedro de Pezarat Correia)** – Militar português, membro do MFA de Angola e um dos subscritores do Documento dos Nove.

**Pinheiro de Azevedo (José Batista Pinheiro de Azevedo)** – Militar português, membro da Junta de Salvação Nacional formada após o 25 de Abril e primeiro-ministro no VI Governo Provisório.

**Pompílio da Cruz (Venceslau Pompílio da Cruz)** – Um dos líderes da Frente de Resistência Angolana (FRA), uma organização do tipo *Organisation Armée Secrète* (OAS) formada pouco após o 25 de Abril para subverter o processo de descolonização em Angola.

**Raúl Castro (Raúl Modesto Castro Ruz)** – Político e revolucionário cubano, desempenha as funções de membro do Comité Central e do Bureau Político do Partido Comunista de Cuba desde 1965.

**Richard Nixon (Richard Milhous Nixon)** – Presidente dos Estados Unidos entre 1969 e 1974, não assume uma posição definida face aos acontecimentos em Angola em consequência do desenrolar da guerra no Vietname assim como da forte contestação interna, que resulta na sua demissão após o escândalo “Watergate”.

**Rodrigo de Sousa e Castro (Rodrigo Manuel Lopes de Sousa e Castro)** – Militar português, membro da Comissão Coordenadora do MFA e mais tarde membro do Conselho da Revolução, tendo sido um dos subscritores do Documento dos Nove.

**Rosa Coutinho (António Alva Rosa Coutinho)** – Militar português, membro da Junta de Salvação Nacional formada após o 25 de Abril. Assume as funções de presidente da Junta Governativa de Angola em 24 de julho de 1974, e de alto-comissário a partir de 27 de novembro. Abandona o cargo após a assinatura do acordo de Alvor, em virtude das acusações de parcialidade feitas pelos movimentos rivais ao MPLA. Ao longo de 1975 assume um discurso político condenatório da FNLA e do Zaire e favorável ao MPLA.

**Salgueiro Maia (Fernando José Salgueiro Maia)** – Militar português, membro do MFA, desempenhou um papel fundamental nas ações militares do 25 de Abril.

**Simões (José Augusto do Rosário Simões)** – Militar português, membro do MFA de Angola

**Soares Rodrigues (Ramiro Soares Rodrigues)** – Militar português, membro do MFA de Angola.

**Temudo Barata** – Militar português, desempenha as funções de governador de Cabinda quando se dá o 25 de Abril. Assume uma atitude tolerante das atividades da FLEC, ignorando as determinações de

Luanda para pôr termo a estas. A 3 de novembro é aprisionado, juntamente com todos os seus oficiais, por uma força conjunta MPLA-FAP, a qual expulsa a FLEC da capital do enclave. É substituído por Lopes Alves.

**Tom Killoran** – Cônsul geral dos Estados Unidos em Angola.

**Silvino Silvério Marques** – Militar português, assume o cargo de governador de Angola após o 25 de Abril. No decorrer do exercício das suas funções, verifica-se um agravamento da insegurança, que a sua liderança se vê incapaz de conter. Estabelece uma relação tensa com o ramo local do Movimento das Forças Armadas, que aprova uma moção, a 17 de julho, onde exige a sua substituição por alguém que tivesse a concordância do MFA local. Dois dias depois é chamado a Portugal, não mais regressando a Angola enquanto governador.

**Vasco Gonçalves (Vasco dos Santos Gonçalves)** – Militar português, membro do MFA, assume o cargo de primeiro-ministro dos II, III, IV e V Governos Provisórios. No decorrer do exercício das suas funções é marcado por uma proximidade ao PCP e à extrema-esquerda, sendo afastado na sequência da Assembleia de Tancos.

**Vasco Lourenço (Vasco Correia Lourenço)** – Militar português, membro do MFA, assume um papel central na execução do 25 de Abril. Foi um dos subscritores do Documento dos Nove.

**Vasco Vieira de Almeida** – Cidadão português, desempenha o cargo de Ministro da Economia no Governo de Transição de Angola, constituído após o Acordo de Alvor.

**Villalobos Filipe (José Luis Villalobos Filipe)** – Militar português, membro do MFA de Angola.

**Vuna Vioka** – Nacionalista angolano, membro da FNLA, promove enquanto comandante do ELNA a expulsão dos trabalhadores ovimbundos do norte de Angola.

**Xiyetu** – Nacionalista angolano, membro do MPLA, responsável pelas FAPLA.

**Yakubu Gowon (Yakubu "Jack" Dan-Yumma Gowon)** – Presidente nigeriano entre 1966 e 1975, tendo desempenhado o cargo de secretário-geral da Organização de Unidade Africana no período imediatamente após o 25 de Abril.

DEFESA NACIONAL  
CENTRO TRANSMISSÕES



580

077 28ABR74

Z 261905Z ZDK  
FM COMCHEFEANGOLA  
TO GERALDEFNACN  
BT

ATENÇÃO A PRECEDÊNCIA

NÃO CLASSIFICADO

NAOCLAS 0791/AP  
INFORMA-SE QUE CARECE DE TOTAL FUNDAMENTO A NOTICIA PUBLICADA NA  
PAGINA 15 DE ALGUNS EXEMPLARES DA 1A. EDICAO DO JORNAL DIARIO DE  
LUANDA DE HOJE, DIA 26, NA QUAL E DITO QUE UM INFORMADOR DO  
COMANDO-CHEFE TERIA DECLARADO AQUELE JORNAL QUE - O PODER POLITICO  
CONTINUA NAS MAOS DE SANTOS E CASTRO -.  
BT

GDHR:201454Z ABR74  
DIST:JSN GC

SAR/FID

*Sem interesse  
a este nível.  
Sopriava*

NÃO CLASSIFICADO

E M G F A	Gab
Recebido em	30/04/74
P.º 2412	N.º 2985

ADN/F3/S19/CX39/V7

P 030728Z  
FM COMCHEFEANGOLA  
TO DEFNAC  
BT  
NAOCLAS 1175/AP

ESTADO-MAIOR-GERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

012 - 03 JUN 74

630

*Angela*

COMUNICADO

**NÃO CLASSIFICADO**

CONFORME FOI TORNADO PUBLICO EM 26 DE MAIO DE 1974, O COMANDO-CHEFE VIU-SE NA NECESSIDADE DE PROIBIR TODAS AS MANIFESTACOES DE RUA APOS OS INCIDENTES VERIFICADOS DURANTE AS QUE FORAM LEVADAS A EFEITO POR OCASIAO DA VISITA DO MINISTRO DA COORDENACAO INTERTERRITORIAL.

CONSIDERANDO QUE A REFERIDA PROIBICAO NAO ABRANGE AS MANIFESTACOES A REALIZAR EM RECINTOS LIMITADOS E ATENDENDO A NECESSIDADE DE ESCLARECER A POPULACAO E AS VARIAS AUTORIDADES SOBRE OS CONDICIONALIS MOS QUE TEMPORARIAMENTE SE ESTABELECEM COM A UNICA FINALIDADE DE EVITAR A OCORRENCIA DE DISTURBIOS, LEVA-SE AO CONHECIMENTO DE TODOS O SEGUINTE:

1. OS PEDIDOS PARA A REALIZACAO DE MANIFESTACOES DE NATUREZA POLITICA EM RECINTOS LIMITADOS, DEVEM SER APRESENTADOS POR ESCRITO A AUTORIDADE POLICIAL LOCAL, OU, NA INEXISTENCIA, AO COMANDO MILITAR MAIS PROXIMO, COM A ANTECEDENCIA MINIMA DE 72 HORAS E ASSINADOS, PELO MENOS, POR 6 CIDADAOOS.

2. NOS PEDIDOS APRESENTADOS DEVE INDICAR-SE CONCRETAMENTE A FINALIDADE E O LOCAL DA REUNIAO, BEM COMO A DATA, A HORA DE INICIO E A DURACAO PREVISTA, DEVE AINDA CONSTAR A INDICACAO DOS ITENERARIOS DE DESCONCENTRACAO DA MAIORIA DOS EVENTUAIS ASSISTENTES A REUNIAO.

3. NO ACTO DA ENTREGA DESTES PEDIDOS SERAO APRESENTADAS AOS ORGANIZADORES DA REUNIAO INSTRUCOES PARA A REALIZACAO DE REUNIOES DE NATUREZA POLITICA, DAS QUAIS AQUELES CIDADAOOS TOMARAO CONHECIMENTO POR ESCRITO.

4. DAS INSTRUCOES MENCIONADAS NA ALINEA ANTERIOR CONSTARA:

- A) QUE OS ORGANIZADORES ESTAO CIENTES DA PROIBICAO DE OS MANIFESTANTES APOIAREM OS MOVIMENTOS EMANCIPALISTAS AINDA EM ARMAS;
- B) QUE OS ASSISTENTES SERAO PERFEITAMENTE ELUCIDADOS SOBRE A PROIBICAO REFERIDA NA ALINEA ANTERIOR;
- C) QUE OS ORGANIZADORES SE COMPREMENTEM A QUE A ORDEM SEJA MANTIDA, QUER NO INTERIOR DOS RECINTOS, QUER DURANTE A DESCONCENTRACAO;
- D) QUE OS ORGANIZADORES CONTAM COM O APOIO DAS FORÇAS DA ORDEM PARA GARANTIREM A LIVRE REALIZACAO DA REUNIAO E PARA EVITAR QUAISQUER INTERFERENCIA DE PROVOCADORES DEVENDO, EM CONTRAPARTIDA, COLABORAR COM ESSAS MESMAS FORÇAS PARA IMPEDIR DESACATOS POR PARTE DOS ASSISTENTES;
- E) QUE OS ORGANIZADORES ESTAO CIENTES DE QUE, CASO NAO SEJAM RESPONDEITADAS ESTAS INSTRUCOES, SERAO SEMPRE RESPONSABILIZADOS CRIMINALMENTE O MESMO SUCEDENDO A RELACAO AOS ASSISTENTES APANHADOS EM FLAGRANTE DELITO.

5. O COMANDO-CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA APELA PARA A CONSCIENCIA E CIVISMO DA POPULACAO PARA QUE COMPREENDA QUE A RESTRICAO IMPOSTA TEM COMO UNICA FINALIDADE IMPEDIR A OCORRENCIA DE DISTURBIOS GRAVES, OS QUAIS, A VERIFICAREM-SE, ACARRETERIAM A IMEDIATA IMPOSICAO DE LIMITACOES MUITO MAIS SEVERAS.

COMO REPRESENTANTE DO MOVIMENTO DAS FORÇAS, ESTE COMANDO-CHEFE REAFIRMA A SUA INABALAVEL DETERMINACAO DE MANTER A SEGURANCA DA POPULACAO, SUPORTE INDESPENSAVEL PARA UMA AUTENTICA MANUTENCAO DA LIBERDADE DOS CIDADAOOS, E GARANTE QUE AS MEDIDAS DE CARACTER RESTRITIVO AGORA TOMADAS SERAO REVISTAS LOGO QUE SE VERIFIQUEM CONDICOES QUE TAL PERMITAM..

BT  
GDHR:030950Z  
DSST:GC JSN RB ARQ

**NÃO CLASSIFICADO**

**DESCLASSIFICADO**

ALV/SRA



E/M/G F A Gab  
Recebido em 6 JUN 74  
P. 2412 N.º 3132

ADN/F3/519/Cx39/V9

ATENÇÃO À PRECEDÊNCIA

ESTADO-MAIOR-GENERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

64a

005 04 JUN 74



O 040705Z  
FM COMCHEFEANGOL  
TO GENERAL COSTA GOMES  
CEMGFA

**EXCLUSIVO SECRETO**

BT  
E X C L U S I V O S E C R E T O 2059 OP-PO, 340.29.3  
ACABO REGRESSAR CABINDA ONDE QUADROS SEGUNDA COMPANHIA BATALHAO  
BCAC 4519 AQUARTELADA EM TCHIVOVD TIVERAM MANIFESTAÇÃO COBARDIA  
DISFARCADA EM QUESTÃO IDEOLÓGICA. TENTAREI RESOLVER PROBLEMA  
MAS JULGO CONVENIENTE INFORMAR QUE MPLA AUMENTA PRESSÃO SOBRE  
CABINDA QUE PODE SER MUITO PERIGOSA. SE FOSSE POSSIVEL ACCAO  
DIPLOMATICA PARA DISSUADIR MPLA E REPUBLICA CONGO GANHARIAMOS  
BASTANTE. INFORMO TAMBEM QUE SEM GOVERNADOR GERAL E SEM  
NOTICIAS DE COMECAR NEGOCIAR RECEIO AMBIENTE SE DEGRADE EM  
TODO O NORTE DO ESTADO RELATIVAMENTE FNLA. RESPEITOSOS  
CUMPRIMENTOS FRANCO PINHEIRO  
BT

GBHR 040959Z JUN 74  
DIST CEMGFA

MRQ

PLO/PRA

1 - Vão ser nomeados brevemente formados. Julgo deve  
reforçar Cabinda com tropas especiais.

2 - Vão fazer-se buscas e operações em  
entidades indicadas.

**EXCLUSIVO SECRETO**

Jun 4. 6. 74

**DESCLASSIFICADO**

EMGFA Gab  
Recebido em 6 JUN 74  
P.º 2412 N.º 3136

ADN/P3/S19/CX39/V7



INÇÃO À PRECEDÊNCIA

ESTADO-MAIOR-GENERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

72a

**DESCLASSIFICADO**



318 10 JUN 74

O 101409Z JUN 74  
FM CEM QG/CCFAA/3/A REP  
TO ZEN/RMA  
ZEN/CNA  
ZEN/2/A RA  
ZEN/ZML  
ZEN/ZMC  
ZEN/ZMS

~~SECRETO~~

INFO RPFW/GERALDEFNAC - CH 2/A REP

BT  
S E C R E T O

2155 OP- P/O  
ADITAMENTO MSG SECRETO 21530P DE 091010JUN ESCLARECO NUMERO B  
NAO DIZ RESPEITO (,) REPITO (,) NAO DIZ RESPEITO ACCOES SOBRE  
UNITA ENQUANTO ESTA MANTIVER ACTUAL PASSIVIDADE E ACTIVIDADE (:)

BT  
GDHR 101549Z JUN 74  
DIST CEM ARQ

NUM/PL0

*Para 1a Reb / Engfa*  
~~\_\_\_\_\_~~  
*E.C.*

SECRETO

EMGFA      Gab.  
Recabido em 11 JUN 74  
P: 2412      N: 0040

ADN/F3/S19/Cx39/V7

SEGRETO

DESCCLASSIFICADO

Folha 1 de 5 folhas



Os militares (Milicianos e Soldados) da Companhia de Artilharia Nº3564 (G.O.T.I.1) entendem em sua plena consciência e em face da iminência de terem de cumprir nova intervenção na ZMM, dar a conhecer a Suas Exts os seus Superiores Hierárquicos, o seguinte:

1 - O vitorioso Movimento das Forças Armadas de 25 de Abril trouxe ao Povo Português e aos Povos de Angola, Guiné e Moçambique, em guerra pelo justíssimo Direito a governarem-se a si próprios, a possibilidade de ser posto fim à mesma.

2 - O programa do Movimento das Forças Armadas indica que a solução da guerra não poderá ser militar mas antes decidida pela boa vontade dos Homens.

Assim, parece aos Militares desta Unidade que continuar nos campos de batalha uma guerra, afinal, injusta, vai contra os seus princípios morais baseados na paz e na fraternidade entre os Povos e só poderá contribuir para reforçar ainda mais a posição e a força que os elementos fascistas e colonialistas possuem em Angola.

Os militares da C.ARTº 3564 ao fim de quase 25 meses de comissão puderam, ao longo desta, verificar com os seus próprios olhos que defendiam, afinal, os bens e as riquezas tantas vezes injusta e criminosamente acumuladas por comerciantes, fazendeiros e até entidades públicas ou outras sem respeito, pelo contrário, com o maior desprezo e a maior deshumanidade pelo escravizado Povo Angolano, a quem tudo roubavam e nada davam.

Todos pudémos sempre verificar por quase todo o Norte de Angola

SEGRETO



e Cabinda, que, em missões de carácter operacional, percorremos, o roubo, o desprezo, o crime, o racismo, enfim, todas as formas de deshumanidade e exploração de que o Homem pode ser vítima. Ora, combater pelas armas um Povo a quem a Razão e o Direito assistem representa, afinal, uma nova forma de crime e injustiça, sobretudo agora que todos fomos já esclarecidos sobre as mentiras e as expoliações praticadas pelo regime político deposto pelas próprias Forças Armadas.

Se a hipótese de dar ao Povo de Angola aquilo que de Direito lhe pertence está, agora ao nosso alcance, porquê mandar-nos para a guerra e logo para uma área ( Bolongongo - Terrero ) onde as injustiças e a exploração física dos trabalhadores é das mais repugnantes que se podem imaginar ?

Porquê mandar-nos dar protecção a fazendas cujos proprietários não têm nem nunca tiveram em conta os mínimos requisitos para que nelas se possa humanamente viver e trabalhar ? Porquê mandar-nos defender fazendas cujos fazendeiros até, normalmente, colaboram com os grupos locais da FNLA, dando-lhes quer alimentos, quer dinheiro ou até munições, sabendo nós que eles não deixam por isso de ser colonos racistas ? Porquê colocar-nos perante as populações locais e o Povo Angolano consciente na vergonhosa posição de quem está ali para defender a pele e os interesses dos que exploram e desprezam o próprio Povo ?

#### QUEM SERVIMOS NÓS, AFINAL ?

O Povo explorado e oprimido ao longo de tantos anos ou os colonos racistas e fascistas a quem interessa, muito especialmente, que a guerra continue ? Pois até não são ainda esses próprios colonos que nos vêm explorando

SECRETTO

Folha 2 de 5 folhas



a nós, militares, cada vez que necessitamos de algo por essa Angola fora ?  
Nós queremos servir a causa do Povo. A nossa Causa.

As Forças Armadas são o Povo em armas. As Forças Armadas não podem combater esse mesmo Povo. Isso repugna a todos e dum modo bem mais doloroso àquelsede nós, filhos desta Angola, que tantas vezes já sofreram na carne, sua ou de suas famílias, as destruições e as dores que a guerra trouxe consigo.

Alertamos os nossos Superiores Hierárquicos para as injustiças que nós, filhos do Povo e militares, corremos o risco de praticar.

Os militares da C.ARTI 3564 não poderão, em sua plena consciência, partir para mais operações onde quer que elas se desenrolem, pois isso significaria deixar Angola de cabeça baixa, derrotados.

Durante 24 meses fizemos os possíveis por servir as causas da Justiça e do Direito e por conseguir a amizade das populações com quem contactámos. Estamos convencidos que atingimos esse fim. E se até aqui combatemos foi porque as circunstâncias existentes até 25 de Abril nos forçaram a tal, iludindo-nos com palavras e slogans despidos de Verdade.

O 25 de Abril trouxe a todos a possibilidade de servir com a maior dedicação não as causas da guerra, mas, pelo contrário, as da Paz, do Progresso e do Amor entre os Homens.

De acordo com os princípios acima enunciados propomo-nos:

- 1º - Cessar toda a actividade armada.
- 2º - Substituí-la por actividades de carácter educativo e social, exclusivamente em favor das populações desprotegidas.

SECRETTO

A DN/F3/S 19/Cx 39/V7

157



11/10/74

3º - Não colaborar com quaisquer actividades que impliquem a manutenção do estado de exploração existente em Angola.

Assim, os militares desta Companhia, como exemplos concretos aceitam:

- construir escolas e habitações dignas para a população dos musseques e sanzalas; lutar contra o analfabetismo; fomentar a saúde e a higiene; enfim, colaborar em tudo o que possa verdadeiramente contribuir para o autêntico progresso de Angola.

Quartel em Grafanil, 25 de Junho de 1974

Os signatários:

SEGUEM AS ASSINATURAS

[Area containing multiple horizontal lines for signatures, mostly blank]

DESCCLASSIFICADO

191a

CONFIDENCIAL

ESTADO-MAIOR-GENERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

URGENTE 241700Z  
FM GAB MFA CCM  
TO MFA LISBOA  
INFO CRMF AVC

018 26 JUN 74



BT

CONFIDENCIAL NR30GM

TOMAMOS NOTA CHAMAMOS ATENCAO PEQUENAS NOIAS NOSSA REVOLUCAO  
"RENDO MINHAS HOMENAGENS AO GOVERNADOR CESSANTE ENGENHEIRO SANTOS  
E CASTRO E AO GOVERNO QUE PRESIDIU " - PALAVRAS NOVO GC ANGOLA  
CERIMONIA TRANSMISSAO PODERES PELO MENOS DEVEM SER CONSIDERADOS  
AGRESSAO PURA E SIMPLES. MAS SOMOS TODOS AMIGOS. SAUDACOES.

BT

GDHS: 261050Z  
DIST: GC - ARG

NVS/MCS

CONFIDENCIAL

CEMGFA Gab  
Recebido em 15 JUL 74  
P.º 2412 N.º 0402

ADN/F3/S19/CX39/V7

M. P. L. A. - MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

COMITÉ DIRECTOR

POVO ANGOLANO



O M.P.L.A. já tem conhecimento de mais uma chacina levada a efeito na noite do dia 11 deste mes pelos assassinos colonialistas.

Taxeiros e comerciantes fubeiros ajudados pelo já conhecido facista Silverio Marques, assassinaram barbaramente mais de duas dezenas dos nossos irmãos na CAZENGA. Feriram outras tantas. É esta a paz que eles querem. É assim que todos os dias dizem que os nossos movimentos de Libertação devem depor as armas? O M.P.L.A. apela para todos os angolanos para não estrabem em nenhuma loja para fazer compras, nem mesmo para beber, porque eles estão todos dispostos a envenenar todo o nosso povo. Os nossos militantes que todos os dias estão nas cidades em reconhecimento já apuraram isto. Façam as vossas compras nos Mini-Mercados, mas comprem tudo fechado e só em Kilos.

O M.P.L.A. apela para que nenhum Angolano ande mais de táxi.

O M.P.L.A. apela para todos os irmãos que formem grupos para ir ao Governador Silverio Marques para que vos dêem armas.

O caso que deu origem a chacina dos nossos irmãos foi a morte de um taxeiro, que quem o matou foi um branco seu rival; O comité sabe bem disto. Este branco depois de matar a sua vítima levou-a na Cazeniga porque é bairro dos pretos para os outros carnívoros fazerem a sua chacina.

Vós militares e Angolanos no exército colonial; depois desta chacina dos vossos irmãos, vocês que tem armas nas mãos não se revoltam para vingarem as mortes dos vossos irmãos? Cobardes. Traidores. Se não tomam medidas imediatas serão julgados. Desertem em massa. Incendeiem tudo.

Povo Angolano, o M.P.L.A. apela para os jovens que se juntem, formem grupos e contactem com os representantes do nosso Movimento, a fim de vos indicarem como podem se unirem a nós para formarmos uma só frente para levarmos de arrancada de uma só vez o nosso povo a INDEPENDÊNCIA TOTAL E IMEDIATA no mais curto tempo.

Vós familiares dos chacinados - o morto é morto - deixem que o assassino do Silverio Marques e seus capangas enterrem ou comam os seus mortos. Não gastem o vosso dinheiro em funerais. Nem que eles os deixem apodrecer nas ruas.

O M.P.L.A. apela para que estes aviso seja cumprido. Quem não cumprir será julgado acusado de alta traição do povo Angolano. Os nossos militantes estão aí vigiando dia e noite.

Julho de 1974

1932

**DESCLASSIFICADO**

**CONFIDENCIAL**

ESTADO-MAIOR-GENERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

ARMADA DE DEFESA NACIONAL  
ADN

025 04AG074

**ATENÇÃO À PRECEDÊNCIA**

OP 041033Z  
FM COMCHEFEANGOLA/3A.REP  
TO RPVD/ZMN  
RPVD/ZML  
RPVD/ZMC  
RPVD/ZMS  
RPVD/SEC CAB  
RPV/SEC MAJ  
RPVDA/SEC LAD  
RPVDA/RMA  
RPVRA/RADOIS  
RPVO/COMARANGOLA  
INFO RPFW/GERALDEFNAC

*1. Concordo, dando a entender  
comunicada sobre a unidade  
reservadas e adaptar para o  
acertar o mesmo para a  
de Omar 27/6/74*

BT  
CONFIDENCIAL 2935/OP

1. INFORMA-SE ESCALÕES DIRECTIVOS FNLA DECLARARAM CONTINUAR LUTA ARMADA PRESENTE SITUAÇÃO. DESTE MODO DEVEN MERECER MAIORES CUIDADOS VIGILANCIA E DEFESA ESTACIONAMENTOS E PARA CONTACTOS NIVEL LOCAL. PERMITIDOS MENSAGENS 2838/OP, 27 JULHO 74, DEVEM SER SEMPRE TOMADAS MAIORES PRECAUCOES SEGURANCA.
2. LEMBRA-SE QUANTO ESTE ULTIMO ASPECTO QUE GUERRILHEIROS FRELIMO EM MOCAMBIQUE, APRISIONARAM TODO PESSOAL DESTACAMENTO NF APOS TEREM SIDO RECEBIDOS PARA CONTACTOS VISANDO ESTABLER PAZ NA AREA, PODENDO MESMO DAR-SE EM ANGOLA.
3. DIFUNDIR ESTA TODOS COMANDOS, UNIDADES, DESTACAMENTOS SUBORDIJA NADOS

BT  
GDHR: 041290Z  
DIST:- - GC - ARQ

LF/PBUL

**CONFIDENCIAL**

*A 2ª Divisão c/ cópia n/orig 339/GC*

ADN/F3/S19/Cx39/V7

GEMGFA Gab  
Recebido em 8 Ago 74  
P. 2412 N. 0776

161



1920



**DESCCLASSIFICADO**

**ESTADO-MAIOR-GENERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES**

**ATENÇÃO A PRECEDENCIA**

076-05A0074

O 051728Z  
FM COMCHEFEANGOLA/PA.REP  
TO RPVD/ZMN  
RPVD/ZML  
RPVD/SEC CAB  
RPVDA/SECT LAD  
RPVD/SECT MAJ  
INFO RPFV/ENGFA  
ZEN/COMCHEFEANGOLA/3A.REP  
ZEN/COMCHEFEANGOLA/5A.REP  
RPVRA/RADOIS  
RPVQ/COMARANGOLA  
ZEN/SCCIA

*Selecção informação a  
MNE - MCE  
em 8.7.74*

**CONFIDENCIAL**

BT  
CONFIDENCIAL 2077 IN  
EM 03A0074, HOLDEN ROBERTO DETERMINOU O INCREMENTO IMEDIATO DA LUTA  
ARMADA EM TN EM TODAS AS FRENTE. ESTA INFORMACAO CONFIRMA AS  
NOTICIAS SOBRE O MESMO ASSUNTO DIFUNDIDAS DO ANTECEDENTE POR ESTA  
REPARTICAO. ADMITIR DE IMEDIATO CONTINUACAO LUTA FRONTEIRA NORTE  
COM COMPANHIAS MOVEIS FRONTEIRA AGORA INTEGRADAS BATALHAO MOVEL.  
OUTRAS ACCOES REGIAO FRONTEIRA ESPECIALMENTE FRENTE 2 - SECT UIG  
MAJ E NW DA LUNDA, E FRENTE 3 - SHABA, E POSSIBILIDADES SOBRE  
CABINDA. INFILTRACOES TN TODAS FRENTE GRUPOS MILITANTES CIVIS.  
FIM CRIACAO CELULAS FNLA, INFILTRACAO GRUPOS DESTINADOS GUERRILHA  
URBANA ESPECIAL ACUIDADE CARMONA LUANDA MALANJE LUSO TSUSA. PECO  
ESFORCO PESQUISA

GDHR: 051925Z AGO  
DIST: GC RB ARQ

GMA/SRA

*O despacho foi transmitido ao Sr Coronel  
P. Cardoso, chefe da 2ª Divisão*

CEMGFA Gab  
Recebido em 8A0074  
2412 N.º 0730

162

ADN/F3/S19/Cx39/V7

1942/14

A preencher pelo Centro Com Trans

HORA DE DEPÓSITO		MENSAGEM		VIA A SEGUIR	NUMERO	DIAS	HEMIS
<b>DESCLASSIFICADO</b>							
<b>CONFIDENCIAL</b>							
PRECEDÊNCIA-AÇÃO	PRECEDÊNCIA-INFO	GRUPO-DATA-HORA	INSTRUÇÕES PARA				
URGENTE		071756Z	ESTADO MAIOR GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS				
DE GERALDEFNAC			PREFIXO				
PARA COMCHEFEANGOLA			CENTRO DE COMUNICAÇÕES				
INFO			CLASSIFICAÇÃO DE SEGURANÇA CONFIDENCIAL				
XMT			NÚMERO DE ORIGEM		339/GC		
			INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES				
			P-2412				



REFERENCIA V/MSG 2935/OP DE 04AGO74:

"CONCORDO, DEVENDO INSISTIR-SE COM AS UNIDADES SOBRE AS MEDIDAS CONCRETAS A ADOPTAR PARA NÃO LHESS ACONTECER O MESMO QUE A GUARNIÇÃO DE OMAR".

**CONFIDENCIAL**

A PREENCHER PELO REDACTOR

PG	DE	PGS	MENSAGEM DE REFERENCIA			NOME DO REDACTOR		UNIDADE/ENTIDADE	TELEF.
			CLASSIFICADA	SIM	NÃO				
R	DATA	HORA	SISTEMA	OPERADOR	OFICIAL EXPEDIDOR	HORA			
	7/8/74				Assinatura e Posto	163			

A preencher pelo operador

0039

ADN/F3/S19/Cx39/V7

163

1980

094/09AG074

0 0918172  
FM CCFAA/3A.REP  
TO ZEN/COMARANGOLA  
ZEN/RADOIS  
RPVD/ZNH  
RPVD/ZNL  
RPVD/ZMC  
RPVD/ZMS  
RPVD/SECT CAB  
RPVDA/SECT LAB  
RPVD/SECT MRS  
INFO RPFM/DEFNAC

ESTADO-MAIOR-GENERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

DESCLASSIFICADO

SECRETO



ATENÇÃO A PRECEDENCIA

BT

SECRET 3018 OP

REF MMSG 2837OP E 2838OP DE 27JUL74 ACORDO DETERM. VICE-ALM CC DEVEM OBSERVAR-SE SEGUINTE NORMAS ACTIV. OPER ORIENTADORAS:

1. FACE ATA DE GR. ARMADOS CONTRA FORÇAS, POPULACOES OU ITIN. REACÇÃO NF DEVE INCLUIR PERSEGUIÇÃO PARA NEUTRALIZAÇÃO E DESTRUICAO GRUPO IN.
2. INTERDICAÇÃO ACESSO DE GR. ARMADOS AOS CENTROS URBANOS DEVE ORTER-SE ATRAVES ACTIV OPER. PERMANENTE NAS AREAS ENVOLVENTES E NAS FAIXAS LIGACAO DA AREA FIXACAO GUERRILHA AOS CENTROS URBANOS. ESTA ACTIV. POSE CERTOS CASOS ASSUMIR ATITUDE OFENSIVA COMO, POR EXEMPLO, NA SEGURANCA AFASTADA CID LUANDA QUE ACONSELHA INTENSA ACTIVIDADE AREAS SUB-SECT CAX, CAT E QUICABO.
3. SEGURANCA CENTROS URBANOS POSE TAMBEM CONDUZIR DEFINICAO LINHAS PARTIR QUAIS DEVE SER IMPEDIDO MOV GR OU PESSOAS ARMADAS.
4. SEGURANCA VIAS COMUNICACAO DEVE TAMBEM SER ASSEGURADA ACTIV OPER FAIXAS ADJACENTES COM ESFORCO NAQUELAS MAIS LIGADAS AREAS FIXACAO GUERRILHA.
5. MANTEN-SE ACTIV. CONTRA-INFILTRACAO FIM IMPEDIR ENTRADA ELEVADO POTENCIAL COMBATE COM ESPECIAL INCIDENCIA FRONTEIRAS NORTE, NORDESTE E LESTE (AREA GERAL TEIXEIRA SOUSA).
6. RECOMENDA-SE MAIOR CUIDADO CONTACTOS MOV. EMANCIPALISTAS, GARANTIDO-SE SEGURANCA UNIDADES E IMPEDINDO CERTAS SITUACOES GERAR-FOSS LOCAL POSSA SER APROVEITADO PARA GUERRILHA INFILTRAR NEIOS OUTRAS AREAS OU CENTROS URBANOS

BT

CEMGFA  
Recebido em 13/08/74  
P.º 2412 N.º 0841

ADM:091945Z  
DIST:SGC ARD 1ª Rep

PLD/GRA

SECRETO

ADN/F3/S 19/Cx39/V7

ATENÇÃO À PRECEDÊNCIA



ESTADO-MAIOR-GENERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

1462

De ... do ...

001 04NOV74

O 032301Z  
FM PRESIDENTE JUNTA ANGOLA  
TO PRESIDENCIA REPUBLICA  
BT

MUITO SECRETO

MUITO SECRETO  
SITUACAO TERRITORIO CABINDA QUE TINHA NORMALIZADO SEXTA FEIRA  
VOLTOU COMPLICAR-SE GRAVEMENTE MANHA SABADO 02NOVEMBRO X DUAS  
COMPANHIAS BATALHAO BELIZE ACOMPANHADAS UMA COMPANHIA MPLA INVADIRAM  
CIDADE CERCARAM COMANDO SECTOR PRENDENDO TODOS OFICIAIS SUPERIORES  
CORTANDAS COMUNICACOES EXTERIOR X INSURRECTOS EXIGIAM TOTAL  
SANEAMENTO COMANDOS E ENVIO DE DELEGACAO DE LISBOA PARA  
NEGOCIACOES X CONSEGUI SUSTER SITUACAO ENVIANDO DELEGACAO CHEFIADA  
BRIGADEIRO CARDOSO COM 3 OFICIAIS MFA QUE ASSUMIU PROVISORIAMENTE  
GOVERNO DISTRITO E CONTROLE FORÇAS ARMADAS X ESTA MANHA ENVIEI  
COMISSAO AVERIGUACOES CHEFIADA CORONEL VICENTE E FORAM EVACUADOS  
PARA LUANDA 13 OFICIAIS E FAMILIAS INCLUINDO COMANDANTE E  
SEGUNDO COMANDANTE SECTOR CHEFE E OFICIAIS ESTADO MAIOR COMANDANTE  
DEFESA MARIIMA E OUTROS X SEGUE AMANHA BRIGADEIRO TEIXEIRA TELD  
QUE VAI REESTRUTURAR COMANDO E CORONEL LOPEZ ALVES QUE VAI  
ASSUMIR INTERINAMENTE COMANDO SECTOR E GOVERNO DISTRITO X ROGO  
COM URGENCIA NOMEACAO UM OFICIAL ANTIGO COM PRESTIGIO DO MFA PARA  
NOMEACAO DEFINITIVA ESTES CARGOS X SITUACAO ESTA SOB CONTROLE E  
CIDADE CALMA MANTENDO NOSSAS FORÇAS DOMINIO DISTRITO X NAO SE  
REGISTARAM QUALQUER INCIDENTES PESSOAIS TROPAS ESPECIAIS MANTEM-SE  
CALMAS MAS NA EXPECTATIVA X ESTOU PROCURANDO AGIR COM O MAIOR  
TACTO MAS TEMO QUE QUANDO SE DIVULGAR ALIANÇA REGISTRADA ENTRE  
NOSSAS COMPANHIAS E TROPAS MPLA HAJA REACCAO OUTROS MOVIMENTOS X  
RECEIO IGUALMENTE FORTE PROTESTO REPUBLICA ZAIRE QUE CONVIRIA  
ANTECIPAR VIA DIPLOMATICA DANDO EXPLICACAO QUE TUDO VOLTOU ESTAR  
SOB CONTROLE NOSSAS FORÇAS X ESTOU PROCURANDO QUE TROPAS MPLA  
REGRESSEM SUAS ANTERIOES POSICOES EMBORA HAJA TALVEZ QUE FAZER  
ALGO X FACE ADESAO QUASE GERAL PRACAS SARGENTOS E OFICIAIS  
MILICANOS POSSIVEL ACCAO DISCIPLINAR TERA QUE AGUARDAR  
RESULTADO AVERIGUACOES E SITUACAO NORMALIZADA X COMUNICAREI  
DESENVOLVIMENTO X ENTRETANTO RENOVO MEU PEDIDO ENVIO URGENTE  
OFICIAIS QUADRO PERMANENTE DECIDIDOS  
BT

GDHR: 040240Z  
DIST: PRESIREPA ARQ

ADO/ALV

"AG"

NÃO NECESSITA DE PARÁFRASE  
TODAS AS RE POLTAS OU REFERENCIAS A  
ESTA MENSAGEM DEVEM SER CLASSIFICADAS

DECLASSIFICADO

CEMGFA Gab  
Recebido em 11NOV74  
P: 2412 N: 1811

ADN/F3/219/Cx39/V11

MUITO SECRETO

ψ.φ.5- 175-2



(A)

**DECLASSIFICADO**

VV WFU002  
PP RPFMA  
DE RPVOCR 2109092315  
ZNY TTTTUT

RECEBIDO NO CENTRO DE  
COMUNICAÇÕES ÀS 05:12:55  
RÚBRICA  
M.

P 042150Z  
FM PRESIDENTE JUNTA ANGOLA  
TO PRESIDENTE REPUBLICA  
BT

MUITO SECRETO

SITUAÇÃO CABINETE QUASE NORMALIZADA TEMPO DELEGACAO JUNTA  
REGRESSADO LUANDA.  
CORONEL LOPES ALVES NOMEADO INTERINAMENTE COMANDANTE SECTOR  
E DELEGADO JUNTA PARA GOVERNO DISTRITO.  
BRIGADEIRO TEIXEIRA TELLO E COMISSAO AVERIGUACCES CONTINUAM  
MISSAO.

TROPAS MPLA EVACUARAM CIDADE ONTEM DE MANHA REGRESSANDO SUAS  
AREAS.

FLEU SERA MANTIDA SO CONTROL RESTRICTO.

?5

MUITO SECRETO

CEMGFA Gab  
Recebido em 5 Nov 74  
P.º 2412 N.º 1750

PRESIDENCIA DA REPUBLICA  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES  
S. R.



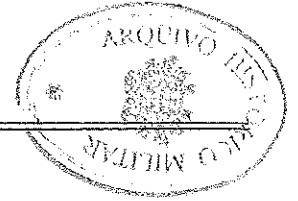
ADN/F3/S19/Cx39/V11



# COMANDO-CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS DE ANGOLA

~~COMANDO EM CHEFE~~

COMISSÃO COORDENADORA DO PROGRAMA DO MFA



1. No desenvolvimento do processo de descolonização de ANGOLA, decorrente dos compromissos assumidos pelo Movimento das Forças Armadas perante os povos das Colónias, de PORTUGAL e do Mundo, foram muitos os obstáculos que houve que vencer e que por formas diversas, se tentavam opor ao que, honestamente, deve ser considerado como a descolonização autêntica: aquela que deva dar lugar a um novo País, genuinamente Angolano, verdadeiramente independente, ao serviço do seu Povo e repudiando quaisquer formas, mais ou menos disfarçadas, de neo-colonialismo.

2. Presentemente, com os legítimos representantes <sup>dos</sup> Movimentos de Libertação já em fase de entendimento e cooperação e em vésperas de uma conferência primeira com o Governo Português, pode considerar-se ~~terminada~~ <sup>terminada</sup> a primeira fase do processo de descolonização, com ~~uma~~ <sup>completa</sup> consecução dos objectivos a que se propuseram as actuais autoridades portuguesas de ANGOLA, ~~o~~ <sup>o</sup> total apoio do Movimento das Forças Armadas: criar as condições para a formação de um Governo Transitório de Coligação, com a participação dos 3 Movimentos de Libertação e de elementos portugueses, mas em que os Movimentos de Libertação fossem representados pelos Presidentes eleitos e internacionalmente reconhecidos, ignorando o Governo Português a existência de quaisquer problemas ou facções, no seio desses Movimentos, assunto que apenas aos mesmos respeita.

3. Entre os vários obstáculos ao regular evoluir do processo, deve salientar-se a reacção que, na primeira fase, era claramente manifestada por uma parte significativa da população branca, a qual inicialmente se traduzia por uma oposição pura e ~~ssi~~ simples à independência de ANGOLA e posteriormente se caracterizou pela tentativa de preparação duma independência racista, sob a dominação da minoria branca.



4. Para materialização destas intenções, surgiu em determinada altura, uma organização clandestina que se fazia notar através de panfletos, inscrições e outras formas insidiosas de propaganda e que se autodenominava de FRA ou ESINA, propondo-se derrubar pela força as autoridades portuguesas e o MFA, em ANGOLA.

5. Os responsáveis portugueses, tiveram possibilidades de se manterem sempre informadas das suas actividades, o que lhes permitiu, sucessivamente ir tomando as medidas oportunas que acabaram por levar ao desmantelamento da organização.

6. Para os finais de OUT74, esteve preparada uma acção violenta pela FRA, para a qual esta tentou o aliciamento de determinados oficiais das F.A. portuguesas. Esta tentativa estaria presumivelmente ligada com uma manobra reaccionária a desencadear simultaneamente em PORTUGAL.

7. A alguns oficiais contactados por elementos directivos da FRA e aos quais foram expostos os seus objectivos, era sempre referido que a organização já contava com o comprometimento de determinados oficiais, cujos nomes foram indicados por várias vezes e por pessoas diferentes.

8. Perante o agravamento da situação, denunciado pelo recorte de várias notícias, decidiu a Junta Governativa levar a efeito uma "manobra revolucionária" na noite de 23/24OUT, no sentido de neutralizar "no ovo" a intentona que se projectava, manobra que incluía a prisão dos elementos da FRA, comprovadamente reconhecidos pelos contactos que haviam efectuado e que seria acompanhada pela neutralização temporária, para controlo, dos oficiais indicados como comprometidos, que seriam imediatamente mandados regressar a LISBOA.

9. Durante o desenrolar da operação, porém, através de interrogatórios imediatamente efectuados a alguns elementos da FRA já detidos e posteriormente por declarações dos próprios oficiais submetidos a controlo, formou-se a convicção que estes oficiais não tinham qualquer comprometimento com a projectada manobra da FRA e que a indicação dos seus nomes se baseava numa dupla intenção: criarem desconfianças e cisões no seio das F.A. e obterem assim a mais fácil



adesão, dos outros oficiais que contactavam. Em face desta convicção, cessaram imediatamente as medidas de controlo sobre aqueles oficiais, que na própria noite regressaram a suas casas, deixando de se pôr a hipótese de terem de ser mandados regressar a PORTUGAL.

10. As averiguações posteriormente conduzidas e concluídas, permitiram confirmar aquela convicção, pelo que se considera agora oportuno divulgar que os oficiais que na noite de 23/24OUT74 - e apenas nessa noite - foram sujeitos a medidas de controlo, não tiveram qualquer ligação com a intentona da FRA, devendo os comandos a quem este comunicado é distribuído, proceder à sua difusão no âmbito de oficiais, conforme acharem mais conveniente.

Luanda 08. JANEIRO. 1975



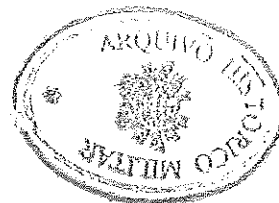
de 07 JAN 75

Despacho do Vice-Almirante  
Comandante-em-Chefe:

"CONCORDO DIVULGAR CON-  
FORME PROPOSTO"

A. ROSA CONTINHO

V. ALM.



AUTENTICAÇÃO

Pel' A C CPA

DISTRIBUIÇÃO:

COM. RMA (Toda as unidades até ao nível Companhia)

C.N.A.

COM. 2ª R.A.

COM. PSPA

GERAL

170

J. F. MARTINS E SILVA

CAP. FRAS.

AHM/FO/43/S1/Cx 835/v9

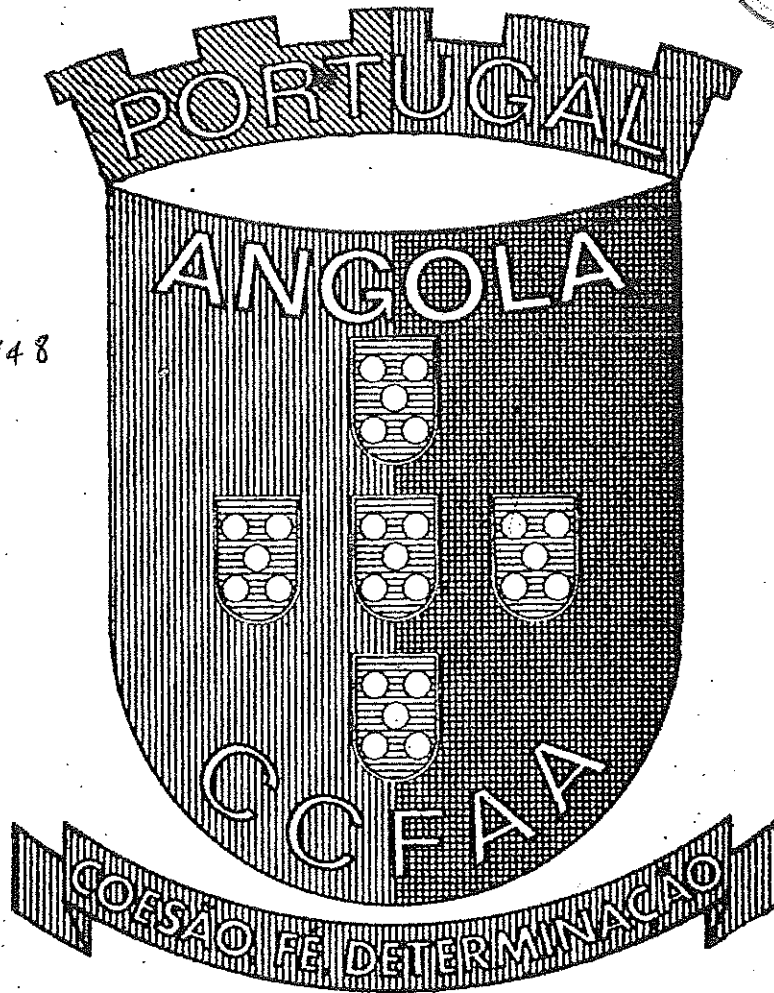
**SECRETO**

SECRETARIA  
DA DEFESA

COMANDO-CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

QUARTEL GENERAL

3ª REPARTIÇÃO



*Dev. entrada c/o n.º 148  
a 24 MAR 75  
Prof.  
Alf. Luit.*

DIRECTIVA GERAL

"RAIO AZUL"

**SECRETO**

AHM/FO/43/S1/CX 836/V11

20 MAR 75  
171

Q/LOGIA/31 REP

LUANDA

20 MAR 75

AJS-10

DEFECTIVA GERAL "FAIO AZUL"

(Confirmação de mensagens e ordens parcialmente já transmitidas)

Referências: Cartas ANGOLA 1/100.000; 1/250.000; 1/500.000 e 1/1.000.000,  
dos SGC.

Composição e Articulação das Forças - Anexo A



## 1. SITUAÇÃO

### a. Aspectos gerais

(1) A evolução da situação política em Angola e o desenvolvimento, em curso, do processo de descolonização, até à sua independência total em 11 NOV 75, implicam a efectivação de diversas medidas no campo militar, decorrentes do Acordo de Alvor de 15 JAN 75 que, em termos gerais, especifica:

- Integração progressiva, desde Fevereiro a Setembro de 1975, das Forças Armadas dos três Movimentos de Libertação (ELNA, FALA, FAPLA) e das Forças Armadas Portuguesas (FAP) criando uma Força Militar Mista (FMM) de 43 ~~000~~ H, com 3 ~~000~~ elementos da FNLA, 8 ~~000~~ do MPLA, 6 ~~000~~ da UNITA e 24 ~~000~~ das FAP (Artº 32);
- Evacuação, até 30 de Abril de 1975, dos efectivos das FAP que excederem o contingente referido de 24 ~~000~~ homens. (Artº 34);
- Evacuação do contingente das FAP, integrado nas FMM, no período de 1 de Outubro de 1975 a 29 de Fevereiro de 1976 (Artº 35).

(2) O cumprimento das normas definidas no referido Acordo obriga à redução, até 30 ABR 75, dos efectivos das FAP em cerca de 10 ~~000~~ H, e consequentemente, à reestruturação do seu dispositivo actual, com maior incidência no Exército.

(3) A integração progressiva das FAP e das Forças Armadas dos três Movimentos de Libertação nas FMM, impõe a necessidade de ser redefinida a missão que, no actual contexto político-militar, deve ser cumprida pelas FAP até à independência de Angola.

b. Informações

Anexo B (Estudo da Situação de Informações)

c. Nossas Forças

(1) As FAP mantêm em Angola, no período de 30 ABR 75 a 10 OUT 75, um quantitativo de cerca de 24 ~~000~~ H dos quais cerca de 19 ~~000~~ pertencem ao Exército, 3 ~~000~~ à Força Aérea e 1 ~~000~~ à Marinha.

(2) Anexo A



d. Reforços e Cedências

(1) Reforços

1 Batalhão e 2 GPM, a pedido, mantidos em reserva em PORTUGAL, pelo EME.

(2) Cedências

1 Fragata (ONA) e 1 Batalhão e 3 Companhias (FMA), prontos a embarcar com um pré-aviso de 48 horas para Moçambique, por alteração da situação militar naquele Estado.

2. MISSÃO

As Forças Armadas Portuguesas em Angola:

a. Em estreita cooperação com as Forças Armadas dos três Movimentos de Libertação (ELNA, FAPLA, FALA) com as quais passam a ser progressivamente integradas para constituir uma Força Militar Mista,

(1) Apoiem os órgãos políticos do Estado na dinamização do processo de descolonização de Angola e no desenvolvimento do seu processo de Independência, nos termos definidos no Acordo de Alvor;

- (2) Garantem e salvaguardam a integridade do território angolano, em caso de violação por forças regulares ou irregulares, por forma a garantir condições de plena soberania ao Estado;
  - (3) Apoiam as forças de polícia na sua missão de garantir a paz e a ordem pública, de acordo com as directivas da Comissão Nacional de Defesa, tendo em vista a segurança das pessoas e dos bens, das actividades sociais, económicas e dos serviços essenciais à vida da comunidade, e à liberdade de trânsito nas vias de comunicação;
  - (4) Colaboram, na medida das suas possibilidades, com as autoridades civis e a pedido destas, na promoção sócio-cultural das populações, nas tarefas de recepção de angolanos refugiados, e nas medidas sociais, económicas e outras tendentes a assegurar às populações deslocadas o regresso à vida normal.
- b. Conduzem amplas Campanhas de informação e esclarecimento político sobre os próprios elementos, por forma a obter uma consciencialização e compreensão das acções superiormente determinadas e conducentes à realização dos objectivos expressos no programa do Movimento das Forças Armadas.

### 3. EXECUÇÃO

#### a. Conceito de manobra

É minha intenção:

- (1) Proceder à retracção e reestruturação do dispositivo das FAP, logo que possível, garantindo a presença de Unidades nas localidades mais importantes, em especial LUANDA, LUSO e NOVA LISBOA, nas do Distrito de CABINDA e noutras com importância política, económica e estratégica;
- (2) Garantir a utilização das principais vias de comunicação rodoviárias e ferroviárias, dos portos e dos aeroportos;
- (3) Criar Comandos Territoriais, em substituição das actuais Zonas Militares e sectores Independentes, adaptando o restante dispositivo;
- (4) Manter os actuais Comandos Operacionais de Luanda (COPLAD) e Cabinda (COPCAS) e criar o Comando Operacional de LOBITO/BENGUELA (COP LOBENS);



- (5) Conseguir, por acção mentalizadora e de apoio, colaboração harmoniosa entre as FAP e as Forças dos três Movimentos de Libertação, em ordem à formação da FMM e do futuro Exército Angolano;
- (6) Colaborar com as forças de polícia e FMM, à medida que se fôr verificando a sua constituição, com vista a garantir a segurança das pessoas e bens e a manutenção dum clima de confiança e a paz social;
- (7) Incrementar as acções de Informação Interna com vista a favorecer a manutenção e o desenvolvimento dum clima de disciplina e a compreensão do espírito da missão, por forma a que as FAP constituam, em permanência, exemplo de aprumo e dignidade;
- (8) Constituir uma reserva com as forças especiais e criar condições para o seu emprego imediato, em qualquer ponto do território, se necessário.
- (9) Anexo A



b. COMANDO NAVAL DE ANGOLA (CNA)

- (1) Assegura a livre utilização das linhas de comunicação marítimas.
- (2) Executa acções de intervenção ou de apoio às forças de polícia, cooperando na manutenção da paz e da ordem pública.
- (3) Participa em acções ou operações conjuntas.
- (4) Assegura em permanência o serviço de busca e salvamento.
- (5) Efectua transportes logísticos entre os portos de Angola e realiza outros transportes de interesse para as operações ou evacuações.
- (6) Patrulha as águas costeiras de Angola particularmente nos aspectos de segurança, pesca e imigração.
- (7) Coopera na defesa dos portos, instalações e aglomerados urbanos incluídos nas áreas à sua responsabilidade.
- (8) Mantém uma fragata em condições de, com um pré-aviso de 48 horas, ser deslocada para intervenção na FMM.
- (9) No âmbito da responsabilidade de Armada Portuguesa:

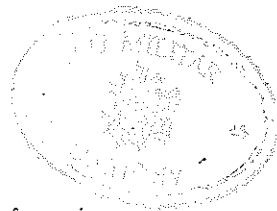
- (a) Garante a segurança e defesa das instalações fixas do CNA, enquanto constituírem sua responsabilidade exclusiva;
- (b) Assegura o cumprimento das tarefas específicas do Comando de Forças Oceânicas (ARANGOLA), até à sua extinção;
- (c) Provê à protecção de navios de transporte militar.

c. REGIÃO MILITAR DE ANGOLA (RMA)

- (1) Exerce o comando administrativo-logístico sobre as forças do Exército.
- (2) Estuda e propõe a reorganização de Unidades e órgãos para melhor os adaptar à execução das suas missões.
- (3) Apóia logisticamente as Unidades e Órgãos de Força Aérea e da Armada, sempre que pedido.
- (4) Apóia logisticamente as Forças Armadas Integradas dos Movimentos de Libertação, quando determinado.
- (5) Anexo A

d. 2ª REGIÃO AÉREA (2ªRA)

- (1) Concorre para a salvaguarda do espaço aéreo de Angola.
- (2) Apóia pelo fogo, reconhecimento e transporte, as forças de superfície, participando em acções conjuntas e concorrendo com as forças de intervenção em acções e operações que lhe sejam definidas.
- (3) Colabora na manutenção da paz e da ordem pública onde dispuser de tropas adequadas, em apoio das forças de polícia.
- (4) Executa missões de evacuação, busca e salvamento em proveito próprio ou a pedido.
- (5) Apóia pelo transporte e/ou outras missões de carácter específico, os órgãos político-administrativos do Estado na dinamização do processo de descolonização e independência de Angola.
- (6) Garante a segurança e defesa das instalações fixas da FA enquanto constituírem sua responsabilidade específica.



e. COMANDO TERRITORIAL DE CABINDA (CTCAB)

- (1) Procura detectar e impedir a entrada na sua área de grupos armados ilegais e de armamento.
- (2) Garante a livre utilização das principais vias de comunicação da sua área e através do COP CAB, do porto e aeroporto de Cabinda.
- (3) Em colaboração com as Forças Navais (FN), vigia a faixa costeira.
- (4) Promove a integração das FAP e das dos Movimentos de Libertação nas FMM conforme instruções superiores que, nesse sentido, lhe sejam transmitidas.
- (5) Reage prontamente em defesa da soberania e segurança do Território de Angola, em caso de violação na sua área por forças organizadas e elimina tentativas de isolamento de qualquer parcela do território.
- (6) Anexo A



f. COMANDO TERRITORIAL DE JAMBONA (CTOAR)

- (1) Procura detectar e impedir a entrada na sua área de grupos armados ilegais e de armamento.
- (2) Garante a livre utilização das principais vias de comunicação da sua área e do Aeródromo-Base nº3 (NEGAGE)
- (3) Em colaboração com as FN vigia a faixa costeira.
- (4) Promove a integração das FAP e dos Movimentos de Libertação nas FMM conforme instruções superiores que, nesse sentido, lhe sejam transmitidas.
- (5) Reage prontamente em defesa da soberania e segurança do território de Angola, em caso de violação na sua área por forças organizadas, e elimina tentativas de isolamento de qualquer parcela de território.
- (6) Anexo A

g. COMANDO TERRITORIAL DE SALAZAR (CTSAL)

- (1) Procura detectar e impedir a entrada na sua área de grupos armados ilegais e de armamento.



**SECRETO**

DA DINT 670, Directiva Geral "RAIO AZUL"/7

- (2) Garante a livre utilização das principais vias de comunicação da sua área e do Aérodromo-Base nº4 (H. CARVALHO).
- (3) Promove a integração das FAP e das dos Movimentos de Libertação nas FMM conforme instruções superiores que, nesse sentido, lhe sejam transmitidas.
- (4) Respega prontamente em defesa da soberania e segurança do território de Angola, em caso de violação da sua área por forças organizadas, e elimina tentativas de isolamento de qualquer parcela do território.
- (5) Anexo A

h. COMANDO TERRITORIAL DE LUANDA (CTLAD)



- (1) Procura detectar e impedir a entrada na sua área de grupos armados ilegais e de armamento.
- (2) Garante a livre utilização das principais vias de comunicação da sua área e através do COP LAD, do porto e aeroporto de Luanda.
- (3) Com o concurso das Forças Militarizadas, exerce, por intermédio do COP LAD, a vigilância e defesa da cidade de Luanda, incluindo a guarda e segurança de todos os aquartelamentos militares da área da cidade, que coordenará com os Comandos das FMMs.
- (4) Em colaboração com as FN vigia a faixa costeira.
- (5) Promove a integração das FAP e das dos Movimentos de Libertação nas FMM, conforme instruções superiores que, nesse sentido, lhe sejam transmitidas.
- (6) Respega prontamente em defesa da soberania e segurança do território de Angola, em caso de violação da sua área por forças organizadas, e elimina tentativas de isolamento de qualquer parcela do território.
- (7) Mantem um Batalhão e 3 Companhias em condições de, com pré-aviso de 48 horas, ser deslocado para a FMM.
- (8) Anexo A

i. COMANDO TERRITORIAL DE NOVA LISBOA (CTLIS)

- (1) Procura detectar e impedir a entrada na sua área de grupos armados ilegais e de armamento.
- (2) Garante a livre utilização das principais vias de comunicação da sua área e através COP LOBENG, do porto do Lobito.
- (3) Em colaboração com as FN vigia a faixa costeira.
- (4) Promove a integração das FAP e das dos Movimentos de Libertação nas FMM, conforme instruções superiores que, nesse sentido, lhe sejam transmitidas.
- (5) Reage prontamente em defesa da soberania e segurança do território de Angola, em caso de violação da sua área por forças organizadas, e elimina tentativas de isolamento de qualquer parcela do território.
- (6) Anexo A



J. COMANDO TERRITORIAL DE SÁ DA BANDEIRA (CTBAN)

- (1) Procura detectar e impedir a entrada na sua área de grupos armados ilegais e de armamento.
- (2) Garante a livre utilização das principais vias de comunicação da sua área.
- (3) Em colaboração com as FN vigia a faixa costeira.
- (4) Promove a integração das FAP e das dos Movimentos de Libertação nas FMM, conforme instruções superiores que, nesse sentido, lhe sejam transmitidas.
- (5) Reage prontamente em defesa da soberania e segurança do território de Angola, em caso de violação da sua área por forças organizadas, e elimina tentativas de isolamento de qualquer parcela do território.
- (6) Anexo A

K. ATmA

- (1) Estuda, planeia e põe em execução um sistema de transmissões de morla a permitir uma permanente e eficiente acção de Comando.

**SECRETO**

DAI... Directiva Geral "PAIS AZUL" 1/9

(2) Anexo C (Transmissões)

l. RESERVA

- (1) Prevê o seu emprego em acções de manutenção de OP, em qualquer parte do território de Angola, em reforço dos Comandos Territoriais.
- (2) Prevê a sua actuação como força de segurança, especialmente para garantir a livre utilização de vias de comunicação, dos pontos de Cabinda, Luanda e Lobito, e o aeroporto de H. Carvalho, Cabinda, Luanda, Nova Lisboa e Negagea.
- (3) Prevê o seu emprego no STI de S. Tomé e Príncipe.
- (4) Anexo A

m. INSTRUÇÕES DE COORDENAÇÃO

- (1) Esta directiva geral entra em vigor em 01/07/1975.
- (2) As áreas dos Comandos Territoriais devem coincidir com a divisão político-administrativa, por forma a facilitar as relações com as AA e com as organizações político-militares dos três Movimentos de Libertação.
- (3) O Comandante da área correspondente ao distrito de Malange é o Governador do Distrito.
- (4) Os Comandos Territoriais, quando julgarem necessário, podem destituir oficiais superiores para o Comando das áreas das unidades subordinadas.
- (5) As FT vigiam o espaço aéreo em coordenação com a Força Aérea a quem oportunamente comunicam os subvoos hostis ou suspeitos.
- (6) A transferência de forças na área dos Comandos Territoriais fica sujeita a prévio sancionamento do Comandante-Chefe.
- (7) Em casos de acções de fogo provenientes do exterior do território e das suas águas, as Unidades devem ripostar imediatamente.
- (8) Os Comandantes militares das áreas de fronteira devem procurar manter boas relações com as autoridades e populações locais dos países limítrofes.





**SECRET**

Directiva Geral "PAIO AZUL"/11

Exemplares nº            27 - ATmA  
"                            28 - SRT/RMA  
"                            29 - CCPA  
"                            30 a 35 - EMGFA  
"                            36 e 37 - EMA  
"                            38 e 39 - EME  
"                            40 e 41 - EMFA  
"                            42 - CCFAM  
"                            43 a 50 - Arquivo



Anexos:

- A - Composição e Articulação das Forças
- B - Estudo de Situação de Informações
- C - Transmissões
- D - Administração e Logística *(a distribuir)*
- E - Informação Interna e Relações Públicas *(a distribuir)*

Autenticação

O CHEFE DA 3ª REP/CCFAA

*Leandro Soveral*

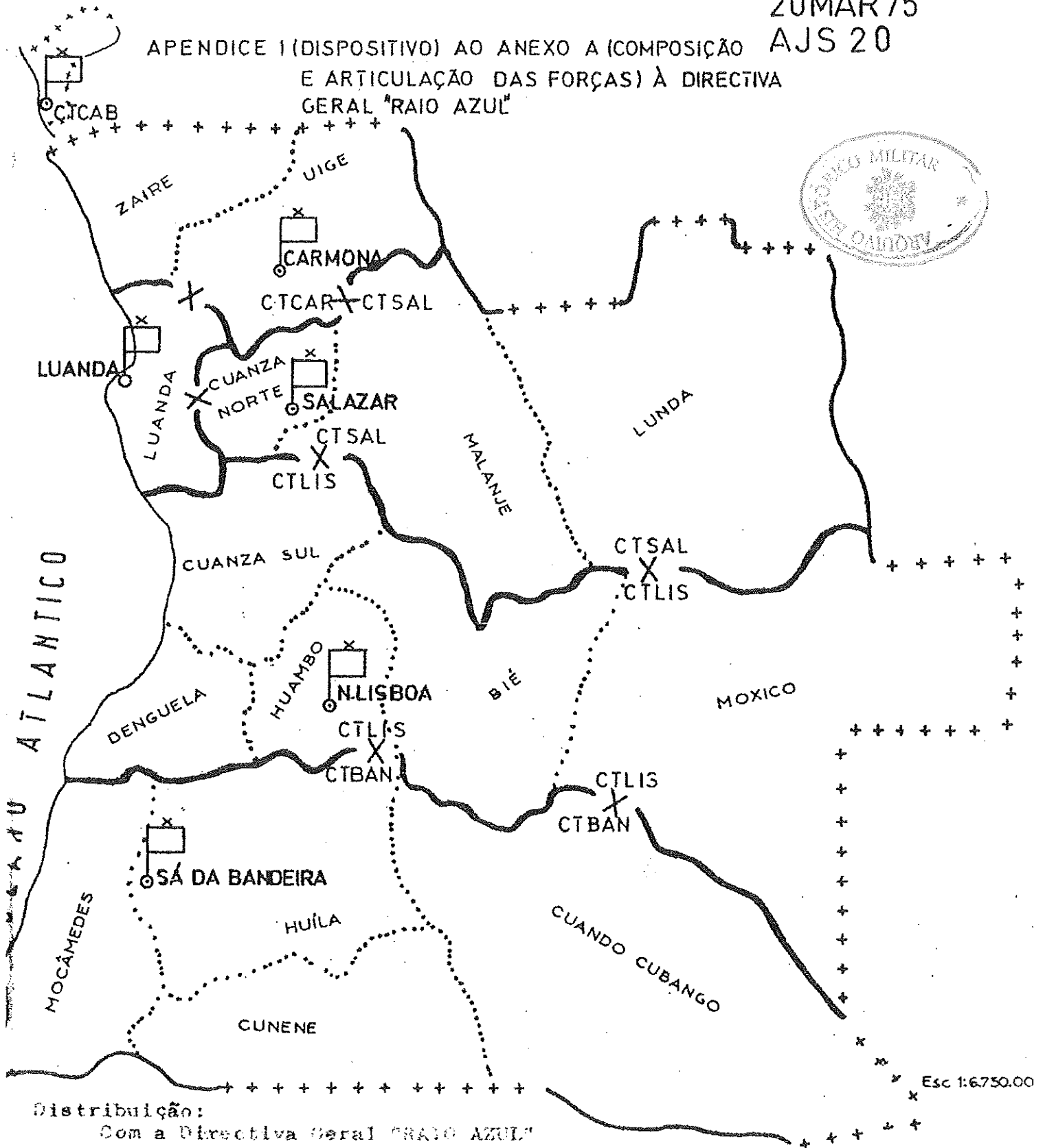
LEANDRO SOVERAL

TEN COR INFº C/CEM

**SECRET**

AHM/FO/43/SA/CX 836/VM

APENDICE I (DISPOSITIVO) AO ANEXO A (COMPOSIÇÃO  
E ARTICULAÇÃO DAS FORÇAS) À DIRECTIVA  
GERAL "RAIO AZUL"



Distribuição:  
Com a Directiva Geral "RAIO AZUL"

AUTENTICAÇÃO  
O CHEFE DA 3ª REP/CCFAA

O COMANDANTE-CHEFE FAA

*Leandro Neves da Silveira*  
Ten. Cor. 4.ª

LEANDRO NEVES DA SILVEIRA  
TEN. COR. 4.ª

ANTÓNIO DA SILVA CARDOZO  
GEN

AHM/FD/43/51/Cx 836/VII

**confidencial**

DALFINO

EX. Nº 29

GG/CCFAA/2ª REP

LUANDA

20/MAR75

MG 595



ANEXO B (ESTUDO DE SITUAÇÃO DE INFORMAÇÕES) A DIRECTIVA GERAL "RAIO AZUL"

1. ACTIVIDADE POLITICA EXTERNA COM REPERCUÇÃO EM ANGOLA

a. R. P. C.

- (1) Constituiu, juntamente com a R. ZAMBIA uma importante plataforma de apoio ao MPLA.
- (2) Apoia a FLEC (ao mesmo tempo que o MPLA).
- (3) ALFRED RAOUL, natural de CABINDA, que desempenha as funções de seu embaixador em BRUXELAS é o actual presidente do Bureau Política da FLEC.

b. R. Z A I R E

- (1) Com mais de 2 ~~000~~ Km de fronteira comum, tornou-se o país que tem acompanhado com maior interesse e certa influência a evolução político-militar desta fase de pré-independência de ANGOLA.
- (2) Várias vezes, elementos do seu governo têm tornado público que a R. ZAIRE albergará no seu território e apoiará todos os Movimentos ditos de libertação, desde que não interfiram na vida interna do país.

Deste modo:

- Continua a apoiar, como sempre tem feito, a FNLA e a facção CHIPENDA.
  - Consente no seu território bases da FLEC, que luta pela independência de CABINDA, e apesar de a FNLA defender a integridade de ANGOLA, de CABINDA ao CUNENE.
- (3) Relativamente ao problema dos refugiados angolanos, terá assumido, pela primeira vez, atitudes em contraposição aos interesses da FNLA, criando dificuldades no regresso à pátria daqueles refugiados.

**confidencial**

- (4) Lançou uma oportuna amnistia no sentido de recuperação dos ex-gendarmes catangueses (os chamados Fieis) que não surtiu o efeito desejado. Desenvolve, porém, diligências várias, no sentido de os furtar às tentativas de aliciamento por parte do MPLA.

c. R. Z A M B I A

- (1) Depois do insucesso do Congresso de LUSAKA, por intermédio do qual KAUNDA quis assumir uma posição de certo relevo no xadrez político africano, relegou-se ou foi relegado para um plano secundário, em tudo o que diz respeito à evolução da situação em ANGOLA. Sabe-se apenas que se tem esforçado por se libertar do problema de CHIPENDA, sem contudo adoptar, para tal, até ao momento, grande firmeza.
- (2) Várias notícias referem a passagem de material de guerra vindo da TANZANIA, através da ZAMBIA e destinado ao MPLA, movimento que sempre apoiou.

d. G A B ã O

- (1) País de expressão francesa, tem-se mostrado interessado na evolução dos problemas de CABINDA. Algumas notícias referem o encaminhamento de material de guerra para a FLEC, através do seu território.

e. S W A

- (1) A SWAPO tem as suas principais bases na R. ZAMBIA, onde conta com o total apoio do Governo de KAUNDA. Este problema tem repercussões em ANGOLA, por enquanto pouco perceptíveis, através da etnia dos Ovambos que se estende para um lado e outro da fronteira Sul angolana. É principalmente através de ANGOLA que a SWAPO continua a estabelecer ligações entre as suas bases da ZAMBIA e a NAMIBIA.
- (2) A UNITA estará a dispensar apoio logístico e de instrução nas suas bases a elementos da SWAPO.
- (3) Os ovambos encontram-se em cerca de 50% do território do SWA; os restantes 50% vivem em territórios de ANGOLA, principalmente no CUNENE.



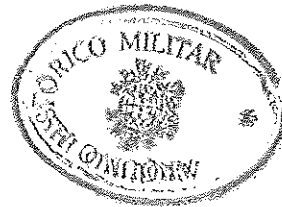


confidencial

Anx B/Dirtv. Geral. Paio Azul/3

- (4) As medidas práticas recomendadas pela ONU, desde 1966, para a administração da NAMÍBIA, poderão precipitar a independência deste território, a qual, a verificar-se eventualmente antes da estabilização política em ANGOLA, poderia fazer sobressair o velho sonho da criação da OVAMBOLANDIA.

## 2. ACTIVIDADE POLITICO-MILITAR INTERNA



### a. FNLA

- (1) Continua empenhada em intensas campanhas de propaganda política.
- (2) A actuação dos seus militares tem primado pela disciplina, destacando no combate ao banditismo; nesta actividade policial o Movimento tem a preocupação de estar em toda a parte, também com o propósito evidente de fazer demonstração de força.
- (3) A partir da mensagem de HOLDEN ROBERTO, definindo uma posição anti-comunista da FNLA, a população branca passou a simpatizar ainda mais com o Movimento, aumentando substancialmente o número de adesões.
- (4) Com a decisão de D. CHIPENDA de colocar as suas forças sob o Comando Militar da FNLA, o Movimento conseguiu uma vitória, sobretudo militar, dando um grande passo para se fixar numa região onde a sua influência era praticamente nula (LESTE). No entanto, este assunto não está completamente solucionado, porquanto há ódios residuais que poderão vir a pôr em confronto aquelas forças com o MPLA já que as forças de CHIPENDA mantêm, até à data, a mesma constituição e comando.

### b. MPLA

- (1) Parece que, por cálculo ou por dificuldades insuperáveis a curto prazo, terá diminuído a intensidade da luta política para a conquista do poder, em favor da criação de estruturas para a sua actuação futura. A consolidação do chamado Poder Popular, que no fundo tem o seu apoio, poderá ser uma prova, assim como a aquisição de material de guerra destinado a armar as comissões de auto-defesa dos bairros periféricos de LUANDA (e H. CARVALHO) e a atribuição de subsídios para incremento do "Poder Popular".

confidencial

AHM/F0/43/S1/CX 836/V11

- (2) Tem minimizado a questão das suas dissidências internas apodando-as de reflexo de vitalidade do Movimento e pretendendo superá-las, através de tomadas de posição de carácter espectacular; aponta-se como exemplo, o assalto às instalações de CHIPENDA em LUANDA e as declarações acusatórias aquando da colocação sob a autoridade do Estado-Maior General da FNLA das forças daquela facção.
- (3) Auto-classificando-se como único Movimento defensor dos verdadeiros interesses do povo angolano, tem prodigalizado vasta campanha política, cujos objectivos de subalternizar os restantes Movimentos não deixam de ser perceptíveis, e lançado uma campanha de críticas a formas de actuação do Governo de Transição, em particular quando estão em causa medidas limitativas das liberdades dos trabalhadores.

c. UNITA

- (1) Enquanto a FNLA e o MPLA continuam a vigiar-se e a degladiar-se politicamente, chegando as suas forças num ou noutro ponto, quase a situações de confrontação, a UNITA continua a singrar na sua campanha de politização quase alheia ao que se passa em redor, tirando inegável proveito do prestígio do seu chefe.
- (2) Tem sido notório o valor político dos quadros da UNITA, insistindo concertadamente nos objectivos principais do Movimento (realização de eleições, esclarecimento das populações, apelo à reconstrução e reconciliação nacional) sem chocar frontalmente os demais Movimentos, não deixando, porém, de denunciar os atropelos cometidos que são outras tantas denúncias (tendência de alguns para o militarismo e o uso por alguns Movimentos de intimidação, provocação e todos os meios de aliciamento, em vez de uma mobilização e politização de massas).
- (3) As relações entre a UNITA e SWAPO têm vindo a estreitar-se ultimamente, tornando esta organização um aliado potencial da UNITA.

d. PONTOS DE CONFRONTAÇÃO DOS MOVIMENTOS

- (1) A actuação presente dos três Movimentos de Libertação está longe do espírito de MOMBACA e ALVOR, parecendo ter-se perdido o seu espírito aparente de unidade, o que pode levar a um clima de violência entre as suas forças, em especial entre a FNLA e o MPLA.

(2) Alguns atritos surgidos entre a UNITA e o MPLA, longe de revestirem a gravidade dos que opõem a FNLA ao MPLA, podem constituir novo elemento condicionante, levando a UNITA a ligar-se ainda mais à FNLA, e ficando mais isolado o MPLA.

(3) Os factos geradores de confronto mais salientes são:

- Discordância quanto ao "Poder Popular".
- Possíveis divergências relativamente à realização de eleições.
- Reocupação de instalações militares ou civis abandonadas pelas Autoridades Portuguesas.
- Integração da Revolta do Leste na FNLA.
- Problema dos ex-Gendarmes Catangueses.
- Alegada parcialidade dos órgãos de comunicação social.
- Conflitos de trabalho.
- Diversidade de métodos de aliciamento das massas populares.



(4) Em face da política de alargamento da sua área de influência, manifestada pelos Movimentos, surgiram zonas de fricção e conflitos, até aqui solucionados, mas que poderão vir a redundar, em qualquer altura em situações irreparáveis.

São áreas de fricção particularmente sensíveis ao jogo de interesses dos três Movimentos:

- Linha QUIBAXE, BULA ATUMBA-SALAZAR (C.NORTE)
- Região do LUSO
- Cidade e Subúrbios de LUANDA
- Região N.LISBOA-LOBITO

e. ASSOCIAÇÕES POLITICAS-FLEC

(1) Com a assinatura do acordo de ALVOR dissolveram-se ou cessaram as suas actividades os partidos políticos mais representativos surgidos após o 25 de Abril.

(2) Apenas a Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC) tem continuado a desenvolver actividades de carácter político e militar susceptíveis de constituírem uma ameaça potencial ao processo de descolónização de ANGOLA.

Este Movimento tenta chamar a atenção dos meios políticos internacionais com vista a obter o estatuto de movimento emancipalista. Da análise de notícias ultimamente processadas conclui-se que a FLEC tem continuado a preparação militar dos seus membros, em particular na R.ZAIRE onde, dispõe de maior número de elementos. Também na FPC há indícios de terem sido reforçados os efectivos do anterior ali referenciados.

### 3. CONCLUSÃO

a. Embora os três Movimentos de Libertação tenham concertado entre si uma plataforma de entendimento que teve o seu epílogo na assinatura do Acordo do Alvor, subsistem as diferenças ideológicas, que, com o decorrer do processo de descolonização têm vindo a revestir-se de maior expressão, com tendência a agudizar-se.

Neste contexto, têm surgido entre eles, cada vez em maior número, confrontações de certa gravidade que têm afastado os mesmos da necessária unidade. A falta de entendimento entre os Movimentos poderá afectar o curso normal do processo para a independência e a ocorrência, com maior grau de probabilidade das seguintes possibilidades:

- Incremento e aparecimento das confrontações armadas entre eles, especialmente nas áreas de fricção;
- Reaparecimento de actividades reaccionárias

Quanto àquela possibilidade é de salientar, com aspecto positivo, uma reunião efectuada em 12 de Março de 1975, em LUANDA e em que as delegações dos Movimentos, em comunicado conjunto, procuraram chegar a formas práticas de cooperação, sendo saliente a "cessação de todos os ataques recíprocos, directos ou indirectos, entre os Movimentos, através de programas radiofónicos, declarações, comunicados e comícios."

b. São consideradas áreas merecedoras de preocupação especial, as seguintes:

- (1) Distrito de CABINDA
- (2) Cidade e Subúrbios de LUANDA
- (3) Distrito de CUANZA NORTE
- (4) Area do LUSO
- (5) Região N.LISBOA-LOBITO
- (6) Zona fronteiriça do CUNENE



AHM/F0/43/S1/Cx 836/V11

**confidencial**

DEST. CLASSIFIC. INT.  
Nº 123456789  
DATA 12/01/70

Anx B/Dirtv. Geral Raio Azul/7

O COMANDANTE CHEFE

ANTONIO DA SILVA CARDOSO  
GENERAL

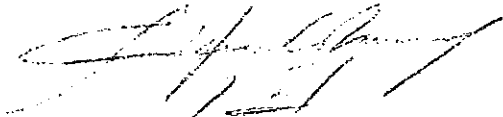
DISTRIBUIÇÃO:

COM A DIRECTIVA GERAL "RAIO AZUL"



Autenticação

O CHEFE DA 2ª REPARTIÇÃO, INTº



ALFREDO JOSÉ BOTELHO DE OLIVEIRA MONIZ

MAJOR INFª

CC/CCFA/3ª.R.P

LUANDA

20 MAR 75

PAG 25

ANEXO C (TRANSMISSÕES/COMUNICAÇÕES) À DIRECTIVA GERAL "RAIO AZUL"

1. SITUACÃO

a. Informações

Anexo B (Estudos de Situação de Informações)

b. Forças Amigas

Directiva Geral "RAIO AZUL"

c. Reforços e Cedências

Directiva Geral "RAIO AZUL"

2. MISSÃO

Directiva Geral "RAIO AZUL"

3. EXECUÇÃO

a. Conceito

(1) Promover que sejam asseguradas as ligações que garantam a actuação ajustada e coordenada das Unidades e meios dos 3 Ramos das Forças Armadas em Angola.

(a) Estabelecendo as directivas sobre Transmissões (comunicações) que servirão de base à elaboração dos planos de Transmissões (comunicações) dos Comandos Subordinações e promulgando as normas de coordenação relativas às Transmissões (comunicações) de cooperação entre os 3 Ramos.

(b) Assegurando, à custa dos 3 Ramos, a ligação com os Comandos desses Ramos e, à custa da RMA, a ligação com os Comandos Territoriais e Subordinados.

(c) Prevendo o recurso, quando necessário, nos meios de Transmissão (comunicação) das Forças Policiais, Organizações Militarizadas, Autoridades, organismos e outras entidades civis.

(2) Apêndice 1 - Rede de Comando CCEFAA - Comandos dos 3 Ramos das FA.

(3) Apêndice 2 - Rede de Comandos CCEFAA - Comandos Territoriais.

DECLASSIFICADO  
NOS TERMOS DO ARTº 15º  
DA LEI Nº 6/94 DE 7 DE ABRIL  
~~SECRET~~

b. ENK

AA4/F0/43/31/CX 836/V11

- (1) Assegura a ligação entre os Comandos Territoriais.
- (2) Assegura as ligações necessárias que permitam aos Comandos Territoriais exercer efectivamente o Comando operacional das forças que lhe estiverem atribuídas, bem como as ligações entre aqueles Comandos e os Comandos Subordinados.
- (3) Assegura as ligações que lhe permitam o Comando operacional das forças na sua dependência directa.
- (4) Assegura as ligações de carácter administrativo-logístico de todas as forças do Exército em Angola.
- (5) Em coordenação com a 2ª. RA e o CMA, assegura as ligações necessárias à cooperação das Unidades e meios dos 3 Ramos das FA, de acordo com as ITTM.
- (6) Promulga os sistemas gerais de criptografia, códigos, autenticação, reconhecimento e identificação que permitam a inter-ligação, nos aspectos referidos, entre os 3 Ramos das FA.

c. 2ª. RA

- (1) Assegura as ligações que lhe permitam o Comando operacional das forças na sua dependência directa.
- (2) Assegura as ligações de carácter administrativo-logístico de todas as forças aéreas em Angola.
- (3) Em coordenação com a RMA e o CMA, assegura as ligações necessárias à cooperação das Unidades e meios dos 3 Ramos das FA, conforme o planeado.

d. CMA

- (1) Assegura as ligações que lhe permitam o Comando operacional das forças na sua dependência directa.
- (2) Assegura as ligações de carácter administrativo-logístico de todas as forças da Armada em Angola.
- (3) Em coordenação com a RMA e a 2ª. RA, assegura as ligações necessárias à cooperação das Unidades e meios dos 3 Ramos das FA, conforme o planeado.

e. Instruções de coordenação

- (1) A manutenção e eficiência dos circuitos da rede que liga o CCFAA com os Comandos dos 3 Ramos das FA é da responsabilidade dos respectivos Comandos.

**DESCLASSIFICADO**

NOS TERMOS DA DIRECTIVA GERAL "RAIO AZUL" / CCFAA/3  
DA LEI Nº 6/94 DE 7 DE ABRIL

- (2) Cada Ramo das FA terá a responsabilidade do encaminhamento das mensagens poderá recorrer, quando necessário e de acordo com directivas específicas, aos meios de transmissão (comunicação) dos outros Ramos e de organismos para-militares ou civis.
- (3) Os sistemas gerais de criptografia, códigos, autenticações, reconhecimento e identificação destinados a permitir a inter-ligação, nos aspectos referidos, entre os 3 Ramos das FA serão promulgadas pela RMA (SRT).

#### 4. ADMINISTRAÇÃO E LOGÍSTICA

Anexo D - Administração e Logística à Directiva Geral "RAIO AZUL"

#### 5. COMANDO E TRANSMISSÕES

Directiva Geral "RAIO AZUL"

O COMANDANTE-CHEFE

ANTÓNIO SILVA CARDOSO

GENERAL

Apendices:

- 1 - Rede de Comando CCFAA - Comandos dos 3 Ramos das FA
- 2 - Rede de Comando CCFAA - Comandos Territoriais

Distribuição:

À da Directiva Geral "RAIO AZUL"

AUTENTICAÇÃO

O CHEFE DA 3ª REPARTIÇÃO

*Leandro Pereira Soveral*  
LEANDRO PEREIRA SOVERAL

TEN COR C/CCEM



**DESCLASSIFICADO**

NOS TERMOS DO ARTº 15º  
DA LEI Nº 6/94 DE 7 DE ABRIL

**SECRET**

AHM/FO/43/S1/CX 836/V-11



Exemplar nº. 29

3/CCFAA/34.P.1.P

LUANDA

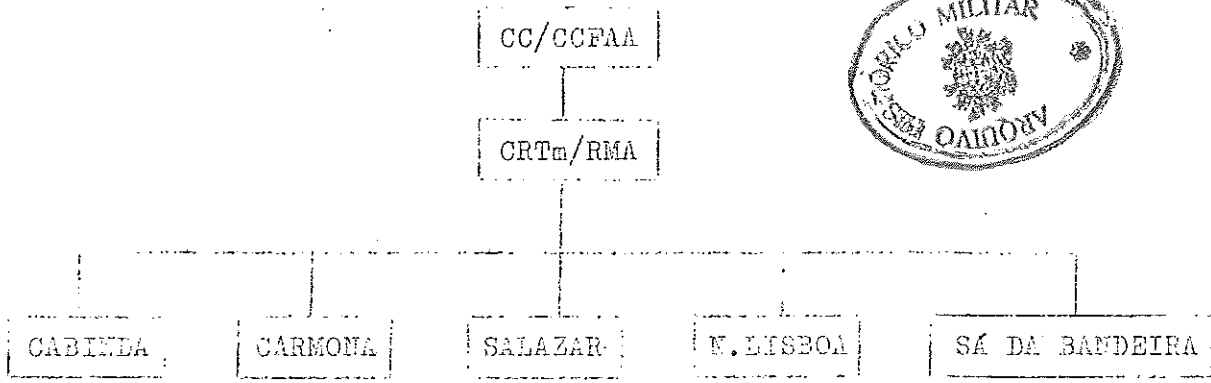
20 MAR 75

PAG 25

APÊNDICE 2 (REDE DE COMANDO CCFAA - COMANDOS TERRITORIAIS)

AO ANEXO C À DIRECTIVA GERAL "REIO AZUL"

ORGANOGRAMA  
\*\*\*\*\*



O COMANDANTE-CHEFE

ANTÓNIO SILVA CARDOSO  
GENERAL

Distribuição:

Com o Anx C à Dirtyv Geral "REIO AZUL"

AUTENTICAÇÃO

O CHEFE DA 3ª. REPARTIÇÃO

LEANDRO PEREIRA SOVERAL

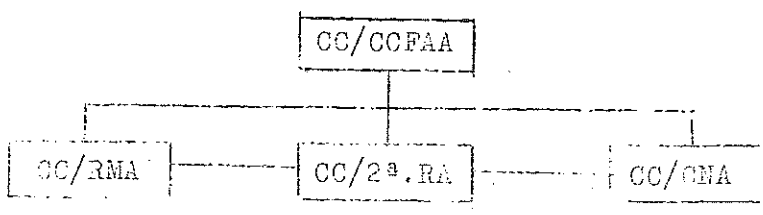
TEN COR INF C/CEM

**SECRETADO**  
 NOS TERMOS DO ANEXO nº. 29  
 DA LEI Nº 6/94 DE 7 DE ABRIL / 1975

LUANDA  
 20 MAR 75  
 PAG 25

APENDICE 1 (REDE DE COMANDO CCFAA - COMANDOS DOS 3 SETORES DA S P)  
 AO ANEXO À DIRECTIVA GERAL "RAIO AZUL"

ORGANOGRAMA E DETALHES DOS CIRCUITOS



Nº DO CIRCUITO	TERMINAIS		TIPO DE LIGAÇÃO	ESTACIÃO DIRECTORA	OBS
	DE	PARA			
RM 10	CC/RMA	CC/CCFAA	Linha	CCFAA	Com facilidades autocripto
FAP 541	CC/2ª RA	CC/CCFAA	Linha	CCFAA	Com facilidades autocripto
AGE 15	CC/CNA	CC/CCFAA	Linha	CCFAA	Previstas facilidades autocripto

O COMANDANTE-CHEFE

ANTÓNIO SILVA CARDOSO  
 GENERAL

Distribuição:

Com o Anx C à Dirtv Geral "RAIO AZUL"

AUTENTICAÇÃO

O CHEFE DA 3ª. REPARTIÇÃO

LEANDRO PEREIRA SOUZA

**SECRETADO**  
 NOS TERMOS DO ANEXO Nº 6/94 DE 7 DE ABRIL / 1975

AHM/F943/S1/CX 836/V11

*Entregue mensagem na CEP*



*443*  
*29*

VV WFUD VV XFM005VV NFM007VV OV1027  
PP WA  
DE RPVO 043 097  
ZNR UUUUU

P 071150Z ABR75 ENTREGAR LOGO QUE RECEBIDA, ALTOS ESTUDOS MILITARES LOCAL ASSEMBLEIA MFA

CEMGA Gsh  
Recebido em 14/08/75  
P. 24.12 N. 2846

FM CCPA  
TO CONSELHO REVOLUCAO  
BT  
NAOCLAS

MFA ANGOLA SOLICITA SEJA TRANSMITIDA ASSEMBLEIA MFA PORTUGAL SEGUINTE MENSAGEM. MFA ANGOLA MANIFESTA ESTRANHEZA PROFUNDO DESAGRADO UMA VEZ MAIS NAO TER SIDO INFORMADO NEM SOLICITADA SUA PARTICIPACAO TRABALHOS ESSA ASSEMBLEIA MOMENTO TAO CRUCIAL VIDA NACIONAL CONSCIENTE IMPORTANCIA FUNDAMENTAL PROCESSO DESCOLONIZACAO NO PROCESSO REVOLUCIONARIO. AFIRMAMOS VEEMENTEMENTE QUE NAO BASTAM VISITAS ESPORADICAS ALGUNS RESPONSAVEIS ANTES EXIGIMOS UMA TOTAL PARTICIPACAO PROCESSO REVOLUCIONARIO ATRAVES LUGARES ESSA ASSEMBLEIE ATRIBUIDOS TERRITORIOS ADMINISTRACAO PORTUGUESA E MANIFESTAMOS ESTE MEIO APOIO MEDIDAS REVOLUCIONARIAS QUE FOREM DETERMINADAS INFORMANDO QUE SE PROCEDE REESTRUTURACAO MFA ANGOLA EM TOTAL DESCONHECIMENTO REESTRUTURACAO PORTUGAL. SEQUE DATA ANUNCIAR OPORTUNAMENTE UM REPRESENTANTE EIM FAZER PONTO SITUACAO ANGOLA SOLICITANDO GRUPO TRABALHO PARA ANALISE/APRESENTACAO SITUACAO PORTUGAL  
BT

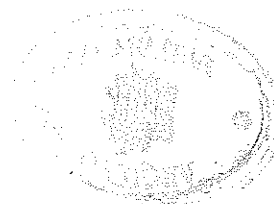
PRÉSIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

RECEBIDO NO CENTRO DE  
COMUNICAÇÕES AS 07/15/75  
RUBRICA

*Presidência da República*

SITUAÇÃO DE ANGOLA

MEDIDAS A ADOPTAR



- 1 - Parece acertada a não realização de eleições como é preconizado por alguns dos Movimentos. Julga-se que seria mais acertado elaborar uma constituição e plebescitá-la.
- 2 - A fim de equilibrar as forças políticas deveremos atrair o Dr. J. Savimbi, mostrando-lhe que pode ter um papel importantíssimo como fiel da balança na disputa FNLA - MPLA.
- 3 - Sob o ponto de vista da "Revolução" e sua evolução no "CONTINENTE" convém aguentar a situação em ANGOLA, sem confrontações armadas, até 11Nov, devendo manter-se uma neutralidade activa que poderá ir, se necessário, ao empenhamento das FAP. Neste caso, o Comando-Chefe de Angola só poderá contar com as forças que lhe estão atribuídas.
- 4 - Deverão denunciar-se formalmente, a nível interno e externo, as violações importantes feitas pelos partidos.
- 5 - Esforçar-nos-emos para realizar nova cimeira para analisar e complementar o acordo de ALVOR por forma a garantir a operacionalidade do Governo e a criação das Forças Armadas Angolanas (integração ou substituição das F. A. dos 3 Movimentos).
- 6 - A nossa acção deve estar condicionada aos limites da saída das N. T. .
- 7 - As N. T. após a independência podem ser hostilizadas.  
É conveniente preparar a sua evacuação por forma que possam estar em PORTUGAL antes do NATAL. Dever-se-á estabelecer

MUITO SECRETO



2

*Presidência da República*

desde já o estatuto das N.F. depois da independência - (Cimeira, Governo de Transição ou nos acordos de cooperação).

- 8 - Fornecer em sigilo ao MPLA e UNITA, o armamento e equipamento que se julguem indispensáveis para compensar o que entra pela fronteira com a RZ para a FNLA.
- 9 - Proteger pelas N.F. os "FIÉIS" e planear a possibilidade de os rearmar. Preparar em LUANDA uma operação de rearmamento a muito curto prazo.
- 10 - Propor o cap. grad. Figueiredo para a promoção a cap. por distinção.
- 11 - Intensificar as visitas a ANGOLA de entidades responsáveis que possam resolver localmente determinados problemas.
- 12 - Necessidade de manter em ANGOLA, os técnicos e pessoal especializado.
- 13 - Conferir ao Conselho Coordenador (CC) as funções de apoio político militar ao Alto Comissário (AC).  
No caso do A.C. ter de tomar decisões de fundo, contra a maioria dos membros do CC, deverá mandar elaborar acta da qual constarão as razões expressas pela maioria dos membros do Conselho e os motivos que o levaram a não adoptar aquelas razões. A acta deverá ser imediatamente enviada ao Conselho da Revolução (CR). Serão consideradas decisões de fundo as que merecerem o concenso da maioria dos membros do CC.
- 14 - Saneamento - Nomeação pelo C. Coordenador de comissões por Arma ou não e por Ramo para informar sobre os oficiais a sanear.

198

DESCLASSIFICADO  
NOS TERMOS DO ART. 1.º  
DA LEI N.º 99/94 DE 7 DE ABRIL

AHM/FO/43/S1/CX 836/V11

**MUITO SECRETO**  
NOS TERMOS DO ART. 15.  
DA LEI Nº 6/94 DE 7 DE ABRIL



3

*Presidência da República*

As informações serão remetidas para PORTUGAL ao órgão conveniente a fim de serem despachadas.

- 15 - Torna-se necessário fazer uma acção sobre os órgãos de informação portugueses - imprensa, rádio e televisão - a fim de se conseguir uma informação correcta e que não prejudique o processo de descolonização em curso.

Em 29 de Abril de 1975

DECLASSIFICADO  
**MUITO SECRETO**

AHM/FO/43/S1/Cx 836/V11

199

# MFA de ANGOLA fala da DESCOLONIZAÇÃO

**Entrevista concedida pelo Conselho Coordenador  
do Programa do MFA em Angola (CCPA)  
em 21 de Maio de 1975**

S.N. — Pod riam fazer uma breve caracterização das sucessivas fases por que passou a descolonização de Angola até ao Acordo do Alvor?

CCPA — Pode-se afirmar que, de uma forma geral, todo o processo de descolonização das Colónias Portuguesas foi logo de início fortemente distorcido (e prejudicado) pelo facto de, por pressão do ex-general Spínola, ter sido retirado do Programa do MFA o princípio que reconhecia aos Povos daqueles territórios o direito à autodeterminação e, conseqüentemente, à Independência total. Tal distorção só veio a ser corrigida pela lei número 7/74 de 27 de Julho, mas afectou grandemente o processo de descolonização da Guiné e de Moçambique, causando um desfasamento, que poderia ter tido conseqüências trágicas, entre a condução do "cessar-fogo" de facto conduzido pelas forças de libertação portuguesas e dos Povos dos territórios referidos e o "cessar-fogo" de jure conduzido pelos órgãos político-militares.

No caso de Angola essa distorção prolongou-se no tempo por toda uma série de manobras que visavam o reagrupamento de interesses capitalistas, a nível interno e, naturalmente, externo, que se traduziam em nomeações de personalidades que, à partida, ofereciam as mais sérias reservas quanto à condução correcta do processo; no aparecimento de partidos sem qualquer representatividade e que cedo foram objecto de manipulação de interesses reaccionários, assistindo-se ainda a tentativas de anular linhas mais progressistas de um dos Movimentos em presença.

Todo este conjunto de acções gerou naturalmente, a nível de Movimentos de Libertação, um sentimento de desconfiança que se traduziu num prolongamento de

acções armadas de dois dos movimentos, só minimizada, quanto a baixas de parte a parte, devido à actuação firme e coordenada que a estrutura do MFA/Angola desenvolveu, em perfeita sintonia com a Comissão Coordenadora do Programa em Portugal, aliada ainda ao bom senso e fácil entendimento da inutilidade da luta revelado pela maioria dos comandantes militares das várias forças armadas em presença.

Só a clarificação da situação política em Portugal, após o 28 de Setembro, associada à atenta e correcta actuação da Junta Governativa de Angola, que detectou e anulou com grande oportunidade as manobras reaccionárias que se pretendiam desencadear em Angola, concomitantemente com a acção contra-revolucionária acima mencionada, permitiu chegar aos acordos efectivos de "cessar-fogo" com todos os Movimentos de Libertação do povo angolano e iniciar diligências tendentes a encontrar plataformas de entendimento político dos três Movimentos que conduzissem a um acordo com o governo português e levassem à fixação da forma e dos prazos de Angola se constituir em país independente de pleno direito.

Salienta-se, como elemento perturbador do processo que até 28 de Setembro se conduziu, o encontro do Sal de 6 de Setembro de 1974 que, pelas interpretações a que se prestou tanto a nível interno como externo, provocou objectivamente cisões definitivas num dos Movimentos, alterando a correlação de forças político-militar em presença e a influência desse Movimento na sua implantação real que à data se observava, tanto no terreno como no potencial de militantes que nele existiam.

É pois neste quadro, sempre distorcido por acções com origem nas manobras contra-revolucionárias con-

AHM  
①

# MFA de ANGOLA fala da DESCOLONIZAÇÃO

duzidas em Portugal e com evidente reflexo em Angola, explorando e acentuando linhas de fractura ideológica e socio culturais existentes em Angola entre os movimentos e no seio dos movimentos, que se dá, após o 28 de Setembro, a partida para o acordo de Mombaça onde os Movimentos de Libertação encontraram uma plataforma de entendimento que permitiu a realização, em Janeiro de 1975, do acordo do Alvor. Este acordo, logo à partida, mostrou que iria exigir dos Movimentos uma forte vontade política que teria de ser praticada quotidianamente e que conduziria à formação de uma consciência e unidade nacional sem as quais não se poderia chegar à data da independência, e não só, sem graves e trágicas consequências para o povo angolano. Tal conceito foi sobejamente salientado durante os contactos havidos na referida cimeira, tanto oficial como officiosamente.

Para finalizar, deve referir-se que, durante as conversações do Alvor, foi reconhecido, por todas as partes, que haveria certamente de, no futuro e até à independência, se proceder a tantos encontros quantos se viessem a mostrar e a reconhecer úteis para que, sem pôr em causa os princípios de fundo expressos naquele acordo, se pudessem ajustar e/ou aprofundar aspectos que a prática viesse a revelar como inadequados ou então susceptíveis de melhorar os vários projectos de cooperação a realizar — quer no período de pré-independência quer após esta — em justo e fraterno pé de igualdade e mútuo respeito entre os dois países.

SN — Qual a eficácia actual do Acordo do Alvor e que possibilidade existe em assegurar o cumprimento das suas cláusulas por parte dos movimentos signatários?

CCPA — Essa cimeira foi antecedida por uma reunião de alto nível realizada em Mombaça pelos três Movimentos. Desta reunião, resultou a proposta de discussão que, em bloco, os Movimentos de Libertação apresentaram ao Governo Português na Penina e que, na sua essência, se manteve. Assim nasceu o tão aplaudido Acordo do Alvor. Da sua análise ressaltam dois pontos que, pela sua importância, merecem ser destacados:

— a não consagração de uma plataforma política mínima entre os três Movimentos, o que por sua vez, impediu a definição em termos reais, das forças militares mistas como embrião das Forças Armadas Angolanas e

— o reconhecimento de Movimentos de Libertação com ideologias bastante diferentes com o únicos e legítimos representantes do povo angolano.

Estes dois pontos constituem os problemas de fundo de todo o processo de descolonização de Angola. Com efeito, desde 31 de Janeiro deste ano, data da tomada de posse do Governo de Transição, que a vida política angolana, qualquer que seja o campo de observação, tem sido marcada por uma desenfreada luta pelo poder.

Daqui resultaram inúmeras violações ao Acordo do Alvor das quais tiveram mais repercussão os vários acontecimentos violentos que ensanguentaram Angola, nomeadamente Luanda.

Temos assistido pois, como consequência inevitável, à progressiva perda de eficácia do referido Acordo. Chegamos a esta situação, que perspectivas se abrem para o futuro?

Julgamos que duas:

— Os Movimentos de Libertação mantêm as mesmas

linhas de actuação e continuaremos a assistir ao degradar da situação com todas as lógicas e inevitáveis consequências ou

— os Movimentos de Libertação, dando provas de maturidade política e do seu real empenhamento na defesa dos interesses do povo angolano, conseguem, em encontro de alto nível, revigorar o Acordo do Alvor formalizando uma plataforma política mínima e dando corpo ao embrião das futuras Forças Armadas Angolanas. Expressando assim a vontade política de pôr em execução o Acordo existente e o que ainda vier a ser acordado, criam-se condições para a formação de uma consciência nacional.

Como uma das partes interessadas, Portugal tem também uma palavra a dizer. Considerando que é ao povo angolano que compete a escolha do seu futuro político, Portugal, dentro da sua já definida posição de neutralidade activa, travará a batalha política necessária à defesa dos direitos dos movimentos de libertação e as suas Forças Armadas actuarão decididamente, em colaboração com a Comissão Nacional de Defesa, se disso depender o cumprimento do Acordo do Alvor. Mas, em resumo, poderemos afirmar que a eficácia deste Acordo depende fundamentalmente dos Movimentos de Libertação.

SN — O MFA em Angola é acusado de revelar excessiva passividade perante os conflitos que se vão gerando entre os diferentes Movimentos e de, consequentemente, se afastar das linhas de actuação política que caracterizam o MFA em Portugal.

CCPA — Até à cimeira do Algarve, a orientação política que norteou a actuação do MFA e do então Alto-Comissário em Angola foi, fundamentalmente, a de criar as condições indispensáveis para a realização daquele encontro no qual os Movimentos deveriam participar em igualdade de posições políticas. É conveniente recordar também que, durante esse período, a política portuguesa quanto à descolonização não foi clara e nela se reflectiram todas as fases da evolução do processo revolucionário português.

Após o Acordo do Alvor, a linha de actuação política do MFA teve forçosamente que passar a ser outra, reconhecidos que estavam os três Movimentos como legítimos representantes do povo angolano. É esta alteração na linha de actuação política do MFA que tem motivado as tais acusações. Com efeito, se analisarmos a sua origem, verificar-se-á que todas elas partem daqueles que entendem que o MFA deveria aliar-se aber-

8

1/2



tamente, em Angola, ao Movimento de Libertação cuja ideologia mais se aproxima da actual linha política portuguesa. Isto é, pretendem a exportação do nosso processo revolucionário, o que seria um tremendo erro. Erro, porque ao celebrar-se tal aliança Portugal, além de violar o Acordo do Alvor, motivaria um conflito armado em todo o território angolano. Estará Portugal em condições políticas, económicas, sociais e militares de participar em nova guerra e fazer face aos inevitáveis ataques da reacção e da opinião pública mundial? Quais as consequências desse conflito?

Julgamos que as respostas não serão difíceis desde que se queira encontrá-las.

Eis a razão porque o MFA defende para Angola uma política de neutralidade activa, definida em termos de actuação decidida contra todos os prevaricadores dos acordos, já estabelecidos e ainda a estabelecer e durante os prazos já acordados.

Deste modo dar-se-á tempo a que os Movimentos de Libertação actuem sobretudo politicamente, procurando uma mais efectiva implantação junto da população. Paralelamente, procurar-se-á estabilizar a situação, resolvendo os problemas angolanos continuamente adiados e passando de um equilíbrio a quatro forças para um equilíbrio a três forças angolanas, a fim de que Angola, num futuro não muito longínquo, esteja em condições de decidir o seu próprio destino. Também, e no campo da neutralidade activa, caberá a Portugal fornecer a Angola, no âmbito da cooperação, todo o apoio técnico que lhe for possível nos sectores militar, da saúde, da educação, da economia, etc.

Tem sido dentro desta linha de real empenhamento que o MFA e as Forças Armadas Portuguesas têm actuado em Angola sendo dela dignos, esforçados e conscientes executantes os soldados portugueses. Ainda recentemente, o Conselho da Revolução, através do seu comunicado de 21 de Maio e no seguimento da ratificação feita pela assembleia do MFA de 19 de Maio da política de descolonização para Angola, manifestou o seu apreço pela actuação das F.A.P., reiterando-lhes o seu total apoio. Não podem pois deixar de ser interpretadas como manobras puramente divisionistas e partidárias aas que partem daqueles que acusam o MFA ou as F.A.P. de passividade perante os conflitos violentos registados em Angola.

SN — Gostaríamos que nos dissessem qual a caracterização dos Movimentos de Libertação na véspera do seu encontro a alto nível, qual a sua real capacidade política; penetração social e estrutura militar.

CCPA — Antes de caracterizar os Movimentos de Libertação, convirá desfazer a possível confusão entre estes e partidos políticos. Grosseiramente, um Movimento de Libertação pode considerar-se como que um partido político dispendo de força armada própria e lutando, política e militarmente, com o povo e pela independência do povo. Ele só passará a partido depois do fim da luta militar pela libertação e com o desmantelamento das suas forças militares e a formação de forças Armadas Nacionais inteiramente subordinadas ao poder político instituído.

Por tudo isto, ainda não podemos definir a FNLA, o MPLA e a UNITA como partidos políticos. Os incidentes que vêm ocorrendo em Angola não são mais que exemplos da luta político-militar pelo poder e a caracterização daqueles Movimentos deverá, no seu conjunto, definir para cada um deles as respectivas capacidades políticas e militares e a penetração social ou,

doutro modo, a implantação geográfica e popular. Deixaremos esta definição e o juízo de valor correspondente aos leitores de Seara Nova, através de cinco parâmetros que consideramos fundamentais: caracterização ideológica, situação interna, armamento e efectivos, áreas de maior implantação e apoios externos. Apresentaremos estes parâmetros em traços muito largos, que os mais interessados deverão aprofundar e dar a conhecer à Nação como um contributo para a real compreensão da descolonização em Angola.

## CARACTERIZAÇÃO IDEOLÓGICA

Para fazer esta caracterização vamos servir-nos dos programas de acção política numa Angola independente e de outros elementos.

FNLA: certos analistas consideram o programa deste Movimento como um modelo de capitalismo de estado ou até mais avançado; outros, contudo, entrando em linha de conta com a inserção dos seus apoios externos e com a sua actuação política, consideram possível a sua recuperação pelo sistema capitalista ocidental.

MPLA: o programa deste Movimento é unanimemente entendido como progressista, vindo, em nosso entender, a sua aplicação a ser procurada desde já segundo uma linha prevalecte de actuação radicalizada — revolução e independência — e com grande poder de mobilização das massas populares, especialmente as urbanas, cuja militância parece assumir por vezes carácter de espontaneidade arrastando os órgãos responsáveis para posições de recurso nem sempre favoráveis à imagem do MPLA, embora ideologicamente coerentes.

UNITA: o programa deste Movimento apresenta, num ou noutro aspecto, uma linha de tipo socializante, de raiz africana. Julga-se que a recente aproximação à Zâmbia e à Tanzânia e a formação chinesa de vários dos seus chefes podem, efectivamente, fazer admitir que a UNITA pretende para Angola uma linha socializante e de não alinhamento; é de crer que o Movimento aceita a realidade capitalista angolana como ponto de partida, a transformar só após a consciencialização política das massas populares vivendo actualmente, na sua grande maioria, em regime de economia de subsistência de modo a torná-las aptas a aceitar e participar dinamicamente na via para o socialismo.

## SITUAÇÃO INTERNA ACTUAL

Sem querermos entrar em grandes pormenores neste aspecto, vamos no entanto indicar alguns elementos que podem ser origem de dificuldades internas e que podem servir de linhas de investigação neste campo. Assim, indicamos, para a FNLA, a ausência de Angola, de Holden Roberto, a integração da Revolta do Leste (ex-facção Chipenda, do MPLA) e ainda o grande poder de mobilização popular do MPLA nos centros urbanos, com relevo especial para Luanda. Quanto ao MPLA, temos as dissensões das Revoltas do Leste e Activa e a sua actuação segundo uma linha radicalizada não perfilhada por todos os seus militantes. A UNITA, por seu lado, está a braços com uma insuficiência de quadros face à sua rápida expansão.

## ARMAMENTOS E EFECTIVOS

FNLA: tem armamento variado e em quantidade, que vai da espingarda automática até ao canhão sem

1 AHM  
recuo, grande parte proveniente da China. Possui um efectivo de mais de trinta mil homens, cuja disciplina e poder militar o Movimento não deixa de enaltecer e de neles se firmar.

MPLA: tem armamento de tipos idênticos aos da FNLA, proveniente da Europa de Leste, e deve possuir um efectivo de cerca de quinze mil homens, parte dos quais de preparação recente. Além disso, é provável que ainda existam em Luanda populares pró-MPLA armados e organizados em autodefesa.

UNITA: O seu armamento é, na sua quase totalidade, de tipo individual e em quantidade reduzida, supondo-se: que receberá muito pouco do exterior. Deve dispôr de um efectivo próximo dos quarenta mil homens, a maior parte de preparação recente. Destes, pouco mais de um quarto terá armamento.

### ÁREAS DE MAIOR IMPLANTAÇÃO

A implantação popular dos Movimentos é normalmente acompanhada pela presença das suas forças militares e depende, em grande medida, da capacidade de penetração das respectivas linhas ideológicas. Significa isto que para presenças militares idênticas e simultâneas não correspondem penetrações políticas equivalentes, sendo estas relacionadas com o maior ou menor progressismo da linha ideológica de cada um dos Movimentos. Assim, as áreas de maior implantação, que iremos referir para cada um dos Movimentos, traduzem sempre uma posição militar de domínio ou condomínio, remetendo neste último caso (condomínio) a penetração política relativa para as considerações que acabamos de fazer.

FNLA: cidade de Luanda, zona habitual de guerrilha (NW do território angolano); parte do distrito do Moxico, a maior parte do distrito de Cuando-Cubango, zona junto à fronteira sul do distrito de Cabinda e troço do caminho de ferro entre o Luso e Teixeira de Sousa. Supõe-se ainda que tentará, em disputa de influência com o MPLA, adensar o seu dispositivo militar em Luanda.

MPLA: cidade de Luanda e toda a bolsa definida, grosso modo, pelo eixo de Luanda-Catete-Salazar-Malange; área Lobito-Benguela (em disputa de influência com a UNITA); saliente do Cazombo e distrito de Cabinda. Tentará ainda, ao que supomos, fazer uma implantação mais efectiva em Luanda.

UNITA: domina no planalto central, sendo sua a implantação preponderante em quase toda a área dos distritos do Moxico, Bié, Huambo e Huila, nos distritos do Cunene Moçâmedes e parte do Cuando - Cubango. Divide com o MPLA a influência na área Lobito-Benguela.

### APOIOS EXTERNOS

FNLA: é apoiada pelo Zaire (apoio militar e político), pela China (apoio militar) e pela Tunísia (preparação de quadros).

MPLA: é apoiado, fundamentalmente, pelos países do Leste Europeu e por alguns países africanos progressistas, nomeadamente República Popular do Congo, Zâmbia, Tanzânia e Argélia.

Alguns partidos progressistas da Europa Ocidental têm também dado a sua simpatia e apoio político ao MPLA.

UNITA: não teve, praticamente, apoios externos de vulto durante os nove anos da sua existência, desconhecendo-se se têm algum significado neste campo os recentes contactos com a Zâmbia, Tanzânia, China e alguns países da Europa Ocidental.

De notar que nestas referências não tivemos em conta certas nuances na materialização dos apoios, dado que, salvo raras excepções, não são previsíveis alterações significativas nas suas principais origens.

SN - A internacionalização do conflito de Angola, que resultaria de um reforço do nosso dispositivo militar é uma solução que, pelas suas repercussões até mesmo em Portugal, não poderá ser considerada. Qual lhes parece ser o campo de manobra política possível para assegurar a estabilidade política angolana a médio prazo?

CCPA - A hipótese de internacionalização do problema da descolonização de Angola só se põe no caso dos conflitos se generalizarem em guerra civil.

Estamos em crer que tanto Portugal, como qualquer dos Movimentos de Libertação, não estarão interessados, pelas repercussões que daí adviriam, em tal tipo de solução. Assim, espera-se que a vontade política dos Movimentos de Libertação, já ultimamente demonstrada pelo cumprimento das medidas para a obtenção da ordem e da segurança, acordados em Conselho de Ministros e na Comissão Nacional de Defesa, seja de tal modo profunda e duradoura que permita o encontro de uma plataforma de entendimento político. Esta servirá para resolver os grandes problemas angolanos:

- Forças Armadas
- Programa Económico

- Institucionalização do poder político após a independência. Paralelamente e de harmonia com o teor do comunicado de 21 de Maio de 1975 do Conselho da Revolução, Portugal desenvolverá, dentro da sua linha de neutralidade activa, em todos os campos, nomeadamente no diplomático, as acções que possam contribuir para que se obtenha e se aplique a referida plataforma.

Se esta não surgir do próximo encontro entre os presidentes dos Movimentos de Libertação, previsto para princípios de Junho deste ano, ou se esse encontro não se vier a efectuar, é porque esta via não interessa a alguma ou algumas das forças em presença.

Restará a Portugal a denúncia imediata e pública de tal manobra.

SN - Quais as razões próximas que levaram tantos brancos a desejar sair de Angola e, dadas as consequências desse abandono tanto em Angola como em Portugal, que acções seriam possíveis para o evitar?

CCPA - Nós diríamos que poucos brancos terão o desejo de abandonar Angola; preferimos dizer que a generalidade dos que saíram e dos que virão a sair do país a isso são obrigados por um sentimento de insegurança, de que os recentes incidentes de Luanda, e não só, são fundamento insuperável. Devemos compreender que o sentimento de pátria pode não ser bastante para contrabalançar o risco, evidenciado pelos referidos incidentes, quanto à posse de haveres, à segurança física e mesmo da própria vida. Por isso, a ideia do abandono de Angola não pode ser combatida com palavras bonitas, nomeadamente o apelo ao amor à terra. Tudo o que há a fazer situa-se no campo das medidas concretas já referidas em respostas anteriores, o que passa, como também já se disse, pela vontade de construir uma Angola independente, próspera e em paz que os Movimentos de Libertação venham a revelar.

SEPTUÁRIO

# MOVIMENTO

## 25 de Abril

boletim informativo DAS FORÇAS ARMADAS

Direcção: COMISSÃO COORDENADORA DO PROGRAMA DO M.F.A.

N.º 19 — 30 MAIO 1975

Preço 2550

5.ª DIV./EMGFA  
Rua, Cova da Moura, n.º 1

DISTRIBUÍDO POR  
"O SÉCULO"

FOTOCOMPOSTO E IMPRESSO NO INSTITUTO NIDRO-GRÁFICO — RUA DAS TRINHAS, 19 — LISBOA

## A SITUAÇÃO EM ANGOLA E AS NOSSAS TAREFAS

O saldo positivo ou negativo do processo de descolonização em Angola está indissolvemente ligado ao sucesso do processo revolucionário em Portugal. As consequências políticas (económicas e sociais) de uma descolonização serena daquele território africano, a capacidade que os movimentos de libertação angolanos mostrarem na salvaguarda dos princípios essenciais da unidade nacional do seu país e na resistência às formas diversas de neocolonialismos que ensombram Angola — serão benéficas para a África, para Portugal e para o futuro de uma comunidade lusófona baseada na cooperação fraterna à luz dos princípios da independência nacional, do respeito mútuo e da não-ingerência. As consequências políticas de um processo abrupto repercutir-se-ão no equilíbrio do processo revolucionário português e criarão um foco de instabilidade e tensão na África Austral. Angola poderia vir a ser, então, mais uma ponte de penetração dos interesses imperialistas em África.

EM Angola — como em Portugal — o que está em jogo é a capacidade de um povo conquistar de facto a independência nacional, a qual passa pela necessidade de unidade das diversas forças patrióticas na base de uma plataforma política mínima, na base de uma frente de carácter progressista e anti-imperialista que se oponha às manobras reaccionárias das que querem neo-colonizar.

A posição portuguesa quanto à questão angolana é clara e tem sido interpretada com realismo pelas forças militares portuguesas (pelo MFA) em Angola, na base do princípio da neutralidade activa — não ingerência nos assuntos internos daquele país, acção consequente no sentido do respeito pelos acordos do Alvor por parte dos três movimentos de libertação, actuação firme no sentido de contribuir para o desenvolvimento do processo em paz quer contra as forças reaccionárias, quer contra os preparadores dos acordos.

O número especial dedicado a Angola, que hoje publicamos, procura ser uma contribuição para o entendimento do processo angolano numa base correcta, já que, de um modo geral, a imprensa portuguesa tem sido pouco empenhada em transmitir à opinião pública imagens exactas e responsáveis do que se passa em Angola e prodiga em sensacionalismos, em manchetes apressadas que não raras vezes se repercutem de forma negativa naquele território. O que se passa em Angola não é uma realidade que nos seja exterior — a informação, como a política, não pode abdicar da inteligência.

Desde a constituição do Governo de Transição de Angola, com representantes dos três movimentos de libertação, a situação política tem-se degradado continuamente. A causa principal da degradação da situação é o não-cumprimento geral do Acordo de Alvor, que foi livremente aceite pelos dirigentes dos três movimentos de libertação, e nomeadamente o atraso na efectivação de certos pontos básicos, como a lei eleitoral ou a constituição das Forças Militares Mistas. É que actualmente o Governo de Transição encontra-se paralisado face às confrontações armadas. Os dois dos movimentos de libertação, o FNLA e o MPLA, confrontações estas que sabotam o avanço do processo político em curso cujo objectivo é uma via pacífica para a independência de Angola, isto é, uma via política, que os diferendos se resolvam, na medida do possível, de uma forma harmónica e através de negociações entre os movimentos, que, de toda a maneira, representem a resistência armada do povo angolano contra o fascismo-colonialismo. O antagonismo entre a FNLA e o MPLA, que tem fundas raízes na história do movimento de libertação angolano, e nas ideologias opostas que defendem, tem-se exacerbado e, a partir dum facto de entendimento mínimo e pela desconfiança mútua, está na origem da escalada de violência que atingiu gravíssimas proporções nos últimos incidentes de princípios de Maio. A deterioração das relações entre os dois movimentos é acelerada, por vezes, por confrontos, a partir de motivos mais do que prosaicos, que surgem ao

nível das bases militantes, ultrapassando pois a vontade das cúpulas, cortando a estas a capacidade oportuna de controle. Ao nível dos dirigentes ainda existe uma base suficientemente ampla para se discutirem os assuntos, mas ao nível da base isso já não existe. Além disso, é tida como certa a existência de grupos infiltrados provocadores que não pertencem a nenhum dos movimentos, e soldo de grandes potências ou de grupos de extrema-direita que atacam tanto a FNLA, como o MPLA, lançando-os um contra o outro. Isto tem acontecido com frequência. Finalmente, há certos elementos da colónia portuguesa em Angola que jamais se conformarão com a perda da anterior situação de privilégio e ou estão directamente implicados nos grupos provocadores terroristas ou procuram exercer no campo político uma actividade de complot, provocando um clima de tensão e fricção entre os movimentos. A partir desta situação surgiu um factor novo, o modo que se apoderou de grande parte da colónia portuguesa e de outras etnias, provocando um movimento importante de tentativa de regresso a Portugal. Esta tendência grave para o abandono etíngiu, na colónia portuguesa, as camadas médias da população, sobretudo de técnicos e mão-de-obra semi-especializada, que, abandonaram a zona de Luanda e voltando às zonas de origem. Deste factor resulta um declínio acentuado da actividade económica, agravado pela ameaça da paralização do trabalho em muitas empresas e pela redução do potencial das mesmas, o

que na actual situação da Angola pode levar, a curto prazo, a uma rápida degradação económica, que teria um reflexo imediato no agravamento da situação política. Com efeito, uma situação em que viessem a escassear alimentos ou abastecimentos provocaria certamente movimentos das populações e uma agitação social incontroláveis, o que daria origem a uma situação ainda mais degradada e favorável a novas ingerências das grandes potências e grupos económicos que cobijam este território.

### PAPEL DAS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS

Em Luanda, um factor extremamente positivo, sobretudo a partir dos últimos

acontecimentos, tem sido a actuação das tropas portuguesas. A CCPA em colaboração com o Alto-Comissário, teve uma visão clara dos acontecimentos e capacidade de intervenção enérgica e firmemente em tempo oportuno, e têm conseguido manter o controlo da situação. O papel das Forças Armadas Portuguesas é decisivo para evitar e travar, sempre que necessário, a escalada de violência, a sua intervenção enérgica dentro do princípio da neutralidade activa é o factor que garante neste momento a estabilização da situação, face aos conflitos que surgem a cada passo. Cabe ainda às Forças Armadas Portuguesas, em particular aos seus responsáveis políticos, intervir no

(Cont. na pág. 2)

## A POSIÇÃO DO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

A Assembleia do MFA, reunida em 19 de Maio com a agenda de trabalhos oportunamente divulgada nos órgãos de informação, foi apresentada uma exposição, que constava da mesma agenda, sobre a situação em Angola. Essa exposição, feita pelo Conselho Coordenador do Programa do MFA em Angola (CCPA), durou cerca de duas horas e meia tendo focado vários pontos. Em introdução, analisou-se a problemática da descolonização em geral e o caso de Angola em particular; seguiu-se a caracterização dos Movimentos de Libertação e de outras forças, quer internas quer internacionais e o resumo do evoluir da situação desde o 25 de Abril, tendo sido dado especial relevo aos últimos acontecimentos, nomeadamente da área de Luanda, e ao problema dos desalojados. A exposição terminou pela análise das perspectivas de evolução e a definição da posição portuguesa perante a descolonização de Angola.

### NEUTRALIDADE ACTIVA

Tendo a Assembleia ratificado a posição exposta pela CCPA, afixa perfeitamente inserida na política de descolonização definida para

Angola, considera o Conselho da Revolução conveniente e oportuno mais uma vez reafirmar que a atitude da Portugal deverá ser a de "neutralidade activa", ressaltando-se integralmente o acordado no Alvor, isto é, que os legítimos representantes do Povo Angolano são os três Movimentos de Libertação reconhecidos — FNLA, MPLA e UNITA. Esta "neutralidade activa" não significa qualquer ingerência em assuntos internos da competência do Governo de Transição de Angola, porque a descolonização é basicamente um problema angolano, mas tão somente uma imposição firme, de fazer cumprir os diversos acordos, actuando em relação a todas as forças, nomeadamente marginais e reaccionárias, que tentem boicotar o processo de descolonização e, em reflexo, o processo revolucionário em Portugal. Neste contexto, as Forças Armadas Portuguesas não deixarão de actuar pronta e firmemente, de acordo com as decisões da Comissão Nacional de Defesa.

Disposição firme, ainda, na denúncia, quer em Angola quer a nível internacional, de todas as

(Cont. na pág. 2)



# A POSIÇÃO DO CONSELHO DA REVOLUÇÃO

(Cont. da pág. 11)

violações dos acordos e de qualquer forma de interferência externa no processo da descolonização, que, distorcendo-o, impedem a formação da unidade e consciência nacionais. Portugal travará pois, na frente diplomática a batalha necessária em prol do Povo Angolano e manifesta o seu desejo de estreitamento de laços de cooperação em todos os campos, reconhecendo que, se descolonizar é fundamentalmente assegurar as condições para a transferência dos poderes político, económico e militar, esse processo exige prioritariamente, no momento presente, a manutenção da ordem, da paz e da segurança. Reconheceu-se que não tem sido o País correctamente informado sobre o problema da descolonização e que, no entanto, o colapso ou o cumprimento deste ponto do Programa, terá grande reflexo no processo revolucionário em Portugal e, principalmente, no Povo Angolano.

Angola, tem neste momento que consolidar a sua consciência e unidade nacionais. Os seus legítimos representantes vão, em encontro de alto nível, materializar esta vontade política fundamental para a continuação do processo. Esta vontade política permitirá resolver os grandes problemas angolanos que se traduzem em sectores da segurança, da economia e da institucionalização do poder político após a independência. Assim, passar-se-á progressivamente e dentro dos prazos definidos no Acordo de Alvor, para um equilíbrio a três peças angolanas, competindo ao Povo Angolano a manutenção da independência nacional e a definição política do seu futuro.

Sendo este encontro realizado entre os três representantes máximos dos Movimentos de Libertação, considera o Conselho da Revolução que se trata de uma manifestação clara da sua maturidade e capacidade política, em virtude das responsabilidades a nível angolano e mundial que assumem.

Está o Conselho da Revolução convencido de que encontrada esta plataforma política, parte dos portugueses actualmente em posição difícil devido aos últimos acontecimentos, reconsiderará na sua actual intenção de se deslocarem para Portugal, o que não significa que não continuem em andamento as diligências necessárias para assegurar o seu transporte. Está-se seguro que o Povo Português continuará a receber estes portugueses em compreensão e condignamente, pois que afinal, os mesmos só agora se apercebem que mais não foram do que vítimas alienadas do anterior sistema colonial. Os responsáveis e alimentadores da exploração colonialista, não se encontram certamente entre os desalojados que agora se encontram apenas na dependência da protecção e auxílio oficial.

Chama-se também a atenção do Povo Português para o modo como em órgãos de informação em Portugal se tem tratado o processo angolano e se tem dado cobertura a afirmações e intervenções de personalidades ou grupos partidários. Esta informação tem sido, na sua maior parte, distorcida, alarmista e unilateral. Respeitando o princípio da liberdade de imprensa, o Conselho da Revolução não pode deixar de lamentar esta superficialidade da informação, cujas consequências, por graves, não deve passar em claro, até porque o Povo Português tem direito e necessidade dum esclarecido acompanhamento da evolução do processo, que lhe permita encontrar-se permanentemente preparado para os reflexos positivos ou negativos) que o mesmo possa vir a ter na evolução da revolução portuguesa. Além disso, sendo o processo revolucionário em Portugal actualmente ameaçado em Angola, apela para a vigilância revolucionária, já que admite que a reacção, sobretudo a internacional, aproveite a ligeireza com que a informação tem tratado este assunto, tão importante, para conseguir novos meios de aumento da tensão e provocação. Informações mais detalhadas sobre Angola serão oportunamente fornecidas pelos camaradas do CCPA e Gabinete da Angola na Comissão da Descolonização.

Finalmente, o Conselho da Revolução manifesta o seu apreço pela actuação das Forças Armadas Portuguesas em Angola, reiterando-lhes o seu total apoio. Considera desde já como bastante prometedoras os resultados parciais já colhidos pela aplicação das medidas acordadas no Conselho de Ministros do Governo de Transição de Angola e na Comissão Nacional de Defesa, que constam do comunicado de 12 de Maio da Comissão Nacional de Defesa, por já haverem contribuído para algumas condições de segurança interna que permitam o exercício do Governo de Transição, ponto de partida indispensável para pôr em prática e manter, planos já aprovados a a aprovar.



# O PAPEL DOS MILITARES PORTUGUESES EM ANGOLA

Ao definir a descolonização como um dos objectivos do seu Programa, o MFA assumiu, com a mesma determinação com que se propôs democratizar e desenvolver Portugal, a grave responsabilidade de defender os interesses dos povos de Portugal e das colónias.

Ao contrário do que muita gente pensa, descolonizar não é só entregar o poder a um movimento de libertação que lutou de armas na mão pelos seus objectivos, mas principalmente, permitir, embora com as necessárias adaptações, que subsista a economia, a educação, a saúde e a justiça no novo país independente. É também a resolução do contencioso entre Portugal e a nova nação, o encontro de garantias para a fixação de quadros necessários ao desenvolvimento, a criação de Forças Armadas Nacionais num momento em que o País é mais vulnerável, a definição de nacionalidade, etc.

No caso concreto de Angola além da existência de três movimentos de libertação ideologicamente diferentes, outras forças existem que igualmente procuram interferir no processo de

descolonização. Estas últimas, de cariz reacçãoário, desenvolvem a sua actividade no sentido de boicotar o processo.

Paralelamente e a nível internacional também se põem em jogo todos os interesses dos imperialismos estrangeiros sob a forma de manobras neocolonialistas.

Como resultado de todo este jogo de forças têm surgido, ao longo do desenrolar do processo; todos os incidentes violentos que são do conhecimento público e do qual tem saído como vítima o povo angolano. Neste contexto torna-se evidente que o papel das FAP em Angola. Compete-lhes, dentro da posição de neutralidade activa seguida por Portugal, contribuir para o avanço correcto do processo de descolonização.

Como se deve afirmar essa contribuição?

Através do suporte de uma política de firmeza a manter por Portugal expressa pela:

- Denúncia de todas as violações aos Acordos estabelecidos.

— Actuação firme, no âmbito da FMM (Forças Militares Mistas) no sentido de contribuir para o desenvolvimento do processo em paz, quer contra os marginais e forças reacçãoárias, quer contra os prevaricadores dos Acordos.

Verifica-se, assim, que as FAP cabe a importante missão de contribuir para o desenrolar do processo de descolonização num clima de paz e segurança, garantindo o cumprimento do Acordo de Alvor.

Em missão de tão grande envergadura a muitas das forças postas em jogo, interessa que as FAP não estejam à altura de a cumprir. Para isso desenvolvem toda uma série de manobras divisionistas e que as FAP terão que opor a sua coesão e disciplina e o seu elevado espírito de missão.

Esta tomada de consciência colectiva passa obrigatoriamente por uma opção individual. É indispensável que cada um acredite que ao contribuir para a descolonização de Angola está a tomar parte activa na revolução portuguesa e que todo o seu esforço, abnegadamente dado, se insere na luta de todos os povos oprimidos do Mundo.

# A SITUAÇÃO EM ANGOLA E AS NOSSAS TAREFAS

(Cont. da pág. 11)

piano político e estabelecerem um estreito e fraternal diálogo, um diálogo constante com os movimentos de libertação na procura do espírito de unidade nacional fundamental para a independência da Angola. A intervenção político-militar das nossas forças armadas é o garante do avanço do processo político em Angola numa via pacífica para a independência.

## AS RELAÇÕES ENTRE OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO

As divergências e os antagonismos que existem entre os movimentos de libertação têm origem em concepções diferentes sobre o processo da libertação de Angola, principalmente no que respeita ao futuro desta ex-colónia portuguesa.

A questão coloca-se designadamente ao nível das influências e apoios externos que certas grandes potências ou grupos económicos transformam numa autêntica ingerência interna nos assuntos do povo angolano a que podem viclar todo o processo de descolonização e a futuro de um país que todos queremos independente e progressista, livre do imperialismo.

Além dos confrontos armados, em Luanda, Luso, etc., têm-se verificado diversos outros conflitos, à medida que se procede ao reagrupamento das forças portuguesas e os movimentos da libertação vão ocupando as administrações e os estabelecimentos militares locais. Actualmente, verifica-se que a FNLA exerce uma influência preponderante na faixa norte de Angola, que é a mais rica em recursos naturais, enquanto que na parte restante o MPLA e a UNITA têm uma maior implantação.

Neste contexto, conhecidas as posições relativas da FNLA e MPLA, cabe uma referência à UNITA, terceiro e mais recente dos movimentos de libertação e que pode vir a desempenhar um papel muito importante em Angola, dentro de um projecto de real independência nacional, que impeça que surja na África Austral um foco reacçãoário que faça alastrar a agitação a outros países. Daí o apoio crescente que diversos países africanos, de cariz progressista, prestam actualmente a este movimento, que tem tomado uma posição de neutralidade face aos conflitos entre a FNLA e o MPLA, ao mesmo tempo que se define como um movimento de carácter progressista e anti-imperialista, opondo-se às manobras reacçãoárias, venham de onde vierem. Neste momento é imperioso que os movimentos de libertação saibam encontrar uma plataforma política mínima que permita estabelecer a situação nos próximos tempos.

## O EXÉRCITO NACIONAL E A UNIDADE NACIONAL ANGOLANA

Um mínimo de coesão ao nível do poder político, a concretização duma plataforma política comum dos três movimentos de libertação nacional, é indispensável para o sucesso das Forças Militares Mistas, embrião do Exército Nacional, instrumento armado que imponha e vontade do poder para um projecto autenticamente nacional, e reconhecido pelos três movimentos de libertação como uma pedra fundamental para uma via pacífica de transição para a independência nacional.

O principal problema da constituição do Exército Nacional é um problema político, da superação das divergências dos movimentos para alcançarem a independência.

## INDEPENDÊNCIA NACIONAL

O futuro das nossas relações com Angola está a ser jogado ao longo do processo de descolonização e é um elemento de grande importância para o futuro do nosso País.

A conquista de uma autêntica independência nacional em Portugal está intimamente ligada à existência de laços sólidos e profundos com os países do Terceiro Mundo e com África, e, muito especialmente com os novos países de língua portuguesa, Angola, Moçambique, Guiné. A importância política, económica e cultural destes laços está presente e bem viva em todos os que contactaram efectivamente com as ex-colónias e que conhecem as pressões das grandes potências sobre o nosso País, no sentido de aumentar a sua dependência a todos os níveis em relação aos blocos imperialistas. O empenhamento de meios de toda a espécie, particularmente a nível económico, dos quadros da tecnologia, um esforço de maior envergadura da parte de Portugal é importante para poder cumprir de uma forma correcta a tarefa de descolonização. É indispensável a consciência de que uma tragédia em Angola comprometeria o processo de democratização em Portugal e também a conquista da sua independência nacional.

# ANGOLA

## ACORDO PARA A INDEPENDÊNCIA

### CAPÍTULO I

#### Da Independência de Angola

Artigo 1.º — O Estado Português reconheça os Movimentos de Libertação, Frente Nacional de Libertação de Angola — FNLA, Movimento Popular de Libertação de Angola — MPLA e União Nacional para a Independência Total de Angola — UNITA, como os únicos e legítimos representantes do Povo Angolano.

Art. 2.º — O Estado Português realinha solenemente o reconhecimento do direito do Povo Angolano à independência.

Art. 3.º — Angola constitui uma entidade una e indivisível, nos seus limites geográficos e políticos actuais e neste contexto, Cabinda é parte integrante e inalienável do território angolano.

Art. 4.º — A independência e soberania plena de Angola serão solenemente proclamados em 11 de Novembro de 1975, em Angola, pelo Presidente da República Portuguesa ou por representante seu expressamente designado.

Art. 5.º — O poder passa a ser exercido, até à proclamação da independência, pelo Alto-Comissário e por um governo de transição, o qual toma posse em 31 de Janeiro de 1975.

Art. 6.º — O Estado Português e os três Movimentos de Libertação formalizam, pelo presente acordo, um cessar-fogo geral, já observado de facto pelas respectivas Forças Armadas em todo o território de Angola. A partir desta data será considerado ilícito qualquer acto de recurso à força, que não seja determinado pelas autoridades competentes com vista a impedir a violência interna ou a agressão externa.

Art. 7.º — Após o cessar-fogo as Forças Armadas da FNLA, do MPLA e da UNITA fixar-se-ão nas regiões e locais correspondentes à sua implantação actual, até que se efectivem as disposições actuais previstas no capítulo IV do presente acordo.

Art. 8.º — O Estado Português obriga-se a transferir progressivamente até ao termo do período transitório, para os órgãos de soberania angolana, todos os poderes que detém e exerce em Angola.

Art. 9.º — Com a conclusão do presente acordo, consideram-se amniçados para todos os efeitos os actos patrióticos praticados no decurso da luta da Libertação Nacional de Angola, que fossem considerados puníveis pela legislação vigente à data em que tiveram lugar.

Art. 10.º — O Estado Independente de Angola exercerá a soberania total e livremente, quer no plano interno, quer no plano internacional.

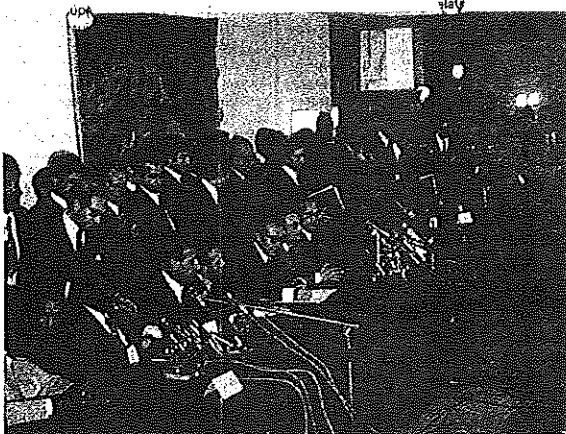
### CAPÍTULO II

#### Do Alto-Comissário

Art. 11.º — O Presidente da República e o Governo Português são, durante o período transitório, representados em Angola pelo Alto-Comissário, a quem compra defender os interesses da República Portuguesa.

Art. 12.º — O Alto-Comissário em Angola é nomeado e exonerado pelo

O Estado Português e os Movimentos de Libertação Nacional de Angola, Frente Nacional de Libertação de Angola — FNLA, Movimento Popular de Libertação de Angola — MPLA e União Nacional para a Independência Total de Angola — UNITA, reunidos em Aívor, Algarve, de 10 a 15 de Janeiro de 1975, para negociarem o processo e o calendário do acesso de Angola à independência, acordam no seguinte:



Presidente da República Portuguesa, perante quem toma posse e responde politicamente.

Art. 13.º — Compete ao Alto-Comissário:

a) Representar o Presidente da República Portuguesa, assegurando e garantindo, de pleno acordo com o Governo de Transição, o cumprimento da lei;

b) Salvaguardar e garantir a integridade do território angolano, em estreita cooperação com o Governo de Transição;

c) Assegurar o cumprimento do presente acordo e dos que venham a ser celebrados entre os Movimentos de Libertação e o Estado Português;

d) Garantir e dinamizar o processo de descolonização de Angola;

e) Ratificar todos os actos que interessarem ou se refram ao Estado Português;

f) Assistir às sessões do Conselho de Ministros, quando o entender conveniente, podendo participar nos respectivos trabalhos sem direito a voto.

g) Assinar, promulgar e mandar publicar os decretos-leis e os decretos elaborados pelo Governo de Transição;

h) Assegurar em conjunto com o Colégio Presidencial a Direcção da Comissão Nacional de Defesa;

i) Dirigir a política externa de Angola durante o período transitório coadjuvado pelo Colégio Presidencial.

### CAPÍTULO III

#### Do Governo de Transição

Art. 14.º — O Governo de Transição é presidido e dirigido pelo Colégio Presidencial.

Art. 15.º — O Colégio Presidencial é constituído por três membros, um de cada Movimento de Libertação, e tem por tarefa principal dirigir e coordenar o Governo de Transição.

Art. 16.º — O Colégio Presidencial poderá, sempre que o deseje, consultar o Alto-Comissário sobre assuntos relacionados com a acção governativa.

Art. 17.º — As deliberações do Governo de Transição são tomadas por maioria de dois terços, sob a presidência rotativa dos membros do Colégio Presidencial.

Art. 18.º — O Governo de Transição é constituído pelos seguintes Ministérios: Interior, Informação, Trabalho e Segurança Social, Economia, Planeamento e Finanças, Justiça, Transportes e Comunicações, Saúde e Assuntos Sociais, Obras Públicas, Habitação e Urbanismo, Educação e Cultura, Agricultura, Recursos Naturais.

Art. 19.º — São desde já criadas as seguintes Secretarias de Estado:

a) Duas Secretarias de Estado no Ministério do Interior;

b) Duas Secretarias de Estado no Ministério da Informação;

c) Duas Secretarias de Estado no Ministério do Trabalho e Segurança Social;

d) Três Secretarias de Estado no Ministério da Economia, designadas, respectivamente, por Secretária de Estado do Comércio e Turismo, Secretária de Estado da Indústria e Energia e Secretária de Estado das Pescas.

Art. 20.º — Os Ministros do Governo de Transição são designados em proporção igual pela Frente Nacional de Libertação de Angola — FNLA, pelo Movimento Popular de Libertação de Angola — MPLA, pela União Nacional para a Independência Total de Angola — UNITA e pelo Presidente da República Portuguesa e tomam posse perante o Alto-Comissário.

Art. 21.º — Tendo em conta o carácter transitório do Governo, a distribuição dos Ministérios é feita do seguinte modo:

a) Ao Presidente da República Portuguesa cabe designar os Ministros da Economia, das Obras Públicas, Habitação e Urbanismo e dos Transportes e Comunicações;

b) A FNLA cabe designar os Ministros do Interior, da Saúde e Assuntos Sociais e da Agricultura;

c) Ao MPLA cabe designar os Ministros da Informação, do Planeamento e Finanças e da Justiça;

d) A UNITA cabe designar os Ministros do Trabalho e Segurança Social, da Educação e Cultura e dos Recursos Naturais.

Art. 22.º — As Secretarias de Estado previstas no presente acordo são distribuídas pela forma seguinte:

a) A FNLA cabe designar um Secretário de Estado para a Informação, um Secretário de Estado para o Trabalho e Segurança Social e o Secretário de Estado do Comércio e Turismo;

b) Ao MPLA cabe designar um Secretário de Estado para o Interior, um Secretário de Estado para o Trabalho e Segurança Social e o

(Cont. na pág. 4)



(Cont. da pág. 3)

Secretário de Estado da Indústria e Energia;

c) A UNITA cabe designar um Secretário de Estado para o Interior, um Secretário de Estado para a Informação e o Secretário de Estado das Pescas.

Art. 23.º — O Governo da Transição poderá criar novos lugares de Secretários e Subsecretários de Estado, respeitando na sua distribuição a regra da heterogeneidade política.

Art. 24.º — Compete ao Governo da Transição:

- a) Velar pela boa condução do processo de descolonização até à independência total;
- b) Superintender no conjunto da administração pública, assegurando o seu funcionamento, e promovendo o acesso dos cidadãos angolanos a postos da responsabilidade;
- c) Conduzir a política interna;
- d) Preparar e assegurar a realização de eleições gerais para a Assembleia Constituinte de Angola;
- e) Exercer por decreto-lei a função legislativa e elaborar os decretos, regulamentos e instruções para a boa execução das leis;
- f) Garantir, em cooperação com o Alto-Comissário, a segurança das pessoas e bens;
- g) Proceder à reorganização judiciária de Angola;
- h) Definir a política económica, financeira e monetária, e criar as estruturas necessárias no rápido desenvolvimento da economia de Angola;
- i) Garantir e salvaguardar os direitos e as liberdades individuais ou colectivas.

Art. 25.º — O Colégio Presidencial e os Ministros são solidariamente responsáveis pelos actos do Governo.

Art. 26.º — O Governo da Transição não poderá ser demitido por iniciativa do Alto-Comissário, devendo qualquer alteração da sua constituição ser efectuada por acordo entre o Alto-Comissário e os Movimentos de Libertação.

Art. 27.º — O Alto-Comissário e o Colégio Presidencial procurarão resolver, em espírito de amizade e através de consultas recíprocas, todas as dificuldades resultantes da acção governativa.

**CAPÍTULO IV**

**Da Comissão Nacional de Defesa**

Art. 28.º — É criada uma Comissão Nacional de Defesa com a seguinte composição:

- Alto-Comissário.
- Colégio Presidencial.
- Estado-Maior Unificado.

Art. 29.º — A Comissão Nacional de Defesa deverá ser informada pelo Alto-Comissário sobre todos os assuntos relativos à defesa nacional, tanto no plano interno como no externo, com vista a:

- a) Definir e concretizar a política militar resultante do presente acordo;
- b) Assegurar a salvaguarda da integridade territorial de Angola;
- c) Garantir a paz, a segurança e a ordem pública;
- d) Velar pela segurança das pessoas e dos bens.

Art. 30.º — As decisões da Comissão Nacional de Defesa são tomadas por maioria simples, tendo o Alto-Comissário, que preside, voto de qualidade.

Art. 31.º — É criado um Estado-Maior Unificado que reunirá os comandantes dos três ramos das Forças Armadas Portuguesas em Angola e três comandantes dos Movimentos de Libertação. O Estado-Maior Unificado fica colocado sob a autoridade directa do Alto-Comissário.

Art. 32.º — Forças Armadas dos três Movimentos de Libertação serão integradas em período com Forças Armadas Portuguesas nas Forças Militares Mistas em contingentes assim distribuídos:

- 8 000 combatentes da FNLA.
- 8 000 combatentes do MPLA.
- 8 000 combatentes da UNITA.
- 24 000 militares das FAP.

Art. 33.º — Cabe à Comissão Nacional de Defesa proceder à integração progressiva das Forças Armadas nas Forças Militares Mistas referidas no artigo anterior, devendo em princípio respeitar-se o calendário seguinte:

De Fevereiro a Maio, inclusive, serão integrados, por mês, 500 combatentes de cada um dos Movimentos de Libertação e 1600 militares portugueses.

De Junho a Setembro, inclusive, serão integrados por mês, 1600 combatentes de cada um dos Movimentos de Libertação e 4500 militares portugueses.

Art. 34.º — Os efectivos das Forças Armadas Portuguesas que excederem o contingente referido no art. 32.º deverão ser evacuados de Angola até 30 de Abril de 1975.

Art. 35.º — A evacuação do contingente das Forças Armadas Portuguesas integrado nas Forças Militares Mistas deverá iniciar-se a partir de 1 de Outubro de 1975 e ficar concluída até 29 de Fevereiro de 1976.

Art. 36.º — A Comissão Nacional de Defesa deverá organizar Forças Mistas da Polícia encarregadas da manter a ordem pública.

Art. 37.º — O Comando Unificado da Polícia constituído por três membros, um de cada Movimento de Libertação, é dirigido colegialmente e presidido segundo um sistema rotativo, ficando sob a autoridade e a supervisão da Comissão Nacional de Defesa.

**CAPÍTULO V**

**Dos Refugiados e das pessoas reagrupadas**

Art. 38.º — Logo após a instalação do Governo da Transição serão constituídas Comissões Paritárias Mistas, designadas pelo Alto-Comissário e pelo Governo da Transição encarregadas de planificar e preparar as estruturas, os meios e os processos requeridos para acolher os angolanos refugiados. O Ministério da Saúde e Assuntos Sociais supervisionará a acção destas comissões.

Art. 39.º — As pessoas concentradas nas "sanxalas da paz" poderão regressar aos seus lugares de origem. As Comissões Paritárias Mistas deverão propor ao Alto-Comissário e ao Governo da Transição, medidas sociais, económicas e outras, para assegurar às populações deslocadas o regresso à vida normal e a reintegração nas diferentes actividades da vida económica do país.

**CAPÍTULO VI**

**Das eleições gerais para a Assembleia Constituinte de Angola**

Art. 40.º — O Governo da Transição organizará eleições gerais para uma Assembleia Constituinte no prazo de nove meses a partir de 31 de Janeiro de 1976, data da sua instalação.

Art. 41.º — As candidaturas à Assembleia Constituinte serão apresentadas exclusivamente pelos Movimentos de Libertação — FNLA, MPLA e UNITA — únicos representantes legítimos do Povo Angolano.

Art. 42.º — Será estabelecida, após a instalação do Governo da Transição, uma Comissão Central, constituída em partes iguais por membros dos Movimentos de Libertação, que elaborará o projecto da lei fundamental e preparará as eleições para a Assembleia Constituinte.

Art. 43.º — Aprovada pelo Governo da Transição e promulgada pelo Colégio Presidencial, a lei fundamental, a Comissão Central deverá:

- a) Elaborar um projecto de lei eleitoral;

- b) Organizar os cadernos eleitorais;
- c) Registrar as listas dos candidatos à eleição da Assembleia Constituinte apresentadas pelos Movimentos de Libertação.

Art. 44.º — A lei fundamental, que vigorará até à entrada em vigência da Constituição da Angola, não poderá contrariar os termos do presente acordo.

**CAPÍTULO VII**

**Da nacionalidade angolana**

Art. 45.º — O Estado Português e os três Movimentos de Libertação — FNLA, MPLA e UNITA — comprometem-se a agir concertadamente para eliminar todas as sequelas do colonialismo. A este propósito, a FNLA, o MPLA e a UNITA reafirmam a sua política de não discriminação segundo a qual a qualidade de angolano se define pelo nascimento em Angola ou pelo domicílio desde que os domiciliados em Angola se identifiquem com as aspirações da nação angolana através de uma opção consciente.

Art. 46.º — A FNLA, o MPLA e a UNITA assumem desde já o compromisso de considerar cidadãos angolanos todos os indivíduos nascidos em Angola, desde que não declarem, nos termos e prazos a definir, que desejam conservar a sua actual nacionalidade, ou optar por outra.

Art. 47.º — Aos indivíduos não nascidos em Angola e radicados neste país, é garantida a faculdade de requerer a cidadania angolana, de acordo com as regras da nacionalidade angolana que forem estabelecidas na lei fundamental.

Art. 48.º — Acordos especiais, a estudar ao nível da Comissão Paritária Mista, regularão as modalidades de concessão de cidadania angolana aos cidadãos portugueses domiciliados em Angola, e o estatuto de cidadãos portugueses residentes em Angola e de cidadãos angolanos residentes em Portugal.

**CAPÍTULO VIII**

**Dos assuntos de natureza económica e financeira**

Art. 49.º — O Estado Português obriga-se a regularizar com o Estado de Angola a situação decorrente da existência de bens pertencentes a este Estado fora do território angolano, por forma a facilitar a transferência desses bens, ou do correspondente valor para o território e a posse da Angola.

Art. 50.º — A FNLA, o MPLA e a UNITA declaram-se dispostos a aceitar a responsabilidade dos compromissos financeiros assumidos pelo Estado Português em nome e em relação a Angola desde que o tenham sido no efectivo interesse do Povo Angolano.

Art. 51.º — Uma Comissão Especial Paritária Mista, constituída por peritos nomeados pelo Governo Provisório da República Portuguesa e pelo Governo da Transição do Estado de Angola, relacionará os bens referidos no art. 49.º e os créditos referidos no art. 50.º, procederá às avaliações que tiver por convenientes, e proporá àqueles Governos as soluções que tiver por justas.

Art. 52.º — O Estado Português assume o compromisso de facilitar à Comissão referida no artigo anterior todas as informações e elementos de que dispuser e de que a mesma Comissão careça para formular juízos fundamentais e propor soluções equitativas dentro dos princípios da verdade, do respeito pelos legítimos direitos de cada parte e da mais leal cooperação.

Art. 53.º — O Estado Português assistirá o Estado Angolano na criação e instalação de um Banco Central emissor. O Estado Português compromete-se a transferir para o Estado de Angola as atribuições e o activo e passivo do departamento de Angola do Banco de Angola, em condições a acordar no âmbito da Comissão Mista para os Assuntos

Financeiros. Esta Comissão estudarà igualmente todas as questões referentes ao departamento de Portugal do mesmo Banco, propondo as soluções justas, na medida em que se refiram e interessem a Angola.

Art. 54.º — A FNLA, o MPLA e a UNITA comprometeram-se a respeitar os bens e os interesses legítimos dos portugueses domiciliados em Angola.

**CAPÍTULO IX**

**Da cooperação entre Angola e Portugal**

Art. 55.º — O Governo Português por um lado e os Movimentos de Libertação pelo outro acordam em estabelecer entre Portugal e Angola laços de cooperação construtiva e duradoura em todos os domínios, nomeadamente nos domínios cultural, técnico, científico, económico, comercial, monetário, financeiro e militar, numa base de independência, igualdade, liberdade, respeito mútuo e reciprocidade de interesses.

**CAPÍTULO X**

**Das Comissões Mistas**

Art. 56.º — Serão criadas Comissões Mistas de natureza técnica e composição paritária nomeadas pelo Alto-Comissário de acordo com o Colégio Presidencial, ou terão por tarefa estudar e propor soluções para os problemas decorrentes da descolonização e estabelecer as bases de uma cooperação activa entre Portugal e Angola, nomeadamente nos seguintes domínios:

- a) Cultural, técnico e científico;
- b) Económico e comercial;
- c) Monetário e financeiro;
- d) Militar;
- e) Da aquisição da nacionalidade angolana por cidadãos portugueses.

Art. 57.º — As Comissões referidas no artigo anterior conduzirão os trabalhos e negociações num clima de cooperação construtiva e de leal ajustamento. As conclusões a que chegarem deverão ser submetidas, no mais curto espaço de tempo, à consideração do Alto-Comissário e do Colégio Presidencial com vista à elaboração de acordos entre Portugal e Angola.

**CAPÍTULO XI**

**Das disposições gerais**

Art. 58.º — Quaisquer questões que surjam na interpretação e na aplicação do presente acordo e que não possam ser solucionados nos termos do artigo 27.º serão resolvidas por via negociada entre o Governo Português e os Movimentos de Libertação.

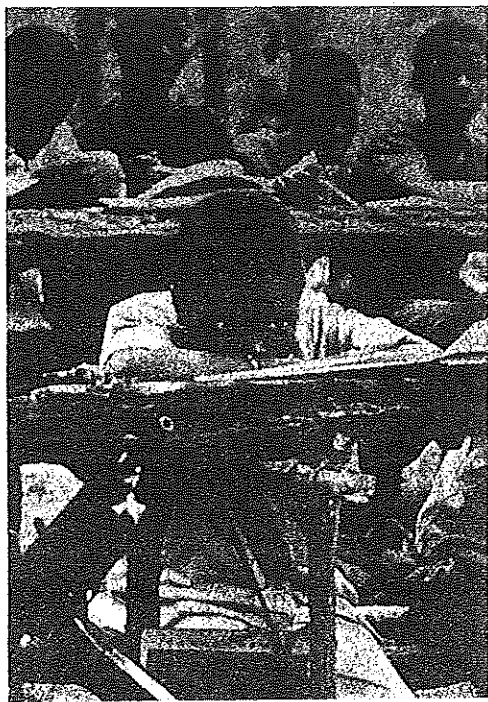
Art. 59.º — O Estado Português, a FNLA, o MPLA e a UNITA, fêz ao idêntico sócio-político rapidamente afirmado pelos seus dirigentes, reafirmam o seu respeito pelos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas e na Declaração Universal dos Direitos do Homem bem como o seu activo repúdio por todas as formas de discriminação racial, nomeadamente o "apartheid".

Art. 60.º — O presente acordo entrará em vigor imediatamente, após a homologação pelo Presidente da República Portuguesa.

As delegações do Governo Português, da FNLA, do MPLA e da UNITA realçam o clima de perfeita cooperação e cordialidade em que decorreram as negociações e felicitam-se pela conclusão do presente acordo, que dá satisfação às justas aspirações do povo angolano e enche de orgulho o povo português, a partir de agora ligados por laços de funde amizade e propósitos de cooperação construtiva, para bem de Angola, de Portugal, da África e do mundo.

Assinado em Alvor, Algarve, aos 15 dias do mês de Janeiro de 1976, em quatro exemplares de língua portuguesa.

AHM/FO/43/S1/Cx 834/V1



## A IMPRENSA E A DESCOLONIZAÇÃO

Numa situação altamente complexa como a descolonização da Angola, susceptível de degenerar e provocar incidentes graves, o papel que podem desempenhar os órgãos de informação, é importante. Estes devem, num país livre e consciente, reflectir a opinião do povo. E como sabemos Portugal tem parte importante no equilíbrio que é fundamental manter na ex-colónia, para que a paz, a ordem e segurança sejam mantidas.

Numa situação destas, torna-se pois imperioso meditar em duas características fundamentais duma notícia — a verdade e a oportunidade.

A veracidade pressupõe uma análise correcta e exhaustiva da notícia e portanto uma informação de todos os condicionamentos e factores que definem a situação, tendo em conta a realidade, não só do meio a que se destinam, como do que pretendem retratar. Para que o público interprete a notícia, é necessário que compreenda o problema na sua totalidade, o que pressupõe uma preocupação de ensinamento dessa realidade e não só o tratamento de noticiário sensacionalista nas alturas em que a situação se agrava.

Por outro lado, como já afirmado, é necessário ter em conta a realidade que se noticia e aquela a que se destina a notícia. O público não deve raciocinar em termos da Angola, com falta de elementos sobre Angola, e antes, envolvido pela situação em Portugal. O jornalista deve ter também este problema presente, não só para que o público não analise uma realidade deformada, como para evitar que em Angola as opiniões expressas nos órgãos de informação portugueses sejam interpretadas pelo sentir e interesses do Povo, do Governo ou do MFA.

Só com estes dados, haverá condições para se ponderar e verificar a verdade e mesmo da oportunidade de determinado noticiário. Só com a consciência dos factos se deverá noticiar. E não, aproveitar situações tensas e graves para projectar esses acontecimentos numa realidade diferente, com o fim de se explorarem alguns pontos neste contexto. Não se trata como é óbvio de negar as liberdades da Lei de Imprensa. Trata-se sim de chamar à noção da responsabilidade órgãos de informação frescos, vivos e sobretudo livres que têm tratado por vezes este problema com ligeireza e superficialidade.



## A QUESTÃO DA COLÓNIA PORTUGUESA EM ANGOLA

A colónia portuguesa em Angola, ou, melhor, a etnia branca, é constituída por cerca de quinhentos mil elementos, repartidos pelos principais centros urbanos, cabendo a Luanda mais de duzentos mil.

O peso da sua importância na vida angolana faz-se sentir sobremaneira na administração pública e em todos os sectores da actividade social e económica, pela que dela é originária a quase totalidade dos grandes comerciantes, empresários industriais e agrícolas, profissionais liberais e quadros superiores e a maioria dos quadros médios e dos técnicos especializados. Com o advento do 25 de Abril, a etnia branca encarou a perspectiva de independência numa forma em que se podia visualizar, por um lado, sérias reservas e algum ceticismo quanto a essa possibilidade — exemplificados pelo aparecimento de agrupamentos reacçãoários actuando abertamente no campo político e clandestinamente na preparação de acções armadas — e, por outro lado, forte expectativa quanto ao futuro pela via da independência, sempre com a omnipresença da ideia de que Angola também era sua. Com o Acordo do Alvor, esta expectativa transformou-se na esperança quase certeza de que o futuro da Angola também seria seu, também seria obra sua.

Os incidentes de Março foram o primeiro golpe neste estado de espírito. Com as sangrentas confrontações que se seguiram entre a FNLA e o MPLA em vários centros urbanos, com destaque, pela sua violência, para as que ocorreram no Luso, Teixeira de Sousa e Luanda, ficou para uns a certeza de que o amor à terra não valia os riscos da permanência e para outros, um número talvez não maioritário, a vontade férrea de permanecer onde está tudo o que possuem, identificando-se como angolanos a qualquer preço; entre estes, flutua o grupo capitalista

que, ao longo dos anos, salvo excepções honrosas e poucas numerosas, veio realizando em Angola a política colonial-fascista do obscuro regime derrubado em 25 de Abril. Para este grupo, vale ainda, como risco calculado, o jogo das alianças de conveniência, apesar dos custos financeiros, na esperança dum futuro de acordo com os seus desejos, futuro que, de qualquer modo, está já garantido pelos capitais acumulados em local seguro.

As consequências já visíveis para a permanência branca em Angola traduzem-se pelo abandono do território por cerca de três mil pessoas deslocadas das áreas afectadas por incidentes violentos e por mais de trinta mil que aguardam capacidade de transporte ou utilizam as suas próprias viaturas numa viagem transafricana, quase todas com destino a Portugal, e as restantes atraídas para outros países, nomeadamente Brasil, África do Sul e Gabão. Com a estabilização da situação em perspectivas seguras de paz e ordem, é possível que alguns destes retornem; no entanto, se tal não se verificar ou, até, se a situação degenerar para uma instabilidade endémica, assistimos a um verdadeiro êxodo, descontrolado e doloroso, de pessoas que tudo querem levar consigo mas que quase tudo têm de abandonar, minguadas de recursos e sem a certeza de virem a obter, pelo menos, os proventos necessários a condições razoáveis da vida.

As consequências, para Angola, duma saída maciça da população branca serão simplesmente catastróficas. Efectivamente, a vida angolana será profundamente afectada em todos os domínios, nomeadamente administração pública, saúde, justiça, indústria, comércio e transportes, devendo pôr-se a hipótese duma derrocada económica, pois que o país não pode suportar, além da natural retracção

grave dos investimentos privados, tal hemorragia de gestores, profissionais liberais, quadros e técnicos. Por outro lado, a presença portuguesa em Angola, já por este facto afectada, não deixaria de estar em risco de ser contrariada pelos que viessem a preencher o vácuo deixado. Não menos graves serão para Portugal as consequências dum êxodo significativo a partir de Angola: aumento da taxa de desemprego para um valor crítico, com o consequente aumento da instabilidade social; enfraquecimento dos laços culturais, políticos e económicos a estabelecer com Angola, da imediato e primordial interesse para a defesa da revolução portuguesa; redução das possibilidades de ligação ao terceiro mundo; inserção na sociedade portuguesa de população traumatizada e talvez corajada contra a revolução, que identifica como causa dos seus males; e, finalmente, o aproveitamento que a reacção interna e internacional não deixará de fazer, na tentativa de desacreditar a descolonização e, por ela, todo o processo revolucionário português e o MFA.



## COMUNICADO DO ALTO-COMISSÁRIO

1. Na madrugada de 29 de Abril de 1975 tiveram início graves incidentes em Luanda, que se vêm agravando com mortos, feridos e indisciplina das populações.

2. Em incidentes anteriores, sempre a parte portuguesa, responsável pelo processo de descolonização, tentou por todos os meios obter a cooperação do Governo e dos responsáveis dos Movimentos, tendo conseguido vários compromissos que poucas vezes foram respeitados.

3. Perante a situação actual, que tende a agravar-se a cada momento, a parte portuguesa, representada pelo Alto Comissário:

a) Promoveu a reunião dos mais altos responsáveis dos três Movimentos que se encontram presentemente em Luanda, Primeiro-Ministro Johnny Eduardo, pela FNLA, Presidente Agostinho Neto do MPLA e Presidente Jonas Savimbi, da UNITA, tendo sido assumidos compromissos concretos com vista à resolução dos graves incidentes que ocorrem em Luanda;

b) Crê que os responsáveis angolanos se decidiram, após a reunião de hoje, a empenhar-se efectivamente no cumprimento do Acordo de Alvor, do Protocolo de Acordo de 28 de Março de 1975 e decisões da Comissão Nacional da Defesa e a colaborar na acção drástica que o momento presente impõe, a bem da população de Luanda e do processo de descolonização;

c) Informa o Governo de Transição, os responsáveis dos Movimentos de Libertação e a população de Luanda que, a não ser consequente a cooperação acordada, assumirá as posições que se imponham face às responsabilidades que lhe cabem em Angola e no respectivo processo de descolonização, que só será possível levar a bom termo num clima construtivo de paz e nunca com uma luta fratricida pelo poder, na qual a população é vítima inocente.

Luanda, 1 de Maio de 1975.

# UNIDADE E LUTA

## AMÍLCAR CABRAL

O que é Unidade? Claro que podemos tomar unidade num sentido que se pode chamar estático, parado, que não é mais que uma questão de número, por exemplo, se considerarmos o conjunto de garrafas que há no mundo, uma garrafa é uma unidade. Se considerarmos o conjunto de homens que está nesta sala, o camarada Daniel Barreto é uma unidade. E por aí fora. Essa a unidade que nos interessa considerar no nosso trabalho, da qual falámos nos nossos princípios do Partido? É e não é. É, na medida em que nós queremos transformar um conjunto diverso de pessoas, num conjunto bem definido, buscando um caminho. E não é, porque aqui não podemos esquecer que dentro desse conjunto há elementos diversos. Pelo contrário, o sentido da unidade que vemos no nosso princípio é o seguinte: quaisquer que sejam as diferenças que existem, é preciso ser um só, um conjunto, para realizar um dado objectivo. Quer dizer, no nosso princípio, unidade é no sentido dinâmico, quer dizer, da mudança. O fundamento principal da unidade é que para ter unidade é preciso ter coisas diferentes. Se não forem diferentes, não é preciso fazer unidade. Não há problema de unidade. Ora para nós o que é unidade? Qual é o objectivo em torno do qual devemos fazer unidade na nossa terra?

Agora surge uma pergunta: essa unidade que surgiu como uma necessidade, era porque as nossas ideias eram diferentes do ponto de vista político? Não, nós não costumávamos fazer política na nossa terra, nem havia nenhum partido na nossa terra. Mas mais ainda, é que de facto da dominação estrangeira — como é o caso da nossa terra e de outras terras ainda — uma sociedade que não está muito desenvolvida, como é o caso da Guiné e Cabo Verde, em que a diferença entre as situações das pessoas não é muito grande, embora, como vimos há algumas diferenças, é muito difícil os objectivos políticos serem muito diferentes uns dos outros. Quer dizer, o nosso problema de unidade não era no sentido de reunir várias cabeças diferentes, pessoas diferentes, do ponto de vista dos objectivos políticos, de programas políticos, não. Primeiro porque, na própria estrutura da nossa sociedade, na própria realidade da nossa terra, as diferenças não são tão grandes, para provocarem tantas diferenças de objectivos políticos. Mas, segundo a principal, porque com a dominação estrangeira na nossa terra, com a proibição total que sempre houve, em toda a nossa vida, de fazer qualquer partido político na nossa terra, não havia partidos diferentes para terem de se unir, não havia rumos políticos diferentes para seguirem o mesmo caminho, para se juntarem para fazer a unidade.

Então qual era o problema da unidade na nossa terra? Fundamentalmente, o problema de unidade era esta simples: em primeiro lugar, como toda a gente sabe, a união faz a força. A partir do momento em que surgiu na cabeça de alguns filhos da nossa terra a ideia de fazer os estrangeiros saírem da nossa terra como dominadores, de acabar com a dominação colonialista na nossa terra, pós-se um problema da força, uma força necessária para se opor à força do colonialista. Portanto, quanto mais gente se unir, quanto mais unidos estivermos, nós correspondemos àquilo que todo o mundo sabe e que é: a união faz a força. Se eu tirar um pau de fóforos e o quiser quebrar, quebrar-o rapidamente; se juntar dois, já não é tão fácil. Três, quatro, cinco, seis, chegará um dado momento em que não poderei quebrar, é escusado. Mas além disso, para além desse caso, simples, natural, de que a união faz o

força (e temos que ver que nem sempre a união faz a força; há certos tipos de união que fazem a fraqueza — e essa é que é a maravilha do mundo, é que todas as coisas têm dois aspectos — um positivo e outro negativo), aqueles que tiverem a ideia de unidade, porque a união faz a força, puseram o problema da unidade no seu espírito e na realidade da nossa luta, porque eles sabiam que no nosso meio havia muita divisão.

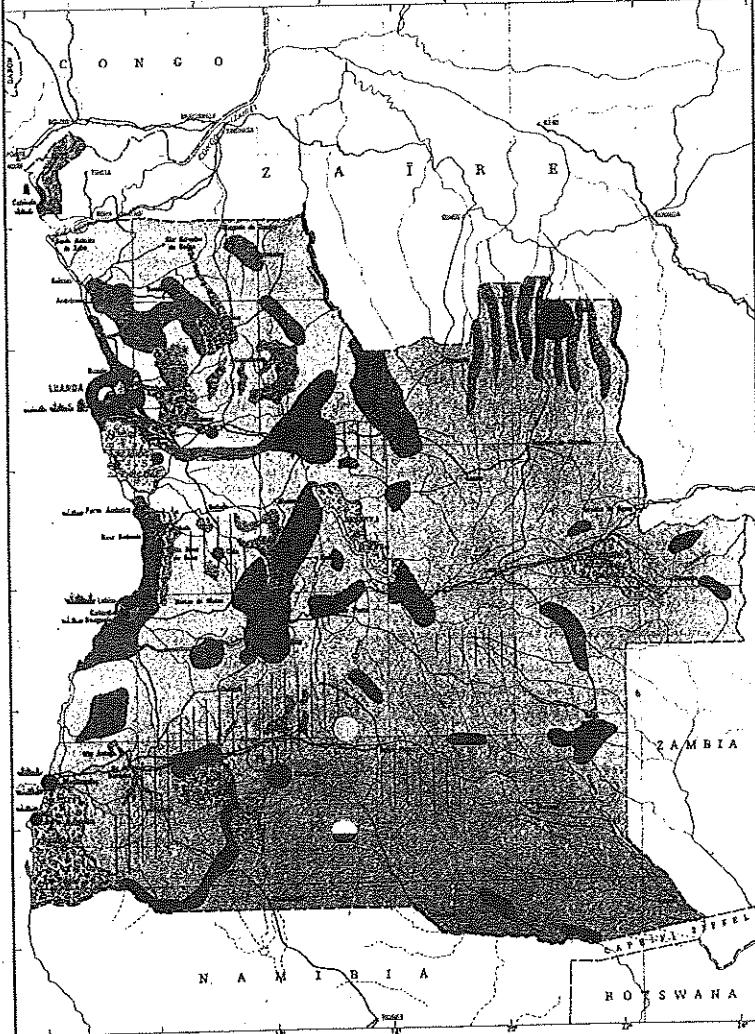
O problema da unidade surge na nossa terra, repito bem, não por causa da necessidade de juntar pessoas com pensamentos políticos diferentes, mas sim por causa da necessidade de juntar pessoas com situação económica diferente, embora essa diferença não seja tão grande como noutras terras — com situação social diferente, com culturas diferentes, incluindo a religião, quer dizer, pusemos o problema da unidade na nossa terra, tanto na Guiné como em Cabo Verde, no sentido de tirar ao inimigo a possibilidade de explorar as contradições que pode haver entre a nossa gente para enfraquecer a nossa luta, que temos que opor contra a força do inimigo.

Portanto, vemos que a unidade é qualquer coisa que temos de fazer, para podermos fazer outra coisa. Quer dizer, para lavarmos, se não formos doidos, por exemplo, ou abindo a torneira, ou lavando-se no rio, não vamos entrar na água sem nos despirmos, temos que tirar a roupa primeiro. É um acto que fazemos em preparativo que fazemos para podermos tomar banho, suponhamos. Mas, melhor, se quisermos fazer uma reunião nesta sala, com pessoas sentadas, etc., temos que convocar as pessoas, pôr mesas na sala, arranjar lápis, canetas, etc. Quer dizer, temos que arranjar meios para podermos fazer uma reunião como deve ser. A unidade também é um meio, um meio, não é um fim. Nós podemos ter lutado um bocado pela unidade, mas se nós fazemos unidade, isso não quer dizer que a luta acaba. Há muita gente que nesta luta das colónias contra o colonialismo, até hoje, ainda estão a lutar pela unidade. Porque como não são capazes de fazer a luta, pensam que a unidade é que é a luta. A unidade é um meio para lutar e, como todos os meios, tem uma certa quantidade que chega. Não é preciso para lutar num país, unir toda a gente. Temos a certeza de que toda a gente está unida? Não, basta realizar um certo grau de unidade. Se chegarmos lá, então podemos lutar. Porque então as ideias que estão na cabeça dessas pessoas avançam, desenvolvem-se e servem cada dia mais para realizar o objectivo que temos em vista. Portanto, os camaradas já viram, mais ou menos, qual é a ideia fundamental que está neste nosso princípio — Unidade.

E o que é Luta? — Luta é uma condição normal de todos os seres do mundo. Todos estão na luta, todos lutam. No nosso caso concreto, a luta é o seguinte: os colonialistas portugueses ocuparam a nossa terra, como estrangeiros e, como ocupantes, exerceram uma força sobre a nossa sociedade, sobre o nosso povo. Força que fez com que eles tomassem o nosso destino nas suas mãos, fez com que parassem a nossa história para ficarmos ligados à história de Portugal, como se fossemos a carroça do comboio de Portugal. E criaram uma série de condições dentro da nossa terra: económicas, sociais, culturais, etc.

A nossa luta hoje, é o seguinte: é que surgiu, com a criação do nosso Partido, uma força nova que se opôs à força colonialista. O problema é de saber, na prática, se essa força unida do nosso povo pode vencer a força colonialista: isso é que é a nossa luta. Isso é o que nós chamamos luta.

# BOLO ANGOLANO



**Legenda:**

- Floresta
- ▨ Agricultura, criação de gado
- ▩ Agricultura alimentar extensiva (trigo, milho, arroz, etc.)
- ▩ Agricultura alimentar mais intensiva (mandioca, milho, arroz, etc.)
- ▩ Zonas unidas em preparação (trigo, milho, arroz, etc.)
- ▩ Principais regiões de criação de gado (bovinos)
- ▩ Principais culturas comerciais
- ☐ Café
- ☐ Sisal
- ☐ Oleaginosas (óleo de palma, óleo de rícino, óleo de amendoim)
- ☐ Cana-de-açúcar
- ☐ Milho
- Algodão
- ▲ Pesca industrial
- ▲ Pesca artesanal
- Moinhos
- Zangãos explorados
- O (cabo-verde), Fe (ferro), Mn (manganês), Cu (cobre), S (sulf.)
- Petróleo
- Zangãos em reserva
- Pn (fosfatos)
- Actividades industriais
- Industrias alimentares
- Industria açucareira

Um dos aspectos mais visíveis do colonialismo português em Angola verificou-se no campo económico. Da colonização económica podemos ressaltar dois factos primordiais:

- O regime de extremo privilégio das trocas comerciais entre Portugal e a ex-colónia, traduzido no decorrer sucessivo dos tempos por que eram pagas as importações em contraponto com os aumentos firmados dos preços de exportação.
- A abertura desenfreada que, a partir de Abril de 1965, foi decretada aos investimentos estrangeiros, em Angola descobertos.

Estes dois factores permitiram ao regime fascista-colonialista que há um ano o Povo Português derrubou, equilibre a sua balança de pagamentos. Fontes, igualmente, que economista do novo País africano: a rígida definição dos mercados mundiais onde coloca os seus produtos (Portugal, cerca de 25%; EUA, cerca de 30%; Japão, Canadá e países da Europa cerca de 38%; outros países europeus portugueses, cerca de 7%); a dependência do seu desenvolvimento económico de centros financeiros exteriores (EUA, RFA e outros).

Presentes que estão os elementos acima indicados, procuraremos agora, na frase de alguns números, que porque levaram a grande capital internacional a jogar no colonialismo do regime, feticção, que porque levam o grande capital internacional a meter-se em assuntos que não são pertença do Povo Angolano, na pretensão de o "eludar":

	Milhares de toneladas	Milhares de contos
<b>Exportação em 1973 (a):</b>		
Milhares de toneladas	15 500	
Milhares de contos		19 200
<b>Importação em 1973 (a):</b>		
Milhares de toneladas	1150	
Milhares de contos		13 300
<b>Saldos em 1973 (a):</b>		
Milhares de toneladas	14 400	
Milhares de contos		6 900
<b>Exportações verificadas em 1973 (a):</b>		
	Toneladas	Contos
Petróleo em bruto	7 300 000	6 800 000
Café	220 000	6 200 000
Diamantes/jaquetas	2 100 000	2 000 000

**Alguns dados mais acerca de Angola:**

- É o terceiro produtor mundial de café a nível mundial.
- Possui cerca de 463 jazigos de petróleo, com rentabilidade económica de exploração e espedidos por enorme área geográfica.
- Foram recentemente descobertos novos e importantes jazigos de petróleo.
- As possibilidades extractivas do ferro estão longe de esgotar no seu limite máximo anual: prevê-se para 1980 a extracção de 12 milhões de toneladas.
- Os jazigos de manganês estão praticamente por explorar: uma só jazida em Malungo possui uma reserva de cerca de 60 milhões de toneladas.

NOTAS: (a) Números aproximados. (b) Ainda em fase de arranque.

AHM/Fo/43/S1/Cx 834/V1



342 f.

**SECRETO**

ESTADO-MAIOR-GENERAL  
DAS FORÇAS ARMADAS  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

*o assunto foi  
presente em  
no tempo  
12 Jun 75  
Aqui*

081 09 JUN 75

*097*

CEMGFA Gab  
Recebido em 12.6.75  
P.º 24.12 N.º 3098

O 091200Z JUN75  
FM CCPA  
TO RPFNCX/CEMGFA  
INFO  
RPFNCX/CONCELHO DE REVOLUCAO

BT  
S E C R E T O  
O47/75CCPA

1. DESEMBARCARAM 08 JUN 75 LUANDA VINDOS LISBOA AVIAO TAM 49 ELEMENTOS  
CART 6553. SEGUNDO SUAS DECLARACOES RESTANTES MILITARES COMPANHIA  
RECUSARAM SE EMBARCAR. PERGUNTA SE:  
PRIMEIRO -SERVICO MILITAR DEIXOU SER GERAL PESSOAL OBRIGATORIO  
SEGUNDO-ESPIRITO MISSAO APENAS DEVERA EXISTIR FAP ANGOLA  
TERCEIRO-DEIXARAM DE EXISTIR PORTUGAL CHEFES CAPAZES COMANDAR  
SUA TROPA  
QUARTO -COM EXEMPLOS DESTES COMO EXIGIR FAP ANGOLA CUMPRAM SEU  
DEVER
2. CONSIDERAMOS CONTRA-REVOLUCIONARIAS ATITUDES DESTE TIPO

BT

GDHR091618 Z

RECEBIDO NO CENTRO DE  
COMUNICAÇÕES AS 091740Z  
RÚBRICA  
*M*

S.  R.  
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
CENTRO DE COMUNICAÇÕES

NNV

VV WFU008  
RR RPFWA  
DE RPVO 161 1741830  
ZNR UUUUU  
R 231825Z JUN75  
FM ALTO COMISSARIO ANGOLA  
TO DIRECTOR GERAL INFORMACAO  
PALACIO FOZ-LISBOA  
INFO PRESIREP  
MINISTRO NEGOCIOS ESTRANGEIROS  
(GABINETE ANGOLA)GABINETEMAR  
BT  
NAOCLAS

365A

012



SITUACAO EM ANGOLA NO DIA 23JUN75  
\*\*\*\*\*

QUANDO O ACORDO DE NKURU ESTA NA ORDEM DO DIA, O PERIODO DE ACALMIA QUE SE VIVE EM LUANDA E, DE QUANDO EM QUANDO, QUEBRADO POR TIROTEIOS ESPORADICOS E ALGUNS REBENTAMENTOS DE MORTEIROS NOS BAIRROS OPERARIO, DE VILA ALICE E MARCAL. POR OUTRO LADO, DEVE REGISTRAR-SE A ACTUACAO DE BANDOS DE MARGINAIS ARMADOS, EM ALGUNS CASOS USANDO UNIFORMES DOS MOVIMENTOS DE LIBERTACAO, PELO REFLEXO QUE TEM NO AMEDRONTAMENTO DA POPULACAO QUE VIVE EM CONTINUA INSTABILIDADE PSICOLOGICA.

O DEFICIENTE ENQUADRAMENTO DOS MILITARES DOS MOVIMENTOS ESTA NA ORIGEM DE ALGUMAS ATITUDES INCONVENIENTES QUE SE TEM REGISTRADO, COMO ACTUACOES CONTRA ELEMENOS CIVIS E ATÉ CONTRA ELEMENTOS DOS PRÓPRIOS MOVIMENTOS.

ENQUANTO SE ASSISTE A UM POSSIVEL INICIO DE ACTIVIDADES DE TERRORISMO URBANO, COM O APARECIMENTO DE ENGENHOS EXPLOSIVOS TIPO ARMADILHA, OS MOVIMENTOS DE LIBERTACAO PROCEDEM A UM CONSTANTE ADIAMENTO DA LIBERTACAO DOS PRISIONEIRO QUE ILEGALMENTE TEM MANTIDO: NA VERDADE, ALEM DAS DETENCOES QUE JA SE TINHAM VERIFICADO, ESSE PROCEDIMENTO ILEGAL TEM CONTINUADO, PARTICULARMENTE POR PARTE DO MPLA E DA FNLA, O QUE CONTRIBUI AINDA MAIS, PARA A INSTABILIDADE DA POPULACAO QUE SE SENTE COMPLETAMENTE DESPROTEGIDA CONTRA ESSE TIPO DE ACTUACOES.  
BT

RECEBIDO NO CENTRO DE  
COMUNICACOES AS 232055Z  
RUBRICA  
M.

CEMGFA Gab  
Recebido em 26.6.75  
P. 24.12 N. 3170

NNNN

ADN/F3/S19/Cx40/V15

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA  
MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS  
ASSEMBLEIA DO CG/CT/SAL

*Handwritten signature and initials*

1- ANÁLISE DA SITUAÇÃO POLÍTICO-MILITAR NA ÁREA DO CT/SAL:

a) VERIFICA-SE:

- 1-Criação de "zonas libertadas" (pelas FAPLA e ELNA) segundo a linha geral LUCALA-BANGA-QUIAGE, sendo a região NE dominada pela FMLA e a região S\* pelo MPLA, no distrito de Cuanza Norte e na região NW do Distrito de Malange.
- 2-Prisões indiscriminadas e atitudes de justiça privada de parte a parte no C.N. e Malange, embora com visível decréscimo depois dos acordos de NAKURU
- 3-Controlo de movimentos nas estradas, com proibição de circulação também no C.N. e Malange.
- 4-Apropriação abusiva de veículos e instalações particulares e do Estado geralmente antes do acordo de NAKURU e esporadicamente depois.
- 5-Roubos de armamento, em grande escala ao CPA, e em pequena escala às NT na área de C.Norte.
- 6-Ameaças armadas e insulto a pequenas forças das NT, ou elementos isolados, por militantes dos ML e da população incluindo a europeia, com maior incidência em Malange e C. Norte.
- 7-Dificultar da acção das F.I. no C.N. quer na actividade operacional quer na sua formação.
- 8-Frequentes manifestações de incapacidade dos chefes dos ML e dos seus "exércitos" controlarem as suas bases, com maior evidência no C.Norte.
- 9-Compartimentação rígida de zonas de comando, o que torna difícil e por vezes mesmo impossível resolver problemas que afectem mais de uma área, nomeadamente no C.Norte e Malange.
- 10-Arbitrariedades por parte do MPLA em MASSANGANO, ALTO DO DONDO e PIRI, com desobediência às ordens de chefes de alto nível das FAPLA.
- 11-Entre o MPLA, verifica-se a existência dum canal "revolucionário" que não obedece ao canal "legal", isto é mais evidente no C.Norte.
- 12-Notável capacidade de penetração e mobilização de massas por parte dos comissários políticos do MPLA, em contraste com a FMLA que se vê quase reduzida ao apoio dos brancos e dos comprometidos com o colonialismo, o que lhe acarreta uma imagem imperialista e neocolonialista.
- 13-Incapacidade e desmobilização psicológica do CPA.
- 14-Situação económica profundamente abalada pela fuga de comerciantes, agricultores e criadores de gado, ausência cada vez maior de quadros, generalizada a todos os sectores da vida pública. Aumento de desemprego e fuga de trabalhadores do Sul. Aumento de roubos e outras atitudes inconvenientes e ilegais.
- 15-Desorença generalizada quanto à possibilidade de criação dum verdadeiro exército Angolano, em tempo.

2- PLANO DE ACÇÃO POLÍTICA DO MFI

- a) Considera-se um documento realista e altamente corajoso, nomeadamente na forma como trata os assuntos inerentes à situação económica e financeira do País.

*Handwritten notes and initials*

1  
...///...

*Deleite*  
*CS*

- b) Parece apresentar-se como resultado dum predomínio duma linha moderada sobre uma linha esquerdista, o que denunciaria de certo modo a existência duma cisão no seio do MFA.
- c) Revela uma linha original, que parece encerrar contradições, cujas consequências não nos sentimos aptos a prever; assim:
- O MFA é contra a social-democracia; no entanto preconiza um socialismo com ênfase para os partidos políticos e eleições, isto é, um "socialismo em democracia".
  - Encoraja a ligação directa MFA-POVO, através de organizações unitárias de base; - esta posição, embora coerente com a afirmação suprapartidária do MFA, parece conduzir no futuro a marginalização dos P. Políticos.
  - Manifesta-se contra as milícias populares, mas prevê o armamento de civis para a defesa de pontos sensíveis, atitude que no presente momento político se nos afigura perigosa pela eventual mobilização desses elementos por um ou mais grupos políticos.
  - Repudia a "ditadura do proletariado", mas cria condições para que na realidade os partidos mais activistas disponham dum amplo campo de acção, o que, duma forma genérica poderá comprometer os princípios de reforço e firmeza da autoridade consignados no capítulo 2.
  - Preconiza um combate "essencialmente ideológico" ao esquerdismo, que não se nos afigura capaz de resolver o problema das organizações civis armadas já existentes.
- Estes aspectos, e ainda outros possíveis de discussão, levam-nos a:
- 1º Manifestar o nosso apoio a uma linha geral socialista moderada mas firme, que efectivamente poderá conduzir a um clima de ordem, confiança e respeito mútuo.
  - 2º Pôr no entanto sérias dúvidas quanto à sua exequibilidade, pois afigura-se-nos que será inevitavelmente ultrapassado pela acção dos partidos de esquerda (o que parece já ter acontecido com o caso RR)

### 3 - NEUTRALIDADE ACTIVA:

- a) Fácil de realizar em zonas que haja domínio dum único ML.
- b) Extraordinariamente difícil quanto se apresentem 2 ou 3 ML, porque:
- 1º - Um dos Movimentos aproxima-se mais na sua acção de ideologia do MFA.
  - 2º - Tendo o Plano de Acção Política definido o MFA como "Movimento de Libertação", certamente o próprio C.Revolucionário se identifica com esse Partido.
  - 3º - Do referido resulta:
    - Desconfiança para com a nossa honestidade de procedimentos.
    - Diversa aceitação das posições que as NT assumem.
    - Diferente cooperação.
    - Incoerências e conflitos entre a nossa actuação e a nossa ideologia.

...///...

16  
3/4

...///...  
4 - DINAMIZAÇÃO INTERNA:

- a) A actividade foi muito reduzida face à situação que se viveu nos últimos tempos no CT/SAL.
- b) Notam-se dificuldades insuperáveis no âmbito da informação, quer no que respeita a ANGOLA quer a PORTUGAL. As comissões têm dificuldade em cumprir as suas missões por não se sentirem capazes de responder com autoridade e esclarecimento a inúmeras questões que lhe são postas.
- c) Quase inviabilidade de reuniões quinzenais da Assembleia do CT/SAL.
- d) A pouca informação existente é frequentemente superada pela dinâmica vertiginosa dos acontecimentos do período que se vive.

5 - ESTADO PSICOLÓGICO DAS NT:

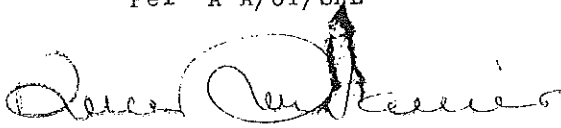
- a) Desmobilização parcial, principalmente das bases; - Essa situação de resto existente antes do 25ABR74 é agravada:
  - Pela acção desenvolvida na Metrópole por certos sectores de esquerda.
  - Pela incompreensão dos familiares dos militares em Portugal relativamente ao processo de descolonização e à missão das NT em ANGOLA.
  - Atitudes provocatórias por parte dos angolanos, principalmente dos ML.
  - Incerteza quanto ao futuro de Portugal e quanto às reais capacidades de ganhar a sua vida após a desmobilização.
- b) Dificuldades em parte já insuperáveis, no estabelecimento dum processo pacífico de descolonização; - as dificuldades consequentes que estão a ser, e serão criadas à Metrópole, parecem ultrapassar as possibilidades de acção das NT.

6 - ESPÍRITO DE MISSÃO:

Abalado pelo insucesso parcial do processo de descolonização de ANGOLA; no entanto ainda deve ser considerada a única força real a contrabalançar o deficiente estado psicológico das NT, que, apesar de todas as contrariedades e dificuldades dum processo transcendente, extraordinariamente difícil e que ultrapassa em grande medida o âmbito da nossa preparação profissional, tem conseguido manter o equilíbrio psíquico e a dignidade do Exército em Angola.

Aos 11 de Julho de 1975

Pel' A A/CT/SAL



RENATO NUNES XAVIER  
COR.TIR. /CMTT/CT/SAL

214

...///...  
AHM/FO/43/S1/Cx 834/VI 3/4

6

AHM

①

...///...

*Folhadela R*

*majoria*

RUI FOLHADELA DE MACEDO REBELO  
MAJOR DE ART<sup>o</sup> /MFA/CT/SAL

*Antônio Jesus Silva*

ANSELMO JESUS SILVA  
CAP. ART<sup>o</sup> /BART 6524

*Antônio Roque do Nascimento Delfino*

ANTÔNIO ROQUE DO NASCIMENTO DELFINO  
1<sup>o</sup> SARG. DE CAV. /BCAV 8322/74

*Luis Filipe Gomes Rosa e Silva*

LUIS FILIPE GOMES ROSA E SILVA  
1<sup>o</sup> CABO /BART 6323

16  
4/4

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA

MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

ASSEMBLEIA DO GO/CT/SAL

1 - PREÂMBULO:

- a) Esta Assembleia reunida na Cidade de SALAZAR em 10 e 11 de Julho levou a cabo uma análise aprofundada dos pontos constantes da Agenda da ASSEMBLEIA do M.F.A. de ANGOLA, que se reunirá em LUANDA em 22 e 23 de corrente.
- b) Em conclusão dos trabalhos elaborou a moção que se segue que foi aprovada em plenário das Unidades.

2 - MOÇÃO:

- a) Que sejam exercidas sobre os ML inérgicas e adequadas pressões no sentido de cumprimento integral dos acordos firmados pelos seus órgãos de cúpula e outros, exigindo acções punitivas severas sobre aqueles que os não honrem, pois de contrário a difícil missão atribuída às NT correrá o risco de não poder ser integralmente cumprida.
- b) Que seja manifestada a completa concordância relativamente aos princípios consignados no Plano de Acção Política do MFA, não obstante certas contradições notadas e dúvidas existentes quanto à possibilidade da sua total exequibilidade no presente momento político Português.
- c) Que, dado o facto do PAF definir o MFA como "Movimento de Libertação" de linha socialista, se torna por vezes difícil aos elementos das NT manter total neutralidade, quanto é certo que nem todos os ML seguem essa linha: - assim considera-se que o conceito de "NEUTRALIDADE ACTIVA" deverá ser devidamente aprofundado.
- d) Que, seja feito junto dos órgãos de informação (imprensa e rádio) um esforço no sentido de eliminar, ou no mínimo reduzir, as generalizadas deficiências de informação que se verificam em ANGOLA; tal situação impede as comissões do MFA de realizar o cabal e eficaz esclarecimento que lhes compete junto das bases.
- e) Que, o estado psicológico das NT só poderá vir a ser eficaz, sensível e positivamente alterado através duma dignificação de atitudes de dirigentes e militantes dos ML, a par duma melhoria das condições de instabilidade e incerteza quanto ao futuro de PORTUGAL; essa acção implica actividades dos órgãos de cúpula do MFA e do Governo que transcendem a actuação deste G. Coordenação e seus órgãos subordinados.
- f) Que, seja exigida dos ML uma intensa e eficaz acção junto das bases, no sentido de lhes ser incutido um espírito de MISSÃO concordante com o que possui as NT, no sentido duma honesta, realista, justa e verdadeiramente NACIONAL descolonização de ANGOLA.  
Tal não poderá ser realizado enquanto forem fomentadas divergências existentes, o que se vem verificando não obstante os acordos firmados entre os Presidentes dos 3 ML.

Aos 11 de Julho de 1975

AMM/FO/42/S1/Cx 834/VI  
...///...

Pe'l'A A/CT/SAL,

*Renato Nunes Xavier*

RENATO NUNES XAVIER  
COR. TIR. / COME / CT / SAL

*Folhadela R*

RUI FOLHADELA DE MACEDO REBELO  
MAJOR DE ART. / MFA / CT / SAL

*Cauchin 7. 1. 1*

ANSELMO JESUS SILVA  
CAP. ART. / BART 6524

*Antônio Roque do Nascimento Delfino*

ANTÔNIO ROQUE DO NASCIMENTO DELFINO  
1.º SARG. DE CAV. / BCAV 3322/74

*Luis Filipe Gomes Rosa e Silva*

LUÍS FILIPE GOMES ROSA E SILVA  
1.º CABO / BART 6323



16733 PREREP P  
18347 SECS P



370f

DGI 12 DE JUL 75

NOTICIA N. 3581

ALTO COMISSARIO EM ANGOLA

ASSUNTO: SITUACAO EM LUANDA EM 11 'AS 1700 HORAS

CEMGFA  
Recebido em 14.7.75  
24.12. N.3207

MAIS UMA VEZ LUANDA ESTA MERGULHADA EM VIOLENCIA. APESAR DA CONFERENCIA DE NAKURU E DA SEMANA DE UNIDADE NACIONAL, OS MOVIMENTOS DE LIBERTACAO (ML), FNLA E MPLA, VOLTARAM A ENVOLVER-SE NUM CONFLITO ARMADO QUE ATINGIU, DESTA FEITA, O MAXIMO DE INTENSIDADE REGISTRADA.

DURANTE A TARDE DO DIA 9 DO CORRENTE COMECARAM A OUVIR-SE TIROS PERTO DE DELEGACAO DA FNLA, NO BAIRRO MARCAL. APOS ESTE PEQUENO INCIDENTE O TIROTEIO ALASTROU 'A AV. DO BRASIL, BAIRROS RANGEL, ADRIANO MOREIRA. A PARTE DESTA TIROTEIO COMECARAM -SE A VERIFICAR PRISOES E ESPANCAMENTOS DE CIVIS, ASSALTOS E REVISTAS A CASAS QUASE NA TOTALIDADE PRATICADOS POR ELEMENTOS DO ELNA (FNLA).

AO PRINCIPIO DA NOITE DE ONTEM A SITUACAO APRESENTAVA-SE MAIS CALMA MAS POR POUCO TEMPO, POIS DURANTE A NOITE OS REBENTAMENTOS DE MORTEIROS E OS DISPAROS DE ARMAS LIGEIRAS E PESADAS ATINGIRAM PROPORCOES NUNCA VISTAS DURANTE OS INCIDENTES ANTERIORES QUE ESTA CIDADE PRESENCIOU.

E' DE SALIENTAR QUE AINDA SE NAO VIRAM ENVOLVIDOS NESTE INCIDENTES ELEMENTOS DA UNITA, MAS POR OUTRO LADO FORAM REFERENCIADOS ELEMENTOS CIVIS, FAZENDO FOGO NA EST. DE CATETE. AS FORCAS MILITARES MISTAS (FMM) RECEBERAM ORDENS PARA ABATER TODO O CIVIL ENCONTRADO COM ARMAS DE GUERRA NA SUA POSSE.

PROSSEGUIU A LUTA DURANTE A MANHA E A TARDE DE HOJE, ESPECIALMENTE NA ZONA LIMIAR DO ASFALTO E JUNTO DAS DELEGACOES DA FNLA E MPLA. COMECOU-SE A VERIFICAR UMA HOSTILIZACAO DAS (FMM) PELOS MILITARES DOS ML. ESTAS FORCAS INTEGRAM ELEMENTOS PORTUGUESES E TROPA DOS ML. CONTINUARAM A VERIFICAR-SE ATITUDES INCONVENIENTES, PREPETRADAS PELOS ML, COM PRISOES REVISTAS E OCUPACOES DE CASAS, PRINCIPALMENTE NAS ZONAS ONDE TEM TIDO LUGAR ESTES ACONTECIMENTOS.

COMO DE COSTUME E' DIFICIL DETERMINAR O NUMERO DE MORTOS E FERIDOS. ATE AO MOMENTO SOMENTE DERAM ENTRADA NO HOSPITAL MARIPIA PIA (E UNICO A FUNCIONAR EM LUANDA) 6 MORTOS CIVIS E GRANDE NUMERO DE FERIDOS. TUDO LEVA A CRER QUE SEJAM MUITOS MAIS OS MORTOS, UMA VEZ QUE A MAIOR PARTE DAS VITIMAS FALECERAM DEVIDO AO REBENTAMENTO DE GRANADAS DE MORTEIRO, FICANDO DENTRO DAS CASAS. NO QUE RESPEITA AS FAP HA A REGISTRAR 6 FERIDOS LIGEIROS, PARA DESFAZER BOATOS QUE CIRCULAM PRINCIPALMENTE EM LUANDA. O COMANDANTE CHEFE DAS FORCAS ARMADAS PORTUGUESAS EM ANGOLA EMITIU UM COMUNICADO DO SEGUINTE TEOR:

ESTANDO A SER PROPALADO EM LUANDA QUE AS FORCAS ARMADAS PORTUGUESAS ESTAO A APOIAR UM DOS ML QUE NESTE MOMENTO SE CONFRONTAM, O COMANDANTE CHEFE DAS FAP DECLARA SEREM OBVIAMENTE FALSOS QUAISQUER BOATOS NESTE SENTIDO E REAFIRMA A POSICAO PORTUGUESA DE NEUTRALIDADE ACTIVA DEFINIDA PELO CONSELHO DA REVOLUCAO E INTEIRAMENTE RESPEITADA EM ANGOLA:

LUANDA, 11 DE JULHO DE 1975  
OMA O COMANDANTE CHEFE

ANTONIO DA SILVA CARDOSO GEN.FA

BT  
PB/NAP

NNNN  
16733 PREREP P  
18347 SECS P

## GOVERNO DE TRANSIÇÃO

GABINETE DO ALTO COMISSÁRIO

*Rosa General*

1. Ao receber a missão de vir desempenhar as funções de Alto Comissário em Angola, nos termos fixados no Acordo de Alvor - missão que tive a honra de me ser confiada por V.Ex<sup>a</sup> - defini, claramente, a minha posição de total apartidarismo na acção a desenvolver.
2. Praticamente desde o início das minhas funções, senti, da parte de alguns colaboradores mais directos, a tendência para me ser impulsionada uma actuação menos isenta. E isso sempre procurei contrariar, embora com as limitações de acção que a complexidade deste processo apresenta.
3. Esta linha de actuação, única que considero correcta e única que estou na disposição de seguir enquanto estiver válido o Acordo de Alvor, levou à definição de " neutralidade activa " pelo Conselho de Revolução.
4. A situação parece ter evoluído, com inversão do potencial militar de forças rivais em presença, isto é, aparenta-se uma predominância do MPLA em relação à FNLA, como reflexo dos seguintes factores:
  - a. Cessaçãõ ou grande diminuição no apoio financeiro e material do Zaire à FNLA;
  - b. Saída dos elementos do Exército Zairense que enquadravam o ELNA ;
  - c. Recrutamento e formação acelerada das forças do MPLA, aumentando-se substancialmente os seus efectivos;
  - d. Introdução de elevadas quantidades de armamento ligeiro e pesado, por parte do MPLA.
5. O MPLA, após conseguir o potencial de combate que julgou adequado, lançou uma ofensiva generalizada, praticamente ao longo de toda a linha que poderá definir " fronteira " das influências da FNLA e MPLA, desde Luanda a Teixeira de Sousa, tendo havido reacção da FNLA nas áreas de maior implantação ou onde dispunha de superioridade de forças ( distritos do Uíge e do Zaire ).
6. Admito que na ofensiva desencadeada pelo MPLA tenham sido dadas, embora não abertamente e só por algumas unidades das NT, algumas facilidades ou apoios à acção deste movimento, e tal ocorrência tem sido objecto de graves acusações por parte da FNLA. Mas pretendo esclarecer, desde já, que se esses apoios se verificaram, não foi do meu conhecimento directo, nem tem a minha aprovação.
7. Esta atitude por parte das NT têm sido fortemente explorada no decorrer dos acontecimentos que, há mais de uma semana, têm tido lugar na cidade de Luanda, onde FNLA foi quase totalmente destróçada.
8. A conhecida intenção do ELNA em forçar a barragem do MPLA no Caxito e introduzir em Luanda um forte potencial de combate, levou à decisão, quando o Ministro Melo Antunes recentemente esteve em Luanda, de reter as forças do ELNA se estas conseguissem ultrapassar o Caxito. Esta decisão pretende apenas conduzir à eliminação ou minimização da

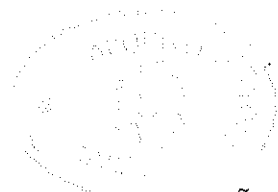
## GOVERNO DE TRANSIÇÃO

GABINETE DO ALTO COMISSÁRIO

- possibilidade de Luanda vir a ser posta a "ferro e fogo", originando-se, então, situação totalmente incontrolável e em que as NT se veriam fatalmente envolvidas com a missão primária de proteger as populações de origem europeia.
9. Esta intenção ou decisão chegou - ignora-se como - ao conhecimento da FNLA. E, atribuindo a declarações do Ministro Melo Antunes a origem desse conhecimento, difundiu um comunicado no dia 20 que, praticamente, é uma "declaração de guerra" às forças portuguesas.
10. Para bem de Angola e, em especial, da população da cidade de Luanda, não tive dúvidas em tomar esta posição, que não implicaria, necessariamente, uma generalização a todo o território, de resto impraticável, e que significaria "guerra à FNLA".
11. Neste momento, a atitude da FNLA pode justificar-se por:
- Maior ou menor convivência das nossas forças em apoio do MPLA, na sua ofensiva em Luanda.
  - Conhecimento da nossa intenção em evitar a chegada de reforços a Luanda.
12. Por outro lado - e este é o ponto mais importante - sinto toda uma pressão da maioria dos meus colaboradores mais directos, no sentido de nos aliarmos ao MPLA e, sem hostilizarmos a UNITA, nos lançarmos na guerra contra a FNLA, forçando, de uma forma ou de outra, a denúncia do Acordo de Alvor. Igualmente a "arma ONU" que, desde há bastante tempo, tenho vindo a utilizar com a concordância do CCPA, como factor de pressão junto dos ML'S numa tentativa de os forçar a tomadas de posição correctas, tem agora que ser utilizada de forma diferente, ou mesmo não utilizada, porquanto a presença das forças da ONU em Angola "prejudicaria o MPLA".
13. Um outro facto<sup>em</sup> que houve uma viragem na nossa política de "neutralidade activa" no processo de descolonização de Angola é, por exemplo, a proposta de serem retiradas forças do Sul, sacrificando mesmo as populações brancas, para se reforçar as nossas posições no Norte e fazermos face, conjuntamente com o MPLA, à FNLA.
14. Esta atitude das forças Armadas Portuguesas em Angola que, tanto quanto julgo não corresponde à realidade, começa a ganhar forma, pelo menos em intenções, e é já objecto de veladas acusações por parte da UNITA.
15. Assim, solicito a V.Ex<sup>a</sup> que, de uma forma clara e inequívoca me seja definida a linha de acção a seguir, visto não ser possível continuar oficialmente numa política de neutralidade activa e ser permanentemente pressionado para uma colaboração com o MPLA.
16. Acrescento já que não tenho qualquer relutância em aceitar esta nova linha de acção, desde que ela venha servir os interesses do povo português e do povo angolano. Mas não posso, face aos injustificados ataques de que tenho sido alvo, por parte do MPLA, continuar no meu posto.
17. É um problema de consciência, por julgar traição aos princípios que, melhor ou pior, e duma forma até obcecada, sempre procurei seguir.

ESTADO DE ANGOLA  
GOVERNO DE TRANSIÇÃO

GABINETE DO ALTO COMISSÁRIO



18. Aliás as dúvidas que muito recentemente se têm levantado quanto à isenção e apartidarismo das forças portuguesas e do Alto Comissário, começam já a ser objecto de ataque dos 3 ML'S pelo que a minha situação começa a ser praticamente insustentável.

19. Nestas condições, solicito de V.Ex<sup>ª</sup>:

- a. seja redefinida a politica nacional no processo de descolonização de Angola.
- b. Seja substituído nas minhas funções, por, a partir deste momento, não me considerar mais útil, ou ser mesmo prejudicial, no processo de descolonização de Angola e, principalmente, por ter perdido todas as esperanças na condução pacifica do processo e ser impossivel qualquer tipo de entendimento com os meus colaboradores mais directos, com excepção dos comandantes militares dos três ramos.

*Com os meus melhores  
cumprimentos*

*João dos*

21 JUL 75

SECRET  
DA LEM...  
NOS...  
DESCLASSIFICADO



VV 0V1023  
OO RPFW RPFWA  
DE RPVO 048 2091235  
ZURY 56555  
O 281234Z JUL 75  
FM ALTO COMISSARIO  
TO RPFWA/PRESIREP  
INFO RPFW/MINISTRO NEGOCIOS ESTRANGEIROS  
RPFWA/PRESIDENCIA REPUBLICA GABINETE ANGOLA

BT  
~~SECRET~~

- 069/75
- 1 X 27 JUL FM APRESADA BARCACA "5 FEVEREIRO" COM CERCA 300 TONS X ARMAMENTO MUNICOES E OUTRO MATERIAL GUERRA PARA MPLA X NAVIO PROVENIENTE PONTA NEGRA DESTINO BENGUELA X ADMITE SE MATERIAL IRIA SER DESEMBARCADO COSTA NORTE BARRA CUANZA X
  - 2 X SITUACAO DELICADA POIS SE POR UM LADO DEVEMOS EVITAR ENTRADA MATERIAL GUERRA DESTINO ML'S CMM POR OUTRO NAO E POSSIVEL CONTROLAR ENTRADA MATERIAL FNLA ATRAVES FRONTEIRA NORTE CMM CRIANDO SE SITUACAO FORTE DESIGUALDADE QUE CMM NO MOMENTO PRESENTE CMM JOGA CONTRA NOSSA EVENTUAL TOMADA POSICAO
  - 3 X DIFICIL DEVOLUCAO MATERIAL APRESADO SEM CONHECIMENTO E REACCAO OUTROS ML'S SE DECIDIDA DEVOLUCAO JULGO NAO DEVERA SER FEITA ANTES RESOLUCAO PROBLEMAS CARMONA CMM NEGAGE E SAZAIRE X
  - 4 X COINCIDENCIA APRESAMENTO BARCACA COM ACCAO PUNITIVA CONTRA MPLA PODE PROVOCAR AUMENTO TENSAO ENTRE ESTE MOVIMENTO E FAP
  - 5 X SOLICITO ORIENTACAO A SEGUIR

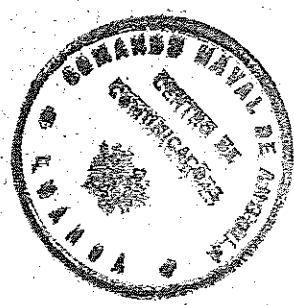
BT

NS 048 TP HT28/1320Z JUL 75  
DIST ALTO.COMISSARIO (21ARQ/9)

VERIFICADO POR: DP

SECRET  
DA LEM...  
NOS...  
DESCLASSIFICADO

DESCLASSIFICADO  
 NOS ANOS 60/70/80  
 DA LEI N° 6.964 DE 7 DE ABRIL



VV NFI026VV WFB004VV ARUD02  
 DO RPYO  
 DE RPFVA 004 29/1207Z  
 ZNY SSSSS  
 O 291205Z  
 FM GABCEMGFA  
 TO ALTO COMISSARIO ANGOLA  
 BT  
 S E C R E T O 193/GC  
 DETERMINAÇÃO GEN CEMGFA DEVERA SER ENTREGUE MATERIAL COM EXCEPCAO  
 VIATURAS QUALQUER ESPECIE PD CONVENIENTE RODEAR OPERAÇÃO SEGREDO  
 PRUDENCIA PD REFERENCIA VOS30 SECRETO 069/75 DE 28JUL75  
 BT

DESCLASSIFICADO  
 NOS ANOS 60/70/80  
 DA LEI N° 6.964 DE 7 DE ABRIL

NS3060 TP NR 29/1405Z JUL 75  
 DIST:ALTO COMISSARIO(2)ARQ(1)

VERIFICADO POR:AV

77 0514

MA. 24

AGO 3 19 12 '75

LISBOA

YDIN

ZCZC ALI411 UCA057 TX000 51228

PVLS TL UOKA 198

KAMPALA 198 2 1915

*Handwritten mark: a checkmark above a scribble.*

LTF

H E THE PRESIDENT OF POTUGAL

LISBON

685

YOUR EXCELLENCY

THE ASSEMBLY OF THE HEADS OF STATE AND GOVERNMENT OF THE  
ORGANISATION OF AFRICAN UNITY MEETING IN ITS 12TH ORDINARY  
SESSION IN KAMPALA UGANDA FOR JULY 28TH TO AUGUST 1 1975  
DEEPLY CONCERNED ABOUT THE DETERIORATING SITUATION IN ANGOLA

COL 685 12TH 28TH 1 1975

CEMGFA      6ab  
Recebido em 20/08/75  
P. 20.12 N. 1151A

P2/50

APPEALS TO YOUR GOVERNMENT AS THE LEGAL AUTHORITY  
TO ASSUME ITS RESPONSIBILITY AND OBLIGATIONS IN ANGOLA TO CONTAIN  
THE SITUATION WHICH IS CAUSING INTERPOLITICAL CONFLICTS  
RESULTING IN NUMEROUS HUMAN CASUALTIES AS ITS CONTRIBUTION TO  
THE RESTORATION OF PEACE IN ANGOLA THE ASSEMBLY OF HEADS OF STATE

RTUCALC COMPANHIA PORTUGUESA RADIO MARCONI VIA PORTUGALC RADIO MARCONI VIA PORTUGALC RADIO MARCONI

AND GOVERNMENT HAS DECIDED

P3/50

TO APPOINT A CONCILIATION COMMITTEE  
TO PROCEED TO ANGOLA AS SOON AS THE PROVISIONAL GOVERNMENT OF  
ANGOLA TOGETHER WITH THE LEADERSHIP OF THE THREE MAIN POLITICAL  
PARTIES GIVE THEIR ACCEPTANCE TO THE PROPOSED CONCILIATION  
COMMISSION

THE ASSEMBLY OF HEADS OF STATE AND GOVERNMENT OF THE KAWA U  
EXPRESS THE HOPE THAT

P4/48

THE GOVERNMENT OF PORTUGAL WILL GIVE  
FULL COOPERATION TO THE COMMISSION WHOSE MEMBERSHIP WILL SOON  
BE ANNOUNCED AFTER DUE CONSULTATION HIGHEST CONSIDERATION  
+ E ALHAJI FIELD MARSHAL IDI AMIN DADA V C DSC MC PRESIDENT  
OF THE REPUBLIC OF UGANDA AND CURRENT CHAIRMAN OF THE  
ORGANISATION OF AFRICAN UNITY

ADN/F3/S19/Cx 40/V15

225

RADIO MARGONI  
VIA POLIUCALTE  
RADIO MARGONI  
RADIO MARGONI



A PREENCHER PELO CENTRO DE TRANSMISSÕES

Hora de depósito	M E N S A G E M	Via a seguir	Número de série
------------------	-----------------	--------------	-----------------

**DESCLASSIFICADO**  
**SECRETO**

Precedência-acção <b>IMEDIATO</b>	Precedência-info	Grupo data/hora <b>05/8007</b>	Instruções para a mensagem
DE GAB/CEMGFA		Prefixo	<b>GR</b>
PARA COMCHEFEANGOLA		Classificação de segurança	<b>SECRETO</b>
INFO		Número de origem	<b>189/GC</b>
		Instruções complementares	<b>7<sup>o</sup> 24.12</b>

REF V/SECRETO DE 05AG075 GEN CEMGFA ENCARREGA-ME INFORMAR QUE SE MANTEM DETERMINAÇÕES ANTERIORES QUANTO ACTUAÇÃO NF DEVENDO SER TOMADAS TODAS MEDIDAS SENTIDO MANTER SAZAIRE.

A PREENCHER PELO REDACTOR



RECEBIDO NO CENTRO DE COMUNICAÇÕES ÀS 05/8007  
RUBRICA  
*[Signature]*

**SECRETO**

A PREENCHER PELO OPERADOR

pg	de	pgs	Mensagem de referência	Nome do redactor	Unidade/Entidade	Telef.
(a)	Data	Hora	Classificada	sim	não	
	05AG075					
			Sistema	Operador	Oficial expedidor	Hora
					<i>[Signature]</i>	
					Assinatura e posto	Telef.

EXCLUSIVO MUITO SECRETO

RELAMPAGO

062237Z AGO 75

FM ALTO COMISSARIO (COPA)

TO PRESIDREP(EXCLUSIVO)

INFO PRESIDENCIA REPUBLICA(GABINETE ANGOLA)

«AC»

NÃO NECESSITA DE PARÁFRASE  
TODAS AS RESPOSTAS OU REFERÊNCIAS  
A ESTA MENSAGEM DEVEM SER  
SIGNIFICADAS SE O GRUPO DATA-LETRA  
FOR MENCIONADO

BT

EXCLUSIVO MUITO SECRETO 082/75

PRIMEIRO MINISTRO LOPO NASCIMENTO ACABA DE INFORMAR O SEGUINTE:

1- O PRESIDENTE NETO VAI PROCURAR ENCONTRAR-SE AMANHA(DIA 7) COM O PRESIDENTE SAVIMBI A FIM DE VERIFICAR A HIPOTESE DE UMA ALIANÇA TACTICA COM A UNITA.

2- IGUALMENTE-AMANHA O MPLA PUBLICARA UM COMUNICADO EM QUE ENTRE OUTRAS FRIZARA OS SEGUINTE PONTOS:

A. SERAO MENCIONADAS AS MULTIPLAS VIOLACOES FEITAS PELA FNLA AOS ACORDOS DO ALVOR AS VIOLENCIAS COMETIDAS E SERA AFIRMADO QUE A FNLA FEZ NA PRATICA A SECESSAO DO PAIS.

B. SERA DENUNCIADA A SITUACAO GRAVISSIMA NO PAIS E SERA DECLARADO QUE O MPLA NAO RENUNCIA AS SUAS RESPONSABILIDADES GOVERNATIVAS.

3- O MPLA VAI ENVIAR AMANHA AO GOVERNO PORTUGUES UM DECOMENTO EM QUE MENCIONARA OS SEGUINTE ASPECTOS:

A. PROPOE A FORMACAO DE UM GOVERNO PORTUGAL-MPLA-UNITA E PEDE AO GOVERNO PORTUGUES QUE FAÇA PRESSAO SOBRE A UNITA PARA QUE ACEITE. ESTA IDEIA PRESSUPOE TAMBEM QUE PORTUGAL CONDENE A FNLA E ACEITE AS CONSEQUENCIAS MILITARES DA POSICAO TOMADA, APOIANDO OS MOVIMENTOS MENCIONADOS.

B. INFORMA O GOVERNO PORTUGUES DE QUE A PARTIR DESTE MOMENTO JA NAO ACEITERA ESTAR NO GOVERNO COM A FNLA

BT

NS: 165 TP HT: 06/ Z AGO 75

DIST:ALT/COMIS(2)ARQ(1)

VERIFICADO POR: DP

AHM/FO/43/S1/Cx 835/V6

SECRETO

COPIA

006 3961

VV WFU005VV NFB006VV 0V1001  
00 RPFWA  
DE RPVO 001 2230005  
ZNY SSSSS  
O 110003Z AGO 75  
FM ALTO COMISSARIO INT.  
TO RPFWA/PRESIREP  
INFO RPFWA/PRESIDENCIA REPUBLICA GABARTELA



BT  
SECRET O  
091/75-CCPA

1. SITUACAO EVOLUIU DRASTICAMENTE ULTIMAS QUARENTA E OITO HORAS X UNITA RETIROU INESPERADAMENTE 09AGO TODOS SEUS MINISTROS E PESSOAL POLITICO E MILITAR DE LUANDA SEM QUE QUALQUER INFORMACAO PREVIA ME TENHA SIDO COMUNICADA E PEDIU EVACUACAO PESSOAL MILITAR E DELEGACOES CARMONA CABINDA ZASAIRE JA INICIADA POR MARINHA E FORCA AEREA X FNLA APOS CONFRONTACAO BAIRO SANEAMENTO MADRUGADA 09AGO PEDIU EVACUACAO LUANDA TODOS SEUS MINISTROS E PESSOAL CIVIL MILITAR X EM 09AGO FORAM EVACUADAS QUINHENTOS HOMENS BAIRO SANEAMENTO ESTANDO PLANEADOS DIAS ONZE E DOZE EVACUACAO UM TOTAL MIL HOMENS FORTALEZA E GRAFANIL VIA MARITIMA E AEREA X
2. DESTA FORMA DEIXOU DE HAVER INTERLOCUTORES EM LUANDA ALEM DOS DO MPLA TENDO-SE CRIADO UMA SITUACAO NAO PREVISTA ACORDO ALVOR NEM COBERTA DIRECTIVA CSR OU ORIENTACAO DEFINIDA MEMBROS REFERIDO CONSELHO SE DESLOCARAM LUANDA X
3. POR OUTRO LADO CONCRETIZARAM-SE CONDICOES DISSOLUCAO DE FACTO GOVERNO TRANSICAO E NA PRATICA VERIFICA-SE JA SECESSAO TERRITORIO INTENCIFICANDO-SE INDICIOS ALIANCA UNITA FNLA CONFIRMADA POR INFORMACOES NOSSO PODER O QUE TORNARA AINDA DELICADA NOSSA ATITUDE PARA COM MPLA E FNLA DA FORMA QUE FOI DEFINIDA PELO CSR X
4. HA POIS NECESSIDADE DE COM MAIOR URGENCIA SER DEFINIDA POSICAO ALTO COMISSARIO NO PRESENTE CONTEXTO QUE SE CONSIDERA EXTREMAMENTE DELICADA X PREOCUPA-ME BASTANTE SITUACAO NOVA LISBOA ONDE SE ESTAO VERIFICANDO CONFRONTOS ARMADOS MPLA/FNLA E QUE PODE VIR AFECTAR UM DOS TERMINAIS PREVISTOS EVACUACAO DESALOJADOS VIA AEREA X
5. SEGUE AMANHA LISBOA MINISTRO VIEIRA DA ALMEIDA A QUEM ENCARGUEI EXPLICAR PORMENOR SITUACAO POLITICA E ECONOMICA

BT

CEM GFA Gab  
Recebido em 20 AGO 75  
P. 24.12 N. 3377



SECRET O

RECEBIDO NO CENTRO DE  
COMUNICAÇÕES AS 11:30 de 7  
RUBRICA  
J. Santos

PAA

Entidade que possui o original

Cifrado — ~~Original~~ — em 11 de Agosto

de 1975

NECKIRIAKESYORUZ

QUEIROZ DE BARROS

*Indiferente Barros*

Entregue à Cifra às

19.30

Acabado de cifrar às

Entregue ao telegrafo às

Enviado por telex às

17.00 dia 12

MUITO URGENTE - Embaixada África Sul fez aqui diligência respeito estação bombagem água Calueque foi cercada tropas Unita. Empregados sul-africanos (nomeadamente ovambos) aquelas instalações recusam-se na circunstância trabalhar sem adequadas garantias segurança.

As bombas são particularmente vulneráveis e difíceis substituir se forem danificadas.

Sul-africanos pedem adequada protecção nossas tropas Calueque termos acordos em vigor.

NESTRANGEIROS

*Substitua a CCA as seguintes  
me. ~~de~~ de acordo com o despacho de 14.8.75*

CEMGFA      8ab  
Recabido em 1846075  
P.º 24.12 N.º 1139A

Cópia em à Repetição competente

TRADUÇÃO LIVRE:

CONFIDENCIAL:

AIDE MEMOIRE:

Em Abril deste ano, representações foram feitas junto às autoridades Portuguesas em relação a vários assuntos respeitante a fronteira Angola/Suid Oeste Africana, incluindo ligações locais e segurança melhorada para propriedade e trabalhadores no Projecto de Ruakana, que de facto levou um melhoramento no campo das relações locais.

Pela alegação de que tropas da UNITA abordam e fazem buscas aos trabalhadores Sul Africanos na estação da bomba Calueque, estes têm-se recusado a voltar ao trabalho, a não ser que haja melhor segurança. Como se sabe, as bombas são vulneráveis e requerem serviço de assistência permanente, e se forem danificadas, não podem ser substituídas facilmente.

As autoridades Portuguesas são portanto urgentemente solicitadas a proporcionarem a segurança necessária na zona, da obra, para protecção tanto aos trabalhadores, como ao equipamento.

LISBOA,

11 de Agosto de 1975.

TELEGRAMA

391A

de EMBAIXADA de Portugal em PRETORIA

Conf./Dact.  
ME  
Serviço a que foi atribuído

Cifrado - ~~XXXXXXXXXX~~

Expedido em de de 197 , às telex

Recebido em 12 de Agosto de 1975 , às 19,30

Acabado de decifrar de de 197 , às

SECRETO - MUITO URGENTE

acabo regressar entrevista para que fui convocado urgentemente por secretario geral adjunto deste mne sr van dalsen que, por instrucoes ministro que se encontrava reunido com sr voster vir- tude partida deste amanha visita oficial paraguai, me comunicou seguinte:

- 1) com deterioracao situacao angola trabalhadores sul africanos asseguram funcionamento estacao bombagem de calueque proximo barragem ruacana comecaram ja ha algum tempo mostrar-se apreensivos falta seguranca., 2) como seguranca aumentasse referidos traba- lhadores bem como muitos outros ocupados construcao barragem atra- vessavam fronteira todos dias para virem ficar sudoeste africa- no., 3) ultimamente situacao agravara-se e embaixador sul africa- no lisboa teria manifestado essa secretaria estado apreensoes es- tas autoridades por esse motivo visto que manutencao funciona- mento estacao bombagem considerada vital materia fornecimento agua de que depende grande medida subsistencia ovambos., 4) passado fim semana devido confrontacoes naquela zona entre militantes di- ferentes movimentos libertacao inseguranca passou ser total e trabalhadores referida estacao bombagem recusaram-se trabalhar se que lhes fosse garantida respectiva seguranca., 5) nestas cir- cunstancias e dada imperiosa necessidade assegurar bombagem agua autoridades militares sul africanas tinham deslocado para junto referido local alguns soldados com vista dispensarem-lhes

CEMGA  
Recebido em 18A6026  
P. 24.12 N. 1138A

ADN/F3/S19/CX40/V15

Neemidase desloca uma  
força portuguesa equivalente  
que poderia ser reabaste-  
cida através da RAS  
e mantendo contacto com  
as Forças deste país.

Depacho de 14 Ago 78

J. L. L. L.

necessária protecção., 6) ministério estrangeiros hoje fora  
informado precede e dali terem-se apressado darem-me conhecimen-  
to e pedirem-me mesmo tempo solicitar autoridades portuguesas  
envio para ali efectivos militares capazes garantir segurança  
pois para além desastrosas consequências interrupção trabalho  
havia também considerar graves implicações paralização trabalho  
barragem. pelo meu lado depois frizar termos inequívocos gravi-  
dade acção empreendida que significava violação fronteiras e  
consequente mente soberania nacional salientei qualquer fosse  
justificação se pretendesse encontrar pedido agora me era for-  
mulado deveria ter sido feito antecipadamente e não depois facto  
consumado. seguida indaguei número soldados e matéria disponível.  
meu interlocutor disse-me ignorar ambas coisas mas tendo-lhe fei-  
to saber desejava obter aquelas informações antes levar assunto  
conhecimento minhas autoridades encarregou seu colaborador as  
obter. conformidade com seus esclarecimentos força militar com-  
poe-se um plotão (cerca trinta homens) e quatro carros blindados.  
embarco van dalsen era evidente e manifesto seu desejo ver sana-  
do incidente.

face antecede muito agradeceria vexas instruções havidas por con-  
venientes./.

ESTADO DE ANGOLA

MINISTÉRIO DO PLANEAMENTO E FINANÇAS

Ofício nº 313/35.09.00/75

A Sua Excelência o  
Alto Comissário de República  
Portuguesa

No âmbito das conversações tidas em Lisboa entre o signatário, primeiro - Ministro Dr. José N'Dele, e os membros da Comissão de Descolonização, ficou acordado que não se faria nenhuma embarque para Portugal de material pertencente às Forças Armadas Portuguesas, sem o controlo e assentimento das autoridades Governamentais angolanas.

Esta medida, visa fundamentalmente proporcionar a Angola algum material cuja utilização em Portugal não seja da maior necessidade.

Neste sentido, comunico a V.Exa. que enquanto não for nomeada uma comissão mista para o efeito, o controlo do material a embarcar será feito pelos representantes angolanos no Gabinete Militar Misto e na Força Aérea (para material desse ramo), com o assentimento de embarque dado pelos Ministros Lopo de Mendonça e/ou José N'Dele.

Estas medidas, que à primeira vista parecem revestir um carácter limitativo, são um passo importante para evitar especulações e reforçar os laços de cooperação e entendimento entre os dois povos, especulações que neste momento incidam sobre a desactivação do SCP - 2.

Do mesmo modo, consideramos que todos os bens imóveis pertencentes às Forças Armadas Portuguesas em Angola apenas poderão ser alienados em favor do Estado de Angola, em termos a valer e acordar entre as partes contratantes.

Solicitando a sua melhor atenção para os problemas aqui expostos, apresento a V.Exa. as minhas saudações revolucionárias.

Luanda, 3 de Setembro de 1975.

O Ministro

Lopo de Mendonça



A preencher pelo centro transmissões

Hora de depósito		M E N S A G E M		Via a seguir	Número de série		
Precedência-acção URGENTE		Precedência-Info		Grupo data hora	Instruções para a mensagem		
DE ALTO COMISSÁRIO INTERINO		Prefixo		GR			
PARA PRESIREP		Classificação de Segurança		SECRETO			
INFO PRESIREP - GAB. ANGOLA		Número de origem		134/75-CCPA			
		Instruções complementares					
<p>= MINISTRO LOPO NASCIMENTO ENTREGOU NESTA DATA OFÍCIO QUE SE TRANSCREVE:</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p style="text-align: center;">(EM ANEXO SEQUE FOTOCÓPIA OFÍCIO)</p> <p style="text-align: center;">X</p> <p>CONSIDERANDO INACEITÁVEIS TERMOS REFERIDO OFÍCIO E NÃO TENDO QUALQUER CONHECIMENTO ASSUNTO SOLICITO INSTRUÇÕES =</p>							
PG	DE	PGS	Mensagem de referência Classificada sim não		Nome do redactor	Unidade-Entidade	Telef.
(a)	Data	Hora	Sistema	Operador	Oficial expedidor Assinatura e posto	Hora	Telef.

A preencher pelo redactor

A preencher pelo Operador



**EXCLUSIVO SEGRETO**

**AC**

URGENTE

100940Z SET75

FM GABANGOLA/PRESIREP  
TO ALTO COMISSARIO ANGOLA  
BIO NECESSITA DE PARAFRASE  
SODAS AS RESPOSTAS  
A ESTA MENSAGEM DEVEM SER ELAB.  
APROVADAS SE O GRUPO DEPTA-TOBA  
POR INTERMEDIAR

BT

EXCLUSIVO SEGRETO

07/GABANG

- 1. REF SEU SEGRETO 134/75-CCPA
- 2. ASSUNTO ABORDADO REUNIAO TRIPARTIDA MPLA/UNITA-PORTUGAL TRIPARTIDA
- 3. PRESSUPOSTO POLITICO EFECTIVO ENTENDIMENTO MPLA/UNITA
- 4. ASSUNTO NAO SE POE TERMOS CONTROLO E ASSENTIMENTO AUTORIDADES GOVERNAMENTAIS ANGOLANAS, ANTES CABENDO PORTUGAL INTEIRA DECISAO SAO MATERIAL RETIRAR
- 5. CONTUDO, SE ADQUIRIDO PRESSUPOSTO POLITICO COM PORTUGAL EM CLIMA CONFIANCA MUTUA INFORMARA SOBRE ENTRADAS E SAIDAS INDICANDO MATERIAL A SAIR O SEGUINTE:
  - A. TIPOS
  - B. TIPOS E QUANTIDADES QUE PODEM EVENTUALMENTE SER NEGOCIAVEIS.

BT

NS: 068 TP HR: 10/1220Z DECI: 1520Z SET75

DIST: ALTO COMISSARIO (1) ARQ(1)

VERIFICADO POR: MP

**EXCLUSIVO SEGRETO**

*Responder o corte de*

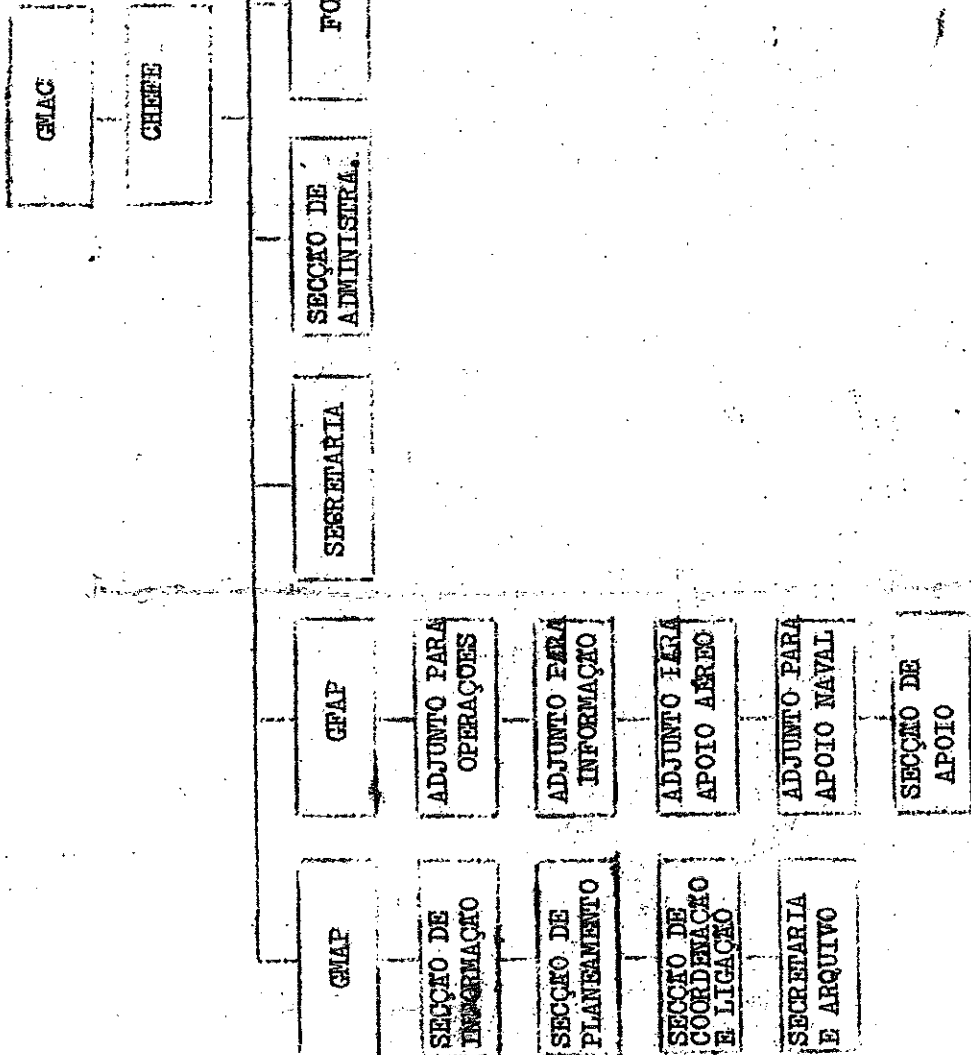
*depois do desarmamento*



ANEXO A NOTA Nº 596/SG D3 13SET75

ORGANOGRAMA DO GMAC

*19 de Setembro 1975*



NOTA:

GMAC - Gabinete Militar de Apoio às Populações.  
GFAP - Gabinete das Forças Armadas Portuguesas.

Nº 127-CCPA

Pº 08.00

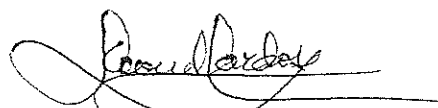
EXCELENTÍSSIMO SENHOR  
MINISTRO LOPO DO NASCIMENTO  
GOVERNO DE TRANSIÇÃO  
LUANDA

Ref.: a) Of. 313/43SET/do Ministério do Planeamento e Finanças  
b) Of. de 44SET75 do Gabinete do Alto Comissário

1. Tendo sido recebidas instruções acerca do assunto tratado nos officos de referência, infoema-se que as negociações com o Estado de Angola, para a cedência de material e equipamento das Forças Armadas Portuguesas, só serão possíveis desde que se efective o Acordo entre o MPLA e a UNITA, nos termos estabelecidos na reunião levada a efeito em Lisboa no passado mês de Agosto.
2. Mais se informa que, uma vez adquirido esse pressuposto, a cedência não poderá ser feita em termos de controlo e assentimento por parte das autoridades governamentais angolanas, cabendo a Portugal a capacidade de decisão.
3. No entanto, e como será desejável as negociações que eventualmente venham a ter lugar, decorrerão certamente numa base de confiança mútua e de cooperação, o que facilitará a missão de ambas as partes.

Luanda, 15 de Setembro de 1975.-

O ALTO COMISSARIO



LEONEL CARDOSO  
Almirante

AHM/FO/43/S1/CX 835/V6

PROPOSTA DO DELEGADO DA Z.M.C.

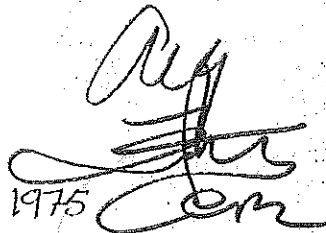
A Z.M.C. APROVOU POR UNANIMIDADE UM VOTO DE PROTESTO A SER TRANSMITIDO AO M.F.A. DE LISBOA, PELO ESTRACISMO A QUE TEM SIDO VOTADO O M.F.A. DE ANGOLA NAS DECISÕES DE ÂMBITO NACIONAL.

O DELEGADO ZMC

*Ciclopesteiro*  
*esp. f.*

Out. 75

Luanda, 5 de Outubro de 1975



Senhor Presidente,

Antes de entrar no assunto, as minhas saudações amigas e os meus respeitosos cumprimentos.

A pouco mais dum mês da data da Independência de Angola a situação mantém-se num impasse, a despeito dos intensos esforços em curso pela via diplomática e dos meus próprios esforços feitos localmente.

A UNITA está a perder adeptos rapidamente, vindo desmoronar-se a boa imagem que tinha conseguido criar e fugirem os muitos adeptos brancos que a ela se agarraram como derradeira esperança. Esta situação, conjugada com um comunicado meu a rebater afirmações do Dr. Savimbi contra a FAP e com uma carta do meu filho que lhe dei a definir-lhe claramente a minha posição de neutralidade, "domesticaram" o Dr. Agostinho Neto, diz que já não atacará mais a FAP nem o Alto-Comissário e está pronto a encontrar-se comigo quando eu desejar.

Agora é a vez do MPLA estar numa posição de intranquilidade que estão a tentar "amaciá-lo" pois considero que a única solução viável será um entendimento UNITA/MPLA. Estou convencido que ambos o desejam — política e militarmente — mas que estão a explorar o factor tempo e, provavelmente, continuarão a fazê-lo até perto do fim do mês.

Quanto ao FNLA continua a isolar-se e ainda não

respondeu a uma sugestão de encontro a nível "Alameda - um Ministro", feita há mais de 15 dias.

O MPLA continua a fazer afirmações públicas de que ficará com o poder no dia 11 NOV e eu a declarar que não entregaremos a um só movimento. Ultimamente, comecei a falar na solução - muito britânicos! - de, caso os movimentos não se entendam, continuarem aqui o representante a soberania portuguesa até ser encontrada uma solução para o impasse. Caso me metam num avião poderemos afirmar que houve uma tomada de poder pela força - com a vantagem de cá não termos forças e evitar - se, assim, um incidente militar a todos os títulos inconveniente.

Mas isto é parte do meu jogo político versus MPLA, para convencê-los de que não entrego mesmo o poder a um só movimento, para tentar empurrá-los para um acordo com a UNITA. Para além do MPLA e da UNITA há também que considerar a outra incógnita - a FNLA. O Holden Roberto afirmou "que concordava que o poder fosse entregue ao Movimento que estivesse em Lusitânia no dia 11 de Novembro"!! Será "bluff"? Pode muito bem não ser visto que o valor militar desta gente deixa muito a desejar e eles têm muitos comandos portugueses.

Seja qual for a evolução dos acontecimentos, eu

tenho necessidade de saber, desde já, qual vai ser a posição de Portugal. Assim, podem considerar-se três possibilidades:

1. Os três Movimentos serem forçados a umas tréguas e a um acordo. Neste caso — altamente improvável — não haverá problemas: o poder seria entregue aos representantes dos três, em Lusanda ou noutra local a combinar.

2. Dois Movimentos chegarem a acordo, apenas sendo de admitir:

a. Acordo MPLA-UNITA — bastante provável.

b. Acordo FNLA-UNITA — bastante menos provável.

Julgo que neste caso deveremos entregar aos dois Movimentos que se unam, mas a hipótese b seria altamente complexa em virtude da inevitável rescção do MPLA — que está em Lusanda!

3. Continuar o presente impasse.

Esta é a possibilidade que provoca maiores preocupações e que é, para Portugal, extremamente delicada.

Senhor Presidente, embora o português seja o mesmo ao planeamento e por isso seja bastante bom e imprevisto, afigura-se-me que neste caso não pode



mos deixar de nos preparar para as diferentes eventualidades. Faltam 36 dias para a Independência — apenas 36 dias, e ainda não tenho conhecimento de qual a posição portuguesa no caso de todas as diligências para um entendimento falharem.

Não passa um dia sem que me seja posta várias vezes a questão: "A quem vái entregar se chegarmos ao 11 de Novembro nesta situação?" Eu, como disse, lembrei-me há mais d'uzis de dias de começar a dizer que não entrego a ninguém e que permanecerei aqui com dois ou três oficiais até que seja encontrado uma solução. Mas seria muito difícil convencer o povo de Angola que afinal a sua independência não temo lugar na data prevista!

Portanto, Senhor Presidente, o que eu venho pedir é a definição da nossa atitude, principalmente nesta última eventualidade — mesmo que as diligências pela via diplomática estejam muito bem encaminhadas.

Para além desta importante definição, muito agradecida a V. Ex.<sup>a</sup> os seus bons ofícios no sentido de não faltarem as "forças especiais", que devem cá estar antes de 15 de Outubro, e de serem nomeadas

as Comissões Peritárias Listas, antes que seja demasiado tarde - visto que tarde já elas virão.

Desculpe-me, Senhor General, roubar-lhe tanto do seu bem escasso tempo mas o problema é de interesse nacional.

Lá em Luanda Nova Lisboa, ontem - de desloca-  
dos, adidos e tropas. É uma cidade morta, onde  
apenas ficaram 30 brancos. Fivamos de lá cerca de  
60.000 pessoas originárias de N. Lisboa e de muitos  
outros pontos, até Luso e Malange.

Temos esperanças de enviar daqui para fora toda  
a gente que o deseja, até ao fim do mês. Já as bagagens  
e automóveis, não será possível fazer sair todos. Já  
estão a negociar - com o MPLA!... - a continuação  
da saída (pelo menos das bagagens) depois da inde-  
pendência.

Vamos a ver o resultado da visita dos 30 delega-  
dos do OVA esta semana. Não há dúvida que quem  
vai apresentar trabalho feito é o MPLA! Andam mis-  
so apostados!

Senhor Presidente, vou deixá-lo por hoje.

Os meus respeitosos e muito amigos cumprí-  
mentos

*Leonel Cardoso*

ESTADO DE ANGOLA  
GOVERNO DE TRANSIÇÃO

GABINETE DO ALTO COMISSÁRIO

~~13/7~~  
06.00

AGRADEÇO RECTIFICAR NUMERO TELEGRAMA ONTEM TRANSMITIDO:

1483 PARA 1484 173: 9.3: - "DESPACHO OUTUBRO....."

ALLO LUANDA

FM - MINISTRO DA COOPERAÇÃO - LISBOA

TO - ALTO COMISSARIO ANGOLA - LUANDA

280920OUT75Z

MSG - 495/75

SEGUE SEGUINTE MENSAGEM:

ASPAS O.A.U. BUREAU

1. GUINEA BISSAU
2. SUDAN
3. SAO TOME E PRINCIPE
4. NIGER
5. COMORO ISLANDS
6. MOZAMBIQUE
7. CAPE VERDE
8. UPPER VOLTA
9. MADAGASCAR

RECOMMENDATIONS

FOLLOWING THE HEARINGS IN KAMPALA OF SUBMISSIONS BY REPRESENTATIVES OF THE THREE LIBERATION MOVEMENTS OF ANGOLA, NAMELY FNLA, MPLA AND UNITA AND THE DELEGATION FROM THE PORTUGUESE GOVERNMENT AND THE FACT FINDING MISSION TO ANGOLA ON THE BASIS OF RESOLUTION AHG/RES. 72 (XII) THE OUA RECONCILIATION COMMISSION

A) ESTABLISHED AND CONCLUDED THAT:

AHM/FO/43/S1/Cx 835/V6

ESTADO DE ANGOLA  
GOVERNO DE TRANSIÇÃO

GABINETE DO ALTO COMISSÁRIO

1. THE THREE LIBERATION MOVEMENTS ARE UNANIMOUS IN THE VIEW THAT INDEPENDENCE FOR ANGOLA SHOULD BE ON AGREED AND SET DATE OF 11TH NOVEMBER, 1975, AS STIPULATED IN THE ALVOR AGREEMENT.
2. THE PORTUGUESES GOVERNMENT, THROUGH ITS AUTHORIZED REPRESENTATIVES HAVE MADE IT CLEAR THAT THEY HAVE NO INTENTION, UNDER ANY CIRCUMSTANCES, TO ALTER THAT DATE.
3. ALL THE THREE LIBERATION MOVEMENTS REAFFIRM THAT ANGOLA FORMS ONE INDIVISIBLE UNIT, WITHIN ITS PRESENT GEOGRAPHICAL AND POLITICAL BOUNDARIES, AND IN THIS CONTEXT, CABINDA IS AN INALIENABLE COMPONENT PART OF ANGOLA TERRITORY.
4. THE THREE LIBERATION MOVEMENTS HAVE DECLARED THEIR PLEDGES THAT AFTER THE PROCLAMATION OF INDEPENDENCE, THEY WILL DEFEND THE TERRITORIAL INTEGRITY OF ANGOLA, INCLUDING CABINDA, AND TO FIGHT AGAINST ANY FORM OF FOREIGN INTERFERENCE AIMED (?) AT DIVIDING ANGOLA.
5. THE OUA RE-ESTABLISHES AND CONCLUDES THAT BULKANATION OF ANGOLA CANNOT GUARANTEE ITS ECONOMIC VIABILITY AND WOULD FACILITATE FOREIGN INTERVENTION.
6. THERE IS A POLITICAL WILL AMONG ALL THE THREE LIBERATION MOVEMENTS THAT ANGOLA SHOULD HAVE ONE NATIONAL GOVERNMENT.
7. ALL THE THREE PARTIES BASICALLY DESIRE A <sup>E</sup>FACEFUL SETTLEMENT OF THE CONFLICT THAT EXISTS AMONG THEM.

AHM/F0/43/S1/CX 835/V6

ESTADO DE ANGOLA  
GOVERNO DE TRANSIÇÃO

GABINETE DO ALTO COMISSÁRIO

8. THERE IS VARYING EVIDENCE AS TO THE INTENSITY OF FOREIGN INTER-FERENCE IN THE INTERNAL AFFAIRS OF ANGOLA THROUGH THE SUPPLY OF ARMS AND/OR PERSONNEL.

9. BEARING IN MIND THE DIFFICULTY OF CONVINCING THE THREE ANGOLAN LIBERATION MOVEMENTS TO ACCEPT A VISIT TO ANGOLA BY THE OAU COMMISSION SINCE ITS FORMATION IN EARLY AUGUST, 1975, THE EVENTUAL VISIT TO ANGOLA IN OCTOBER, 1975, BY THE COMMISSION HAS, IN ITSELF, BEEN A SUCCESS FOR THE OAU FOR WHICH CREDIT SHOULD GO TO THE CURRENT CHAIRMAN OF THE OAU, HIS EXCELLENCY AL-HAJJI FIELD MARSHAL IDI AMIN DADA, PRESIDENT OF THE REPUBLIC OF UGANDA WHO WORKED CEASELESSLY AND UNTIRINGLY TO CONVINCING THE THREE LIBERATION MOVEMENTS TO AGREE THAT THE COMMISSION VISITS ANGOLA.

B) RECOMMENDS:

1. THAT AN ATMOSPHERE OF PEACE AND RECONCILIATION BE CREATED BY THE IMMEDIATE CESSATION OF HOSTILITIES IN THE RESPECTIVE AREAS UNDER CONTROL ON A DATE TO BE FIXED BY THE OAU CURRENT CHAIRMAN AND THAT THE THREE LIBERATION MOVEMENTS SHOULD NOT ADVANCE BEYOND THE POSITIONS THEY HOLD AT THE TIME OF THE PROCLAMATION OF THE CEASEFIRE.

2. THAT THE OAU CURRENT CHAIRMAN APPEALS TO THE FNLA, MPLA AND UNITA FOR IMMEDIATE RECONCILIATION PTVG AND THAT IMMEDIATELY CONDUCTS CONSULTATIONS AMONG HEADS OF STATE MEMBERS OF THE BUREAU OF THE 12TH SUMMIT IN KAMPALA SINCE THE DIMENSIONS OF ANGOLA EXTEND BEYOND THE COMMISSION'S TERMS OF REFERENCE.

ESTADO DE ANGOLA  
GOVERNO DE TRANSIÇÃO

GABINETE DO ALTO COMISSÁRIO

3. THAT A GOVERNMENT OF NATIONAL UNION BE IMMEDIATELY FORMED BY THE THREE LIBERATION MOVEMENTS FOR THE PURPOSE OF LEADING ANGOLA INTO INDEPENDENCE!
4. THAT AN APPEAL BE MADE TO PORTUGAL TO TRANSFER THE INSTRUMENTS OF INDEPENDENCE TO THE THREE MOVEMENTS JOINTLY IN THE EVENT THAT UNDERSTANDING AMONG THE LATTER IS NOT REALISED BEFORE 11TH NOVEMBER.
5. THAT THE OAU EARNESTLY APPEALS TO ALL STATES, INCLUDING ITS MEMBERS, TO IMMEDIATELY CEASE ANY INTERFERENCE IN THE INTERNAL AFFAIRS OF ANGOLA AND SUPPLYING ARMS TO THE PARTIES CONCERNED, IN THIS REGARD THE THREE LIBERATION MOVEMENTS MUST STIVE TO ACHIEVE THEIR UNITY AS THIS WOULD HELP THE WARD OFF ALL FOREIGN, AFRICAN AND EXTRA AFRICAN INTERFERENCE IN THE INTERNAL AFFAIRS OF ANGOLA.
6. THE CONDEMNATION BY THE OAU OF THE RESORT TO THE EMPLOYMENTS OF ~~MER~~ MERCENARIES AND THE SUPPLY OF ARMS, THE TWO BASIC ELEMENTS OF FOREIGN INTERFERENCE IN THE INTERNAL AFFAIRS OF ANGOLA, WHICH ALSO CONSTITUTE FACTORS IN THE INVASION OF PART OF ALL THE ANGOLAN TERRITORY BY SOUTH AFRICA AND RHODESIA.
7. THE CONDEMNATION OF SOUTH AFRICA BY THE OAU FOR ITS AGGRESSION AGAINST ANGOLA AND THE INVASION OF ANGOLA BY FORCES OF ANY OTHER COUNTRIES WHATSOEVER.
8. THAT AN APPEAL BE MADE TO PORTUGAL BY THE OAU TO WITHDRAW ALL HER ARMED FORCES FROM ANGOLA BEFORE 11 TH NOVEMBER, 1975.

AHM/FO/43/S1/CX 835/V6

247

ESTADO DE ANGOLA  
GOVERNO DE TRANSIÇÃO

GABINETE DO ALTO COMISSÁRIO

9. THAT THE THREE LIBERATION MOVEMENTS SHOULD AGREE AMONG THEMSELVES ON THE HOLDING OF ELECTIONS WITHIN TWELVE MONTHS FROM 11TH NOVEMBER.
10. THAT THE OAU TAKES ALL NECESSARY MEASURES TO PREVENT ANY ATTEMPT AT THE INTERNATIONALISATION OF THE ANGOLA PROBLEM.
11. TO EXTEND THANKS TO ALL AFRICAN COUNTRIES THAT HAVE CONTRIBUTED THEIR ASSISTANCE TO THE LIBERATION MOVEMENTS DURING THE YEARS OF STRUGGLE FOR NATIONAL LIBERATION AGAINST PORTUGUESE COLONIALISM.
12. THAT THE OAU STRESSES TO THE LIBERATION MOVEMENTS THAT IF AFRICA HAS RESPONSABILITIES TO ANGOLA, THE LIBERATION MOVEMENTS TOO HAVE TO ASSUME THEIR RESPONSABILITIES TO AFRICA AND THAT THEY SHOULD CONSEQUENTLY REVIEW THEIR POSITIONS.
13. TO THE OAU THAT NO MEMBER STATE SHOULD RECOGNISE ANY LIBERATION MOVEMENT IN THE EVENT OF THE LATTER DECLARING UNILATERAL INDEPENDENCE.

OCTOBER 24, 1975

CHAIRMAN

CONCILIATION COMMISSION -- ASPAS

Excelentíssimo Senhor  
Chefe de Estado Maior-General  
das Forças Armadas



Pior, (pelo seu significado colectivo) que os nejen-  
tos escritos assinados por A. Colaço, Angelo Granja e ou-  
tros redactores do "Diário Popular", são os plenários a  
que se referem as fotocópias junto - plenários i nadmis-  
síveis num jornal que se afirma "noticioso, de grande  
informação, embora" intransigente defensor das classes  
trabalhadoras" .



# TRABALHADORES DO «D.P.» CONTRA O VI GOVERNO

Os trabalhadores do «Diário Popular» que, esta manhã, se encontravam em laboração, reuniram-se, sob proposta da Comissão de Trabalhadores, para apreciar uma moção apresentada pela C. T., a qual repudiava a actividade do VI Governo. Como um dos considerandos daquela moção levantasse controvérsia, foi apresentada por um dos elementos da tipografia uma outra proposta de moção que viria a ser aprovada por 52 votos a favor, 23 contra e 12 abstenções. A moção aprovada é do seguinte teor:

«Considerando que o VI Governo é um Governo burguês, aliás como os seus antecessores, e como tal tenta defender a todo o transe os privilégios da classe que representa;

Considerando que a posição assumida pelo VI Governo é uma clara traição ao povo português quando exige poder e autoridade para o reprimir;

Considerando que a defesa das classes exploradas só poderá ser feita por um Governo popular;

Os trabalhadores do «Diário Popular», reunidos extraordinariamente para analisar os últimos acontecimentos políticos e tomar posição face à manifestação de protesto pela chantagem do VI Governo, decidiram saudar a iniciativa da classe operária de se opor à posição do Governo e repudiar a paralisação da sua actividade, classificando-a como clara chantagem sobre o povo português.»

Diário Popular 24.12 - 11/11/75 447

# TRABALHADORES DO «D. P.» APOIAM O M. P. L. A. COMO VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA DO POVO ANGOLANO

**R**EUNIDOS, hoje de manhã, em assembleia geral extraordinária, convocada expressamente para o efeito, os trabalhadores do «Diário Popular» aprovaram (85 votos a favor, 9 contra e 26 abstenções) a seguinte moção:

«Na hora da independência do Povo angolano, que marca uma etapa decisiva na sua marcha irreversível para a libertação total de toda e qualquer forma de opressão e exploração, os trabalhadores da S. I. I. — «Diário Popular» manifestam a sua solidariedade activa para com os camaradas trabalhadores angolanos e a sua vanguarda revolucionária, o M. P. L. A.»

ECONOMIA

# TRABALHADORES CONTRA O VI GOVERNO

A crise político-militar, porventura agravada durante a madrugada que passou, continua a afectar as massas trabalhadoras que se pronunciam sobre as decisões do gabinete consideradas contrárias aos interesses e à vontade do povo.

Plenários de fábricas e de empresas reflectem tomadas de posição, na sua esmagadora maioria repudiando a acção do VI Governo e exigindo a sua demissão, bem como o imediato afastamento de Jarmir Neves, Pires Vulfão, Moraes e Silva e Altino de Magalhães.

Passamos a enumerar, dado que nos é impossível transcrevê-las, as organizações, grupos de trabalhadores e sindicatos que inequivocamente expressam, através de comunicados e moções enviados para os órgãos de comunicação social, que a política de direita praticada pelo VI Governo, atacando as mais importantes conquistas alcançadas pela classe operária não serve ao socialismo, mas ao capitalismo.

Publicidade; Rabale — Rações Alvo; Norma; Bore — Confeccções; Auto; Reconstructora do Bairro; Caixa da Previdência e Aboio de Família do Distrito de Setúbal; Socos Escânia; Direcção-Geral de Transportes; Tipografia Condição; um grupo de trabalhadores da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau; Companhia de Seguros Nacional; Tolhaço e Pereira; Sincoral; trabalhadores do Palácio de São Bento; Companhia de Transportes Marítimos e S. C. M.; um grupo de trabalhadores da Fábrica Triunfo (Santa Iria de Azoia); Banco da Agricultura; Matadouro Frigorífico de Lisboa, Nacital; J. B. Fernandes; trabalhadores de Medicina Curativa; Construtora Moderna; Fábrica de Plásticos e Metalurgia Novaera; Fábrica do Curtumes Gregório; J. Pimenta; Banco Espírito Santo; e 54 trabalhadores da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

colas do Distrito de Santarém; da Indústria Vidreira; da Pantonificação; de Telecomunicações e Radiodifusão; dos Electricistas do Centro; dos Pescadores do Distrito de Leiria; e da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos.

Todas as moções, aprovadas na sua maioria, conforme referimos, em plenários ou em assembleias, deixam claro o seu apoio aos camaradas para-quadristas de Tancos e ao general Otelo, como comandante do Copcon e da Região Militar de Lisboa.

Além dos trabalhadores das unidades apontadas, também recebemos moções, no mesmo sentido, das seguintes

ADN/F3/S19/CX40/V15



AEROGRAMA  
TELEGRAMA | RECEBIDO

SECÇÃO DA CIFRA

Conf. / Dacl.

OS

de ALTO COMISSARIADO Portugal em.

LUANDA

Serviço a que foi atribuído

~~MIPRES~~ - Ostensivo

P A A

Expedido em de de 197 , às tele  
Recebido em 10 de Novembro de 197 5, às 20,0  
Acabado de decifrar de de 197 , às .

SEGUIDAMENTE SE TRANSCREVE COMUNICAÇÃO HOJE LIDA AAS 12 HORAS  
REPLO ALMIRANTE LEONEL CARDOSO PERANTE ORGÃOS DE IMPRENSA :

''ANGOLANOS,  
PORTUGUESES,

DIRIJO-ME A VOOS, NESTE MOMENTO UUNICO DA HISTOORIA DOS NOS-  
SOS POVOS EM QUE ANGOLA VAI NASCER PARA A COMUNIDADE DAS NAÇÕES  
E PORTUGAL SE RETIRA DEFINITIVAMENTE DO CONTINENTE AFRICANO .

SENHORAS E SENHORES MEMBROS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO :

DIRIJO-ME TAMBEEM, POR VOSSO INTERMEEDIO, AO RESTO DO MUNDO  
PARA QUE TOME CONHECIMENTO DA FORMA PELA QUAL PORTUGAL SE VIU NA  
NECESSIDADE DE PROCEDER AA CONCRETIZAÇÃO DO IMPORTANTÍSSIMO ACTO  
QUE HOJE SE REALIZA .

LAMENTO SINCERAMENTE NÃO ME SER POSSIVEL TOMAR PARTE EM QUAL-  
QUER CERIMOONIA COMEMORATIVA DA HORA MAIOR NA VIDA DO POVO ANGOLANO,  
DADO QUE , FAZEE-LO, NAS ACTUAIS CIRCUNSTAANCIAS, EQUIVALERIA DE  
PARTE DE PORTUGAL A UMA INGEREENCIA NO SAGRADO DIREITO QUE ASSISTE  
AQUELE POVC DE DECIDIR O SEU PROCPRIO FUTURO .

CEM BFA	Est
Recebido em	13 NOV 75
P. 24.12	N. 3609

ADN/F3/S 19/CX 40/VIS



LAMENTO-O, MAS PORTUGAL TUDO FEZ DURANTE LONGOS MESES, PRIMEIRO PARA MANTER VIVOS O ESPIRITO E A LETRA DO ACORDO DO ALVOR E, MAIS TARDE, PARA PROCURAR ENCONTRAR AINDA UMA SOLUÇÃO POLITICA PARA A SITUAÇÃO QUE SE CRIOU QUANDO TODAS AS ESPERANÇAS SE PERDERAM EM VIRTUDE DA IRREDUTIBILIDADE DAS POSIÇÕES POLITICAS INTERNAS E DA PROGRESSIVA INTERNACIONALIZAÇÃO DO PROBLEMA PTVG ACTUOU DIRECTAMENTE JUNTO DAS TRES FORÇAS POLITICAS ANGOLANAS E, PELAS VIAS DIPLOMATICA E POLITICA, JUNTO DE PAISES AFRICANOS, DA OUA E DA ONU.

PORTUGAL TUDO TENTOU MAS O IMPASSE MANTEVE-SE ATEE AO FIM. VAI SER AGORA DIFICIL - E ATEE CONVENIENTE - ATRIBUIR-LHES TODAS AS CULPAS DO INSUCESSO. MAS PORTUGAL REPUDIA DESDE JAA - VEEMENTEMENTE - ESSAS ACUSAÇÕES. A UUNICA RECRIMINAÇÃO QUE PODERAA ACEITAR EE A DE TER DADO PROVAS DE EXTREMA INGENUIDADE POLITICA QUANDO CONCORDOU COM CERTAS CAUSULAS DO ACORDO DO ALVOR . DAI EM DIANTE AS ACONTECIMENTOS FORAM PROGRESSIVAMENTE FUGINDO DO SEU CONTROLO , AA MEDIDA QUE O CONFLITO SE INTERNACIONALIZAVA E MELHORAVA RAAPIDAMENTE A QUALIDADE E AUMENTAVA A QUANTIDADE DO MATERIAL DE GUERRA QUE ENTRAVA EM ANGOLA POR TODOS OS MEIOS . AS CUPULAS DOS TRES MOVIMENTOS , REUNIDOS EM NAKURU HAA POUCO MAIS DE 4 MESES - DESTA VEZ SEM A PRESENÇA DE PORTUGAL - FAZERAM UMA HONESTA AUTO-CRITICA EM QUE, UNANIMEMENTE , SE CONSIDERARAM OS UUNICOS RESPONSAAVEIS PELOS INSUCESSOS NA EXECUÇÃO DO ACORDO DO ALVOR . MAS FORAM DEMASIADAMENTE ASTEEROS PARA CONSIGO PROPRIOS, POIS AS CULPAS CABEM MUITO MENOS AOS MOVIMENTOS DO QUE AAS POTEENCIAS QUE COLOCAM NAS SUAS MÃOS ARMAS MORTIFERAS COM QUE O POVO ANGOLANO SE DESTROI .

OS VERDADEIROS CULPADOS PELOS MILHARES DE MORTOS QUE ENSANGUENTAM ANGOLA, NÃO FAZEM AUTO-CRITICAS E MANTEEM ASSUAS POSIÇÕES DE ESPECTADORES INTERESSADOS - MAS BEM LONGE DO ALCANCE DAS ARMAS QUE FORNECEM .

3

PORTANTO, CONSIDERO QUE PORTUGAL CORRESPONDEU, NA MEDIDA EM QUE LHE ERA POSSIVEL, AAS SUAS RESPONSABILIDADES DE PAIS DES-COLONIZADOR E PROCUROU ARDUAMENTE QUE FOSSE ENCONTRADO UM CAMINHO PAZ, RUMO AA INDEPENDENCIA .

MAS A PROOPRIA RIQUEZA DE ANGOLA CONSTITUI NESTE MOMENTO A SUA MAIOR DESVENTURA .

OS INTERESSES ECONOMICOS, ESTRATEEGICOS E IDEOLOGICOS QUE SE DEBATEM NOS BASTIDORES DA POLITICA MUNDIAL E SE PROJECTAM SANGRENTAMENTE NO SOLO ANGOLANO, FAZEM COM QUE PARTO ALTAMENTE PREOCUPADO - NÃO VÃO OS VELHOS COLONOS UM TANTO RUDES, POR VEZES, MAS DE A MA BONDOSA, SER SUBSTITUIDOS POR OUTRAS GENTES BEM DIFERENTES E MOVIDAS POR INTERESSES BEM MAIS AMBICIOSOS .

PORTUGAL DESEJAVA ARDENTEMENTE DEPOOR NAS MÃOS DE UM GOVERNO DE UNIDADE NACIONAL A SOBERANIA QUE DENTRO DE HORAS DEIXARAA DE EXERCER. DESEJAVA SINCERAMENTE QUE ESTE PROMISSOR PAIS ATINGISSE A SUA INDEPENDENCIA - PELA QUAL TÃO DURA E LONGAMENTE LUTOU - SEM DIVISÕES INTERNAS NEM SUJEIÇÕES E INGEREENCIAS OU PRESSÕES EXTERNAS .

PROCURAMOS CONCRETIZAR AQUELES DESEJOS COM UMA PREOCUPAÇÃO DOMINANTE : A DE NÃO INTERFERIR NA ESCOLHA DO CAMINHO QUE O POVO ANGOLANO DESEJAR SEGUIR PTVG E FOMOS ACUSADOS DE INTRANSIGENTES, DE REACCIONAARIOS E ATEE DE BEM PIOR . MAS ESTA POSIÇÃO DE PORTUGAL ERA INEVITAAVEL PARA SER COERENTE COM OS ACORDOS FEITOS, COM AS POSIÇÕES DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS E COM O SAGRADO PRINCIPIO DE NÃO INGEREENCIA NOS ASSUNTOS QUE AOS ANGOLANOS CABE DECIDIR . E ESTA POSIÇÃO TERIA INEVITAVELMENTE QUE SE MANTER COMO POSIÇÃO DE ESTADO, INDEPENDENTEMENTE DE SIMPATIAS OU AFINIDADES POLITICAS, ATEE HOJE AA MEIA-NOITE. AMANHÃ , JAA SERAA UM NOVO DIA EM QUE OS PERAAMENTOS DA SITUAÇÃO SE TERÃO ALTERADO .

ADN/F3/S19/Cx40/V15



A DESPEITO DAS CONVULSÕES E CONTROVEERSIAS DOS ULTIMOS MESES, HOUE POREEM UM ASPECTO DO PROCESSSO DE DESCOLONIZAÇÃO QUE NUNCA ESTEVE EM CAUSA DESDE JANEIRO DESTE ANO : - A DATA DA INDEPENDENCIA .

ASSIM, FALTANDO APENAS UMAS HORAS PARA O MOMENTO TÃO DESEJADO PELO POVO ANGOLANO, CABE-ME A HONRADISSIMA MISSÃO, DA QUAL ME DESEMPENHO COM IMENSO JUBIILLO DE, EM NOME DO PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUESA , PROCLAMAR SOLENEMENTE A INDEPENDENCIA DE ANGOLA NOS SEGUIN- TES TERMOS :

P R O C L A M A Ç Ã O

=====

1. DURANTE OS LONGOS ANOS DE LUTA CONTRA O DOMINIO COLONIAL, O POVO ANGOLANO, EXPRIMINDO A SUA VONTADE DE LIBERTAÇÃO, AFIRMOU E CONQUISTOU O DIREITO AA INDEPENDENCIA .

A PARTIR DE 25 DE ABRIL DE 1974, O POVO PORTUGUEES, AO ENCETAR O CAMINHO DA SUA PROOPRIA LIBERTAÇÃO, REDESCOBRIU A A SUA VERDADEIRA VOCAÇÃO HISTOORICA DE PAZ E DE FRATERNIDADE COM TODOS OS POVOS

POUDE ASSIM PORTUGAL INICIAR UM PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO AUTEENTICO , BASEADO NO RECONHECIMENTO DO DIREITO DOS POVOS DAS COLONIAS A CONSTITUIREM-SE EM ESTADOS SOBERANOS E A DECIDIREM LIVREMENTE OS SEUS DESTINOS, SEM SUJEIÇÃO A NOVAS FORMAS DE DOMINIO .

O RECONHECIMENTO DO DIREITO DOS POVOS DAS COLOONIAS AA INDEPENDENCIA, FOI EXPRESSAMENTE DECLARADO PELA LEI CONSTITUCIONAL NR 7/74 DE 27 DE JULHO .



NO ACORDO DO ALVOR, ASSINADO EM 15 DE JANEIRO DE 1975, O ESTADO PORTUGUEES REAFIRMOU SOLENEMENTE O DIREITO DO POVO ANGOLANO AI CONSTITUIR-SE EM ESTADO SOBERANO , NO TERRITOORIO UNO E INDIVISIVEL DE ANGOLA .

A PARTIR DESSE MOMENTO , O ESTADO PORTUGUEES PARTILHOU O EXERCICIO DO PODER COM OS MOVIMENTOS QUE MUTUAMENTE SE RECONHECERAM NO ACORDO DO ALVOR, CONFINADO AO PROPOOSITO DE ESTABELECEER A TRANSIÇÃO PARA O PLENO EXERCICIO DA SOBERANIA PELO POVO DE ANGOLA .

APESAR DE TODAS AS VICISSITUDES ENTRETANTO OCORRIDAS , PORTUGAL NUNCA POOS , NEM PODERIA POOR EM CAUSA A DATA HISTOORICA DE 11 DE NOVEMBRO, FIXADA PARA A INDEPENDEENCIA DE ANGOLA, QUE NÃO LHE COMPETE OUTORGAR, MAS SIMPLEMENTE DECLARAR .

2. NESTES TERMOS , EM NOME DO PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUESA, PROCLAMO SOLENEMENTE (COM EFEITO A PARTIR DA O HORAS DO DIA 11 DE NOVEMBRO DE 1975) A INDEPENDEENCIA DE ANGOLA E A SUA PLENA SOBERANIA, RADICADA NO POVO ANGOLANO, A QUEM PERTENCE DECIDIR DAS FORMAS DO SEU EXERCICIO .

3. DORAVANTE, A COMUNIDADE INTERNACIONAL CONTA POIS ENTRE OS SEUS MEMBROS UM NOVO ESTADO, QUE AO LADO DA GUINEE-BJSSAU, DE MOÇAMBIQUE, DE CABO VERDE E DE S.TOMEE E PRINCIPE, IRAA PROSSEGUIR A CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO PROGRESSIVO DO CONTINENTE AFRICANO .

E ASSIM , PORTUGAL ENTREGA ANGOLA AOS ANGOLANOS, DEPOIS DE QUASE 500 ANOS DE PRESENÇA, DURANTE OS QUAIS SE FORAM CIMENTANDO AMIZADES E CALDEANDO CULTURAS, COM INGREDIENTES QUE NADA PODERAA DESTRUIR . OS HOMENS DESAPARECEM MAS A SUA OBRA FICA .

ADN/F3/S19/Cx 40/V15

6  
PORTUGAL PARTE SEM SENTIMENTOS DE CULPA E SEM TER DE SE  
ENVERGONHAR . DEIXA UM PAIS QUE ESTAA NA VANGUARDA DOS ESTADOS AFRI-  
CANOS PTVG DEIXA UM PAIS DE QUE SE ORGULHA E DE QUE OS ANGOLANOS  
NEM ORGULHAR-SE .



PORTUGAL PARTE , COM A ESPERANÇA DE ESTAR A DESPEDIR-SE DUM  
IRMÃO . ANGOLA, FICA, COM A CERTEZA DE VER PARTIR UM IRMÃO .

- QUE OS INTERESSES DO POVO ANGOLANO SEJAM POSTOS ACIMA  
DE QUAISQUER OUTROS PTVG PARA QUE POSSA USUFRUIR DA PAZ, DA FELI-  
CIDADE E DA JUSTIÇA SOCIAL QUE TANTO MERECE PTVG-

- QUE A LUTA FRATICIDA TERMINE EM BREVE E OS INSTRUMENTOS DE  
TRABALHO SUBSTITUAM PARA SEMPRE OS INSTRUMENTOS DE DESTRUIÇÃO E MOR-  
TE PTVG

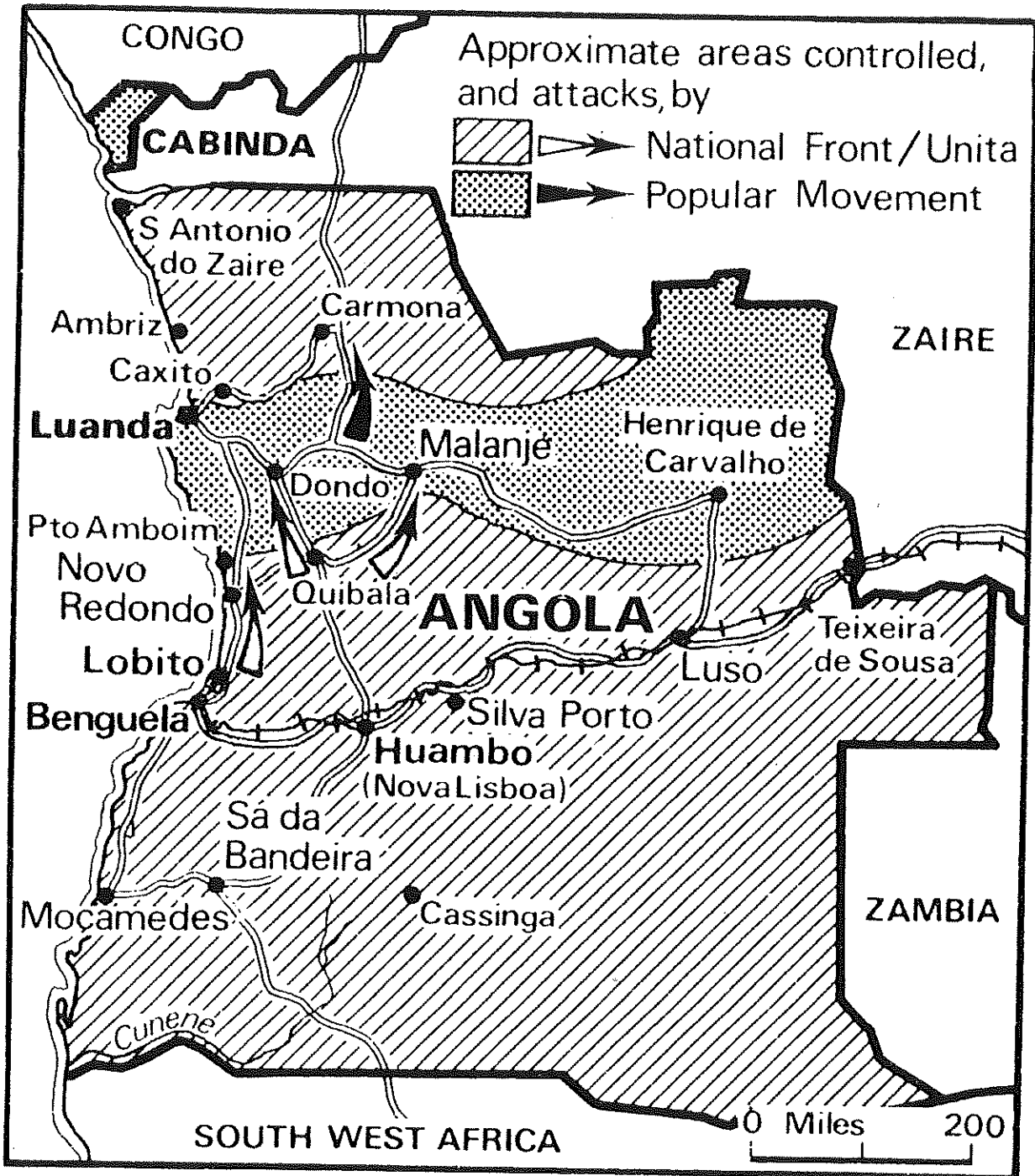
- QUE ANGOLA SE UMA , INDIVISIVEL E VERDADEIRAMENTE INDEPEN-  
DENTE , ISENTA DE INGEREENCIAS ESTRANGEIRAS E DE PRECONCEITOS DE  
COOR, ETNIAS OU CREDOS PTVG

- E QUE OS NOSSOS DOIS POVOS CONTINUEM LIGADOS POR UMA SOOLIDA  
DESINTERESSADA E FRATERNAL ANIZADE, BASEADA NO RESPEITO MUUTUO .

SÃO ESTES OS VOTOS MUITO SINCEROS DO UULTIMO REPRESENTANTE DA  
SOBERANIA PORTUGUESA EM ANGOLA QUE, HOJE AA MEIA - NOITE PARTIRAA  
SEM CELEBRAÇÕES MAS DE CARA LEVANTADA .

VIVA PORTUGAL. VIVA ANGOLA INDEPENDENTE . ''

TEIXEIRA DA MOTA



Map 6.2 Military situation, mid-November 1975 (*Economist*, November 22, 1975)